UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 126 — Filologia Românica n.º 2

THEODORO HENRIQUE MAURER JR.

A UNIDADE DA ROMÂNIA OCIDENTAL

SÃO PAULO
1951

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo são editados pelos Departamentos de suas diversas seções.

Toda correspondência deverá ser dirigida para a Cadeira de Filologia Românica, Caixa Postal 8105, São Paulo, Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:
Prof. Dr. ERNESTO DE MORAIS LEME

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:
Prof. Dr. EURIPEDES SIMÕES DE PAULA

CADEIRA DE FILOLOGIA ROMÂNICA

Professor: Dr. THEODORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR
Assistente: Lic. ISAAC NICOLAU SALUM

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 126 Filologia Românica n.º 2

THEODORO HENRIQUE MAURER JR.

A UNIDADE DA ROMÂNIA OCIDENTAL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS
BIBLIOTECA CENTRAL

SÃO PAULO
1951

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

PREFÁCIO

Antes de entrarmos no assunto que constitue o objeto dêste estudo, é necessário dizer algumas palavras sôbre o plano e o fim do nosso trabalho e sôbre a importância que ele possa ter para os estudos românicos.

Tivemos em mira salientar dois aspectos precípuos na formação das línguas românicas ocidentais: a) a influência da tradição latina culta na constituição e no desenvolvimento destas línguas; b) a contínua unidade linguística destas línguas, revelada sobretudo pela unidade das inovações durante a sua evolução.

Quanto ao primeiro ponto, interessa-nos principalmente a contribuição da língua latina à România ocidental no período de formação, que vai, em linhas gerais, do século 5 ao 15, i. e., na época preliterária das línguas neo-latinas e nos primeiros séculos de sua fixação literária. Cremos que, no estudo da formação destas línguas, se tem pensado demais apenas no latim vulgar como elemento de formação, sobretudo no que diz respeito à época preliterária e mesmo aos primórdios da literatura romance, embora se reconheça comumente a função importante dos empréstimos eruditos na constituição do vocabulário românico medieval. Para nós esta influência é mais antiga e mais extensa. Havia naturalmente uma influência culta já no latim vulgar, até certo ponto. Mas é especialmente com o triunfo do cristianismo (século 4), que êste, herdeiro e portador de uma rica cultura espiritual e teológica, transmitindo à Idade Média o que de melhor legou a antiguidade, se põe em contacto muito mais direto com o povo do que a velha cultura pagã, e, mantendo-se vivo e criador durante todo êste tempo, nutre e enriquece contìnuamente o pensamento e a língua popular. Tôda a cultura eclesiástica — variada e exuberante, como veremos — é latina e nesta fonte bebem constantemente todos os romances medievais em contacto com a Igreja. Assim temos um grupo de línguas românicas ocidentais com numerosas peculiaridades em face do romeno: êste deve o seu caráter latino exclusivamente à herança latina vulgar, enquanto as línguas do Ocidente receberam, a mais, o influxo da tradição latina medieval mediante o magistério cultural e espiritual da Igreja principalmente.

Não ignoramos que para muitos o latim da Igreja é já um latim profundamente modificado sob influência popular. Isto é apenas parcialmente verdadeiro. Se de um lado êle perde certas

subtilezas do classicismo, aproximando-se da estrutura linguística popular, por outra parte o cristianismo conserva um latim muito mais rico, tanto no léxico como na estrutura gramatical, conservando, embora simplificada, a linguagem dos velhos clássicos, alterada frequentemente pela poderosa influência da exuberante literatura patrística e bíblica grega. Cremos ser um dos erros mais graves de certos estudiosos do latim vulgar, como Grandgent, a confusão do baixo latim dos escritores eclesiásticos com o latim vulgar do império, levando-os a documentar muitas vezes supostas formas vulgares ùnicamente com exemplos tirados dos referidos escritores.

Quanto à extensão da influência latina, não se limita ela, segundo entendemos, ao vocabulário (e aquí, aos empréstimos) como tantas vezes se parece crer, mas insistimos em que a derivação e a composição românicas, tão frequentemente peculiares ao Ocidente, são uma das grandes contribuições dêste latim medieval e não herança da língua vulgar antiga, a qual devia ser bastante pobre neste sentido. Fora do vocabulário, mesmo na gramática, e aí mormente na sintaxe, a România ocidental se formou sob o influxo constante desta tradição linguística mais culta.

Esta influência, real durante tôda a Idade Média, seria certamente maior na época em que se elaboraram as novas línguas literárias sob o modêlo do latim medieval e por autores cuja cultura e formação literária eram inteiramente latinas.

Por outra parte, como já dissemos, visamos salientar a unidade notável da România ocidental, devida não apenas a uma herança comum do latim vulgar, mas à unidade social e cultural de tôda a região, cujo instrumento de comunicação continuava a ser o latim, sob a "liderança" da Igreja e, mais tarde, pela poderosa hegemonia política, cultural e literária da França sobretudo. Assim, em certo sentido, a unidade da România é apenas um aspecto da influência latina culta antes apontada, e o objetivo do nosso estudo se centraliza em um ponto: **a unidade da România ocidental sob a influência da cultura latina medieval através da unidade espiritual e, até certo ponto, política dos povos que a constituem.**

Esta unidade e os seus fatores são esquecidos frequentemente pelos linguistas. Como observa Otto Jespersen: "A maioria dos autores de ciência da linguagem que temos lido nos deixa a impressão de que o processo natural na evolução tende decididamente para a divisão e a fragmentação, de modo que da unidade sai a variedade". O autor critica sensatamente tal atitude extremada, notando "que há também fôrças que atuam no sentido exactamente contrário"(**Humanidad Nación Individuo**, pags. 58 e 60, tradução espanhola). O estudo da formação das línguas românicas nos proporciona um magnífico exemplo de como certos fatores sociais e culturais podem neutralizar, em parte ao menos, a tendência para a variação, a qual existe na evolução espontânea de tôdas as

línguas. São estes fatores de união que imprimem a tôdas as línguas românicas do Ocidente um ar de família que seria muito menos perceptível, se não tivessem tôdas continuado a beber em uma fonte comum durante os longos séculos de sua história.

No exame do assunto aquí estudado, iniciamos com um histórico dos fatores sociais determinantes da unidade românica e com a importância do latim e, secundàriamente, do francês, como instrumento de cultura em tôda a região, mormente na idade Média. Passamos depois à documentação da unidade neo-latina ocidental no vocabulário, quer nas formas, quer no sentido (semântica), e sobretudo nos processos de formação do léxico românico, e mesmo na morfologia e na sintaxe, apontando, sobretudo nos processos de formação léxica e na sintaxe, a oposição entre o latim vulgar, até onde o conhecemos com segurança, e as línguas neolatinas, enriquecidas pelo latim medieval e pelo seu próprio gênio criador e assimilador.

Para encerrarmos esta ligeira apresentação do assunto, deixemos bem claro que não pretendemos, de modo algum, negar a realidade e a importância do latim vulgar como fonte principal das línguas românicas. Apenas entendemos ser êle alguma cousa mais pobre e limitada do que o que tem levado a supor a sua reconstrução sôbre a concordância do baixo latim e das línguas românicas ocidentais, como tantas vezes, conciente ou inconcientemente, se tem feito. Êste acôrdo das línguas românicas ocidentais e do baixo latim, como veremos melhor no desenvolvimento do trabalho e salientamos na conclusão, não basta para estabelecer a origem latina vulgar de um elemento linguístico e, por isso, na reconstrução do latim vulgar tal acôrdo não deve ser levado em conta enquanto provas mais diretas não evidenciarem a existência do elemento linguístico alí. A concordância do baixo latim com as línguas românicas não revela mais do que a influência daquele sôbre estas, se não for confirmada pelo romeno (importante por causa do seu isolamento) ou por documentação direta da época latina. Nosso objetivo é apenas salientar mais um outro fator importante, sempre reconhecido, embora às vezes negligenciado e esquecido na prática, quando se estuda a formação da Românía ocidental.

Quanto ao método de trabalho, limitamo-nos essencialmente ao exame das quatro línguas literárias principais do Ocidente. É nelas que naturalmente se manifesta de um modo mais completo a influência culta e a unidade linguística determinada sobretudo por fatores culturais eruditos, embora um rápido exame dos dialetos menores possa evidenciar facilmente a mesma penetração de elementos latinos eruditos ou outras formas pan-românicas posteriores.

Por contraste, damos também especial atenção ao romeno, que, por não ter sofrido a influência do baixo latim e do latim medieval, totalmente isolado como estava do resto da Românía durante tôda essa êpoca, revela de um modo mais claro o patrimônio lin-

guístico da România primitiva. Deve êle, pois, ser usado, mais do que o tem sido geralmente até hoje, para distinguir entre o patrimônio latino primitivo e a contribuição posterior do latim literário à formação das línguas neo-latinas ocidentais. Certa relatinização moderna do romeno após o seu novo contacto com o Ocidente, desde o século 19 sobretudo, serve apenas de realçar a poderosa influência unificadora desempenhada pelo latim e pelas grandes línguas culturais da România, entre as quais sobressai o francês.

Sem pretendermos apresentar um assunto de importância revolucionária nos estudos românicos, cremos que o exame mais minucioso e atento da unidade ocidental em oposição ao romeno, e da influência erudita, latina sobretudo, como fator decisivo desta unidade, merece atenção maior do que, de um modo geral, até aquí tem recebido. É o que desejamos demonstrar, na medida do possível, com os parcos recursos bibliográficos de que dispomos, nas páginas que se seguem.

Concluindo estas ligeiras palavras introdutórias, cumpre-nos deixar aquí os nossos cordiais agradecimentos aos ilustres Profs. Urbano Canuto Soares, Mário de Sousa Lima, Antenor Nascentes, Ernesto Faria e Jorge Bertolaso Stella, membros da Comissão Julgadora no concurso de Livre Docência para a Cadeira de Filologia Românica, à qual o presente trabalho foi apresentado, pelas carinhosas palavras de apreciação e por muitas observações judiciosas que permitiram eliminar vários senões existentes no texto. Outras deficiências subsistem que o Autor não pôde ou não soube evitar e cuja responsabilidade cabe a êle.

Por fim, uma palavra de gratidão aos profs. Idel Becker e G.D. Leoni, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Mackenzie, pela generosidade com que nos forneceram informações preciosas a respeito do espanhol e do italiano respectivamente, e, de modo especial, ao Prof. Isaac Nicolau Salum, dedicado assistente da Cadeira de Filologia Românica, pelo cuidado com que reviu os originais, expurgando-os de numerosos senões e por outras indicações úteis para a melhor execução do trabalho.

Theodoro Henrique Maurer Jr.

INTRODUÇÃO

Com exceção do romeno, separado das línguas irmãs há cêrca de mil e quinhentos anos, existe impressionante semelhança, não só no vocabulário, mas também na morfologia e na sintaxe das línguas românicas. Como observa Meillet, "percorrendo um jornal italiano, espanhol ou português, o leitor francês tem, muitas vezes, a impressão de encontrar a sua própria língua sob roupagem um pouco diversa, tanto se equivalem os termos, com tanta exatidão se traduzem as expressões, tão paralelos são os torneios das frases" (1). Com efeito, a própria frase do eminente linguista serviria para confirmar a sua asserção, quer pelos vocábulos empregados, quer pelo colorido semântico deles. Notem-se, por exemplo, no texto francês de Meillet palavras como **parcourir, journal, impression, différent, propre, equivaloir, expressions, traduire, exactement, tour, phrase e parallèle,** comparando-se com as portuguesas **percorrer, jornal, impressão, diferente, próprio, equivaler, expressão traduzir, exatamente, torneio** (êste com formação diversa de **tour,** mas da mesma raiz),**frase e paralelo** e perceber-se-á imediatamente não só o mesmo processo de formação léxica, mas também especialização semântica idêntica.

Esta notável semelhança das línguas românicas do Ocidente — desde Portugal até a Itália — não se deve apenas à sua orígem comum no latim vulgar do império romano, como tantas vezes se parece acreditar, mas é o resultado de uma unidade contínua de contacto ininterrupto entre tôdas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por tôda a România ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a constituem.

A geografia linguística revelou a impossibilidade de isolar os dialetos vizinhos de uma região qualquer. As alterações de forma e de sentido, as criações e transformações constantes que eles apresentam se espalham pela irradiação e transmissão ininterrupta de palavras e formas linguísticas. As íntimas relações sociais entre grupos vizinhos se refletem logo no contágio entre os dialetos, fazendo com que da mútua ação exercida por eles surjam numerosas formas linguísticas comuns. Esta influência contagiadora dá-se

(1) Em *Ling. hist. e ling. gen.*, pag. 322.

principalmente por via popular, pela convivência direta e ininterrupta dos grupos confinantes. As línguas vizinhas, em contacto cotidiano, não estão menos sujeitas a esta lei de contágio linguístico do que os dialetos populares. É verdade que ela sofre frequentemente maior restrição, porque as barreiras que dividem as línguas, instrumentos de grupos sociais de individualidade mais definida, expressão de uma nacionalidade muitas vezes, dificultam mais o livre trânsito destas formas, pois contra elas reage frequentemente com energia o espírito de grupo. Entretanto, a influência se verifica, mesmo entre línguas de pequena afinidade entre si. Ela torna-se maior onde se encontram línguas de uma mesma família, mormente se existe a conciência desta unidade familiar, como sempre se deu na România, herdeira de uma civilização e de uma língua comum — a latina. Dêste modo, a mesma irradiação contínua de formas linguísticas, admitida para os "patois", ocorre também entre as línguas, naturalmente não já tanto por contacto popular, mas sobretudo por via culta, como logo teremos oportunidade de ver.

A unidade da România ocidental é uma ilustração magnífica da importância dos fatores sociais na formação das línguas. Desde o século 5 desaparecera o império visível, material, centralizado em um imperador que, de Roma, impunha leis e decretos, mas continuava a viver pelos séculos a România ideal, herdeira da cultura latina com tôdas as contribuições transmitidas pela veneranda Roma: o direito romano, a civilização mediterrânea, o pensamento e a arte grega, a religião cristã. Os habitantes do antigo império sentiam-se ainda membros da mesma sociedade civilizada, oposta ao mundo dos bárbaros circunjacentes e ameaçadores de todos os lados. Esta unidade perene continua a refletir-se na língua, como antes, na época do latim vulgar do império, embora um tanto mais limitadamente, visto que já não existe a completa fusão social determinada outrora pela unidade política e administrativa.

Assim o período românico primitivo, que vai desde a fragmentação do império até a época corolíngia, quando começam a manifestar-se as primeiras tendências para o nacionalismo e a consequente transformação dos diversos romances regionais em línguas literárias, como instrumentos linguísticos de novas unidades sociais e políticas, não é apenas um período de isolamento regional, em que cada uma das regiões vai alterando, a seu modo, o latim vulgar de onde proveio. Do contrário, teríamos certamente uma unidade linguística muito mais vaga e imprecisa do que aquela que nos apresentam as línguas românicas referidas. Muitas formações neo-latinas, quer léxicas, quer sintáticas e até morfológicas, são desta época, sejam criações novas ou apenas escolha de formas já existentes.

Grande parte dos germanismos entraram para a România do século 5 em diante, com a invasão e o estabelecimento definitivo

dos bárbaros nos territórios do antigo império, entretanto muitos dentre eles pertencem a tôdas as línguas do Ocidente (2). Mesmo os arabismos — entrados no século 8 e seguintes — ainda tiveram certa disseminação, embora os árabes ocupassem sòmente uma zona marginal da România.

O processo de derivação e de composição vocabular é o mesmo por tôda parte, excetuada outra vez a Dácia, em larga extensão pelo menos. Pois bem, como adiante veremos, não é muito o que desta unidade se poderá atribuir à orígem comum destas línguas no latim vulgar; antes são formações posteriores, isto é, do período românico antigo e mesmo, frequentemente, de épocas ainda mais tardias. Aliás, em nenhum terreno a unidade contínua e imorredoura da România se revela mais eloquentemente do que no da derivação e da composição. Admitimos mesmo que muitos processos gramaticais geralmente atribuídos ao latim vulgar, apenas existiam embrionàriamente aí, fixando-se de maneira mais ou menos uniforme durante o período seguinte em virtude da mesma unidade.

Esta não cessa, porém, com o aparecimento das nações novas que absorvem parcialmente em si o velho espírito da unidade românica, nem com as línguas literárias que, pouco a pouco, se vão fixando como instrumentos de novos organismos políticos e sociais. Em todo o romance medieval, na grande obra de elaboração e fixação das novas línguas saídas do latim, a qual se coroa com o renascimento das letras dos séculos 15 e 16, existe um trabalho comum, sob a mesma inspiração latina — e mais tarde não raro francesa — e com as mesmas soluções em grande parte. Assim, até a Renascença vai o período principal de formação e fixação das novas línguas, que do latim vulgar imperial tiraram sòmente as tendências básicas e as linhas gerais da sua estrutura simplificada e analítica. Não quer isto dizer que após a Renascença já não haja inovações comuns. Elas existem, mas limitam-se agora mais frequentemente, embora não de um modo exclusivo, ao vocabulário: as línguas adquirem desde então uma estabilidade maior em consequência de uma tradição escolar e cultural capaz de defender as formas existentes e resistir a novidades perigosas e revolucionárias.

Em oposição à extraordinária unidade ocidental, uma língua isolada há mil e quinhentos anos de suas irmãs — o romeno — (3) apresenta, ao lado de notáveis coincidências estruturais, peculiari-

---

(2) Note-se que os germanismos antigos não ocorrem na Dácia, separada desde então da România ocidental.

(3) Como já vimos, há uma certa relatinização do romeno no século 19 sob a influência do Ocidente, da França sobretudo.

dades numerosas igualmente interessantes. Sobretudo faltam ao romeno muitos característicos pertencentes às outras línguas da família, o que nos parece de especial relevância para o problema que aquí ventilamos. Entre os romanistas é comum estabelecer-se uma primitiva cisão dialetal entre um ramo ocidental e outro oriental, cuja linha divisória fica na Itália, indo mais ou menos de Rímini (Ariminum) no Adriático até Spezzia, perto das antigas localidades de Portus Veneris e Luna, no Mediterrâneo (golfo de Gênova). A Itália central e meridional, juntamente com a Dácia, formam o ramo oriental. Os traços distintivos dos dois ramos são na maioria fonéticos, como a perda de s final, a conservação da postônica no ramo oriental, a sonorização das consoantes surdas intervocálicas, a vocalização do c no grupo — ct —, etc. no ocidental. (3 bis). Esta diferenciação dialetal tem as suas raízes em época muito antiga, certamente ainda na época imperial (século 3). Mas não é ela que melhor expressa o grupamento dialetal das línguas neo-latinas. Além da influência importante dos substratos regionais, sôbre que se constituíram as novas línguas latinas, é durante o período românico primitivo — dos séculos 5 a 10, ou ainda mais tarde — que circunstâncias sociais peculiares determinam a formação de tipos dialetais próprios a cada região. Temos assim o **ibero-romance**, o **galo-romance**, o **daco-romance**, além do romance da Itália central e meridional (4).

Entre os focos dialetais mais característicos e definidos que serviram de centros de irradiação principais, ocorrem zonas de transição. Assim o aragonês e, sobretudo, o catalão (5) se vão afastando do ibero-romance e se aproximam do grupo gálico. O provençal, no segundo grupo, por sua vez, lembra frequentemente as línguas da Ibéria. Do lado da Itália, o rético e os dialetos chamados galo-itálicos vacilam muitas vezes entre o galo-romance e o italiano. Apenas entre o romeno e as línguas restantes da família falta uma zona de transição nítida, por causa do seu longo isolamento. Demais, exceto no campo da fonética, onde as inovações regionais são às vezes bastante profundas em virtude da diversi-

---

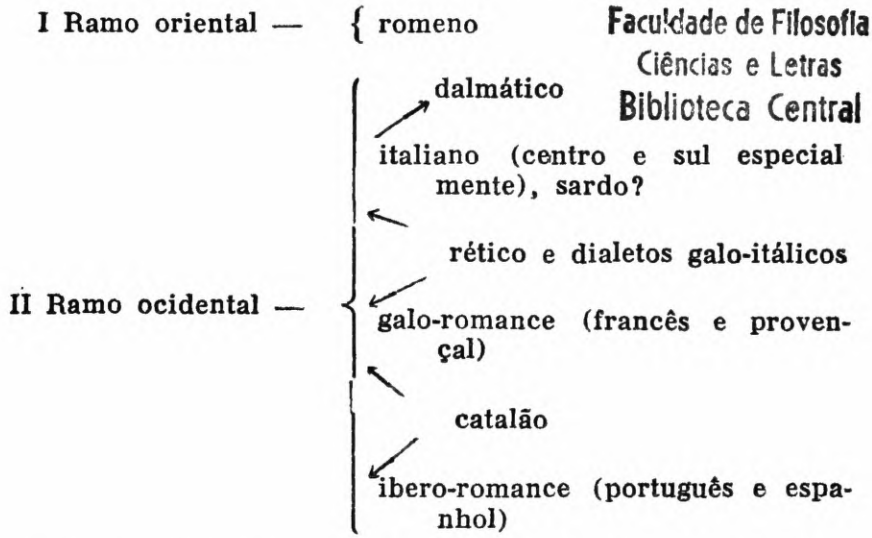
(3 bis) Demais, a unidade oriental se caracteriza antes pela ausência das inovações próprias do Ocidente do que por criações originais da região.

(4) Seria possivel isolar também o sardo, com alguns notáveis aspectos particulares, como centro dialetal distinto, apesar de seus pontos de contacto com a Itália.

(5) Sôbre a posição dêste dialeto entre o ibero-romance e o galo-romance ver "O Catalão, o Ibero-Romance e o Provençal", artigo do Autor em *Filosofia Ciências e Letras*, órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, nº 12, pags. 11 a 41.

dade de substratos, os grupos dialetais do Ocidente divergem menos entre si do que o romeno de todos êles.

Levando em conta esta longa evolução histórica das línguas românicas e o resultado que ela trouxe à diversificação linguística da latinidade primitiva, poderíamos distinguir na classificação dialetal da família neo-latina os seguintes ramos e sub-ramos:



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

O que separa o romeno das línguas ocidentais da mesma família é não apenas o fato de apresentar certo número de inovações próprias, germinadas no solo onde cresceu isolado de suas irmãs, em contacto com povos e línguas de origem diversa, mas também o faltarem-lhe tôdas as criações latinas ocidentais posteriores à separação. Este fato é reconhecido (6), mas cremos que a sua

---

(6) Assim Meillet exclue o romeno da unidade latina post-imperial, a qual êle reconhece como viva em todo o Ocidente. Diz êle: "Ont subsisté les territoires actuels de l'Italie, de l'Espagne, du Portugal, de la France, une partie de la Suisse et la Belgique, qui forment proprement l'unité latine. Les Roumains, ceux du royaume de Roumanie et ceux qui peuplent la Bessarabie autrefois annexée à l'empire russe et la Transylvanie autrefois annexée au royaume hongrois, sont aussi de langue *néo-latine* ou *romane* (les deux expressions sont équivalentes); mais ils ont pendant longtemps perdu le contact avec les autres populations de langue latine, et par suite ils sont à part. La partie occidentale de l'Empire avait une grande unité de civilisation qui se reconnaît à l'identité des institutions, des usages, des constructions officielles, et qui au moment de l'extension du christianisme a déterminé l'unité de l'Église. Ce qui reste d'unité latine vient de là". (*Linguistique Historique et linguistique générale*, pags. 310s.) Todo o artigo aí publicado sob o título *Sur le sens linguistique de l'unité latine* é de excep-

significação total é muitas vezes negligenciada pelos romanistas. Como se verá adiante, ao romeno faltam frequentemente formas linguísticas que é costume atribuir ao latim vulgar por ocorrerem em todo o Ocidente, mas cuja documentação clara nas fontes latinas antigas é, não raro, insuficiente. Segundo entendemos, há aí indícios de que muito provàvelmente a inovação ocidental comum, ou pelo menos a sua implantação definitiva e geral, é posterior ao período imperial. Estas formas são desconhecidas do romeno, porque não pertenciam ao latim falado no tempo em que a Dácia se isolou da România ocidental.

O que, portanto, explica, acima de tudo, a grande unidade das línguas românicas do Ocidente é a ininterrupta unidade da sua cultura e a constante troca de formas linguísticas, até a elaboração completa e fixação delas na época do Renascimento. Neste período a presença do latim escrito e depois também a influência francesa tiveram grande parte. O latim vulgar não constitue, como frequentemente se parece admitir, uma língua ou dialeto com estrutura gramatical definida. Êle é apenas uma tendência para a estrutura analítica, a fixação da ordem, etc. dentro do latim, na língua falada sobretudo (7).

Se quisermos traçar a sua gramática, teremos que generalizar imprudentemente, ou multiplicar complicadamente as suas formações. Assim, se êle perdera já o velho futuro do indicativo (**amabo, legam**), como passou a formá-lo? Com o presente de **habeo** numa forma reduzida unida ao infinito, e. g. **amare *hayo**? mas o romeno tem **volo** por **habeo**, e vestígios dêste segundo tipo aparecem em outras regiões. Demais encontramos **debeo** e **habeo ad** com o infinito, por exemplo na Sardenha, onde o futuro é assim constituído até hoje, e. g., **hapu a mandigare, depu mandigare** (7 bis).

A perda da declinação tem início no latim vulgar, mas várias regiões conservam vestígios dela, como a Gália com os seus dois casos (mominativo e acusativo), até o século 15, e a Dácia com o seu dativo e vocativo (se êste não é de origem eslava). Perdeu-se o genitivo, substituído geralmente por **de** com o ablativo, mas na Dácia é o dativo que toma o lugar daquele em grande parte. Também a França medieval possue um dativo de posse vivaz. Evidentemente o latim vulgar não tinha fixado novo processo para substituir genitivo.

O latim vulgar representa assim um período de perda abundante de formas gramaticais antigas, sintéticas, originadas no indo-europeu ou no itálico comum. Em lugar das formas que iam

---

(7) Sôbre o latim vulgar como um conjunto de tendências antes que um estado uno, definido, ver Meillet, *Esquisse*, pag. 239.

(7 bis) Ver D'Ovidio e Meyer-Lübke, *Grammatica Storica della Lingua e dei Dialetti Italiani*, pag. 176 (ed. Hoepli, 1906).

perdendo a sua vitalidade, ou desapareciam mais ou menos totalmente, é natural que se recorresse a uma variedade de formas novas e analíticas para expressar as noções correspondentes às categorias gramaticais que se perdiam. A falta de determinada categoria gramatical não significa pobreza de uma língua, pois ela terá sempre recursos para exprimir por outros meios aquilo que línguas diferentes exprimem por meio de categorias. (8) A perda de velhas categorias gramaticais no latim vulgar não significa, pois, a criação imediata de outras, para substituí-las. A princípio havia uma variedade de formas analíticas, dentre as quais com o passar dos séculos algumas foram preferidas entre as múltiplas formas existentes. Esvaziando-se elas do seu conteúdo semântico primitivo serviram de formar os novos instrumentos gramaticais das línguas românicas. Mas esta elaboração posterior, criadora de uma nova gramática, às vezes muito diversa da antiga, se realiza durante o milênio seguinte. Dando-se ela depois do isolamento das várias regiões que compunham outrora a unidade latina primitiva, naturalmente devia cada região consagrar e fixar uma forma própria, que seria diferente da de outras regiões. É a oposição que verificamos mui frequentemente entre a Dácia e o Ocidente. Ao contrário, as novas formas gramaticais são largamente idênticas no segundo grupo (francês, espanhol, português, italiano, provençal, catalão, etc.). Não cremos que o paralelismo de evolução de um grupo de línguas da mesma família seja suficiente para explicar esta coincidência; elas refletem uma comunidade de vida e desenvolvimento posterior ao latim vulgar. Explicam-se por esta unidade que passamos a estudar.

---

(8) Note-se que em português temos muitas maneiras de exprimir o futuro, mas elas não constituem uma categoria gramatical de tempo: assim *hei de ir, terei de ir, quero ir, estou para ir, vou, etc.*.

OS FATORES DA UNIDADE ROMÂNICA OCIDENTAL

Nem tôda a evolução una e harmônica, em todos os seus aspectos, ocorrida na România, será produto de uma convivência contínua entre as línguas que a compõem. Algumas inovações, que certamente são posteriores à época do latim vulgar, ocorrem, no entanto, na Românа inteira, inclusive na Dácia. Não cremos que sejam muitas, mas elas existem. Meillet insistiu frequentemente em um paralelismo na evolução das línguas de uma mesma família, notando que elas desenvolvem, ainda após a fragmentação, até as últimas consequências, certas tendências existentes em germe desde o berço remoto de onde surgiram. Assim, as línguas românicas continuam o mesmo processo evolutivo que presidiu à transformação do indo-europeu em latim (9). Por exemplo, a tendência para substituir a flexão casual dos nomes por processos analíticos mais expressivos se vê por tôda parte nas línguas indo-européias, embora esteja longe de chegar ao seu desenvolvimento completo em algumas línguas, como o lituano, as línguas eslavas e o armênio. Dentro desta tendência geral indo-européia, as línguas românicas acabam por eliminar a declinação casual antiga. E, embora duas delas, mais conservadoras neste ponto, o francês e o provençal, mantenham uma declinação de dois casos em sua fase mais antiga, acabam ambas perdendo-a finalmente (10). Outra ilustração da mesma tendência geral confirmada na formação das línuas românicas vê Meillet na criação dos compostos de verbo auxiliar com particípio e na predominância da noção de tempo sobre a de aspecto nos temas verbais (11). A tendência geral de substituir a estrutura sin-

---

(9) Note-se por exemplo: "Le principe sur lequel on voudrait attirer l'attention, c'est que le développement roman continue le développement qui conduit de l'indo-européen au latin. Il n'y a pas eu deux développements successifs, mais un développement continu, tantôt lent et tantôt rapide, qui va de l'indo-européen aux parlers romans actuels". *Ling. hist. et ling. gén.*, II, pag. 114. Consulte-se o artigo todo, pags. 113 a 122 e também a sua *Esquisse*, pag. 234 e ainda a primeira obra mencionada, pags. 316 ss.

(10) Meillet, *Ling. hist. et ling. gén.*, pag. 317.

(11) *ib.*, II, pags. 119 a 121.

tética, rica de formas, por outra mais analítica, com o recurso das preposições, partículas e verbos auxiliares, é evidente quando comparamos dois grupos quaisquer da família indo-européia em uma fase moderna de sua história. Lembramo-nos de que o eminente orientalista, prof. Fr. Edgerton, de Yale, nos dizia a respeito das modernas línguas áricas da Índia, que elas lembravam bastante as línguas românicas quanto à simplificação estrutural por que tinham passado em sua evolução.

É preciso, porém, precaver-se contra o recurso abusivo a esta tendência para explicar semelhanças linguísticas dentro da mesma família, ainda quando possam parecer, em parte, fruto de uma tendência comum herdada. Se as eliminações são muitas vezes comuns, a solução nova varia com frequência, sobretudo onde há maior isolamento. Por exemplo, o romeno, se bem que fique dentro da tendência comum de evolução românica, tem, mais comumente do que as outras línguas do grupo, soluções particulares. Evidentemente, apesar de estar dentro da corrente geral, o seu isolamento levou-o, não raro, a soluções próprias. Por outra parte, a România ocidental chegou muito mais comumente a uma só solução, porque não havia aquí apenas paralelismo, mas também contacto social direto e elaboração comum que continuava a operar igualmente por tôda parte após a cisão latina vulgar primitiva.

Sem negarmos, portanto, a realidade do paralelismo e da tendência herdada para a renovação da estrutura destas línguas, insistimos na sua influência para explicar a unidade românica que estamos estudando, como melhor se verá quando estudarmos as inovações gramaticais do grupo. Passemos, imediatamente, ao exame dos fatores mais decisivos desta unidade notável.

I UNIDADE DE PENSAMENTO E CULTURA DA ROMÂNIA OCIDENTAL

Aos habitantes do antigo império romano faltava o sentimento regionalista, depois de assimilados ao mundo latino, isto mesmo após a queda do império. A conciência nacional nas províncias ocupadas pelos bárbaros não se constituíra ainda. O romance local, por muito que divergisse do latim literário, não era sentido como língua nacional ou local, distinta do resto do romance. Na realidade estes **Romani**, embora polìticamente divididos pelos reinos que os bárbaros tinham multiplicado no império em ruínas, continuavam a sentir-se membros de uma só e grande nação — Roma —, e possuidores de uma língua comum — o latim —, de que o romance era apenas uma forma popular e familiar. Além dêste sentimento fundamental de unidade social, havia fôrças poderosas que entrelaçavam tôda a România, com exceção da Dácia, e lhe davam conciência de um todo indivisível. São, sobretudo, a Igreja com a completa unidade religiosa e a herança cultural latina.

A IGREJA MEDIEVAL

É ela a grande fôrça de coesão na Europa ocidental depois da queda do império, principalmente após a conversão dos bárbaros ao catolicismo (12). Um fato de profunda significação cultural e linguística, mormente em uma época distintamente mística e religiosa, como foi em tantos de seus aspectos a Idade Média.

A Dácia não se separou apenas polìticamente do resto da România. Eclesiàticamente ficou incluída no orbe da Igreja Grega desde a sua conversão ao cristianismo. Assim deixou de receber a influência unificadora e latinizadora que a România ocidental continuava a sentir. A resistência do Ocidente à influência corrupta do falar dos bárbaros germanos — maior do que aquela que a Dácia opôs aos eslavos — deve-se principalmente à presença desta poderosa organização espiritual, capaz de moldar as massas nas suas idéias e, pois, na sua linguagem.

Na influência exercida pela religião há sempre, onde esta é real, algo de mais profundo do que nas influências meramente políticas.

---

(12) Alguns haviam sido cristãos arianos antes de se converterem ao catolicismo, como os visigodos e os lombardos.

Dêste tipo religioso era a influência exercida pela Igreja Medieval sôbre as multidões. Por tôda parte, nas vastas regiões do antigo império, os fiéis continuavam a sentir-se como partes da mesma unidade espiritual, assimilavam as mesmas idéias e princípios. Administrativamente a Igreja constituía uma grande organização, cujos mestres e diretores — monges, sacerdotes e prelados — transpunham constantemente as novas fronteiras políticas, bastante vagas e indifinidas ainda muitas vezes.

Sobretudo, fato da mais alta importância, a Igreja tôda tinha uma só língua: o latim. Desde o fim do século 2 (no tempo do papa Vítor I), quando se abandonou o grego no culto da igreja de Roma, o latim passou a ser a língua da Igreja do Ocidente — aquela em que se escreviam as obras de pensamento e de teologia, em que estudavam todos os clérigos, em que se compunham as obras de devoção e piedade para a edificação dos fiéis, em que se falava nos templos, celebrando o culto, pregando sermões, doutrinando as massas (13). Assim, a Igreja é o mais decisivo fator da preservação do latim durante a Idade Média, do qual falaremos em breve.

Mas a Igreja não transmitiu sòmente um conjunto de crenças e de idéias religiosas e uma língua que serviu de instrumento ao seu ensino. Destruído o império, aniquiladas tôdas as organizações que se apoiavam nele e serviam de veículos da civilização antiga, extintas as classes aristocráticas, que incorporavam de um modo especial os ideais da velha cultura greco-latina, elaborados em Atenas, Alexandria e Roma, a Igreja se tornou também a única detentora e distribuidora dos tesouros de cultura que escaparam ao grande naufrágio geral com que se encerrava a antiguidade. À medida que a Igreja crescia, sobretudo depois de Constantino, foi incorporando em seu patrimônio numerosos elementos culturais dessa velha civilização. No século 4 os seus corifeus já não se tiram apenas das classes inferiores, mas saem frequentemente da aristrocracia romana. Lembrem-se exemplos como os de Santo Ambrósio de Milão, que fôra governador da cidade antes de receber o episcopado, ou de Santo Agostinho, mestre de retórica e filósofo neo-platônico antes de sua conversão, ou ainda de São Jerônimo, que conta haver-se dedicado à leitura dos clássicos de tal maneira, que por ocasião de uma enfermidade grave, acreditou estar diante do tribunal de Cristo, onde ouviu a censura: "Ciceronianus es, non Christianus", pela sua dedicação ao escritor famoso (13 bis). Pela Igreja se conservou o que a Idade Média, por

---

(13) Bem mais tarde, quando o romance se afastara bastante do latim, certas partes do culto, como os sermões, passaram a realizar-se na língua popular. Disto nos ocuparemos mais adiante.

(13 bis) S. Jerônimo, Carta *ad Eustochium*, 22, § 30.

séculos ao menos, conheceu de filosofia, de literatura clássica, e mesmo de artes úteis como a medicina.

Tôda a cultura, bem como as escolas que a transmitiam, estavam nas mãos da Igreja. É no seu zêlo religioso antes do que como chefe de Estado, que Carlos Magno promove a sua famosa reforma escolar. Basta lembrar que se trata aí sempre de escolas diocesanas (de catedrais) ou monásticas. Ao clero confia êle a tarefa de ensinar. De fato, desde a época merovíngia, na França, tinham sobrevivido apenas as escolas eclesiásticas. Nelas se subministrava o que da cultura greco-latina se conhecia na época. Até Carlos Magno não seria muito, principalmente na França, onde havia grande decadência dos estudos, um pouco mais na Itália e mesmo na Ibéria. O sistema de educação romana se mantém e o ensino se resume nas sete artes liberais que, com o tempo, constituem o curso regular de estudos. Como observa Gilson, os Padres da Igreja Latina se submeteram geralmente à formação intelectual preconizada por Cícero e codificada mais tarde por Quintiliano (14).

A conciência de latinidade, a que já nos referimos, e a dependência intelectual e cultural mais ou menos completa da alta Idade Média em relação à Roma clássica pode considerar-se outro fator importante de unidade na Romênia medieval (14 bis), mas de fato não é fácil distinguir esta fôrça de coesão e nivelamento linguístico da anterior, pois a Igreja, segundo vimos, incorporava em si o essencial de tôda essa herança. Não nos delongaremos, portanto, no seu estudo, passando logo ao exame de algumas

INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Várias, dentro ou fora da Igreja, concorriam decididamente para a constante troca de idéias e, portanto, de elementos linguísticos entre as diversas regiões da Romênia ocidental. São, em certo sentido, fatores complementares desta unidade de pensamento e cultura:

a) OS MERCADORES — Menendez Pidal menciona o mercador, juntamente com o frade, o estudante e o jogral, como tipos andejos, com os quais o viajante medieval encontraria frequente-

---

(14) *La philosophie au moyen âge*, pag. 176.

(14 bis) Sôbre o entusiasmo e a lembrança inapagável do império romano até Carlos Magno, note-se a observação de Calmette: "Depuis qu'en 476 a été précipité du trône le dernier successeur d'Auguste... jamais le sens de l'Empire, effondré dans les faits, mais conservé jalousement sur le plan de l'idée pure, n'a été perdu de vue. Le siège impérial a beau être vacant, l'Empire subsiste quand même dans les esprits" (*Charlemagne, sa vie et son oeuvre*, pag. 120).

mente e dos quais poderia obter notícias fáceis dos mais variados países (15). O comércio, insignificante na primeira parte da Idade Média, tomou impulso depois. Era grande o número de comerciantes que corriam de país a país, por estradas, rios e mesmo pelo mar. Por causa dos perigos das viagens longas constituíam verdadeiras caravanas. Como as viagens a regiões mais distantes traziam maiores lucros, faziam-nas com frequência. Só com o desenvolvimento do capitalismo, que exigia sempre mais a presença dos chefes na sede dos seus negócios, esta classe de mercadores errantes vai desaparecendo ràpidamente.

Ao lado deles surgem ainda as grandes **feiras,** famosas como ponto de contacto internacional, florescentes até o fim do século 13. São elas lugares de reunião periódica dos mercadores profissionais. Geralmente se realizam uma ou duas vezes por ano. A maior parte delas tinha um raio de ação limitado, regional. Algumas, porém como as famosas feiras de Champagne (França) eram durante os séculos 12 e 13, centros de atração para quase tôda a Europa. Nas feiras de Troyes, diz um historiador, havia mercados e habitações de mercadores de Montpellier, Barcelona, Florença, Lérida, Rouen, Montauban, Provins, Auvérnia, Borgonha, Picardia, Genebra, Clermont, Ypres, Douai, Saint-Omer (16).

b) OS JOGRAIS — O jogral é outro elemento da sociedade medieval que tem certa importância como elo de comunicação internacional, especialmente durante o primeiro florescimento da literatura romance. Por ser êle disseminador de modas literárias e recitador de canções populares, é, até certo ponto, excelente propagador de formas linguísticas. O jogral torna-se conhecido, correndo mundo, como cantor ambulante. Quando pobre, vai a pé. Se rico, anda a cavalo, indo de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, de castelo em castelo e de côrte em côrte, recebendo hospedagem e distraindo a todos. Os galegos se encontram por tôda a Península, mas também vão à França. Os espanhóis aparecem em Milão e em Nápoles. Os franceses, sobretudo, se espalham por tôda parte. Os cantores de gesta, do norte, se encontram frequentemente na Espanha. Muitos acompanham senhores de alta linhagem nas peregrinações a Santiago de Compostela. A sua presença na Espanha inspira aí numerosas gestas e romances do ciclo carolíngio. Indo Itália, a Catalunha, o Aragão, Castela, Leão, Galiza e Portugal ou numa língua mixta (franco-italiana).

---

(15) Ver *Poesia Juglaresca y Juglares,* pag. 71.

(16) Sôbre os mercadores e feiras medievais ver H. Pirenne, *Historia Económica y Social de la Edad Media,* pags. 79 a 97.

Os jograis da Provença percorriam frequentemente o norte da Itália, a Catalunha, o Aragão, Castela, Leão, Galiza e Portugal até o século 16 (16 bis). Merece registro o fato de que o primeiro jogral da Provença, de que há notícia, se apelidava a si mesmo "Cercamon" (corre-mundo), porque tinha viajado "por tôdas as terras onde pôde andar". Mesmo os italianos, embora menos numerosos do que os franceses, vinham à Espanha, sobretudo ao Aragão, cuja casa real dominou na Sicília (1282) e em Nápoles (1435). Sabe-se por exemplo, de Jaime II, que ouviu numerosos jograis na Espanha. Pidal se refere a uma ocasião em que cêrca de 1.500 jograis se reuniram em uma côrte promovida pelos Malastesta em Rímini.

Na Idade Média desempenhavam eles o papel de divulgadores da literatura nos diversos países. As obras estrangeiras se traduziam muitas vezes, mas, quando a diferença dialetal era pequena, empregava-se o dialeto original mesmo nas imitações. Que os jograis constituíam meio eficiente de disseminação literária se vê pela rapidez com que a poesia lírica dos trovadores provençais e as canções de gesta dos poetas franceses foram imitadas por tôda parte, constituindo moda literária universal. Não há dúvida de que esta influência não ficaria só no terreno das imitações literárias. Havia certamente também disseminação de palavras e formas linguísticas, numa época em que as diferenças dialetais no romance ainda não eram muito acentuadas e os cânones gramaticais de cada língua ainda não estavam fixados (17).

c) AS UNIVERSIDADES — Estas se constituem pouco a pouco nos séculos 12 e 13. A de Nápoles, que inclue a velha e famosa escola de medicina de Palermo, constitue-se em 1.224. Paris e Bolonha vinham-se organizando já antes. Pouco depois surgem Oxford e Cambridge. No século 13 nada menos de 19 instituições semelhantes foram criadas por papas e monarcas, no século 14 surgem 25 e no século 15, cêrca de 30. As universidades reuniam professores e estudantes de tôda a Europa, o que era relativamente fácil em uma época em que os limites territoriais e políticos não tinham grande importância.

Consideremos ligeiramente alguns dêstes centros de cultura medieval. O mais famoso era certamente a universidade de Paris. Começando como escola episcopal, foi crescendo com a fama de mestres como Guilherme de Champeaux e, sobretudo, Abelardo. A atenção especial que dedicava à teologia explica o seu triunfo sôbre algumas rivais, como a escola de Chartres. Já no século 12 atrai estu-

---

(16 bis) Embora sejam escassas as notícias de jograis da Provença em Portugal, certamente se encontravam também aí. Ver C. Michaelis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, pag. 723.

(17) Sôbre o caráter internacional desta curiosa instituição medieval ver Menendez Pidal, *Poesia Juglaresca y Juglares*, pags. 71 a 86.

dantes e intelectuais de tôda parte. Por 1162, observa Irsay, vêm clérigos, mesmo de Roma, para estudar aí. Embora se estudassem matérias diversas, são os mestres de teologia que lhe dão reputação internacional, chegando, pouco a pouco, a universidade a tornar-se escola teológica de tôda a Igreja, orientada diretamente pelo Papa.

Até os fins do século 14 é a universidade de Paris o grande centro do pensamento especulativo medieval e, por muito tempo ainda, o maior centro de estudos teológicos. Irsay cita estes versos do **Roman de la Rose**, ilustrativos do seu alto prestígio:

"E se ne fust la bone garde
De l'Université qui garde
La clef de la crestienté
Tout eüst esté tourmenté".

Para este grande centro elaborador do pensamento teológico e filosófico medieval acorriam estudantes, principalmente clérigos, de Portugal, da Espanha, da Itália, dos países teutônicos e, às vezes, de mais longe. Passavam anos aí. Não raro ficavam, mas com mais frequência tornavam para a sua terra, levando idéias, costumes e modas, e com tudo isto inevitàvelmente formas linguísticas.

Outro grande centro universitário internacional era Bolonha, a sede dos estudos jurídicos, como Paris o era dos teológicos. As escolas de Bolonha eram famosas desde o século 11, pelos seus altos estudos jurídicos unidos ao das artes. Um grupo de escolas aí existentes se fundem, poucos a pouco, na universidade. Desde os fins do século 12 Bolonha é conhecida universalmente como a cidade douta por excelência. Irnério, que aí ensinou por vinte e cinco anos, deu lugar importante ao estudo do **Corpus iuris civilis**, comentando-o longamente (18). Pela mesma época sistematizam-se em Bolonha os estudos de direito canônico.

Por muito tempo Bolonha é assim o ponto de convergência de todos os estudantes de direito. Já Lanfranc de Milão, formado em Pavia, centro afamado de estudos jurídicos no século 11, passando à França e depois à Inglaterra, despertou o interêsse por estes estudos (19). Desde os meados do século 12 vêm estrangeiros de tôdas as partes da Europa católica. Nas notícias do tempo vêm mencionados franceses, picardos; borguinhões, poitevinos, gascões, turíngios

---

(18) Dele diz uma crônica contemporânea: "Eisdem temporibus dominus Wernerius libros legum, qui dudum neglecti fuerunt nec quisquam in eis studuerat, ad petitionem Mathildae comitissae revocavit" *(Chron. Urspergense ad 1126*, apud Irsay, *Hist. univ.*, pag. 85). Entretanto, não foi Bolonha o primeiro lugar onde se estudou o *Corpus* de Justiniano. Ravena, especialmente ligada a Bizâncio, o conhecia há séculos.

(19) "En la personne de Lanfranc, tout le monde pouvait admirer les fruits d'une éducation juridique et les écoles italiennes firent l'envie des étrangers", observa Irsay, a quem devemos estas notas.

normandos, provençais, catalães, espanhóis, ingleses, poloneses, húngaros e alemães. Pouco mais tarde os estudos de direito se introduzem em outras universidades, especialmente algumas francesas, que se tornam igualmente grandes centros para os quais afluem estudantes de tôda parte.

Algumas palavras ainda sôbre o ensino médico medieval. A medicina antiga sempre teve adeptos, sobretudo na Itália. Mesmo em uma época em que havia bastante desconfiança da cultura greco-latina, identificada com o paganismo, a medicina recebeu atenção especial. A Igreja prescrevia **honora medicum,** e era natural que nos mosteiros, onde um dos serviços de caridade era atender aos enfermos, se procurassem adquirir conhecimentos desta natureza. Especialmente se dedicavam a essa obra os beneditinos. Salerno, próxima aos mosteiros de La Cava e Monte Cassino, célebres centros de atividade intelectual, cedo desenvolveu estes estudos. Nos séculos 10 e 11 já gozava de alta reputação. Sobretudo o seu **antidotário,** obra de terapêutica e de matéria médica, lhe dá fama. Pouco depois se enriquece com as contribuições da medicina árabe. Assim, antes de sua organização em universidade em 1231, torna-se a escola conhecida em tôda a Europa e para lá afluem estudantes de muitos países.

Desde o século 12 Montpellier, na França, rivaliza com Salerno quanto aos estudos médicos, chegando a superar a escola italiana, tornando-se desde então o ponto de atração dos estudantes de medicina. Como em tantos outros casos, torna-se também aquí a França o centro de cultura medieval.

Dêste modo se constituem os grandes centros universitários medievais, onde se elaboram as grandes ciências do tempo — a teologia, a filosofia, o direito e a medicina. Outros muitos havia, alguns de alto prestígio, como Salamanca, na Espanha, Oxford na Inglaterra; outros de influência cultural mais limitada. A universidade medieval era, porém, essencialmente um ambiente internacional, enquanto a jurisdição eclesiástica superior impedia o "controle" nacionalista do Estado. Era, pois, a universidade a forja onde se caldeavam e moldavam as idéias e o pensamento da época, onde se nivelavam e uniam as classes cultas, os orientadores intelectuais e religiosos de tôda a cristandade católica. Êste fato não podia deixar de ter profunda repercussão em tôda a Românía ocidental, que continuava assim a manter uma perfeita unidade cultural, e os seus dialetos se iam constituindo literàriamente, inspirados pelo mesmo latim dos centros culturais referidos (20).

d) OS MONGES — O monge é dos grandes andarilhos da Idade Média; passa constantemente de um país para outro. As ordens monásticas são organizações de grande unidade, espalhadas por tô-

(20) Sôbre as universidades medievais ver a obra já citada de Irsay.

da parte, levando aonde chegam os mesmos costumes, idéias e ensinos. Êste fato não podia deixar de ter significação em uma época na qual os mosteiros eram muito comuns e incalculável o número daqueles que entravam para as ordens religiosas e enorme a sua influência pelo contacto com o povo, através das escolas monásticas, das instituições de caridade, e até do ensino universitário. Nos mosteiros surgem muitas das mais antigas composições em romance.

A Idade Média foi, em grande parte pelo menos, educada e formada espiritualmente pelas ordens monásticas. A ordem beneditina conservou e tranmitiu à Idade Média, e mesmo ao mundo moderno, muito do que havia de melhor na civilização greco-romana. Como observa Vedel, a ordem beneditina — modêlo das que vieram depois — é uma organização romana. A disposição do claustro com páteo quadrangular cercado de colunas lembrava a vila romana; o hábito monacal era ligeira modificação do vestuário romano. Nos mosteiros se implantaram a agricultura, as artes e a técnica de Roma; cultivou-se aí a sua literatura, quer a dos Padres, quer a clássica, em uma época quando fora dos mosteiros reinavam as trevas da ignorância (21). Todos os estudos se faziam em latim. Aprendia-se a sintaxe de Donato e Prisciano, liam-se fragmentos de Vergílio, Salústio, Cícero, Boécio, etc.. O latim era a língua da Igreja e nele recebiam os monges todos os conhecimentos humanos e divinos. Os mosteiros, como São Gall, Santo Albano, Orléans, Fleury, etc. difundiram em escritura elegante numerosos manuscritos dos autores clássicos.

Com esta múltipla atividade, tornavam-se os monges os mestres da agricultura medieval, enfermeiros e médicos, missionários, a quem a Igreja devia, sobretudo, a sua vitória sôbre os bárbaros, os mestres que ensinavam a ler, a escrever e a pensar (22), copistas de manuscritos antigos, cronistas dos acontecimentos notáveis de seu tempos, distribuidores dos serviços de caridade aos pobres e aos desamparados, que eram muitos na Idade Média. Todo êste admirável trabalho é realizado com excepcional unidade de método e de

---

(21) "Los monasterios se impusieran la tarea de conservar el lustre de la cultura heredada en las épocas de disolución y tinieblas", diz Vedel em *Vida Monástica*, pag. 8. Sôbre os estudos latinos ver o capitulo I, "Los poetas paganos", da mesma obra.

(22) "The monks became teachers, and under the shelter of the monasteries established schools which were the nurseries of learning during the earlier Middle Ages the homes for centuries of the best intellectual life of Europe". Myers, *Mediaeval and Modern History*, pag. 26.

organização. As ordens monásticas são internacionais e os seus membros passando de país em país, levam os mesmos ensinos, a mesma formação intelectual, o mesmo latim e servem inevitàvelmente de propagadores constantes de formas linguísticas de uma região para outra (23).

Outras instituições, costumes e acontecimentos da Idade Média se poderiam lembrar como fatores de comércio social ininterrupto na România. Lembramos apenas a **ordem da cavalaria** com o seu caráter errante e aventureiro, que levava os seus adeptos a buscar oportunidade para o exercício dos seus talentos e préstimos em lugares remotos; as **peregrinações** para santuários célebres, como Santiago de Compostela, e especialmente para a Terra Santa, que reuniam pessoas de tôdas as nações da cristandade; por fim, as **cruzadas** para o Oriente, na luta contra os turcos e depois para a Ibéria na luta contra os mouros, que reuniam grande número de homens, sobretudo de cavaleiros em longo e íntimo convívio que não podia deixar de ter significação para o contágio linguístico.

Êste exame perfunctório de algumas instituições medievais será suficiente para evidenciar que os povos do antigo império romano não tiveram, durante a Idade Média, longos períodos de completo isolamento. Sobretudo após a época carolíngia, e cada vez mais nos séculos seguintes, à medida que progrediam a cultura, o comércio e a vida social, o mundo europeu e, em particular, o mundo românico, constitue um grande todo, quase destituído de barreiras nacionais e com pequenas barreiras dialetais, fàcil e constantemente transpostas por multidões de indivíduos. Êste movimento interno de comunicação leva inevitàvelmente à imitação da vida, da moda, e, pois, das formas linguísticas dos grandes centros intelectuais e literários da Idade Média.

Cremos que a influência linguística assim determinada era maior do que em qualquer época posterior, porque as barreiras eram contìnuamente transportas, o prestígio do latim, a língua culta, incomparável, a fisionomia linguística dos romances regionais menos fixada e, pois, menos impermeável às influências externas. Voltaremos ainda a êste problema.

---

(23) Veremos mais adiante a importância da França medieval como centro de vida monástica e a significação linguística dêste fato.

II O LATIM – LÍNGUA UNIVERSAL DA IDADE MÉDIA

É o segundo grande elemento da unidade românica medieval e complemento importante do primeiro, sevindo-lhe de instrumento constante e único por séculos. O latim era a língua oficial da Igreja e, pois, da Idade Média. Naturalmente não era o clássico de Cícero e de César. Era o dos Padres latinos, usado por eles, principalmente desde o século 4. Era um latim que tinha pontos de contacto com a língua falada pelas massas, em cujo seio se arregimentara a maior parte dos fiéis nos primeiros tempos, mas êste latim estava longe de identificar-se com o que se entende por latim vulgar. Surgindo, em parte, do contacto com o povo e da preocupação de fazer-se entender por êle, recebera também influências gregas na antiga igreja de Roma e do latim da Ítala, tradução extremamente literal da Bíblia grega, mantido e consagrado pela Vulgata, a qual, se em parte é uma versão nova das Escrituras, por outra conserva grande parte do texto latino antigo (24). Mesmo a Ítala, porém, apesar dos seus plebeismos, não está escrita em latim vulgar. O latim eclesiástico, renovado com a contribuição popular e grega, mas herdeiro do latim clássico no que êle tinha de mais útil e necessário à expressão do pensamento novo, com fonética, vocabulário e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, constitue o latim medieval (25), isto é, o latim da Igreja, do culto, das escolas, da teologia, da filosofia, do direito, da ciência e da literatura, desde a queda do império romano até a Renascença, embora nos últimos séculos as novas línguas, em constante progresso, entrem em concorrência com êle.

---

(24) Assim a Vulgata conserva intactos os livros de Sabedoria, Eclesiástico, I e II Macabeus e Baruque, da versão antiga, e retoca apenas levemente os livros de Atos, Apocalipse e as Epístolas do Novo Testamento (Ver Plater e White, *A Grammar of the Vulgate*, pag. 5).

(25) "Il latino tipo, dunque, della língua medievale colta, a prescindere dal superamento estetico che ne farà questo o quello scrittore, il latino al quale si ritorna nelle crisi di purismo è il latino della Decadenza (isto é, dos Padres e dos seus contemporâneos), che in Italia è meno infarcito di forme volgari che altrove", como observa G. Pepe na sua *Introduzione*, pag. 101.

Êste latim, literária, cultural e estruturalmente muito mais rico do que os romances, ainda nas manifestações mais pobres daquele, como acontece por séculos na linguagem dos tabeliães e chancelarias, é o instrumento de tôda a civilização medieval. Nêle se elabora a princípio tôda a cultura moderna. Strecker, citado por Pepe (**Introduzione**, pag. 99) o define: "é uma língua em que a vida espiritual da Idade Média encontrou por muitos séculos a sua expressão, até que os romances nacionais o foram substituindo pouco a pouco".

Não era êle língua morta. Tinha grande vitalidade e por isto se afastava naturalmente do padrão clássico, criando formas novas. A poesia medieval é construída sôbre o latim dos Padres e da Vulgata (26), mas com vocabulário e formas novas muitas vezes. Como nota Pepe: "nem o latim retórico e escolástico foi língua morta, sem liberdade, apesar de sujeito a formas fixas. Até Petrarca, que volta a Cícero e Virgílio com maior rigidez de formas, êste latim esteve em contínuo desenvolvimento" (27).

Como instrumento de uma cultura rica e dinâmica, o latim medieval inova no vocabulário, na semântica, nos processos de prefixação e sufixação, na composição e até na estrutura gramatical, e não pouco destas criações, bem como do seu velho patrimônio herdado, passa para as línguas românicas certamente, tornando-as instrumentos mais aptos para a expressão da cultura moderna.

Tem-se pensado muito na Idade Média, sobretudo nos séculos que vão da invasão dos bárbaros até Carlos Magno, como uma noite caliginosa em que todos os vestígios da cultura estivessem apagados. Talvez tal concepção reflita a generalização apressada de um estado próprio da França merovíngia. É verdade que se pode falar em um renascimento carolíngio, em uma primeira volta ao latim antigo e à cultura clássica. Mas o latim não se havia perdido nos séculos anteriores. Pobre e imperfeito, muitas vezes, estava longe, porém, de identificar-se com o romance popular.

Nas escolas do tempo ensinavam-se as sete artes, sobretudo o **trivium** (28). A gramática, primeira chave dos estudos bíblicos, era a disciplina fundamental. Naturalmente era gramática latina (Donato, Prisciano, Quintiliano e, sobretudo, o gramático Virgílio). Na retórica usavam-se Cícero, Quintiliano, Vitorino, etc.. A dialética aprendia-se nos fragmentos do **Organon** e na **Isagoge** de Porfírio, traduzida por Boécio.

A cultura é quase exclusivamente clerical: letras sagradas e teologia. No comêço do século 6, Cassiodoro sonhara com a cria-

---

(26) Sandys, *A Comp. to Lat. studies*, pag. 848.

(27) G. Pepe, *Introduzione*, pag. 108.

(28) Irsay, *Hist. univ.*, pag. 37.

ção de um grande centro de estudos em Roma sob a égide da Igreja, à semelhança da velha universidade alexandrina (29).

As grandes escolas clássicas do tempo do império decaíram. Na Gália não se mencionam nos séculos 6 a 8. Em seu lugar surgem as episcopais e monásticas. As primeiras eram verdadeiros seminários para a educação do clero. Mas entre os leigos se encontravam, às vezes, pessoas que conheciam o latim, a gramática e a "ars dictionis", e podiam ensinar. Algumas escolas episcopais eram bem organizadas, como a de Metz, outras primitivas, tinham um só mestre para tôdas as matérias.

Os mosteiros, como o de Saint Victor, de Marselha e o da ilha de Lerins, se tornam centros de estudos pelos seus **scriptoria**. As escolas monásticas gaulesas existem principalmente no sul, mas os grandes centros de estudo da época estão na Irlanda e na Inglaterra, fora da Romênia. Há, porém, escolas catedrais importantes na Itália, onde a tradição clássica nunca se perdeu tão completamente. Tais são as escolas de Verona, Parma, Lucca, Milão.

Pelo que vemos, a cultura latina da época estava quase exclusivamente nas mãos do clero; isto, porém, não diminue a realidade de sua influência constante sôbre a língua popular, pois nenhuma classe estava em contacto mais direto com o povo.

Não há dúvida de que os estudos latinos tinham decaído muito. Winfrid (Bonifácio), em uma carta ao papa Zacarias, consulta se se devem considerar batizadas pessoas que o foram "in nomine Patris et **Filiae**, et Spiritus Sancti", ao que o papa responde que sim, uma vez que o êrro era apenas motivado pela ignorância do latim por parte do celebrante (30). Gregório de Tours, na **História dos Francos,** nota que as cidades da Gália deixaram declinar os estudos das Letras e se excusa pelo seu conhecimento imperfeito da gramática.

Tal crítica não se aplicaria tanto à Ibéria. Como observa Calmette, os visigodos se assimilaram ràpidamente. Compreenderam a cultura hispano-romana, adaptanto-se prontamente a ela. Ricas bibliotecas se encontram na Hispânia, e nem sempre de clérigos. Leigos cultos as possuem como o conde **Laurentius.** Mais tarde a Renascença carolíngia teve entre os refugiados espanhóis alguns de seus melhores mestres (31). Basta recordar o nome de

---

(29) Irsay cita a seguinte frase de Cassiodoro: "Nissus sum cum Agapito papa urbis Romae, ut sicut apud Alexandriam multo tempore fuisse traditur institutum... collatis expensis in urbe Romana professos doctores scholas (sic) potius acciperent Christianae" (ver *Hist. univ.*, pag. 32).

(30) Gilson, *La Phil. au moyen âge,* pag. 183.

(31) Ver *Le monde féodal,* pags. 17s.

Isidoro de Sevilha († 636), "um dos homens mais cultos do seu tempo" (32), autor de obras numerosas, entre as quais se distinguem os "Originum s. Etymologiarum Libri XX" — uma enciclopédia de ciências e de artes que tratava de literatura, ciência e religião, revelando largo conhecimento dos escritores antigos.

Ainda mais tarde, sob o domínio árabe, o conhecimento do latim não se perdeu, como revelam as inscrições de Córdova, Granada e Málaga, pertencentes aos moçárabes (33).

Mesmo quando êste latim chega mais próximo à língua falada, como naquilo a que Pidal chama "latim vulgar leonês", onde a fonética é essencialmente românica (sonorização: **abud** = **apud, eredidade** = **hereditatem;** palatalização de **g: arientio** = **argenteus;** queda de **n** no grupo **-ns-**: preses = presens; vocalização de **l: autairo=altarium;** **m** por **mb** (**amobus=ambobus**); nota-se, contudo, uma gramática alatinada com declinação casual, voz passiva, particípio futuro, sufixos adverbiais, etc. (**abostoli, reliosis, amobus, posteridas, cingidur, avidura, parider**) (34). O autor considera êste latim "preciosa sobrevivência do latim falado na alta Idade Média, pelos séculos 5 e 6, quando se começavam a constituir os romances" (pag. 65). Cremos haver aí também um esfôrço para conservar a estrutura latina na língua popular, isto é, uma tentativa de escrever fielmente, até onde possível, o latim antigo. Note-se que êste latim não aparece puro em nenhum documento, mas vem mesclado com formas clássicas. Na língua popular perdiam-se os elementos da língua antiga, mas a tradição escrita reagia, mantendo-se por séculos as formas antigas. Muita cousa acabou por desaparecer do romance, mas quanto não se terá conservado do velho latim por esta tradição culta, embora rudimentar? É provável que a herança estrutural das línguas românicas ocidentais teria sido mais pobre, não fosse êste contacto contínuo com a tradição latina pela língua escrita. Muito se deve ao Renascimento carolíngio e à intensa latinização posterior, mas a estrutura da língua já não se poderia renovar então. O que ficou na România vinha do latim vulgar, robustecido até certo ponto por uma tradição semiculta ininterrupta através dos séculos precarolíngios.

A RENASCENÇA CAROLÍNGIA veio dar grande impulso ao estudo do latim. Carlos Magno, apesar de sua proverbial incultura, pois, diz seu biógrafo, mal sabia escrever, estudou latim. A sua preocupação no promover êste estudo era religiosa. A ignorância do clero dificultaria o entendimento das Escrituras e poria em perigo as almas (35). Os seus colaboradores recebe êle da

(32) Smith and Marindin, *A Classical Dictionary*, s. v..

(33) M. Pidal, *El Id. Esp. en sus Primeros Tiempos*, pag. 35.

(34) M. Pidal, *op. cit.*, pags 63 a 65.

(35) Calmette, *Charlemagne*, pag. 252.

Inglaterra, como Alcuíno, o mais famoso deles; da Itália, por exemplo Paulo Diácono, Pedro de Pisa e Paulino de Aquiléia; ou da Espanha, sobretudo o bispo emigrado, Teodulfo.

Além da Escola Palatina, criam-se, por ordem imperial, escolas episcopais e monásticas, nas quais se ensinam solfejo e canto, cômputo eclesiástico, o saltério e a gramática (36). Bispos e abades deviam promover a instrução. As escolas que mais se destacaram foram a Palatina e a de Saint-Martin-le-Tours, ambas dirigidas por Alcuíno. Depois vinham Corbie, Saint-Riquier, Saint-Wandrille, Orléans, Fleury-sur-Loire (com Teodulfo) e Saint-Germains.

Dentro de 50 anos sobressaem as escolas episcopais de Reims, Troyes, Le Mans. Chartres será famosa, mais tarde. O efeito dêste impulso inicial é duradouro.

O estudo se estende agora mais largamente pelo **trivium** e por todo o **quadrivium**, mas, o que é mais importante, a Idade Média, especialmente francesa, conhece agora um latim mais clássico e correto. Os corifeus do movimento não tinham apenas cultura teológica. Alcuíno, por exemplo, dedicava grande admiração à cultura antiga, procurando promovê-la. Em uma carta a Carlos Magno queixa-se da falta de livros, pedindo que lhe permita mandar à Inglaterra alguns de seus discípulos para obterem cópias. Em um poema sôbre a biblioteca de York, cita obras de Cícero, Virgílio, Lucano, Estácio, Ovídio, Plínio, Boécio, etc. (37). Um escritor contemporâneo, Notker, se refere à sua obra em Saint-Martin-Tours, embora um pouco ingênuamente: "O ensino de Alcuíno foi tão eficaz que os modernos gauleses, ou franceses, se tornaram iguais aos antigos de Roma e de Atenas" (38).

Os frutos do movimento não se fazem esperar. Aparecem numerosos escritores e poetas, teólogos e pensadores. O latim melhora sensìvelmente. Eginhard, que imita Suetônio, dá idéia do bom latim redescoberto (38 bis). É verdade que nem sempre o novo interêsse significa uma volta ao latim clássico. A tradição latina cristã sentia-se ligada ao latim dos Padres e da Vulgata. Smaragde, abade de Saint-Michel sur Meuse, conta Gilson (op. cit., pag. 224), tenta cristianizar a gramática. Em seu **Liber in partibus**

---

(36) Gilson, *La phil. au moyen âge*, pags. 189s.

(37) Gilson, *op. cit.*, pag. 192.

(38) Gilson, *op. cit.*, pag. 194.

(38 bis) Um historiador nota: "Les écrivains de la Renaissance carolingienne ont ressuscité une langue qui ne diffère pas beaucoup de celle que remettront en honneur les humanistes précurseurs de la grande Renaissance" (Calmette, *Charlemagne*, pag. 260).

Donati (inédito), observa que esta se funda no uso dos bons escritores. Donato, por exemplo, no dos clássicos. Mas o latim bíblico não é o dos clássicos. Então, quando há discordância, a quem se há de seguir? E responde: "Donatum non sequimur, quia fortiorem in divinis scripturis auctoritatem tenemus".

De Carlos Magno em diante, domina a Idade Média uma atividade intelectual crescente, tôda ela expressa em bom latim (39).

OS CLÁSSICOS ANTIGOS NA IDADE MÉDIA — Antes de considerarmos a importância da presença e vitalidade do latim na formação das línguas românicas do Ocidente, importa dizer algumas palavras sôbre o conhecimento dos clássicos e a atividade literária medieval. É comum pensar-se na Renascença do século 15 como uma redescoberta da antiguidade clássica. A Renascença não é bem isto. É verdade que o número de textos clássicos conhecidos se torna maior (sobretudo ela inclue o estudo do grego), mas a significação central do movimento está em uma volta aos ideais da antiguidade clássica, mais do que na descoberta de um mundo ignorado. A literatura latina clássica nunca desapareceu completamente (Irsay, op. cit. pag. 224). Cassiodoro recomenda o estudo dos clássicos logo no limiar da Idade Média. Alguns autores sempre foram estudados, mais na Itália e na Ibéria do que na Gália. Os estudos se intensificam aquí e em outros países com a Renascença carolíngia. O bispo Teodulfo de Orléans, vindo da Espanha, em seu poema **De libris quos legere solebam,** menciona, entre os seus autores prediletos, Virgílio, Ovídio, Horácio, Lucano e Cícero. A abundância das alusões aos clássicos em suas obras prova que os conhecia. Alcuíno se queixava do amor excessivo que Rigbode, bispo de Treves, consagrava a Virgílio. Aliás, um biógrafo de Alcuíno diz que durante a mocidade êle era "Virgilii amplius quam psalmorum amator". Gerber de Aurillac, mais tarde papa Silvestre II († 1003), que Sandys chama **"the foremost scholar of the century"**, em suas cartas revela conhecimento abundante de Salústio, César, Suetônio e, sobretudo, Cícero (40). Vasta erudição clássica possuía João de Salisbury, falecido em 1180, inglês instruído na França e que morreu como bispo de Chartres. Servato Lupo pede a Eginhard que lhe empreste os tratados ciceronianos **De inventione rhetorica** e **De oratore** e as **Noites Áticas** de Aulo **Gélio.** A outra pessoa roga lhe traga o **De Coniuratione Catilinae** e o **Bellum Iugurthinum** de Salústio e as **Verrinas** de Cícero. Corrige a sua coleção das cartas de Cícero por um manuscrito fornecido por Ansbald (Gilson, op. cit., pag. 223). Um monge, Hadoard, tem na sua coleção de clássicos obras como: **De natura deorum, De divi-**

(39) Sôbre a matéria tôda ver as obras já citadas de Gilson, Calmette e Irsay.

(40) *A Comp. to Lat. Studies,* pag. 847.

natione, De fato, De senectute, De amicitia, De officiis, De oratore, Tusculanae disputationes, De legibus. Sabemos que também Juvenal, Pérsio e Terêncio eram conhecidos (41). Como observa Gilson, quase todos os nossos MSS da antiguidade clássica latina, mesmo de Lucrécio, datam dos séculos 8 e 9. Que demonstração mais clara poderíamos ter de que os clássicos não eram desconhecidos durante a Idade Média?

A LITERATURA LATINA MEDIEVAL — A produção literária, artística ou prática, da Idade Média foi grande e tôda ela se compunha em latim por séculos. Pepe (42) cita numerosos gêneros literários da Idade Média, muitos peculiares a ela. Tais são os **aenigmata, altercationes** ou **conflictus** (contrastes), **centoni** (combinações de frases diversas de clássicos unidas em colcha de retalhos, formando poemas de sentido completo), **exempla** (historietas destinadas a confirmar um ensino moral ou religioso), **ludi** (pequenos dramas nascidos da missa cantada e dialogada), e. g., o **ludus pastorum** e o **ludus paschalis de Antichristo**; comédias elegíacas (narrativas de aventuras entremeadas de diálogos); composições líricas como os **carmina burana** (satíricas), os **carmina figurata** (com acróstico); a lírica religiosa muito variada (os **Analecta hymnica** contêm trinta mil composições, embora poucas conseguissem perdurar), **itineraria** (sôbre peregrinações, desde a **Peregrinatio** de Etéria até o **Iter Syriacum** de Petrarca), **planctus** (lamentações fúnebres), **Summae** (enciclopédias de disciplinas especiais).

Em latim se escreveram as leis e as ordenações emanadas de soberanos e de autoridades eclesiásticas. Só as leis dos povos germânicos foram editadas em cinco volumes **in folio.** Enorme é o acervo de histórias, biografias, crônicas, obras científicas e filosóficas, sempre escritas em latim. Tão consagrado estava o latim no uso medieval que ainda em 1498, conta-nos o cardeal Saraiva, nas Côrtes de Lisbôa foi necessário mandar-se por lei que os médicos não escrevessem as suas receitas em latim, impondo penas aos que o fizessem e aos boticários que as aviassem (43).

Sobretudo, imensa é a literatura cristã. O **Patrologiae cursus completus** de Migne tem algumas centenas de volumes, de que grande parte é de autores latinos. Outro grande repositório são as **Acta Sanctorum,** que vêm sendo publicadas desde 1643 pelos bolandistas. Mesmo os sermões se faziam frequentemente em latim

---

(41) Sôbre o conhecimento dos clássicos na Idade Média ver Sandys, *op. cit.*, pags. 847s, Gilson, *La phil. au moyen âge,* pags. 190, 195, 223 s et al. e G. Pepe, *Introduzione,* pag. 86.

(42) *Introduzione,* pags. 91ss.

(43) Cardeal Saraiva, *Obras,* t. IX, pag. 235.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

até o século 15, quando o auditório era mais seleto e em ocasiões solenes (cardeal Saraiva, **Obras, IX**, pags. 234 s).

Pode objetar-se que o latim desta vasta literatura não é o de Cícero. Certamente que não, mas isto pouco importa ao nosso problema, se bem que muitas obras medievais estejam escritas em bom latim. Se não era o latim de Cícero, era alguma cousa muito mais próxima dele do que o romance popular, pois conservava mais ou menos fielmente a estrutura antiga e servia de um instrumento precioso de expressão literária e cultural.

Não podemos concluir esta enumeração de documentos literários sem dizer duas palavras a respeito das cartas e diplomas notariais. Pepe usa o termo **charta**, definindo-o "todo o documento ou instrumento escrito com o fim de criar relações jurídicas e de conservar a prova de sua existência". Estas cartas eram escritas em latim, frequentemente até o fim da Idade Média. Em Leão e Castela escreveram-se em latim até a época de Afonso o Sábio. Em Portugal o latim é abolido no reinado de D. Diniz. Parece mais lenta a evolução na França. Enquanto se usava ainda o latim na linguagem da chancelaria e da justiça, as municipalidades do norte introduziram a língua vulgar nos atos de jurisdição graciosa para pessoas incultas e pobres (44). No parlamento, surgido no comêço do século 14, usa-se o latim na redação, mas os discursos se pronunciam em francês. Desde o tempo de Filipe o Belo, as duas línguas se empregavam lado a lado na chancelaria real. As crônicas oficiais se redigem quase exclusivamente em latim até Carlos VIII. O francês se impõe pouco a pouco, mas só em 1539, sob Francisco I, pela ordenação real de Villers-Cotterets sôbre a organização da justiça, se estipula definitivamente que, para evitar dificuldades na interpretação de termos latinos, tôdas as sentenças e decisões sejam pronunciadas, registradas e comunicadas às partes em francês (45). Só então a Gália meridional abandona o latim nas côrtes de justiça.

Mas, dir-se-á, merece o latim bárbaro dos tabeliães ainda o nome de latim? Entendemos que, apesar de pobre e imperfeito, êle representa uma influência cultural que absolutamente não se pode desprezar no estudo da formação das línguas românicas. Embora venha mesclado de numerosos elementos romances, conserva uma porção de construções e de termos latinos inteiramente desconhecidos do romance popular. Um ligeiro exame de qualquer documento notarial revelará isto. De alguns portugueses e espanhóis, notamos termos como **habitare, pertinere, infringere, proicere, incidere, invenire, concedere, inchoare, memoria, famulus, uxor, flumen, domus, via, firmiter, pridie, fiducialiter, quadru-**

---

(44) Brunot, *Hist. lang. fr.*, I, 528.

(45) Cohen, *Hist. d'une langue*, pags. 159s.

pliciter, perenniter, sicut, proinde, ibidem, quicquid, quodcumque, ubicunque, atque, usque in, ita, deinde, cetera, omnia, cuncta, fieri, ius, erga, minime, ob, infra, hic, licet, nemo, nullus, intus, etc.. Na morfologia temos: superlativos como perfectissimus, purissimus, firmissimus; futuro do indicativo, e. g., facies, potero; subjuntivo imperfeito, e. g., facerem; formas depoentes, por exemplo sis ausus, testor, dignatus est; passivas, como puniatur, vocatur, legitur, denegari; particípio futuro, e. g., facturus; gerúndio, assim: "ad arandum, ad dominandum, ad possidendum, ad vindendum (sic)"; advérbios em -iter; formas casuais da declinação, etc.. Na sintaxe ocorre o subjuntivo imperfeito, e isto mesmo na França, nos documentos merovíngios; a oração infinitiva, como "quos scimus iustitiam et veritatem regere"; ablativo absoluto: "regnante domino Afonso"; oração hipotética com o subjuntivo presente na apódose: "si... volverit..., pariat". São apenas alguns exemplos que se poderiam multiplicar fàcilmente. Não se deve, diante dêste fato, negligenciar a importância desta pálida tradição culta como fator de uma certa relatinização do romance durante a época preliterária.

O LATIM MEDIEVAL E AS LÍNGUAS ROMÂNICAS — Sendo o latim a língua por excelência de tôda pessoa culta na Idade Média, era inevitável que êle alterasse profundamente o romance popular, mormente notando-se a abundantíssima aplicação que recebia, como acabamos de ver.

A influência de uma língua cultural sôbre os dialetos populares é naturalmente maior do que a dêstes sôbre aquela. Os trabalhos de Gilliéron, nota Meillet (46), provam que não foi o francês que se nutriu dos "patois", mas, ao contrário, êstes é que se enriqueceram e alteraram pela presença daquele. No mesmo livro, refere-se êle a um estudo de Scerba a respeito do sorábio, dialeto eslavo cercado pelo alemão. Todos os que falam êste dialeto conhecem também o alemão, a língua aprendida na escola, a língua culta, enquanto o sorábio é a língua doméstica. Desta duplicidade resulta que, mesmo usando termos eslavos, reproduzem geralmente o modêlo estrutural alemão. Por exemplo, empregam as preposições wot e za para traduzir as alemãs von e für, sem levar em conta o uso eslavo das mesmas. O sorábio criou até um artigo. cousa desconhecida no eslavo. Meillet comenta: "Em seu estado atual o sorábio ficou como dialeto cujos elementos orgânicos são todos eslavos, mas em que as formas eslavas não passam muitas vezes de máscara que dissimula processos linguísticos alemães" (47). Tal aconteceria, embora em escala menor, na Idade Média com as lín-

(46) *Ling. hist. et. ling. gén.*, II, pag. 93.

(47) *Op. cit.*, pag. 91.

guas românicas em face do latim. Tôda pessoa culta, habituada a usar o latim na expressão do seu pensamento, tinha na mente um tesouro infinitamente mais rico de linguagem do que o romance aprendido em casa. Inevitàvelmente, ao querer exprimir idéias mais abstratas e profundas, em uma linguagem mais elegante e variada em romance, enriquecia-o de acôrdo com o modêlo latino a que se acostumara. De algum modo, enquanto a língua vulgar não tinha o necessário amadurecimento literário, a relação entre o latim e esta continuava a mesma que entre o latim clássico e o vulgar: eram dois aspectos da mesma língua, servindo o latim naturalmente para suprir tôdas as lacunas do romance.

Com o tempo os romances se transformam em línguas literárias, algumas de grande prestígio, mas nenhuma poderia concorrer com o latim. Ainda quando o italiano chegou a ter grande influência, não podia equiparar-se ao latim, a língua venerável que trazia em si todos os tesouros da sabedoria antiga — espiritual, filosófica e literária. Os ciumes nacionalistas limitariam a influência mútua de línguas vivas (48); diante do latim não existiam os mesmos preconceitos geralmente: êle era a língua por excelência da România medieval por séculos.

Uma ilustração da importância dêste fator na unidade neo-latina ocidental, temos ao comparar a história destas línguas com a do inglês e do alemão no grupo germânico. Estes separaram-se na época do esfacelamento do império romano, vivendo desde então isoladas, sem uma fonte germânica comum, na qual modelassem o seu vocabulário e a sua estrutura. Assim, se às vezes há tendências inovadoras comuns, geralmente nas criações posteriores cada língua segue caminho próprio, quando não vão ambas buscar termos latinos ou franceses. Por exemplo, grande número de vocábulos, sobretudo os que designam idéias e objetos introduzidos após a separação, são diferentes, e. g., escrever (**schreiben** e **to write**), ler (**lesen** e **to read**), dinheiro (**Geld** e **money**), médico (**Arzt** e **physician**), professor (**Lehrer** e **teacher**), mesa (**Tisch** e **table**), janela (**Fenster** e **window**), carta (**Brief** e **letter**). Muitas vezes os mesmos termos recebem acepção bem diversa: **Vogel** e **fowl, laufen** e **to leap, Werk** e **work, schaffen** e **to shape, treiben** e **to drive,** etc.. Claro que diferenças semelhantes ocorrem na România, mas no Ocidente o prestígio do latim e a unidade cultural determinam mais frequentemente do que nas línguas germânicas solução idêntica.

Também na gramática as duas línguas divergem mais do que as românicas. Enquanto o alemão conserva uma declinação de quatro casos, o inglês só apresenta hoje vestígios do genitivo (nos do-

(48) O purismo reage cedo contra estas influências externas. Veja-se o trabalho de Etienne "Deux dialogues du nouveau langage françois italianizé et autrement desguizé", publicado em 1578.

cumentos mais antigos tem cinco casos). O futuro alemão se forma com **werden**, o inglês com **shall** e **will** (49); a passiva daquele se indica com o auxiliar **werden**, a dêste com **to be**, correspondente ao alemão **sein**. Os intransitivos de movimento e alguns outros têm o auxiliar **sein** no alemão (**ich bin gekommen**), que é excepcional no inglês.

Das diferenças sintáticas mais notáveis lembremos apenas a ordem da frase alemã tão peculiar e diversa da inglesa, e. g., na subordinada: "wenn er nicht geschrieben hat" (if he has not written). Se na Românía ocidental há diferenças, raro são tão radicais (50).

Na Românía o latim, penetrando tôdas as camadas e tôdas as atividades da Idade Média, obriga-nos a tê-lo sempre em mente como fator complementar na formação das línguas neo-latinas do Ocidente, uma segunda fonte delas, por assim dizer. Assim, se, por um lado, podemos subscrever a uma frase como a de Grandgent: "O latim no qual o italiano, como as demais línguas românicas, teve seu início, não é o dos livros, mas a língua popular comum falada pela população mixta do império romano na sua última fase"(51), por outro lado, parece-nos que se deve dar maior ênfase à existência do latim literário ao lado da língua vulgar como fator decisivo na formação das línguas do Ocidente. À pobreza e limitação da língua popular sobrepairava sempre uma forma culta, mais rica, suprindo as deficiências daquela. Isto aconteceu no latim vulgar e certamente na época medieval. Muitas vezes é extremamente difícil separar o que nos veio do uso vulgar do Império e o que devemos à tradição culta, sempre viva e em contacto com a língua do povo. Há um elemento fundamental, alicerçado no latim vulgar. A fonética românica, ponto em que as línguas da família divergem mais profundamente, explica-se por tendências populares, não raro ligadas a substratos regionais; a perda da declinação, da voz passiva, o empobrecimento da conjugação verbal, a preferência dada à perífrase, a ordem fixa, que constituem inovações panrománicas, refletem geralmente origem vulgar. Perdidos tais elementos, as línguas novas apresentariam uma resistência intransponível a qualquer invasão capaz de pôr em perigo o seu novo arcabouço, mesmo que a invasão fosse latina. É provável, porém, que antes da perda final de muitas formas cultas, a tradição literá-

---

(49) No futuro, até o holandês, tão próximo ao alemão, diverge dele, dizendo *ik zal* (= al. *soll*) *antwoorden*. Isto evidencia a variedade de soluções que o mesmo problema pode receber, quando falta um centro linguístico comum.

(50) Naturalmente não atribuímos ao latim tôdas as soluções inovadoras idênticas na Românía ocidental. Não raro as inovações se afastam do latim antigo. Ao lado da língua mãe novas fôrças existem que concorrem com ela.

(51) *From Latin to Italian*, pag. 10.

ria tenha concorrido para a sua conservação, em casos em que um dialeto genuinamente popular as teria eliminado. Não sabemos com exatidão o que era o latim vulgar falado pelas massas. Certo, alguma cousa mais pobre, mesmo na sua estrutura, do que as línguas românicas modernas. O elemento latino conservado pelo romeno é, parece-nos, um dos melhores recursos para a avaliação de suas características.

Como já se disse, e convém relembrar, depois de Constantino o latim culto que contribue largamente para dar às línguas românicas o seu aspecto atual, não é o de Cícero, mas o da Igreja — dos Padres e da Vulgata. Êste fator, ausente na Dácia, ligada desde a sua cristianização à Igreja grega, está sempre presente na România ocidental. Transformado em "língua oficial" de tôda a România católica medieval, êle é a segunda fonte das línguas neolatinas, a ponto de podermos afirmar, sem grande êrro que estas línguas provêm do latim vulgar e do latim eclesiástico medieval.

Um preconceito errôneo pode levar-nos a exagerar a origem popular das formas românicas: é o de que tôdas as formações analíticas são de criação popular. A língua culta, se bem que de um modo geral mais conservadora pela influência da escola e por sua fixação em textos literários, transformados em modelos que se procuram imitar, também inova e evolue. Seria fácil demonstrá-lo na história de qualquer língua, inclusive da latina, onde se encontram inovações próprias à língua literária, como a evolução do subjuntivo de subordinação. Em morfologia estas inovações são necessàriamente analíticas. Sem nos delongarmos, lembremos que perífrases verbais como **habeo scrîbere, scriptum habeo,** se nos deparam em autores clássicos, como Cícero. Embora não se trate ainda de simples instrumentos gramaticais, vemos que a língua culta, pode perfeitamente criar formas que o uso repetido se encarregará de reduzir, pouco a pouco, a este estado. Por outra parte, os dialetos populares se apegam frequentemente a construções sintéticas antigas, como, entre as línguas indo-européias, se dá no lituano com o seu dual e a sua declinação de sete casos (52). Assim nem tudo o que é analítico nas línguas românicas, é necessàriamente vulgar na sua origem.

Resumindo o que dissemos até aquí, o latim literário, conservado na Idade Média, tem um lugar importante na constituição definitiva das línguas românicas. Estas começaram a ser escritas — no Ocidente, naturalmente — por pessoas conhecedoras do latim e habituadas a expressar-se nele. Desde os primeiros textos o modêlo latino devia estar presente. Querendo exprimir idéias recebidas através de canais latinos, os primeiros escritores do romance,

---

(52) Já foi lembrado que o romeno, que mais traços conservou da declinação antiga (sintética), é a língua românica que mais fielmente se ateve ao latim vulgar.

fa-lo-iam em uma língua popular, sim, mas completada com os recursos mais vastos do latim (53).

Latinos são os pensamentos que exprimem, latinos (medievais, naturalmente) são os modelos literários que imitam ou adaptam — em grande parte pelo menos —, latina é em boa parte a matéria e a rima das poesias, latina é tôda a cultura dos que criam e moldam lentamente as línguas românicas escritas, transformando-as em instrumentos maleáveis para a expressão da rica civilização moderna (54).

A importância excepcional do latim na primitiva literatura românica tem-se reconhecido sempre mais. Menendez Pidal, em seu já citado **El Idioma Español en sus Primeros Tiempos**, declara: "nada há mais visível em nossas épocas de origens do que a grande pressão do latinismo sôbre o romance, **pressão muito maior do que a que pôde existir em qualquer época posterior**, mesmo nas épocas mais cultas e cultistas que queremos recordar, como foram os séculos 15 e 17" (pag. 125). Estamos plenamente de acôrdo com a afirmação do eminente romanista espanhol. Também Gabriel Pepe, em sua **Introduzione** observa: "Em Novelino, em fra Guittone, em Dante, vemos como a nossa literatura das origens está ligada às normas da retórica medieval, e longe da ingenuidade, que outrora se atribuía à literatura das origens" (pag. 130, nota). A imitação da retórica medieval é precioso indício de quanto as origens da literatura românica devem ao latim medieval.

Podemos distinguir diversas camadas na contribuição latina erudita às línguas românicas:

1) **Na época pre-carolíngia.** Desde o latim vulgar e durante o tempo do romance antigo, a língua culta em contacto com a popular através da Igreja e do clero principalmente, traria numerosos termos e construções para os dialetos populares. Como estas formas são antigas e se disseminam por tôda a România ocidental, apre-

---

(53) Nenhum texto literário se escreve em uma língua inteiramente vulgar. Um rápido exame de um texto como o da *Peregrinatio* comprova claramente êste fato: a língua é literária, mesclada, embora, de plebeismos.

(54) Pidal observa, a respeito dos jograis, que eles juntamente com os sacerdotes foram os primeiros a sentir a necessidade de cantar no idioma comum do auditório, necessidade que aumentava com o afastamento do romance de sua fonte latina. Partindo do latim, iriam pouco a pouco mesclando elementos românicos, travando as primeiras batalhas para elevarem os romances populares a uma língua artística e culta (*Poesia Juglaresca y Juglares*, pags. 265-267). O mesmo autor critica a idéia errônea de que os jograis fossem grandes ignorantes, notando que muitos deles deviam ter regular ou mesmo boa cultura. O jogral do Rolando, diz êle, devia conhecer direta ou indiretamente a Bíblia, a Eneida, a Farsália (*ib.*, pag. 268).

sentam em geral um aspecto fonético mais ou menos regular, sendo consideradas frequentemente como vindas do latim vulgar.

2) **Na Renascença carolíngia e nos primórdios da literatura românica.** A época carolíngia, com o estudo mais intenso do latim, e de um latim mais perfeito, com as suas numerosas escolas, aumentou muito o número dos latinismos na língua vulgar. Ao surgirem os primeiros textos românicos, o romance se latiniza acentuadamente no vocabulário e certo também na construção fraseológica.

3) **Nos últimos séculos da Idade Média** (séculos 13 a 15). Com o aparecimento das universidades e o cultivo mais intenso da filosofia, da teologia, da história e das ciências, sobretudo através do grande número de traduções do latim para o romance, realizadas agora com zêlo incansável, há uma verdadeira inundação de formas latinas. Basta um ligeiro exame de um dicionário etimológico da língua francesa, como de Dauzat, ou de Bloch e Wartburg, que costumam datar a introdução das palavras na língua francesa, para se ter uma idéia do que significam estes três séculos no enriquecimento do vocabulário românico à custa do latim medieval.

4) **Na Renascença clássica,** que, começando mais cedo na Itália, manifesta o seu efeito latinizador por tôda parte no século 16. Dêste período diz Brunot, notando a contradição entre a teoria e a prática na época: "Na realidade todos, ou quase todos, latinizam. Em princípio cada escritor se opõe aos latinizadores. São raros os que professam a utilidade ou bom gôsto dos empréstimos ao latim" (**op. cit.**, pág. 223). E mais adiante: "A verdade é que do comêço ao fim do século... o latim é o grande reservatório, no qual todos vão suprir-se" (pág. 227).

A imitação do latim era tão comum que levou o primeiro gramático da língua portuguesa, Fernão de Oliveira, a escrever: "Mas nós somos tão grandes bogios dos latinos que tomamos suas cousas sem muito sentir delas quanto nos são necessárias" (55). De fato, estas palavras escritas já em 1536, aplicar-se-iam tanto às épocas anteriores como ao grande século da Renascença. Como já antes observamos, citando uma frase de Pidal, a latinização mais intensa é a dos primórdios dos romances literários.

A latinização da Renascença foi muitas vêzes mais artificial e esporádica, deixando não raro influências menos duradouras do que a da Idade Média. A Renascença é não só época de latinização, mas especialmente de fixação de formas, com o desenvolvimento da conciência nacional. Desde esta época, às vêzes mais cedo, surge mesmo um certo espírito de independência diante do latim, como vimos na frase de Brunot, já citada. Do século anterior temos a interessante observação de D. Duarte a respeito "da maneira pera bem tornar alguã leitura ẽ nossa lynguagem". Diz êle: "Por que muytos

(55) Grammática da Lingoagem Portuguesa, cap. XVI.

que som leterados, nom sabẽ trelladar bem de latym em lynguagem pensey escreuer estes auysamentos para ello necessários... O ssegundo que nom ponha pallauras latinadas, nẽ doutra lynguagem, mas todo seja nosso lynguagẽ scripto achegadamẽte ao geeral boo costume de nosso falar que se poder fazer" (**Leal Conselheiro**, cap. 99).

Um exame das línguas românicas medievais e dos textos revela imediatamente a grande abundância de

LATINISMOS LÉXICOS NOS PRIMÓRDIOS DA LITERATURA ROMANCE. São os mais fáceis de reconhecer pela sua irregularidade fonética, enquanto os latinismos gramaticais se distinguem com mais dificuldade. Formas francesas que se têm reconhecido como fonèticamente irregulares e recentes, entre outras são: **riule**, que supõe **regula**, enquanto o vulgar **regla** deu **reille** (cf. port. **régoa**, de **regula**, e **relha**, de **regla**; **tuile**, do latim **tegula** (cf. it. **tegola**); **aveugle**, de **aboculus**, ao lado de **oeil**, de **oculum**. A evolução normal **-ny-**>**gn** (nh), e. g., **vigne**; **by**>**y**, e. g., **habeam**> **aie**; **dy**>**y**, (como em **inodiare**> **ennuyr**), tem numerosas exceções, nas quais a semivogal passa a **g**. Dauzat explica estas como introduções mais recentes, e. g., **lange** (laneum), **linge** (lineum), **songe** (somnium), etc. (56).

Semicultismos semelhantes ocorrem também em outras línguas, como no espanhol **cabildo** (capitulum), **tilde** (titulum), **rolde** (rotulum) **molde** (modulum); no português, e. g., **cabido, molde, espádoa, artigo** (articulum), **povo**, arcaico **povoo** (populum), **táboa** (tabulam), **mágoa** (maculam), etc. (57).

Os termos de civilização e os eclesiásticos, apesar das transformações sofridas, ligam-se naturalmente à tradição literária, como nos derivados romances das formas latinas: **littera, liber, ratio, abatissa, altare, lectio, legere, scribere, doctus, missa.** Todos êles hesitam, numa região ou noutra, em sua regularidade fonética. Assim **missa** conserva o **i** breve nas duas línguas ibéricas, mas transforma-o regularmente em **e** no francês e no italiano. Um outro fato notável é que tais termos não ocorrem em geral no romeno.

Ao examinarmos os textos medievais românicos, encontramos em todos eles grande número de termos latinos. Tomemos, por exemplo, em espanhol, as **glosas emilianenses** (de San Millan) e **silenses**, consideradas como os mais antigos documentos que se conhecem naquela

---

(56) Dauzat, *Hist. de la lang. fr.*, pag. 65.
(57) Sôbre os exemplos espanhóis ver M. Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, pag. 160.

língua (57 bis). Entretanto, o que se nos depara não é simplesmente o romance popular. A ortografia está notàvelmente alatinada, o vocabulário é muitas vêzes latino, mostrando que os termos usuais das pessoas cultas eram sempre muito mais abundantes e mais próximos do latim do que os populares. Notem-se formas como **pugna** (Emil. 4), **partitiones** (6), **fornicationem** (46), **conjuro** (56), **fortitudine** (57), **castigemus** (79) — cf. fr. **chastier** no século 12; **ajutorio** (89), **omnipotes** (ib), **penas** (104), **plus aspero** (105), **vivificarat** (135) — futuro românico de um verbo erudito — **apostolo** (137); **benedictione** (Sil. 15), **debiles, aflitos** (26), **periuret** (34), **furtus ficieret** (37), **denudaverit** (39), **reliquias** (40), **penitieret** (44), **consilio** (46), **ministrent** (49), **occisiones** (52), **memoria** (60), **grandine** (74), **abortare** (88), **adversario** (96) — no francês **adversaire** desde o século 13 —, **culpaviles** (106), **odioso** (122), **uxoris** (188), **rogarent** (196), **pascere** (235), **pacifiket** (240), **figurat** (266), **interrogat** (267), e muitos outros que seria longo enumerar. As glosas são traduções do latim para o romance e nos revelam como, desde o princípio, a tradução só era possível, usando-se termos familiares do próprio latim medieval com que se supriam as deficiências da língua vulgar.

Se percorremos os versos do poema francês de **Saint Léger**, uma das mais antigas composições literárias daquela língua, encontramos a mesma abundância de latinismos léxicos. De uma rápida leitura registramos (58): **Domine Deu** (v. 1), sancs e honor (v. 2) — notar **o c e o h** na ortografia — (**sanctus** é termo eclesiástico; **honor** é ocidental), **torment** (v. 12) — cf. esp. **tormento**, sem ditongo —; **infans** (v. 13) por **enfes**, prov. **enfas**; **magistre** (v. 22), **bona** (v. 24) — latinismo, ou talvez provençalismo (Linskill); **exultat** (v. 29), **abbas** (v. 30), **perfectus** (v. 23) — Gaston Paris substitue por **parfiz**, certamente porque lhe pareceu estranho o latinismo; **caritet** (ib), **veritiet** (v. 34) — com **i** pretônico, mas transformação do **a** tônico; **humilitiet** (v. 36), **sermons** (v. 35), **gratia** (v. 46), **onorat** (v. 45); **observat** (v. 71), **consentit** (ib.), **dominat** (v. 72), **inimix** (v. 73) — Dauzat dá **ennemi** como empréstimo antigo ao latim —; **encusat** (v. 74), **ira** (v. 75) — bem provàvelmente, embora ocorra geralmente no Ocidente, em data antiga; **pavor** (v. 75) — pelo menos ortogràficamente, cf. **peur**; **celat** (v. 77), **demonstrat** (v. 78), **communiet** — termo eclesiástico —, **castier** (v. 104) — cf. o mais vernáculo, mas não popular, **châtier**; **rex** (v. 113), **confortent** (v. 119),

---

(57 bis) "La Lengua vulgar aparece usada con plena conciencia en las *Glosas Emilianenses*... y en las *Glosas Silenses*" (R. Lapesa, *Hist. de la Leng. Esp.*, pag. 92). Cf. Pidal "los glosadores monacales manifiestan mucho más decidida intención de escribir en romance" (*El Id. Esp.*, pag. 23). À pag. 78 nota que as Glosas Emilianenses são o primeiro texto em que se quer escrever espanhol.

(58) As citações são da edição de Joseph Linskill.

semper (v. 130), **devastar** (v. 132), **flamma** (v. 133), **gladies** (v. 134), **percutan** (v. 134), **tiranz** (v. 152), **perfides** (v. 153), **lingua** (v. 158), **afflicz** (v. 163), **condemnets** (v. 166) — forma mais popular é **condamner** —, **exaudis** (v. 170) — verbo latino eclesiástico; está aquí na 8.ª pessoa do singular do presente —; **pensaez** (v. 170) = **pensés** — notar o **n** antes do **s** —, **carnels** (v. 171), **espiritiels** (v. 172), **anima** (v. 174), **consolament** (v. 174 — Bloch e Wartburg datam o verbo **consoler** do século 13; **visitét** (v. 180) — com um perfeito de forma provençal; **labia** (v. 181), **restaurat** (v. 181) — particípio perfeito de forma provençal; **exastra** (v. 191), **exarserat, furor** (v. 193), **dom** (eclesiástico, certamente), **claritet** (v. 201), **conlauder** (v. 210), **causa** (v. 208) — latinismo ou provençalismo (?), **prediat** (v. 213) — é um perfeito, cf. **prêcher,** posterior, do qual diz Dauzat "emprunt ancien au latin"; **lucrat** (v. 214), **occidere** (v. 220) — G. Paris crê que o latinismo é apenas ortográfico, mas Linskill prefere a forma latina; **decoller** (v. 222), **absols** (v.(226) — é do latim eclesiástico e jurídico.

A mesma abundância se encontraria no Saint Alexis, outro poema francês antigo, baseado em um original latino. Para uma referência ao português, vejam-se os numerosos latinismos da **Regra de S. Bento,** traduzida pelos fins do século 14 e editada por J. J. Nunes na Revista Lusitana (vol. XXI, pags. 91 a 145). Entre os do tradutor e outros que já eram usuais, notemos, para citar apenas alguns: **enfirmydades, piedade, ocupado, mũdicias, refeiçom, raçõ** (semierudito?), **festivaaes, visitar, demostrar, pacientemente, merito, canônicas, silencio** (por **seenço**), **hedificar, menor, temperança, scrupulosidade, austinençia, genesis, vindicta, notificada, publicar, ouciosidade, signo, participar, impedimento, religiosos, humanydade, continuar, inquietados, invidia** (jnuydia), **color, peculio, ofender, reverença, clamar, celestial, descendiã** (= desciam), **açendimento, perverso, purgar, plazer** (ortográfico), **persecuções, vituperar, oratorio, agro** (= campo), **quarto, quinto, sexto, septimo, oytavo, nono, decimo, undecemo, duodecimo** (os numeraris ordinais portugueses são todos de formação erudita, exceto os três primeiros), **digeston, vigilias, repetir, hymnos, capitolo, regla, laude, culpas, solicito, fugitivos, hospedes, sacerdotes, peregrinos, preceptos, gloria, proposito, perpetuo, salvo, propheta, teptaçõoes, glorificar, officio, pugnar, numero, examinados, diabólicas, ordinar, adoptivo, punido, congregaçõ, diligencia, necessaria, hydonios, contrairas, presumir, unidade, negligentes, arduo, blandas, qualidade** (sufixo vernaculo, mas adaptação do latim **qualitas**), **transitorias, subditos, presũçõ, prouximo, adulterio, orar, misericordia, voto, molestias, deliberação, obligado, créligo, superfluo, viçioso, prerogativa, reputar, ultimo, discordias, adulatores, remedio, ignorancia,** e muitos outros. Não se esperou, portanto, a renascença para latinizar os romances. Como vemos, já a Idade Média havia inundado estes de inumeros latinismos.

Esta penetração latina, medieval e posterior, é naturalmente maior nas grandes línguas literárias do Ocidente, português, espanhol, francês e italiano, mas não se limita absolutamente a elas. O vocabulário latino, medieval, sobretudo, tornado panromânico, invade todos os dialetos, principalmente quando estes têm uma literatura, por mais incipiente que seja. Assim, os mesmos latinismos encontram-se igualmente no provençal, no catalão, no rético, etc.. Em pequeno trecho moderno do rético, citado por Luzzi (59), anotamos: **unica, spirituals, pussibel, preparar, benedicziun, importanza, considerazion, necessari, famiglia, privadas, norma, conduita** (galicismo), **correspuondan, relativs, linguachs, text, durante, secul, vertida, resultat, moderns, dependa, impuoner, sacrifizi, benefizi, recognuschentscha, affars** (galicismo), **inspiraziun, correligionaris, ediziuns, exausta, avegnir** (cf. fr. **avenir**), **reformats, versiun, stimar, accumplida, exingenzas, program**, etc.. O exame dêste vocabulário é interessante, porque nos revela não só latinismos comuns a todas as línguas do Ocidente, mas indica a unidade léxica destas línguas pela abundância de formas ou significações italianas e francesas, a cuja influência poderosa os outros dialetos estão particularmente expostos.

Concluindo êste capítulo sôbre o latim medieval, vemos que o romance continuou a tradição do latim vulgar, considerando o latim literário como sua forma culta por excelência, porisso, enriquecendo-se e aperfeiçoando-se contìnuamente por meio dele.

III O PRESTÍGIO CULTURAL DO FRANCÊS NA ROMÂNIA MEDIEVAL

Concluímos o estudo histórico da unidade românica ocidental com um exame do francês na Idade Média e da sua contribuição às

---

(59) Em seu livro *Dall Alba al Tramonto*, pags. 159 s. A mesma influência latina e culta se evidencia no veglioto, dialeto morto da Dalmácia. Se é verdade que êle representa, em sua orígem, uma espécie de dialeto de transição entre o italiano e o romeno, entretanto, por ter permanecido ligado à România Ocidental contìnuamente, êle apresenta, em geral, as mesmas inovações mais recentes das outras línguas que estamos considerando. E' o que se percebe, com facilidade, pelo exame dos minguados restos dêste dialeto de que temos notícia. Assim, encontramos numerosos germanismos, italianismos, latinismos e mesmo galicismos, através do italiano certamente. Para demonstrá-lo basta lembrar palavras como *affuór* (it. *affari*) — é um galicismo em sua orígem —, *balcáun* (it. *balcone*), *bandunúre* (it. *abbandonare*), *blank* (it. *bianco*), *botáile* (it. *bottiglie*, êste de origem francesa), *cumpanája* (it. *compagnia*), *cuntrabuánd* (it. *contrabbando*). Notem-se ainda formas eruditas fàcilmente reconhecíveis, como *defendár, frabicuár, onipotiánt, purgatóri, santificúr*, etc. Como observamos adiante, também aí ocorrem os advérbios em — *mente* (miánt).

línguas irmãs. Em certo sentido, êste prestígio pertenceu também ao provençal, mas linguìsticamente é muitas vezes difícil separar as duas influências e, porisso, preferimos considerar em conjunto a influência da França e, de um modo especial, do dialeto do norte, que cedo absorveu em si todo o prestígio da nação.

Poderíamos deter-nos a considerar contribuições italianas e ibéricas, mas, considerando a época de formação, trataremos especialmente da França, pois como logo veremos, ela ocupou uma posição de indiscutível hegemonia política e cultural na Europa, até a Renascença, quando a Itália, por algum tempo, conseguiu ofuscar, ao menos literàriamente, a sua glória.

O ponto de partida de uma Europa nova é a França carolíngia, que, tentando reviver o império romano, de fato constitue o início de um novo nacionalismo e de uma nova cultura, que se vai alastrando com o tempo aos demais povos da Europa. Desde Carlos Magno e, especialmente com êle, o novo império absorve em si o prestígio e a grandeza do antigo, pois que almeja à ressurreição daquele, principalmente do império cristão de Constantino. O papa Adriano refere-se a Carlos Magno com estas palavras: "Ecce novus Christianissimus Dei Constantinus imperator his temporibus surrexit" (60). Constantino era o verdadeiro fundador do império para os acadêmicos de Aix-la-Chapelle como para os clérigos de Latrão, diz Calmette.

Mas a importância do novo império não está em uma especulação mais ou menos teológica. Aliás, o título imperial passa mais tarde a herdeiros de Carlos que governam a Alemanha, sem que a França perca seu lugar saliente na Europa medieval. A princípio, além do título imperial, vem a imensidade de poder político e a extensão do território. Carlos reúne, sob o seu domínio, sucessivamente tôda a França, o norte da Itália e depois o centro, com a vitória sôbre os lombardos, grande parte da Alemanha, pela luta vitoriosa contra os saxônios e outros povos, e, por fim, mesmo uma parte do norte da Espanha. O novo império vive tranquilo e em paz, sem ameaça de rivais externos ou perigos internos, e pode dedicar-se, com zêlo, à obra construtiva de organização e de cultura.

Sôbre a influência imediata do império carolíngio nas regiões vizinhas lembremos as palavras de Calmette: "Afonso, rei das Astúrias e de Galiza, usufrue da segurança que lhe proporciona o poder carolíngio e evidentemente êle e o seu povo passam a gravitar dentro da órbita irresistível da política franca (61).

Ainda depois, quando o território imenso dominado por Carlos Magno se divide entre os herdeiros, a França conserva a sua posição de centro político e cultural mais importante da Europa. A

(60) Calmette, *Charlemagne*, pag. 134.

(61) Calmette, *Charlemagne*, pag. 168.

França constitue uma nação, apesar de imperfeitamente centralizada durante o período áureo do feudalismo, enquanto a Itália continua dividida e vítima de ambições políticas externas e a Ibéria está envolvida na luta de reconquista contra os mouros.

A França é o berço de instituições políticas e sociais que se disseminam em todo o Ocidente. Lá se constitue o feudalismo com elementos germânicos combinados com velhos costumes sociais e econômicos da última fase do império romano. Esta sociedade feudal tem por tôda parte os mesmos costumes e a mesma terminologia. Outra instituição da época, a cavalaria, surge alí e dalí se espalha. É ainda a França o centro das cruzadas, que apaixonaram a Europa medieval por quase dois séculos. Com sua prosperidade e as suas indústrias tornou-se um dos principais pontos do comércio medieval. Já antes nos referimos às famosas feiras da Champanha.

Carlos Magno reformou o sistema de pesos e medidas e a moeda. Essas reformas se impuseram na Europa, sobrevivendo até o aparecimento do sistema métrico (a sua divisão da libra em duzentos e quarenta denários subsiste até hoje na Inglaterra).

Não se limita, porém, à política e à organização social o prestígio francês. Como observa C. Michaelis, "a influência civilizadora que a França exerceu nos séculos 11, 12 e 13 e novamente, embora de outro modo, nos séculos 16 e 15 (sic), foi realmente grande" (**Lições**, pag. 308). De fato, esta influência começa mais cedo, se bem que alcance o climax nos séculos citados da Idade Média. Já nos ocupamos dos estudos latinos da Renascença carolíngia e das numerosas escolas criadas por Carlos Magno. Estas chegaram logo a um brilho incomparável e a uma grande fama internacional. Sobretudo Paris com a sua universidade, onde se reuniam os estudantes e professores de tôda a Europa cristã, a capital do pensamento filosófico e teológico do mundo católico por alguns séculos. Já lembramos Montpellier, o grande centro europeu dos estudos médicos após a decadência de Salerno pelos fins do século 12.

Basta um rápido exame de uma história do pensamento medieval — teologia ou filosofia — para se ver a posição única da França neste campo. Dos grandes nomes da época quase todos são franceses ou de pessoas que estudaram ou ensinaram na França. Citemos alguns nomes. Depois do grupo criador da Renascença do século 9 — Alcuíno, Paulo Diácono, Teodulfo e outros, — surge uma plêiade de sábios, pensadores, filósofos e teólogos, que orientaram a vida cultural européia do século 9 até 14. Tais são, entre outros (62): **João Escoto Erígena** (morto em 880), irlandês, que ensinou por mais de trinta anos na Escola Palatina, o filósofo mais célebre do seu tempo, conhecedor do grego, quando o "graecum est, ergo non legitur" era uma realidade universal no Ocidente;

---

(62) Nesta lista servimo-nos especialmente do magnífico trabalho de Gilson, *La philosophie au moyen âge.*

Eiric d'Auxerre (841 — 876), poeta latino e autor de vários trabalhos filosóficos; **Remi d' Auxerre** (841 — 908), discípulo do anterior, gramático e comentador de Boécio e de Marciano Capela; **Bernard de Chartres** (1124 a 1130), "o primeiro grande nome da Escola no campo da filosofia"; **Gilbert de Porrée** (1076 — 1154), chanceler da Escola de Chartres e depois de Poitiers, metafísico afamado; **João de Salisbury** (1110? — 1180), inglês instruído na França, que morreu como bispo de Chartres, grande erudito, que revela influência ciceroniana, filósofo com uma dose de agnosticismo; **Anselmo de Cantuária** (1033 — 1109), que, natural de Aosta (Itália), viveu em Bec (Normandia), onde foi abade até a sua nomeação para a sede episcopal de Cantuária, e foi um dos mais célebres filósofos medievais; **Gaunilon** adversário de Anselmo na filosofia, monge de Marmontiers; **Roscelino** (morto em 1120), campeão do nominalismo e cônego de Compiègne; **Guilherme de Champeaux,** mestre de Abelardo e campeão do realismo, foi professor em Paris e depois bispo de Châlons; **Abelardo** (1079 — 1142), o famoso pensador heterodoxo, que atraía multidões por onde quer que andasse, ensinou em Paris principalmente.

O mosteiro agostiniano de São Vítor (em Paris) constitue uma escola de tradição mística, contrária à dialética ousada de Abelardo. Daí são **Hugo de Blankenburgo** (falecido em 1140), monge alemão, e **Ricardo de São Vítor** (morto em 1173), escocês, mas que chegou a prior do mosteiro em Paris. **São Bernardo de Clairvaux** (1091 — 1153), nascido perto de Dijon, fundou a abadia de Clairvaux; foi famoso adversário de Abelardo e pregador da segunda cruzada. **Berengário (Berenger) de Tours** (998 — 1088) é racionalista, subordinando a autoridade da fé à razão (Messer, **Hist. de la Filosofia,** I, pág. 24, nota). **Alain de Lille** (morto em 1203), foi professor em Paris e autor de um sistema dogmático pelo método matemático. **Pedro Lombardo** (falecido em 1164), natural da Lombardia, estudou em Bolonha, mas indo depois à França, lecionou teologia em Paris e chegou a bispo da mesma cidade. Os dois famosos teólogos dominicanos, **Alberto Magno** e **São Tomás de Aquino,** alemão o primeiro, o segundo italiano, ensinaram durante algum tempo em Paris. A lista dêstes nomes seria quase inesgotável e inclue, por assim dizer, todos os grandes nomes da filosofia medieval. A França é o centro por excelência do escolasticismo e a mentora do pensamento europeu da época. Por tôda parte na România havia pensadores, teólogos, professores e escritores formados nos grandes centros culturais franceses, sobretudo em Paris.

O monasticismo já antes referido, tem na França um dos principais ou o principal centro de irradiação. O movimento de Cluny, iniciado na abadia beneditina do mesmo lugar, no comêço do século 10, por Guilherme o Piedoso, espalhou-se ràpidamente pela Europa cristã, produzindo uma reforma religiosa e cultural intensa em milhares de mosteiros a êle filiados. Outra ordem de larga dis-

seminação na Idade Média, a dos cistercienses, surge da França. Foi ela criada pelo abade beneditino, Robert de Champagne, que a fundou primeiro em Molesme, e depois em Citeaux (Cister), em 1098. A ordem recebeu o seu maior impulso com São Bernardo, "a mais alta personalidade da Igreja no século 12" (63). Por 1300 contava a ordem nada menos de 700 mosteiros para homens e outros tantos, ou mais, conventos para mulheres. A ordem dominicana, fundada em 1215 por São Domingos, teve início em Tolosa, no sul da França.

Passemos à arte. Aquí também a França medieval tem o primeiro lugar. Só na Renascença o centro se desloca para a Itália. A arquitetura é a grande arte da época — a das suntuosas catedrais que ainda enchem de orgulho muitas cidades modernas da Europa. Dois estilos dominam nesta arquitetura: o **romano** e o **gótico.** Ambos se constituem na França e daí se espalham pelos países vizinhos. O estilo romano parece ter surgido de imitações imperfeitas da capela de Aix, de estilo bizantino, mandada construir por Carlos Magno. Aproveita-se, na imitação, a idéia da cúpula de Justiniano, sobrepondo esta á nave da basílica. Os séculos 9 e 10 aperfeiçoam esta combinação (64). Na França as mais belas e antigas igrejas dêste estilo ficam ao sul do Loire.

O novo estilo propaga-se largamente pelos monges de Cluny, cuja imensa igreja abacial foi imitada por tôda parte, até na Terra Santa (65).

O estilo gótico, apesar do nome, tem também origem francesa. O nome atual foi-lhe dado para opô-lo ao estilo romano e deve-se a Rafael. Já se propôs chamar-lhe **arte francesa.** S. Reinach observa: "E' quase certo que os primeiros monumentos góticos se erigiram em **Ile de France** e na Picardia. No sul, onde a luz é mais abundante e a tradição de Roma mais viva, adotou-se de preferência a basílica romana" (op. cit., pag. 112). Na Alemanha esta arte apareceu no comêço do século 13. Assim, segundo Reinach, está demonstrado, acima de tôda contestação, que a arte gótica francesa precedeu a alemã de um século mais ou menos, pois que Morienval provou a existência dela na **Ile de France** em 1115. Do norte da França o novo estilo propagou-se principalmente pelos monges de Cister, chegando à Alemanha, à Itália, à Espanha, a Portugal, etc., embora menos comum na Itália do que em outros países. Não podemos deixar de registrar também a importância das ordens religiosas como disseminadores de artes arquitetônicas, o que revela bem a missão cultural das mesmas na Idade Média.

Também não se deve esquecer que a grande vitalidade do latim medieval, já antes referida, é, em boa parte, resultado da

---

(63) Calmette, *Le monde féodal*, pag. 237.

(64) Calmette, *Charlemagne*, pags. 262s.

(65) S. Reinach, *Apollo*, pag. 110.

cultura francesa da época. Como observa J. Evans em sua **La civilisation en France au moyen age**, "o latim escolástico é uma língua viva que deve a sua vitalidade à França" (pag. 183).

Os fatos aquí ligeiramente apontados, podem dar-nos idéia do alto prestígio cultural da França entre as nações românicas medievais, mas é preciso fazer menção de um fato mais decisivo para a sua influência linguística. Referimo-nos à importância literária da França medieval.

Um fato da mais alta significação: foi na França que primeiro se usou o romance para fins literários — no francês e no provençal. O documento românico mais antigo que possuímos é o **Juramento de Estrasburgo**, de 842. Pouco depois surgem obras de intenção literária mais definida, como a **Cantilena de Santa Eulália**, de fins do século 9, **Passion du Christ**, de fins do século 10, em um dialeto mesclado de francês e provençal, **Vie de Saint Léger**, da mesma época, **Vie de Saint Alexis**, dos meados do século 11, e já pelos fins do mesmo século a **Chanson de Roland**, "o mais esplêndido documento da antiga literatura francesa".

Um tanto mais tardios são os documentos provençais. Começam a aparecer pelo século 11, e g., com a **Chanson de Sainte Foy d' Agen**, dos meados do século 11, de Narbona, o **poema de Boécio**, o mais antigo documento provindo da Provença, em um MS do século 11, o **Alexandre Magno**, etc.. Pelo comêço do século seguinte surge Guilherme VII, conde de Poitou e IX duque de Aquitânia, que inicia a série brilhante dos trovadores.

Mais tardios são os documentos romances de outras regiões. O **Poema del Cid** data de 1140 mais ou menos, enquanto em Portugal a primeira poesia de que se fixa data certa é de 1189, composta por Pai Soares de Taveirós. Na Itália tardam ainda mais a surgir os textos literários pela razão muito simples de que a tradição literária latina, mais forte aí, relegou a uma situação de inferioridade os dialetos vulgares (66). Apesar de pequenas inscrições encontradas desde o século 10, só na segunda metade do século 13 se pode falar em verdadeiros monumentos literários.

A anterioridade da literatura vulgar na França não podia deixar de ter importância, transformando o francês em uma espécie de modêlo para as línguas irmãs.

Mais importante do que isto, a França foi, até o triunfo da Renascença italiana (século 15), a fonte de tôdas as modas literárias dominantes na Romênia. O norte da França, com as suas canções de gesta, cria as epopéias em tôrno dos três ciclos — especialmente o carolíngio, e os romances, sobretudo os bretões e os antigos, — Os **Fabliaux**, narrativas curtas de caráter geralmente satírico e popular, os **ysopets** (coletâneas de fábulas), os romances alegóricos, como o famoso **Roman de la Rose**, os dramas litúrgicos e as farsas

(66) Savi-Lopez, *Orígenes Neolatinos*, pag. 323.

surgem aí. Da França são os modelos da história, como Geoffroy de Villehardouin, falecido em 1213, célebre por sua **Histoire de la Conquête de Constantinople,** que já denota imitação dos historiadores latinos, como Jean de Joinville, morto em 1319, autor da **Histoire de Saint Louis,** e Jean Froissart, autor de várias crônicas. Estes gêneros são os modelos de grande parte da literatura medieval românica. Ninguém ignora a popularidade da epopéia francesa por tôda parte.

Igualmente conhecida e imitada na Espanha, em Portugal e na Itália era o lirismo dos trovadores provençais com a sua variedade de **chanzós** (canções de amor), **sirventês** (composições críticas e satiricas), **tensós** (diálogos ou controvérsias entre dois trovadores), os **planhs ou plangs** (espécies de lamentações ou elegias amorosas), **albas e serenas** (cantos da manhã e da tarde respectivamente), **pastorelas** (idílios entre o poeta e uma pastora), **bailadas** (de baile), **barcarolas** (de assuntos marítimos), os **descorts** (poesias amorosas em que o poeta lamenta uma paixão não correspondida), etc.. Esta poesia provençal teve grande voga até os fins do século 14, a ponto de se falar mui comumente em um período provençal, e. g., na literatura portuguesa.

Diante disto não é de admirar que o francês, e também o provençal, gozassem de alto prestígio em tôda a România. Brunetto Latini, italiano do século 13, justifica-se de escrever em francês, dizendo que vive na França, mas acrescenta: "et l' autre (sci. raison) por ce que la parleüre est **plus delitable et plus commune à toutes gens**". Outro escritor, êste veneziano, se refere ao francês com estas palavras: "la langue française **cort parmi le monde, et est la plus délitable à lire et à oir que nule autre**" (67).

INFLUÊNCIA FRANCESA NO EXTERIOR — Interessam-nos aquí apenas a Itália e a Ibéria, territórios de línguas neo-latinas. No norte da Itália há, durante a Idade Média, verdadeira invasão do francês. Dante censura os italianos "che commendono lo volgare altrui, e lo proprio dispregiano" (**Conviv. I, XI, ap. Brunot,. op. cit.,** I, pag 397).

De fato, os imitadores italianos dos poetas franceses e provençais usavam a língua dos seus mestres transalpinos. Se o toscano apresentava maior resistência, a Lombardia, a Venécia e a Emília e, em geral, tôda a Península, submetiam-se à influência estrangeira, tornando-se o francês e o provençal línguas comuns dos poetas.

O Piemonte estava particularmente exposto a esta influência. Durante a Idade Média o francês é tão usado aí como o piemontês e mais do que o toscano. Muitas obras piemontesas são escritas em francês. Ainda em 1560 o francês é usual nas côrtes de justiça.

---

(67) E' Martino de Canale. Os dois passos citados vêm em Brunot, *op. cit.*, I, pag. 405.

Em Nápoles os angevinos fazem do francês a língua oficial por 50 anos (século 13).

Na Venécia e na Lombardia o provençal tem maior influência a princípio, mas depois o francês se impõe e a sua hegemonia literária prevalece até o século 16. Lembre-se que o famoso aventureiro veneziano, Marco Polo, escreveu em francês a narrativa de suas viagens. O grande número de MSS de epopéias e romances franceses e de poesias provençais escritas por copistas italianos é também eloquente indício do interêsse despertado pela literatura francesa e provençal na Península.

Brunot, a quem devemos estas informações, entende que estes fatos pouca significação linguística teriam. Diz êle: "Como nas províncias setentrionais o francês nunca foi, ao que parece, falado senão excepcionalmente, não pôde êle influenciar profundamente o italiano...; parece, pois, inútil tentar determinar aquí, mesmo aproximadamente, os resultados linguísticos, aliás bem mal conhecidos, de uma influência tão claramente artificial, tão distintamente fictícia e convencional" (68). Como adiante veremos, há, contudo, inovações linguísticas românicas, pertencentes a êste período medieval, e, segundo pensamos, a larga disseminação do francês pode servir para explicar a propagação destas formas por tôda a România ocidental.

Passemos agora à Ibéria. Se o francês não serviu aquí para produções literárias em lugar das línguas nacionais, o prestígio da literatura francesa e o contacto constante com a França determinaram uma grande influência francesa sôbre as línguas da Península.

O próprio latim da Península se enriquece como reflexo da Renascença carolíngia e do movimento de Cluny. No século 9, Afonso III se deixava seduzir pelo brilho da côrte carolíngia e "parece mesmo que foi casado com uma princesa franca" (Pidal). Na côrte de Oviedo encontra-se já um comes palatii como na côrte franca. Nos documentos do tempo há sinais evidentes de comércio com a França na moeda circulante e em objetos franceses mencionados nos textos (69).

Na obra de reconquista há grande contribuição dos franceses. A entrada de estrangeiros é favorecida desde o século 11; os franceses vêm em grande número. Estabelecem-se na Espanha, principalmente ao longo da estrada do norte, que leva dos Pirinéus a Santiago, constantemente percorrida por numerosos peregrinos que formam aí bairros franceses nas cidades (70), e. g., em Pamplona, Estella, Losarcos, Logroño, etc.. O número de franceses ao

(68) *Op. cit.*, I, pag. 406.

(69) Pidal, *El Idioma Esp. en sus Primeros Tiempos*, pag. 55.

(70) Lapesa, *Hist. de la Leng. Esp.*, pag. 95 e Pidal, *op. cit.*, pag. 72.

longo da referida estrada dá-lhe o nome de "caminho francês". Com a dinastia de Navarra (Sancho o Maior e seus sucessores) firma-se a influência transpirenaica. O poderio árabe se restringe ao mesmo tempo. Sancho introduz a reforma cluniacense em San Juan de la Peña e outros cenóbios e esta espalha-se prontamente pelos principais mosteiros do país. Seu filho, Fernando I, amigo dos estudos, era admirador entusiasta do movimento de Cluny. As duas filhas de Afonso VI casaram-se com príncipes franceses; de um deles ainda falaremos. No seu tempo cresce a imigração francesa; vêm numerosos bispos e abades. Em algumas cidades, como Oviedo, Toledo (71), Avilês, etc., os francos tinham juízes e meirinhos próprios. Um cluniacense, Bernardo de Sédirac, é nomeado abade de Sahagún (1080) e depois primeiro arcebispo de Toledo. Em 1097 trouxe êle grande número de monges cluniacenses, que passaram a ocupar cargos não só em Toledo, mas em sedes episcopais importantes: Osuna, Segóvia, Palência, Zamora, Santiago, etc., contribuindo para a restauração da gramática latina e demais estudos entre o clero espanhol (72). Cavaleiros franceses vêm na mesma época para ajudar no combate aos mouros. Os séculos 12 e 13 marcam o apogeu da imigração transpirenaica, favorecida ainda pelo casamento de reis espanhóis com princesas francesas e provençais.

A influência francesa se revela ainda na escrita, onde se substitue a velha letra gótica pela francesa, primeiro em Navarra e depois em Castela. Pidal atribue a êste acontecimento grande importância como fator determinante do olvido da literatura do passado e da influência predominante da literatura francesa (73).

INFLUÊNCIA FRANCESA EM PORTUGAL — E' igualmente forte desde o berço da mornaquia. Da França vem a primeira dinastia real. D. Henrique, que se casou com Teresa, filha de Afonso VI, recebendo o condado portugalense entre o Minho e o Mondego, era senhor de Besançon e primo de Raimundo de Borgonha, que recebera a Galiza. O seu filho, Afonso Henriques, tornou-se o primeiro rei de Portugal independente. Da França vieram, na época, prelados, como o bispo de Braga e o de Coimbra, nomeados ainda por Afonso VI.

Cavaleiros francos numerosos se estabeleceram no país desde o tempo de D. Henrique. Assim surge a vila de Francos em 1094. Póvoa do Varzim é fundada por um certo Guterre. O conde concede residência aos francos junto dos passos reais em Guimarães. Os seus sucessores continuaram favorecendo a imigração francesa, tanto Afon-

---

(71) Pelo século 13 tinha Toledo 3 núcleos de população: moçárabes, castelhanos reconquistadores e colonos franceses.

(72) Pidal, *op. cit.*, pags. 87s.

(73) Pidal, *op. cit.*, pag. 87.

so Henriques como Sancho I. O primeiro doou várias localidades aos imigrantes; Sancho I enviou agentes que diligenciassem a vinda de colonos, especialmente franceses, doando-lhes novas terras.

Além dos colonos, que constituem geralmente uma classe de escol, continuavam as relações da côrte com a França. Os dois monarcas mencionados casam-se com princesas francesas ou afrancesadas. Afonso III, no século 13, residiu longamente na côrte francesa com numerosa comitiva de nobres. Foi êle quem instituíu em Portugal um regime áulico à moda francesa. D. Diniz foi educado por Aiméric d' Ebrard, de Cahors.

Monges e clérigos, vindos da França, fixam-se em Portugal em grande número. Daquí vão muitos estudar na França.

Exemplo ilustrativo da grande influência francesa no oeste da Península temos no famoso santuário de Santiago de Compostela. Aí encontramos muitos peregrinos franceses, um bispo cluniacense, arquitetos franceses como Rotberto e Bernardo, segundo os nomes indicam. Franceses são numerosos autores dos ofícios novos aí introduzidos no comêço do século 12, bem como das melhores cantilenas dos peregrinos jacobitas.

O comércio marítimo com a França tornou-se logo bastante intenso, quer pelo sul, quer pelo norte, com as nações de língua d'oil, e com os anglo-normandos. Mercadores portugueses iam a Flandres, levando mel, passas, azeite, sal, farinha e amêndoas, e trazendo de lá sirgarias e sobretudo fazendas do norte da França.

Sabida é a enorme influência literária francesa, tanto a da língua d'oc como a de língua d'oil. Do prestígio da poesia provençal temos evidência nesta censura que Afonso X de Castela dirige ao poeta Pero da Ponte:

> **"Vós nom trobades como proençal,**
> mais como Bernado de Bonaval" (Canc. Vat., 70) (73 bis).

O que devia significar esta múltipla influência, política, comercial, eclesiástica, artística e cultural em seus variados aspectos, para a formação linguística das línguas românicas em sua fase inicial é fácil de imaginar.

OUTRAS INFLUÊNCIAS — Naturalmente o francês não tem o privilégio exclusivo desta influência sôbre as línguas irmãs, se bem que o lugar excepcional que ocupou entre as línguas românicas na Idade Média com a sua grande influência cultural, lhe tenha dado um prestígio único, justamente na época de formação das

---

(73 bis) Sôbre a influência francesa em Portugal ver as numerosas notas e referências de Carolina Michaelis no volume II do seu erudito trabalho a respeito do *Cancioneiro da Ajuda.*

línguas literárias irmãs, a época em que estão mais sujeitas a influências externas.

Ao lado do francês, o **italiano** gozou de especial prestígio literário, na época da Renascença, levando ao estudo intenso da sua literatura. Como resultado, mesmo a França foi inundada de italianismos. Naturalmente também a Ibéria — Espanha e Portugal — recebeu esta influência, muitas vezes através da França. A primazia italiana em certos ramos da atividade e conhecimento permitiu-lhe fazer uma contribuição abundante para o vocabulário românico ocidental. Na Idade Média, venezianos, genoveses, pisanos e outros, são famosos navegantes, mestres da arte para as nações vizinhas. Já em 1120 o arcebispo de Santiago, Diego Gelmirez, chamou pessoas de Pisa para lhe construírem barcos, afim de combater os corsários que infestavam as costas da Galiza. De Gênova veio o primeiro almirante, Micer Pezagna (74) para Portugal.

Também teve a Itália posição privilegiada nas artes, na música sobretudo. A vida comercial das cidades italianas na Idade Média proporciona grande número de termos novos às outras línguas.

Entretanto, a influência italiana foi sempre mais estritamente léxica, ao passo que a francesa, segundo cremos, não raro foi além dêste limite, como adiante veremos.

Ainda em referência ao vocabulário, lembremos que o português e o espanhol são frequentemente os introdutores de termos árabes na Romania medieval e mais tarde os principais introdutores dos termos americanos e asiáticos, durante as descobertas marítimas do século 16.

O ISOLAMENTO DO ROMENO — M. Bartoli observa que o romeno é a língua românica que registra o maior número de arcaismos e inovações peculiares. Diz êle: "Ora, como se viu no ensaio **Para a história da língua da Itália** (**Archivio**, XXI, §§ 1 e 5) os exemplos semelhantes a **lingula** e **lucru** (peculiaridades romenas) são muito mais numerosos do que os semelhantes a **flos ille**, (masc.) e **mucca, mentum e acheter, comedere e callar** (de outras regiões). Por outras palavras, a Dácia contrasta com o resto da Europa neolatina mais frequentemente do que o fazem a Itália, a Galia e a Ibéria entre sí" (75) e sôbre as causas destas inovações peculiares junta: "Os exemplos semelhantes ao tipo **lucru** são mais numerosos do que os semelhantes ao tipo **mucca, acheter** e **callar**, por diversas razões, mas pricipalmente porque a língua da Igreja, da Escola e do Tribunal, em suma, a língua escrita da Europa Ocidental foi por séculos o latim e êle obstou ao florecimento abundante de inovações como **mucca, acheter** e **callar**" (**op. cit.**, pag. 5)

(74) C. Michaelis, *Lições*, pag. 305.

(75) *Archivio Glott.*, XXXIV, pags. 4 e 5.

Não são, porém, apenas as inovações romenas que se hão de explicar pelo isolamento da língua. A perda de formas latinas e a ausência de inovações românicas na Dácia se devem à mesma causa: o não ter participado ela da intensa unidade social que prevaleceu no Ocidente. Também não se deve limitar ao vocabulário o resultado dêste isolamento. Geralmente êle concorreu também para numerosas diferenças gramaticais entre a Dácia e as outras regiões da România.

Deixando para mais tarde a exemplificação destas diferenças, queremos aquí apenas observar que com o reatamento das relações da România com o Ocidente no século 19, se realizou um trabalho de intensa relatinização da língua, sobretudo, mas não exclusivamente, léxica. Além dos numerosos termos latinos, também muitos galicismos, principalmente os que já tinham sido generalizados em tôda a România ocidental, penetraram no romeno. Demais também existem italianismos numerosos.

O prestígio do francês e do italiano não são a causa única desta transformação. Causa importante foi o sentimento de latinidade eterna reflorescente na língua isolada, por tantos séculos, de sua fonte. Hoje, quando o romeno gravita na órbita da política eslava, não sabemos qual será a evolução futura da língua romena, que tende, de novo, a afastar-se de suas irmãs.

CONCLUSÃO — O ligeiro estudo histórico que acabamos de fazer pôs em evidência a unidade cultural do Ocidente românico, unidade que favorece a circulação de numerosas formas linguísticas por tôdas as línguas da região. Vimos também que a fonte principal que contínuamente proporciona material necessário para o enriquecimento de tôdas as línguas românicas ocidentais é o latim, medieval principalmente. Êste é depois completado pela língua francesa, a irmã mais velha desta família linguística em formação.

Naturalmente com o progresso e amadurecimento cultural destas línguas, tôdas elas contribuem, sobretudo no vocabulário, para o patrimônio comum, ocupando o italiano um lugar particularmente saliente ao lado do francês, durante o Renascimento clássico sobretudo.

Cabe-nos agora estudar os resultados dos fatores referidos na evolução das línguas românicas do Ocidente, com algumas referências à latinização do romeno moderno. Consideraremos, sem pretendermos ser exhaustivos, uma série de característicos comuns a tôdas estas línguas, os quais devem ter a sua explicação nesta unidade de cultura e de sentimentos e na conciência de latinidade, que elas nunca perderam.

O VOCABULÁRIO ROMÂNICO OCIDENTAL

Não nos deteremos muito longamente na consideração do vocabulário culto neo-latino, exceto para salientar alguns aspectos que façam ressaltar melhor a unidade linguística do Ocidente. Todos reconhecem como fato evidente que grande parte do vocabulário românico tem a sua origem no latim medieval erudito e não na língua vulgar do império.

Distinguiremos neste estudo os **empréstimos de palavras, os empréstimos semânticos** e a **formação de palavras.** A unidade da România moderna manifesta-se principalmente aquí e, como veremos logo, na formação de palavras. Para muitos autores esta unidade cinge-se quase exclusivamente ao vocabulário e a algumas construções sintáticas. É natural que o vocabulário tenha um lugar central neste enriquecimento posterior das línguas neo-latinas. Apesar da importância dada muitas vezes à estrutura de uma língua (morfologia e sintaxe), não é ela que constitue a riqueza cultural da língua. Línguas de estrutura muito diversa podem exprimir com a mesma facilidade, quase sempre, a mesma riqueza de pensamentos profundos: o sânscrito, o grego, o latim, o árabe, o hebraico, o chinês. Assim, as línguas neo-latinas não têm a mínima dificuldade em exprimir, por meio de suas preposições e verbos auxiliares, as relações que o latim indicava pela declinação casual e por formas sintéticas da conjugação. Antes, se há vantagem, está nos multímodos recursos das línguas neo-latinas (76). O que faltava, sobretudo, ao romance vulgar saído do latim falado no império era um vocabulário capaz de exprimir todos os matizes do pensamento abstrato, filosófico e artístico, bem como processos variados de derivação e composição que lhe permitisse a renovação constante do seu vocabulário, de acôrdo com as necessidades crescentes da exuberante cultura moderna.

---

(76) Uma língua encontra sempre meios para suprir as deficiências de suas categorias gramaticais: as línguas indo-européias modernas geralmente não têm dual, mas isto não as impede de exprimir a dualidade tão fàcilmente como qualquer língua que possua esta categoria.

A morfologia de uma língua apresenta naturalmente maior estabilidade do que o vocabulário, por outra razão: ela constitue, para assim dizermos, o elemento básico da língua e oferece maior resistência às invasões externas. Alterar a estrutura de uma língua seria mudá-la inteiramente.

Todos os romanistas reconhecem a importância do latim literário, do medieval em particular, para o enriquecimento do limitado e pobre léxico primitivo do romance. O de que duvidamos é que jamais tenha havido um romance popular puro, como a concepção tradicional supõe. Parece-nos, ao contrário, que, ao lado das formas genuinamente vulgares, sempre houve grande número de termos de cultura, usados em forma mais ou menos latina, mas que eram do conhecimento do povo. Daí a grande hesitação que notamos por tôda parte entre formas fonèticamente regulares e as correspondentes eruditas, que invadem contìnuamente o romance e entram em concorrência com as primeiras. Outra observação importante: êste material introduzido por via erudita é essencialmente o mesmo por tôda parte e é êste fato que explica sobretudo a grande semelhança das línguas neo-latinas entre si. Mais pormenorizadamente notamos:

a) o vocabulário de origem literária (latina) e mesmo aquele que é introduzido pelas relações comerciais com povos diversos (germanismos modernos alemães e ingleses, termos asiáticos e americanos) é essencialmente o mesmo em tôdas estas línguas. b) O sentido românico dêste vocabulário latino é o mesmo numa proporção muito grande. Quando se trata de termos de origem literária, o sentido românico dêstes é, não raro, diferente do latino (muitas vezes já pertence ao latim medieval, mas nem sempre). Outras vezes, a palavra românica de origem vulgar antiga, toma sentido novo na Românía medieval ou mesmo mais tarde. A inovação semântica recente não impede a sua disseminação em tôdas as línguas do grupo: prova de sua constante unidade. c) As inovações na derivação e na composição léxica são as mesmas. E aquí a identidade não está só em que tôdas as línguas adotam o mesmo processo de formação de palavras, mas em muitíssimos casos as palavras formadas com um dado sufixo ou prefixo, ou por um determinado processo de composição, são as mesmas.

Ora, esta tríplice harmonia das línguas românicas ocidentais, que continua a existir durante tôda a sua história, se explicará apenas em parte pelo fato de terem sentido tôdas elas as mesmas lacunas e pela presença do latim, língua culta comum de tôdas elas, mas se deve sobretudo à **unidade linguística** que determina a circulação constante, desde a Itália até Portugal, e hoje também na Românía transmarina, das mesmas inovações. É a razão das longas

listas de galicismos e, em grau menor italianismos, etc., encontrados em qualquer uma das línguas do grupo. Estas listas seriam ainda muito maiores, se incluissem tudo o que cada língua deve às suas irmãs, imitando-as na escolha dos empréstimos latinos, das novas acepções semânticas ou nas palavras formadas com determinado sufixo ou prefixo. Em português o número dos galicismos cresceria tanto que poria em dificuldade no falar ou escrever a própria língua os puristas mais intransigentes.

Examinaremos agora a unidade do vocabulário românico ocidental de acôrdo com a tríplice divisão acima referida.

I UNIDADE LÉXICA OCIDENTAL – OS EMPRÉSTIMOS DE PALAVRAS

Em geral se crê que é relativamente fácil distinguir a contribuição erudita e posterior ao vocabulário românico pela irregularidade fonética: enquanto os termos vulgares se modificaram dentro de uma regularidade notável que nos permite falar em leis fonéticas, os termos eruditos teriam mantido bastante fielmente a forma latina. Tal critério, porém, está longe de absoluto e isento de êrro. O que nos revela a maior ou menor aproximação à forma latina é, até certo ponto, a época em que o têrmo entrou para o uso popular. Mas isto mesmo é, muitas vezes, incerto. Há termos que entraram para o romance em uma época relativamente tardia, mas, pela conciência de certas correspondências fonéticas regulares entre êste e o latim, tomam um aspecto vernáculo intencional. Como frequentemente a adaptação é imperfeita, o aspecto insólito denuncia a origem posterior. E' o que se dá, por exemplo, com o francês **chapitre,** arcaico **chapitle,** e **chaste**, em que a inicial se modificou regularmente, mas o resto denuncia a origem erudita. Regular fonèticamente parece o sufixo **-anus,** it. e esp. **-ano,** fr. **-ain.** Apenas o português **-ano** denuncia introdução erudita, onde as línguas irmãs parecem regulares. Verdade é que o português tem a forma regular – **ão (romão, etc.),** mas os exemplos são muito poucos, o que indica escassa vitalidade do sufixo na língua popular e, mesmo onde êle aparece, não raro existem outras irregularidades fonéticas denunciadoras da origem recente, e. g., em **hortelão** e **ancião.** Um fato como êste leva-nos naturalmente a suspeitar que o uso abundante do sufixo nas demais línguas românicas seja também de importação literária medieval e não herança do latim vulgar.

O mesmo se dará certamente com um sufixo como **-itatem** (port. **-idade,** esp. **-idad,** fr. **-ité,** it. **-ità**), onde a fonética dá ao sufixo um aspecto popular; mas a persistência do **i** pretônico é suspeita e suficiente para denunciar uma reelaboração sob a influência do latim medieval, ao qual, sem dúvida, o romance deve a vitalidade dêste sufixo, como adiante veremos (77).

---

(77) Meyer-Lübke observa sensatamente que a própria formulação das leis fonéticas depende, às vezes, de saber quais são os termos realmente populares (*Grammaire des lang. rom.*, I, § 12).

O critério da regularidade fonética para o estabelecimento do vocabulário genuinamente vulgar e da contribuição erudita desde o fim do império romano, tem de ser completado por outros, como:

a) **O sentido das palavras.** Os termos de civilização, abstratos, escolares, eclesiásticos ou culturais, apesar da sua regularidade fonética, se devem certamente à tradição culta. A investigação da classe social a que um têrmo pertence é, pois, importante. Há, porém, além disto idéias usuais em que a língua popular tem termos próprios, mas que são substituídos mais tarde por formas eruditas (cf. fr. **droit** e **maisnié** substituídos mais tarde por **juste** e **famille** — M. Lübke, **Introducción,** pag. 70).

b) **A disseminação das formas.** Aquelas que são panromânicas, ocorrendo tanto na Dácia como no Ocidente, devem pertencer ao patrimônio primitivo do latim vulgar, embora mesmo aí possam ter descido da língua culta; as que só pertencem ao Ocidente podem ser formas eruditas que a Igreja ou outras instituições culturais conservaram vivas nesta parte da România (78).

Meyer-Lübke acrescenta ainda outro critério, que por sua natureza tem aplicação limitada: é o da ocorrência ou não de um têrmo nos autores latinos da decadência. Se o têrmo faltar neles, é de suspeitar que não seja popular. Assim o fr. ant. **fluvie, fluive** (rio) será erudito, pois que já César não o conhece e no império ocorre excepcionalmente. A fonética irregular de **fluvie** confirma o testemunho dos textos (cf. **quadruvium** — fr. ant. **carouge**) (79). Em geral, cremos muito inseguro e não raro errôneo êste critério, pois que o baixo latim pode desconhecer muitos termos populares, visto que o seu objetivo é sempre reproduzir mais ou menos fielmente um tipo literário e é herdeiro da tradição clássica.

Naturalmente a fonética é sempre um critério importante, não obstante a sua insuficiência, quando empregado só.

TERMOS SEMIERUDITOS E ERUDITOS — OS DIVERGENTES — A invasão contínua de numerosos vocábulos latinos no romance levou à distinção comum entre **termos populares** (os que entraram para o romance em época antiquíssima ou pertenciam ao patrimônio primitivo, sofrendo tôdas as transformações fonéticas regulares) e. g., port. **malha, chão, artelho,** etc.; **termos semieruditos** (os que entraram para o romance no período preliterário ou nos primórdios da época literária, sofrendo ainda certas transformações,

---

(78) Por si o critério não é suficiente: o têrmo vulgar pode ter-se perdido na Dácia e mantido no resto da România. A concordância dos critérios é sempre o caminho mais seguro para a distinção entre a herança popular e a contribuição erudita: *pensar*, fonèticamente irregular, falta no romeno.

(79) *Introducción*, pag. 70.

menores que os anteriores): port. **crérigo** (arc.), **virgem, régoa, mágoa, cabedal, bispo, vigiar,** arcaico **ínsoa, angeo,** etc.; **termos eruditos** (aqueles que não sofreram transformação fonética, a não ser ligeira vernaculização), assim **mácula, óculos, artículo, plano, capital.**

As formas **divergentes** ou **alotrópicas** são o resultado desta corrente contínua que enriquece as línguas românicas: muitas palavras latinas pertencentes ao fundo românico primitivo são reitroduzidas em uma forma semierudita ou erudita. Na forma nova elas apresentam em geral acepção diversa do termo popular correspondente: passam a viver lado a lado como palavras diferentes. Tais são em português **orelha** e **aurícula, olho** e **óculo, foz** e **fauce, lôgro** e **lucro, caldo** e **cálido, eira** e **área, cadeira** e **cátedra, cheio** e **pleno, relha, regra** e **régoa, delgado** e **delicado, catar** e **captar, mancha** e **malha, mágoa** e **mácula** e muitos outros. Cf. francês **frêle** e **fragile, entier** e **intègre, hotel** e **hôpital, loyal** e **légal, peser** e **penser, oreille** e **auricule,** etc. (80).

Outros divergentes românicos nascem dos empréstimos feitos às línguas irmãs. Assim port. **hotel** (fr.) e **hospital; chão** (pop.) e **plano** (erudito), **llhano** (esp.) e **piano** (it.); **teor** e **tenor** (it.); **obra** e **opera** (it.), etc..

O grande número de divergentes é um dos característicos notáveis das línguas românicas e tem a sua causa precípua na influência latina culta já referida. Pela mesma razão eles se limitam sobre tudo ao Ocidente. C. Michaelis (**Lições,** pág. 31) observa que quase não existem no romeno e no ladino (rético), por se terem afastado da cultura literária. Julgamos esta afirmação mais exata quanto ao romeno, por causa do seu longo isolamento, embora desde o século 19 a invasão de termos ocidentais tenha introduzido também lá numerosos divergentes. Quanto ao rético, tem êle uma literatura relativamente florescente, pelo menos no cantão de Grisões, na Suíça e, como já notamos, apresenta a mesma tendência comum para a introdução de formas latinas, causadoras dos divergentes. Também para o provençal e o catalão faz a ilustre autora certa restrição: "no provençal e no catalanesco, não teve grande importância, porque mudos no tempo do Renascimento, só possuíram literaturas medievais" (op. cit., pag. 30). Esta observação vem da idéia muito comum de que o grande fator de relatinização foi a Renascença clássica e o esquecimento, estranho na eminente filóloga, de que, embora em grau menor, o fenômeno é abundante na Idade Média.

FORMAS REFEITAS SÔBRE O LATIM — Um caso interessante de relatinização culta, bastante frequente nas línguas românicas ocidentais é a tendência para substituir certas formas popu-

(80) Ver C. Michaelis, *Lições*, pags. 30s. Sôbre o francês pode consultar-se Cohen, *Hist. d'une langue: le français*, pag. 150.

lares por outras correspondentes, latinas ou alatinadas. Esta tendência começa muito frequentemente pela ortografia. Desde o período medieval muitas formas vernáculas regulares vão sendo substituídas dêste modo. Vejamos alguns exemplos portugueses e franceses. Em português temos: **chor**, e depois **frol** e **flor**. Outras inovações são: **formoso** (fremoso), **estimar** (esmar, que não se perdeu de todo), **edificar** (eivigar), **inimigo** (ẽemigo), **feno** (fẽo, feo), **perguntar**) (preguntar) — é uma latinização imperfeita que se limita a eliminar a metátese popular, — **água** (**auga**, arc. e pop.), **quantidade** (cantidade),**diácono** (diago), **digno** (dino), **feliz** (fiiz), **silêncio** (seenço), **século** (segre),**ignorar** (inhorar), **zêlo** (zeo), **surdo** (sordo), **considerar** (consiirar), **vela** (vea), **pena** (pẽa), **ordenar** (ordĩar), **sanar** (sãar), **cauda** (coa). Do fracês temos, por exemplo, **estimer** (**esmer**, eliminado por confundir-se com **aimer**, entendem Bloch e Wartburg) **antique** (antif), **subtil** (soutil), **tribut** (treü), **considérér** (consiirer), **disloquer** (deslouer), **adhérer** (aerdre), etc. (80 bis).

Frequentemente, como resultado desta refecção ou, às vezes, por introdução tardia da palavra latina em uma região, se notam discrepâncias entre as diversas línguas românicas, apresentando umas a forma erudita e outras a forma romance primitiva. As formas eruditas são particularmente frequentes na Ibéria. Alguns exemplos do que queremos dizer são: port. **missa** e esp. **misa**, ao lado do it. **messa**, fr. **messe** (lat. mĭssam); port. e esp. **cruz**, mas it. **croce**, fr. **croix**, prov. **crotz** (crŭcem); esp. **obispo**, port. **bispo**, ao lado do it. **vescovo**, fr. **evêque**, prov. e cat. **evesque** (epĭscopum); port. e esp. **curso**, mas it. **corso** (cŭrsum); port. **curto**, mas it. e esp. **corto**, prov. e cat. **cort** (cŭrtum); port. e esp. **mundo**, mas it. **mondo**, fr. **monde**, etc. (mŭndum).

CONTRIBUIÇÃO DO LATIM MEDIEVAL PARA O VOCABULÁRIO ROMÂNICO — Como já notamos antes, o latim medieval é a fonte em que, sobretudo, se nutrem e enriquecem as línguas românicas. Assim o vocabulário neo-latino (erudito) é em grande parte da Idade Média. Brunot nota que desde o Renascimento carolíngio a língua escrita, latina, começou a exercer influência sôbre o romance, recebendo êste palavras novas por meio de todos quantos sabiam ler e escrever (**op. cit.**, I, pag. 293). Os latinismos léxicos já ocorrem no Juramento de Estrasburgo. A vida de Saint Alexis tem pelo menos trinta destas formas eruditas. Entre outras: **adiutorie, affliction, alienes, apostolie, avuegle, celeste, facunditet, habiter, imagine, memorie, nobilitet, paradis, regenerer, saintismes, servitor, trinitet** (81).

(80 bis) As formas entre parêntese são as antigas, mais vernáculas.

(81) Uma lista completa vem em M. K. Pope, *From Latin to Modern French*, pag. 29. Vejam-se também os exemplos que já atrás citamos de latinismos em obras medievais.

Muitos dêstes termos seriam tão estranhos ao latim clássico como ao vulgar. Criam-se durante a Idade Média, na língua da Igreja, da Escolástica, do Direito, etc., em uma longa elaboração de séculos.

Exemplos de formas latinas, para citar apenas algumas, entradas no romance medieval são: **necessitare** (fr. **necessiter** — desde o século 14 — , it. **necessitare**, esp. **necesitar**, port. **necessitar**); **discursus**, que no sentido atual é do baixo latim (fr. **discours**, it. **discorso**, port. e esp. **discurso**); **impertinens** (fr. **impertinent**, port., esp. e it. **impertinente**); **essentia** — do baixo latim filosófico, embora exista desde Sêneca (fr. **essence**, século 12, port. **essência**, esp. **esencia**, it. **essenza**); **substantia** — do latim filosófico (fr. **substance**, século 12, port. **substância**, etc.); **substantialis** — desde Tertuliano (fr. **substantiels**, século 13, port. e esp. **substancial**, it. **sostanziale**); realis — de **res** (fr. **réel**, do século 13, esp. e port. **real** e it. reale); **repausare** — desde o século 4 (fr. **reposer**, século 10, port. **repousar**, esp. **reposar**, it. **riposare** (82), **felicitare** (tornar feliz), século 4 (fr. **féliciter**, século 15, port. e esp. **felicitar**, it. **felicitare**); **modernus**, de Cassiodoro, século 6 (fr. **moderne**, século 14, port. esp. e it. **moderno**); **identitas**, do baixo latim (fr. **identité**, século 14, port. **identidade**, etc.); **correspondere**, do latim escolástico (fr. **correspondre**, do século 14, port. e esp. **corresponder**, it. **corrispondere**); **effectuare** (fr. **effectuer**, do século 15, port. **efetuar**, esp. **efectuar**, it. **effettuare**; **effectivus** (fr. **effectif**, do século 14, port. **efetivo**, etc.). Os exemplos acima são de palavras próprias do latim medieval e ilustram a extensão de sua importância como fonte de vocábulos eruditos na Romania.

Interessante é também notar a data de sua introdução no francês. Infelizmente só para êle pudemos fixar as datas do primeiro uso dos termos citados, baseando-nos nos preciosos dicionários etimológicos de Dauzat e de Bloch e Wartburg. Os que citamos, e com eles uma infinidade de outros, surgem dos séculos 12 a 15. Não se nega a nova e rica contribuição da Renascença, mas em linhas gerais pode dizer-se que as introduções clássicas se tornaram menos populares do que aquelas que nos vieram do latim medieval. Veja-se por exemplo a lista de latinismos de Camões, nas **Lições** de Carolina Michaelis, pag. 25. Entre outros cita ela: **lúcido, tuba, dea, procela, divícias, nítido, trêmulo, argênteo, fulgente, canoro, truculento, lácteo, malévolo, flutuar, superar, vociferar** e outros. A maior parte é constituída de termos literários, muitas vezes poéticos, inteiramente desconhecidos do povo.

Os cultismos introduzidos nas línguas românicas passam a constituir grande porcentagem do seu vocabulário. Meyer-Lübke

---

(82) Mesmo *pausare* pode ser do latim medieval e não do popular. Note-se que êste verbo não ocorre no romeno.

nota que em uma página do **Argent** de Zola só encontrou trinta e dois substantivos populares dentre cinquenta que ocorrem no texto.

OS LATINISMOS E A UNIDADE ROMÂNICA OCIDENTAL — O fato de maior significação para o nosso estudo é a unidade léxica das línguas românicas, isto é, o fato de terem tôdas elas tomado, com raras exceções, os mesmos termos latinos — medievais ou clássicos.

Se, por exemplo, tomarmos a longa lista de cultismos latinos da tradução portuguesa da **Regra de São Bento**, veremos imediatamente que não são latinismos introduzidos apenas em português, antes constituem patrimônio comum de tôda a România ocidental. Palavras como port. **capítulo, regra** (**regla** no texto), **prólogo, fugitivo, solícito, precepto, paciência, notificar, glorificar, virtude, edificar** etc. têm correspondentes exatos e eruditos em tôdas as línguas irmãs, por exemplo esp. **capítulo**, fr. **chapitre**, it. **capitolo**; esp. e it. **prólogo**, fr. **prologue**; esp. e it. **fugitivo**, fr. **fugitif**; esp. **solícito**, it. **sollecito**; esp. **paciencia**, fr. **patience**, it. **pazienza**; esp. **notificar**, fr. **notifier**, it. **notificare**, e assim por diante.

Percorrendo a longa lista de latinismos introduzidos no francês durante o século 16, citada por Brunot (**Hist. de la lang.** fr., II, pags. 232 ss), ver-se-á outra vez que os mesmos termos se encontram, até onde se tornaram realmente vernáculos, em tôdas as línguas românicas do Ocidente. Tal acontece com as palavras: **abhorrir, acrimonie, adminicule, amene, angustie, animeux, apostolat, apparat, argutie, assimiler, attedier, beneficence, carie, cartilages, cerne, classique, claviculaire, concilier, concours, concret, depravation, dissident, divaguer, éducation, effectif, élabourer, élider, émanation, énumération, excavation, explicite, exquisite, facilité, fanatique, febrile, fortuit, funebre, gradation, gratifier, gratuit, hesiter, hiatus, honorifique, imiter, impollu, inaudite, invalide, inversion, languide, ligament, macule, membrane, molestie, nodosité, oppugner, pacifique, pericliter, pestilent, progression, propitier, pulveriser, rancide, social, statuer, testifier, triturer, valvule, vendiquer, vigilance** e outros muitos.

O que esta longa lista nos revela, pois, não é apenas a intensidade da influência latina, mas deixa bem claro que a introdução de palavras latinas na România ocidental é obra do conjunto e não de línguas isoladas. Só a unidade linguística perene da România explica esta obra harmônica.

Uma ilustração notável de como tôdas as línguas do grupo constituem uma unidade na assimilação dos latinismos temos em algumas palavras românicas que apresentam forma anômala em relação ao latim. Assim, parece fora de dúvida que o português **registro** (registro) e seus correspondentes derivam de um latim **regestum** (plural neutro **regesta**), do verbo **regerere** (relatar, inscrever, transcrever e, no

baixo latim, também **registrar**). A mesma forma, **registro**, é do italiano e do espanhol. O francês é **registre**, ocorrendo aí desde o século 13. A etimologia parece evidente, mas o i e o r são estranhos nas formas românicas. Provàvelmente houve influência analógica de **épistre** (arcaico), encontrando-se também **regeste** na língua antiga. Seja esta ou qualquer outra a orígem da alteração, é digno de nota que ela ocorra igualmente em tôdas as línguas referidas.

EMPRÉSTIMOS GERMÂNICOS — As línguas românicas não se enriquecem apenas pelo latim. Já antes da grande invasão dos cultismos latinos, recebiam, pelo contacto com os bárbaros, numerosos vocábulos germânicos. Muito comumente se consideram tais germanismos como parte do patrimônio léxico primitivo da România e, de fato, são em geral anteriores à formação das línguas literárias. Alguns datam do período imperial romano, do latim vulgar, portanto. T. E. Karsten menciona **brutis** (noiva), **sapo** (sabão) e alguns mais dentre os que sobreviveram (83). Mas estes não deviam estar ainda incorporados no vocabulário comum da língua falada. Ocorreriam principalmente em localidades onde o elemento germânico era abundante. A ausência de germanismos na Dácia, apesar de algum contacto com os bárbaros, por exemplo com os godos estabelecidos na região do Danúbio, é um fato que não se deve menosprezar na fixação da data de introdução dos germanismos. A época das grandes invasões é posterior ao período do latim vulgar pròpriamente dita. Deram-se, portanto, estas, quando a antiga unidade imperial chegava ao fim. O grande contacto vai desde então, século 5, até a fusão dos invasores com a população românica, o que na França, por exemplo, só se consumou no século 10. Diante disto é surpreendente o número de germanismos idênticos na Ibéria, na França e na Itália. Notamos que muito frequentemente os romanistas discordam entre si na determinação do dialeto germânico de onde provieram certos termos introduzidos na **România**. Uns tiram do lombardo a palavra italiana cujo correspondente francês é derivado do frâncico por outros. A incerteza é inevitável em um terreno onde tão pouco se conhece. Não conhecemos o dialeto dos francos e dos lombardos, para distinguirmos com segurança a contribuição de cada um ao léxico românico. Apenas o pouco que se sabe sôbre a fonética dos dois dialetos nos permite às vezes uma conclusão plausível. O mesmo se diga do gótico, embora aí alguns textos nos forneçam elementos mais seguros

Diante desta incerteza o etimólogo se orienta muitas vezes pela ocorrência geográfica do termo. Mas, quando êste critério dá lugar às duplas e até tríplices etimologias já referidas, êle deve ser er-

---

(83) Em *Les anciens germains*, pag. 135s. Brüch, citado por Karsten, reuniu 102 vocábulos germânicos documentados até o ano 400.

rôneo. O fato notável de que grande número de germanismos pertence a tôda a România Ocidental e não a uma região limitada evidencia de novo a elaboração comum do vocabulário românico. Não é provável que duas regiões isoladas tenham exatamente os mesmos termos de dois dialetos germânicos diferentes. Que em casos excepcionais o italiano tirasse do lombardo o mesmo termo germânico que o francês tomou emprestado ao frâncico é concebível; mas que uma lista enorme de germanismos pertencentes às duas línguas tivessem entrado independentemente para ambas não se compreende. Temos de admitir que durante o romance preliterário a unidade românica permitiu, em grande parte, a seleção e disseminação dos mesmos germanismos. O mesmo se verá mais adiante no que diz respeito à sufixação germânica.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos desta unidade: germ. **lista** (it. **list(r)a**, donde fr. **liste**, prov., esp. e port. **lista**); **werra**, que Dauzat tira do frâncico e Meyer-Lübke, do gótico (fr. **guerra**, it., port., esp. e prov. **guerra**); **wisa**, frâncico, segundo Dauzat, germânico simplesmente, segundo Meyer-Lübke (fr. **guise**, prov. **guiza**, port., esp. e it. **guisa**); **want**, do frâncico (fr. **gant**, prov. **gan**, it. **guanto**, port. e esp. **guante**) — devem vir todos do francês ou do provençal, mas de uma forma mais antiga; **wardan**, frâncico, diz Dauzat, germânico, afirma Meyer-Lübke (it. **guardare**, fr. **garder**, prov., esp. e port. **guardar**). Notem-se os derivados portugueses **guarda**, **guardião** e **guardingo**, com correspondentes exatos nas outras línguas. **Widarlon** (fr. ant. **gueredon**, depois **guerdon**, it. **guiderdone**, prov. **gazardó**, esp. **galardón**, port. **galardão**); **waidanjan** = **trabalhar**, **ganhar**, para Meyer-Lübke é frâncico e lombardo (it. **guadagnare**, fr. **gagner**, prov. **guadanhar**, port. **ganhar**; O esp. **ganar** e o port. arc. **gaanar**, **gãar** supõem forma especial **waidanon**, mas o sentido é o comum). A evolução semântica da palavra merece ainda um reparo. Segundo Bloch e Wartburg, o verbo significa primeiro "procurar alimento", depois, pastar e por fim, **despojar**, **tirar proveito**, **ganhar**, etc.. Êste sentido final, que é de tôdas as línguas românicas, evidencia a unidade semântica do grupo. **Wala-hlaupan**, literalmente "correr bem" (cf. alemão **wohl laufen**), é frâncico (fr. **galopper**, origem certamente do it. **galoppare**, arc. **gualoppare**, prov. **galaupar**, esp. e port. **galopar**). A forma italiana com **gua**... e a provençal **galaup**... indicam a antiguidade do empréstimo nas duas línguas. Comum a tôdas elas é também o substantivo verbal: fr. **galop**, it. **galoppo**, esp. e port. **galope**. **Warjan** (conf. alemão **wehren**), frâncico, segundo Dauzat, germânico, como quer Meyer-Lübke (fr. **guérir**, arc. **guarir** e **garir**, it. **guarire**, prov. **garir**, esp. e port. **guarir**); **warnjan** (fr. **garnir**, it. **guarnire**, prov. **garnir**, esp. e port. **guarnir**). De um verbo **weran** há um derivado que dá it. **ghirlanda** (do provençal?), prov. **guirlanda**, fr. ant. **garlande** (hoje **guirlande**, do italiano), esp. **guirnalda** e **guirlanda**, port. **guirlanda**, **guirnalda** e **grinalda**. **Blank** (fr., prov. e cat. **blanc**, esp. **blanco**, port. **branco** e it. **bianco**); **blao** (frâncico)

dá fr. **bleu**, prov. **blau**, it. ant. **biavo**. **Blund** (fr. **blond**, prov. **blon**, it. **biondo** e esp. **blond**); **brun** (fr. e prov. **brun**, it., esp. e port. **bruno**); **stakka** (fr. ant. **estache**, prov., esp. e port. **estaca**, it. **stacca**); **frumjan** ou frōnjan, segundo Meyer-Lübke — fr. **fournir**, it. **fornire**, esp. e port. **fornir**; o it. ant. tem uma variante **frummiare**). Nota-se por tôda parte a metátese do **r** e a passagem de **m** a **n**, exceto na última forma italiana. **Wida**, gótico, segundo Meyer-Lübke (84) (it. **guida**, fr. ant. **guie**; a forma posterior **guide** é do italiano ou do provençal, prov. **guiza**, cat., esp. e port. **guia**); **rīki**, **frâncico** (fr. **riche**, esp. e port. **rico**; o it. **ricco** seria do lombardo **rihhi**). O francês **abandonner** (**Chanson de Roland**, século 12) é formado sôbre **abandon**, da locução **à bandon** "a mercê de", formada com um radical germânico **band**. Do francês vem as outras formas: it. **abandonnare**, esp. e port. **abandonar**. Do frâncico **dintjan** vem o francês **danser** e daí certamente it. **danzare** o esp. **danzar** e port. **dansar**. Do gótico **bandjan** (dar sinal) vem it. **bandire**, esp. e port. **bandir** (= anunciar, proclamar, **banir**, conf. it. **bandito**); do frâncico **banjan** viria fr. **banir**, que também se espalha. Do Germânico **addubban** (ou frâncisco **dubban**, Dauzat), que significa **bater** e depois **equipar** (e. g., um **cavaleiro**), **arranjar**, vêm fr. **adouber**, it. **addobbare**, prov. e esp. **adobar**, port. **adubar** (tem alguns sentidos novos na Ibéria). De **frisk** temos fr. **frais**, cat. e prov. **fresc**, it., esp. e port. **fresco**; **urgoli**, frâncico ou germânico comum, dá fr. **orgueil**, prov. **orgolh**, it. **orgoglio** (do provençal), cat. **orgull**, donde esp. e port. **orgullo** (**orgulho**). Consultem-se ainda os derivados românicos de **suppa**, **brammon**, **skirnjan**, **haring**, **haribergo** (gótico) ou **heriberga** (frâncico) — e note-se a dissimilação **r — r = r — l** comum a tôdas as línguas românicas, **bank**, **brid**, **hilms** (gótico) e **helms** (frâncico?), **skirmjan** (conf. alemão **schirmen**) — os derivados românicos estão de acôrdo na metátese do **r**, quase sempre, e no sentido novo que dão à palavra: **lutar** — , **brand** com um derivado **brandjan**, ou já românico, **brandire**.

Frequentemente a disseminação de um centro regional qualquer se revela claramente pela fonética, isto quando a disseminação é recente. É o que se vê no frâncico **gard-o/-in-**, de onde fr. **jart** e **jardin** e prov. **gardí**. Do francês derivam it. **giardino**, esp. **jardin** e port. **jardim**. É natural supor que a forma provençal tenha vindo do norte, mas antes da palatalização do **g-**. O germânico, ou melhor, o frâncico **wrakjo** (soldado mercenário?) dá um francês antigo **gars** e no caso oblíquo **garçon**, no provençal **gartz**, **garson**. As outras línguas seguem a forma oblíqua do francês; it. **garzone**, esp. **garzón**, port. **garção**.

Há, é verdade, numerosos germanismos regionais, sobretudo na França e na Itália, mas a frequência com que eles, mesmo quando

(84) Dauzat tira o francês antigo de um frâncico *wîtan*.

tardios, se espalharam por todo o Ocidente indica de um modo eloquente a unidade da România ocidental.

CONTRIBUIÇÕES LÉXICAS MÚTUAS DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS — Tratar de tôdo êste assunto seria escrever um longo capítulo sôbre o léxico românico. O que nos interessa aquí é observar a frequência com que se fazem os mesmos empréstimos em tôdas as línguas do grupo. Isto se dá em larga escala, sobretudo com os galicismos e, em grau menor, com os italianismos. O francês é, sobretudo, o grande criador de palavras novas para as línguas irmãs. Apenas na Renascença adquire o italiano certo predomínio, inundando o próprio francês de palavras novas. Destas um número muito grande passou para a Ibéria. Quanto às palavras e formas francesas, elas passam mais comumente à Ibéria (português e espanhol) do que à Itália.

Muitos termos franceses, e na Idade Média também provençais, se disseminam por todo o Ocidente. Citemos alguns exemplos: fr. **hommage** — têrmo feudal que exprimia primeiro o juramento de fidelidade do vassalo ao suzerano, passa para it. **omaggio**, enquanto provàvelmente o provençal **omenatge** origina esp. **homenaje** e o port. **homenagem**. Da França partem igualmente **baron**, **comte**, e **duc**, com o seu valor nobiliárquico. A forma que apresentam não é sempre francesa (e. g., it. **duca**, port. **conde**), o que mostra que os termos já existiam antes, mas é no império carolíngio que se impregnam do sentido moderno (85). Da era carolíngia é também o **comes stabuli**, administrador dos estábulos e das cavalariças, cargo que traz consigo a direção da cavalaria, o que explica o enobrecimento do termo. Daí fr. **connétable** it. **condestable** e port. **condestável** (86). Do frâncico **marhskalk** (criado que cuida dos cavalos) vem o francês ant. **mareschal**, hoje **maréchal**, com enobrecimento de sentido e larga disseminação, mesmo fora da România. **Pagus** é, no império carolíngio, uma circunscrição, um **comitatus** (Calmette, **Charlemagne**, pag. 221). O mesmo sentido parece ter-se associado ao derivado **pagensis**, donde it. **paese**, fr. **pays**, port. e esp. **país**. Da Gália deve espalhar-se também **forestis**, que Meyer-Lübke define "mata de caça vedada ao uso comum"; "floresta real" no século 8, segundo Dauzat. É na origem um adjetivo (**forestis silva**). O têrmo ocorre no francês **forêt** e no prov. **forest** e daí no it. **foresta**, esp. e port. **floresta** (com influência de **flor**). O francês **honte** (frâncico **haunita**) dá it. **onta**, esp. ant. **fonta**, port. ant. **onta** (e. g., na **Demanda do Santo Graal**); do fr. **faible** vêm esp. **feble** e port. ant. **febre** (**fraco**, e g., na **Demanda do Santo Graal**); hoje significa "moeda que não tem pêso legal".

---

(85) O *dux* é introduzido de Roma pelos reis merovingios. Sob os carolíngios passa a constituir cargo de caráter hereditário.

(86) As diversas formas apresentam dificuldades. E', sobretudo, estranho o *nn* francês. Segundo Bloch e Wartburg houve dissimilação: $m - b > n - b$ (*conestable*).

Claire voie, na forma arcaica, passa para o esp. **clarabóia** e o port. **claraboia**. De **chapeau** vêm esp. **chapeo** e port. **chapéu**. **Percer** (de ***pertusiare**) dá it. ant. **perzare** e port. ant. **perçar**. **Cisne** (fr. ant.), de **cicinus** por **cycnus**, é o étimo do prov., esp. e port. **cisne**, mas no próprio francês é substituído pelo erudito **cygne**. Do francês **once** devem vir esp. **onza** e port. **onça**. A deglutinação do l- nas três línguas isoladamente seria um pouco estranha, se bem que Nascentes a admita para o português, derivando o têrmo do latim através do italiano **lonza**.

Numerosos são os termos militares franceses. Além dos já mencionados notemos: **général**, substantivado no século 14, donde it. **generale**, esp. e port. **general**; **brigadier**, derivado de **brigade** (do it. **brigata**) dá esp. **brigadier** e serve de modêlo ao port. **brigadeiro**. O fr. **lieutenant** ocorre na língua desde o século 13, mas só em 1539 aparece como termo militar. A exemplo do francês temos it. e port. **tenente**, etc., mas com elipse do substantivo. Nascentes tira o português diretamente do latim, mas o sentido novo é, sem dúvida, do francês. Outros termos militares são: **sergent** (esp. e port. **sargento**), **division** (com sentido militar só no século 18, que passa para o it. **divisione**, etc.), **régiment**, que desde Henrique II designa um corpo de tropa sob o comando de um coronel, dá port. e it. **regimento**, esp. **regimiento**. **Recrue**, particípio passado de **recroite**, toma sentido militar (o que vem aumentar um regimento) no século 16. Sôbre o novo substantivo se cria o verbo **recruter** (1691). Daí tiram as outras línguas o verbo: port. **recrutar**, esp. **reclutar** e it. **reclutare** (com dissimilação nestas duas línguas) e formam, inspiradas pelo francês, o substantivo: port. **recruta**, it. e esp. **recluta**. Também o fr. **recrutement** (1790) tem correspondentes exatos nas outras línguas. **Commandant** é do século 17, mas passa com a mesma forma e sentido para o it., esp. e port. **comandante**. Para não alongar muito a lista, vejam-se os correspondentes dos franceses **déroute**, **tranchée** (com modificação de sufixo às vezes, como no port. **trincheira**), **allier** e **allié**, **alliance**, **avant-garde**, **arrière-garde** (it. **retroguardia**, esp. **retaguardia** e port. **retaguarda** são imitações do francês).

Outros termos que se espalharam largamente são: fr. **endosser**, (port. **endossar**, esp. **endosar** e it. **indossare**?); **finance**, derivado do verbo arcaico **finer** (pagar), toma o sentido de **recursos monetários** e depois **negócios monetários**. Daí it. **finanza**, etc. bem como do fr. **financier**, it. **finanziario**, port. **financeiro** e assim por diante. **Agiotage** (derivado do it. **aggio**) dá it. **aggiotaggio**, port. **agiotagem**, etc.. Do fr. **assemblée** vêm it. **assemblea**, port. **assembléia**, esp. **asamblea**. Outros exemplos de palavras francesas que se encontram tanto na Itália como na Península Ibérica são **billet**, **marcher** (de uma forma **marcare**, de origem germânica), **manger**, **message** (ou prov. **messatge**?), **paysage** (que toma sentido pictorial só pelo século 17), **outrage** (arc. **oltrage**), **avantage** e muitos outros.

São, portanto, comuníssimos os termos franceses que transpõem tanto os Alpes como os Pirinéus, passando a ser patrimônio de todo o Ocidente românico. Há, durante a Idade Média, também muitos termos provençais na România e nem sempre é fácil decidir se uma determinada palavra veio do francês ou do provençal. Naturalmente são daí os termos da arte provençal, e também outros.

Depois das contribuições francesas as mais importantes são as **italianas**, que começam igualmente na Idade Média, para tomarem grande impulso com a Renascença. São principalmente termos artísticos, comerciais, náuticos, militares e outros. Tais são: **pugnale**, do lat. **pugnalem** (esp. **puñal**, port. **punhal**; o fr. **poignard**, arc. **poignel** ou **poignal** parece vir diretamente do latim); **sentinella** (fr. **sentinelle**, esp. **centinela**, port. **sentinela**); **scaramuccia** (fr. **escaramouche**, esp. **escaramuza**, port. **escaramuça**); **squadrone** (fr. **escadron**, esp. **escuadrón**, port. **esquadrão**); **cavalleria** (fr. **cavalerie**, esp. **caballería**, port. **cavalaria**); **artigleria** (?), donde fr. **artillerie**, etc.? O étimo é de C. Michaelis (**Lições**, pag. 313), mas não nos parece muito seguro. No francês tanto Dauzat, como Bloch e Wartburg lhe dão formação intrínseca, derivando-o do verbo antigo **artillier** "guarnecer com máquinas de guerra". É provável, pois, que o italiano venha do francês e não êste daquele. De **soldato** vem fr. **soldat**, e, com adaptação fonética, port. e esp. **soldado**. **Colonello**, "comandante de uma coluna", dá fr. **colonel** (século 16), e com dissimilação, esp. e port. **coronel**. Estas devem ter vindo através do francês, o que explica a perda da vogal final. Muito frequentemente, aliás, os italianismos e outros estrangeirismos europeus apresentam nas línguas ibéricas (e mesmo na Itália estes últimos) forma francesa. Voltando à enumeração: **capitano** (port. **capitão**, esp. **capitán**; Dauzat tira do baixo latim o fr. **capitain**; em qualquer caso trata-se de formação recente e sentido unifome: note-se a conservação de **p** e **t** no francês e nas línguas da Ibéria); **brigata** (fr. **brigade**, esp. e port. **brigada**); **caporale** (fr. **caporal**; o sentido militar de **cabo** em esp. e port. deve ter a mesma origem); **allarme**, forma substantiva da exclamação **all'arme**, fr. **alarme**, no sec. 14, esp. **alarma**, port. **alarme**. Da exclamação italiana **all'erta** (para cima, erguer-se) vem o adjetivo francês **alerte**, de onde esp. e port. **alerta**. Outros exemplos de italianismos generalizados são: **attaccare** (ligar, começar, e depois, por elípse na expressão **attaccare battaglia**, assaltar), **battaglione**, **forte** (substantivo com o sentido de **fortaleza**) — aquí o empréstimo é realmente apenas semântico —, **avaria** (e **avariare**) — de origem árabe —, **piloto**, etc..

Como já se disse, a influência italiana é grande, sobretudo na Renascença, primeiro na França e depois também na Ibéria. Na França, desde Guilherme Crétin (falecido em 1525) e Lemaire de Belges (morto em 1524) até o satírico Régnier, no começo do século 17, escritores de todo o calibre se inspiram em modelos italianos

(**Brunot, op. cit.**, II, pag. 198). Os italianos serviam-se já então geralmente de sua língua, em lugar do latim. Por isto aprendia-se italiano para poder ler os bons autores de além dos Alpes. Em Lyon muitos letrados disseminavam a cultura e a língua italiana, mas foi sobretudo a vinda de Catarina de Médicis, esposa de Henrique II, a qual reinou durante a minoridade de Carlos IX, que concorreu muito para a influência italiana. Casou-se ela em 1533, trazendo a Paris uma "pequena Itália", com os seus costumes e a sua língua.

Imenso é o número de italianismos deixados pelo novo movimento e pelo alto prestígio da literatura italiana.

Brunot nos dá uma longa lista de italianismos introduzidos na França seiscentista. Assinalamos dentre eles os que especialmente interessam a nossa tese, isto é, os que também passaram para a Ibéria: **canaglia** (fr. **canaille**, esp. **canalla**, port. **canalha**); **tramontana** (fr. **tramontane**, port. e esp. **tramontana**); **altezza** (fr. **altesse**, com adaptação do sufixo, esp. e port. **alteza**; **arcata** (fr. **arcade**, esp. e port. **arcada**). Nascentes deriva o português de **arco**, mas a forma é evidentemente imitação do francês ou do italiano. **Calzone** (fr. **calçons**, que não se conservou, esp. **calzón** e port. **calção**). É de se notar que mesmo o espanhol **calza** e português **calça** não são fonèticamente regulares, ao lado do francês **chausse** e do italiano **calza** (meia). O têrmo designava primeiro uma meia longa que cobria a perna tôda (baixo latim **calcea**), originando primeiro e regularmente as formas italiana e francesa. O objeto e o termo terão sido importados depois para a Ibéria, recebendo modificação semântica posterior. **Calepino** (fr. **calepin**, esp. e port. **calepino**); **camiciola** (fr. **camisole**, com adaptação fonética, e assim esp. e port. **camisola**); **cappriccio** (fr. **caprice**, esp. e port. **capricho**, que assim se aproximam do italiano mais do que do francês); **carcassa** (fr. **carcasse**, esp. **carcassa**, port. **carcaça**); **carnevale** (fr., esp. e port. **carnaval** — note-se que as duas línguas da Ibéria têm a forma fonética do francês); **carrozza** (fr. **carrossse**, esp. **carroza** e port. **carroça** — o sentido comum é de "carruagem de quatro rodas"; sofreu degenerecência semântica em português); **cartello** (fr. **cartel**, donde o espanhol e o português); **cartoccio** (fr. **cartouche**, e dêste, esp. e port. **cartucho** — designava primeiro a carga de uma espingarda posta em um envólucro de papel: cf. it. **carta**); **ciarlatano**, de **ciarlare** = **tagarelar** (fr. e esp. **charlatan**, port. **charlatão**); **circondare** (fr. **circonder**, etc.); **concerto** (fr. **concert**, esp. **concierto** — note-se a forma fonèticamente regular —, port. **concêrto**); **cortigiano** (fr. **courtisan**, esp. **cortesano**, port. **cortesão**). O sentido pejorativo que se emprestou ao feminino desde o século 16 passou também ao italiano, etc.. **Dizgrazia** (fr. **disgrace**, esp. **disgracia**, port. **desgraça**). Nascentes dá o português como formação vernácula, mas a inspiração estrangeira é evidente.

Outros italianismos generalizados, dos quais nos limitamos a dar a forma italiana, são: **imbarazzare** (ou antes do espanhol? como admitem Bloch e Wartburg), **imbarazzo**, **imboscata** (Nascentes dá como

particípio passado de **emboscar** o termo português); **assassino** (termo árabe trazido pelas cruzadas; a introdução direta em português exigiria **f** inicial: árabe **hassasin**, cf. **fôrro**, de **hurr**), **assassinato** (a forma portuguêsa ainda frequentemente condenada pelos puristas), **banca, bancarotta, buffone, bravata** (o espanhol e o português seguem o italiano e não o francês **bravade**), **bolletino** (aquí o espanhol e o português seguem o francês), **gabinetto, cadenza** (Nascentes tira o português do latim, mas, apesar da latinização formal, o vocábulo é inspirado pelo italiano), **modello, pedante, poltrone, stanza, valigia, scalata, scarpa, steccata, festino** (o português e o espanhol vieram certamente através do francês **festin**), **forzato, garbo, gazzetta, manifesto** (proclamação de um monarca, etc.), **disastro** (o português e o espanhol através do francês certamente), **contrasto** e **contrastare, formato, favorito** (também o derivado **favoritismo** se generalizou), **serenata, facciata, cupola, balcone, capitello, colonnato**, ou **colonnata, mosaico.** Encerrando esta lista de italianismos, lembremos que é o italiano que transmite o nome do café ao Ocidente europeu. Os primeiros cafés da Europa se abriram em Constantinopla e Veneza (Encyclopaedia Britanica, 11.ª ed.). O italiano **caffè**, do turco **kahvé**, passa para o francês e daí para o português e o espanhol.

Os exemplos citados ilustram suficientemente o que antes afirmamos: os italianismos são em grande parte os mesmos na França e nos países ibéricos. Como se vê também de um exame rápido dos mesmos, os empréstimos não são simples reprodução, muitas vezes ao menos, do termo original. Realiza-se uma adaptação vernácula, substituindo, não raro, o sufixo italiano por outro vernáculo. Às vezes simplesmente se recorre à forma vernácula correspondente, dando-se-lhe o sentido estrangeiro. Daí a divergência frequente entre os etimologistas. Uma língua pode limitar-se a copiar a formação e significado de uma palavra, da língua estrangeira, recorrendo até certo ponto aos seus próprios recursos de derivação. Como logo veremos, muitas vezes o empréstimo é apenas semântico.

Menor, se bem que não tão pobre, é a contribuição das línguas ibéricas para o vocabulário panromânico. Sobretudo na época das descobertas numerosos termos exóticos, das novas terras descobertas, se introduzem através do português e do espanhol. Demais, a Espanha gozou de grande prestígio político nos séculos 16 e 17 e mesmo literário no último com o gongorismo, o que explica a sua influência linguística durante a época. Alguns termos espanhóis assim disseminados são: **bizarro** (cf. **bizarre**, it. **bizarro**); **camarada** (fr. **camarade**, cf. it. **camerata**); **fanfarrón** (fr. **fanfaron**, it. **fanfarone**); **mascarada** (fr. **mascarade**); **barraca** (it. **baracca**, fr. **baraque**, êste do italiano); **corredor** (it. **corridore**, hoje **corridoio**, fr. **corridor**) — era primeiro termo de fortificação —; **carapacho** (fr. **carapace**, it. **carapace**), etc..

Entre os termos indígenas (americanismos) introduzidos através do espanhol contam-se: **maiz** (fr. **mais**, it. e port. **mais**, raro na última língua); **tabaco**, do Haiti (fr. **tabac**, it. **tabacco** e port. **tabaco**); **batata** e **patata**, do aruaque (port. **batata**, it. **patata** e **batata**, fr. **patate**, e também **batate** no século 16); **cacao**, do azteca (fr. **cacao**, it. **id.** port. **cacau**); **chocolate**, do azteca (fr. **chocolat**, port. **chocolate**, it. **cioccolato**); **tomate**, do azteca (fr., it. e port. **tomate**). A mesma disseminação têm as palavras americanas **canoa**, **canibal**, **zapote** e outros.

Entre os vocábulos importados pelos portugueses lembramos: **sagú**, do malaio (fr. **sagou**, it. e esp. **sagú**); **manga**, do tamil, através do malaio, segundo Gonçalves Viana (fr. **mangue**, it. **mango**, esp. **manga**); **banana**, termo da Guiné provàvelmente (fr. **banane**, esp. e it. **banana**); **bambú**, do malaio (fr. **bambou**, esp. e it. **bambú**); **anana**, depois **ananás**, do guaraní **naná**. Ocorre em francês já em 1554, sob a forma **nana**. Dauzat o tira do espanhol: "empr. à l' esp. **ananas**, **anana**, tiré lui même du guarani (l. du Brésil)". É estranho que tire o termo do espanhol, se êle veio diretamente do Brasil e figura primeiro entre autores que aquí estiveram. O que é possível é que o francês tenha tirado o termo diretamente do tupí durante a permanência dos franceses na Baía de Guanabara, nos meados do século 16.

Alguns outros termos portugueses que se espalharam são: **pintada** (fr. **pintade**, etc.); **feitiço** (fr. **fetiche**, que nos foi recambiado na forma francesa, it. **feticcio**, esp. **hechizo**; o espanhol apresenta aquí um caso interessante de formação vernácula à imitação de uma forma estrangeira); **crioulo** (esp. **criollo**, fr. **créole**, it. **crèolo**) (87).

Geralmente os vocábulos trazidos por espanhóis e portugueses são nomes concretos, de objetos, plantas, animais, etc. importados das regiões de que foram os grandes descobridores do século 16. Estes vocábulos são eminentemente internacionais, não se limitando, em geral aos países românicos.

RELATINIZAÇÃO LÉXICA DO ROMENO MODERNO (88) — Antes de deixarmos o estudo da unidade léxica da Romània ocidental, queremos notar o mesmo fenômeno de invasão de palavras latinas, italianas e francesas no romeno moderno.

Entre as muitas que vêm no **Manualetto** de Ortiz notemos **abajur** (fr. abat-jour, **abàte** (fr. abbattre), **absorbì** (fr. absorber), **acordà**

---

(87) Sôbre a plausibilidade da origem portuguessa do termo ver C. Michaelis, *Lições*, pag. 215. Bloch e Wartburg tiram o fr. *créole* do português através do espanhol.

(88) No estudo das contribuições da latinidade ocidental ao vocabulário romeno servimo-nos especialmente do *Manualetto Rumeno* de Ramiro Ortiz.

(fr. accorder?), **admirà** (fr. admirer), **afabil** (lat. affabilis), **alchimìe** (fr. alchimie), **alùzie**, ou **aluziune** (fr. allusion), **amor** (lat.), **apartament** (fr. appartement), **apel** (fr. appel), **aplause** (lat. applausus), **armonie** (fr. harmonie), **artă** (lat. ars), **avocat** (fr.), **banca** (it.), **batalìe** (it. battaglia), **bijuterie** (fr. bijouterie), **bravo** (it.), **brodà** (fr. **broder**) e **brodat**, **bronz** (fr. bronze), **brun** (fr.), **buchet** (fr. bouquet), **cariera** (fr. carrière) = profissão, **chestiune** (fr. question), **combàte** (fr. combattre), **compùne** (lat. componere), **conductor** (fr. conducteur), **construi** (fr. construire), **consultà** (consulter), **còpie** (fr. **copie**? — o acento não é do francês; será preferível considerar a forma italiana ou latina), **cristalizà** (fr. cristalliser), **curte** (lat.). Não se trata evidentemente de neologismo, mas o significado "côrte de um rei", etc. é tirado das línguas românicas modernas do Ocidente: é um caso de empréstimo semântico, portanto. É interessante notar que o romeno moderno usa também a expressão "a face curte" (fazer a côrte), tão comum nas outras línguas da família. **Depinde** (fr. dependre), **dedicàtie** (fr. dédicasse), **deplânge** (formado de um verbo vernáculo, mas calcado sôbre o fr. **déplorer**), **deplasà** (fr. déplacer), **descurajà** (fr. décourage?), mas note-se o prefixo **des-**), **deveni** (fr. devenir), **dirèctie** (fr. direction), **discutà** (fr. discuter), **dispareà** (composto de **pareà** calcado sôbre o fr. **disparaître**), **dòctor** (latim?, mas note-se o sentido: **médico**), **dòliu** (fr. deuil), **dresà** (fr. dresser), **durà** (fr. durer), **egal** (fr. égal), **emoționà** (émotionner), **exemplu** (fr. exemple?), **enérgic** (fr. énergique?, mas cf. o acento diferente), **evocà** (fr. évoquer), **exagerație**, ou **exagerațiune** (fr. exageration), **exaltà** (fr. exalter), **explicație** (fr. explication), **feerie** (fr.), **fin** (fr.) = fino, **fix** (fr. fixe), **fluìd** (fr. fluide), **formùla** (fr. formule), **ghirlanda** (fr. guirlande), **grație** (lat. gratia?), **grațios** (fr. gracieux), **inegal** (fr. inégal), **important** (fr.), **ingrat** (fr.), **insuflà** (fr. insuffer), **invità** (fr. inviter), **istòric** (fr. historique), **indurà** (é forma vernácula, mas com o sentido do fr. **endurer**), **libertate** (fr. liberté?), **lux** (fr. luxe), **material** (adjetivo e substantivo, do fr. **matériel** certamente), **mersì** (fr. merci), **mod** (fr. mode), **moderà** (fr. modérer), **moment** (fr.), **multiplicà**, **națiune** (fr. nation) **natura** (fr. nature?), **nervos** (fr. nerveux), **nuanță** (fr. nuance), **oferì** (lat. **offerre**? calcado sôbre o vernáculo a **suferì**), **opinie** ou **opiniune** (fr. opinion), **original** (fr.), **pàlid** (lat. pallidus), **pantalon** (fr.), **parol** (parole), **pietrificà** (fr. petrifier?), **placid** (fr. placide), **poezìe** (fr. poésie), **portrèt** (fr. portrait), **pretinde** (fr. prétendre), **pretins** (imitação do fr. **prétendu**), **prezent** (fr. présent), **prìnț** (fr. prince) **produce** (lat. producere), **profèsor** (fr. professeur?), **profilà** (fr. profiler), **promite** (lat. promittere), **protestà** (fr. protester), **rang** (fr.), **reclamà** (fr. reclamer), **regulà** (lat. regulare), **reprodùce** (lat. reproducere), **resemnà** (composto de **semnà**, imitando o francês **résigner**), **ridìcul** (lat. ridiculus), **sala** (fr. salle), **sentiment** (fr.), **soldat** (fr.), **speranța** (it. speranza), **sperà** (lat. sperare), **surâde** (composto de **râde**, à imitação do fr. **sourire**), **susurà** (fr. sussurer), **suvenir** (fr.),

ştiinţa (lat. e fr. **science**? de fato é outro caso de imitação, formado, porém, sôbre o verbo romeno **a ştì**, do lat. **scire**), **tresărí** (composto de **sarì**, imitando o fr. **tressaillir**, **ùnic** (lat. unicus), **vízita** (fr. visite? o acento sugere antes o it. **vísita**).

A lista, apesar de já longa, é muito incompleta, mas bastará para se observar como se deu esta relatinização moderna do romeno. De fato, um ligeiro exame dela revela:

a) que o romeno introduziu modernamente de preferência o que podemos chamar o vocabulário panromânico, antes que especìficamente palavras francesas, italianas ou latinas. Se é verdade que estes termos são na maioria franceses, trata-se sobretudo daqueles que já antes se tinham disseminado por tôda a Românía Ocidental. Corram-se os olhos na lista anterior e ver-se-á que tôdas as línguas do Ocidente possuem os termos correspondentes com poucas exceções.

b) Mesmo nas palavras a que se costuma atribuir origem francesa, a forma é antes latina e panromânica do que francesa. Na lista anterior conservamos os étimos propostos por Nina Façon, autora do vocabulário do **Manualetto** de Ortiz. Entendemos, porém, que a autora filia ao francês muitas palavras que evidentemente não foram tiradas de lá, como já assinalamos em algumas notas e interrogações. O que acontece frequentemente é que o romeno recorre à forma latina, dando-lhe o sentido românico moderno. Além disto há naturalmente numerosos galicismos como nas outras línguas românicas.

Fica esta nota sôbre o romeno como ilustração do poder de coesão e unidade das línguas românicas, resultado da conciência inapagável da herança latina comum.

II UNIDADE SEMÂNTICA DA ROMÂNIA OCIDENTAL — OS EMPRÉSTIMOS DE SENTIDO

Para se avaliar em tôda sua extensão a unidade do vocabulário românico ocidental é preciso examinar a semelhança de significação das mesmas palavras nas diversas línguas do grupo, mesmo quando o sentido moderno é recente. Esta identidade de significação se dá pelo que se costuma chamar "empréstimo de sentido". Acontece muitas vezes que uma língua já possue um termo que corresponde etimològicamente a outro do latim ou de uma língua irmã, mas com significação própria. O empréstimo consiste então apenas em atribuir ao termo já existente uma nova acepção, importada de fora. Tal já fizera o latim em relação ao grego, assimilando intensamente a civilização da Grécia: atribuíu às palavras **ratio**,

mundus, qualitas, quantitas (estas recém-criadas) e outras a significação das palavras gregas λόγος, κόσμος, ποιότης, ποσότης, etc. (89).

O mesmo fato devia dar-se, em uma extensão que mal podemos avaliar e menos ainda verificar, com as línguas românicas diante do latim. Uma infinidade de palavras do romance foram "carregadas" com o sentido das correspondentes latinas, à medida que os seus dialetos foram servindo de exprimir idéias e sentimentos que antes sempre haviam sido expressos em latim. Êste fato explica porque o Ocidente está, em geral, um tanto próximo do latim sob o ponto de vista semântico, mas do latim medieval, entende-se.

Outra vez, porém, o latim não é a única fonte desta evolução semântica das línguas românicas. A unidade destas línguas se vê no fato de que muitas inovações semânticas de uma língua passam para as suas irmãs. A França é naturalmente a principal fonte, de onde se suprem com frequência as demais línguas. Em nenhum aspecto devem elas mais ao francês do que aquí. Os puristas extremados, adversários intransigentes de todos os galicismos, ficariam de certo apavorados com um exame completo de quanto, neste terreno, devemos ao francês — nós, os espanhóis e mesmo os italianos.

O que nos interessa principalmente neste estudo é evidenciar mais uma vez a harmonia das línguas românicas na inovação semântica, salientando a oposição em que muitas vezes se encontra o grupo todo diante do latim antigo, quer por ter recebido a significação dos termos eruditos do latim medieval, quer por ter atribuído significação nova aos velhos termos latinos.

Passamos a mencionar uma lista, naturalmente incompletíssima, de palavras reveladoras desta unidade semântica. Se tomamos uma série de palavras portuguesas como **confidência, confidencialmente, confidente**, verificamos logo que é possível traduzí-las pelas formas correspondentes das outras línguas aquí estudadas, e. g., it. **confidenza, confidenziale**, etc.. Ora esta significação é recente, diferente da latina, apesar de tratar-se de um grupo de palavras eruditas. Entretanto pertence a tôdas as línguas ocidentais. O número de exemplos semelhantes é muito grande. E não se julgue que se trate apenas de termos de civilização ou de larga voga internacional. Embora isto se dê frequentemente, muitos outros vocábulos de uso corrente apresentam a mesma identidade de significação. Como exemplo, registramos: port. esp. e it. **indivíduo**, fr. **individu** (pessoa) é cousa diversa do latim clássico **individuum** (no neutro: **átomo**, etc.); fr. **initiative**, it. **iniziativa**, esp. e port. **iniciativa** são de formação românica e significação uniforme; os compostos de **ducere** (que geralmente não se conserva na România, sendo substituído por seu composto **conducere**) se formam com prefixos latinos e à imitação do latim, mas com sentido novo, comum a tôdas as línguas do Ocidente. Comparem-se os verbos portugueses **produzir**,

(89) Ver Meillet, *Ling. hist. et ling, gén.*, pag. 311.

reproduzir, induzir, deduzir e **traduzir,** com os franceses **produire, reproduire, induire, déduire, traduire** e com os seus correspondentes italianos e espanhóis: têm todos numerosas acepções semelhantes, fàcilmente traduzíveis de uma língua para outra. Ao contrário, o português **produzir** apenas por exceção se traduzirá pelo latim **producere.** Ilustração típica do que dizemos pode encontrar-se no excelente **Dicionário português-latino,** de Francisco Torrinha. Entre os numerosos verbos latinos usados para traduzir aí o português **produzir,** não aparece uma só vez **producere.** Semelhante verificação se poderá fazer muitas vezes, com dicionários de qualquer língua românica para o latim; ao contrário, estas concordam entre si em usar, com extraordinária abundância, dos mesmos vocábulos nas mesmas acepções. É uma indicação clara de que o latim que serviu de fonte para o enriquecimento das línguas românicas por via erudita não foi tanto o latim clássico como o medieval. Mesmo quando se volta ao classicismo, como na Renascença, é de preferência uma acepção particular, não raro metafórica da palavra latina, a que se introduz nas línguas românicas. Naturalmente êste novo sentido é em geral o mesmo em tôdas as línguas românicas. A lista que continuamos a dar o evidenciará suficientemente.

Feita esta digressão, voltemos à nossa lista: **aperitivus,** termo médico, significa primeiro purgativo, etc. e, só no século 19, "o que serve para abrir o apetite" (Bloch e Wartburg), sentido que, apesar de recente, é geral: fr. **apéritif,** it., esp. e port. **aperitivo. Uniforme** = **veste peculiar a militares,** etc., é do século 17, tendo o mesmo sentido em tôdas as línguas. **Conquista,** formado sôbre o particípio **conquisitus,** recebe por tôda parte o sentido de **ocupação militar. Hospitalis** (sci. **domus**) por uma restrição semântica dá fr. **hôpital,** it. **ospedale,** esp. e port. **hospital. Industrie** ocorre no francês com o sentido de **atividade,** desde o século 12, tomando o sentido atual no século 18. Êste passa para o it., esp. e port. **indústria. Fr. culture** e correspondentes recebem aplicação metafórica, significando **instrução, saber,** etc., sentido que passa ao derivado, **cultural,** etc.. Fr. **appeler,** it. **appellare,** esp. e port. **apelar** têm a significação nova de "recorrer a uma instância judicial superior". A mesma especialização é de **apelação** e correspondentes. **Annuntiare** (fr. **annoncer,** it. **annunziare,** esp. e port. **anunciar**) recebe a significação de "oferecer ou procurar mercadorias pùblicamente", etc.. **Bravo,** de **barbarum,** formado provàvelmente na **Ibéria,** recebe o sentido comum de **corajoso, valente. Indisposé** (que não se sente bem) e **indisposition** (sensação de mal estar) correspondem exatamente ao it. **indisposto** e **indisposizione,** port. **indisposto** e **indisposição,** etc.. **Correr** (expor-se a) e. g., **correr o risco,** se traduz literalmente nas outras línguas do grupo: e. g. it. **correre il rischio. Influere** recebeu acepção metafórica na astrologia medieval. Esta explica esp. e port. **influir,** fr. **influir,** it. **influire.** Os derivados do verbo são geralmente os mesmos por tôda parte: port. **influência, influenciar, influente,**

etc.. O francês **subvention** (e com êle **subventionner**), existente na língua desde o século 13, toma a significação administrativa atual no século 19, o que não obsta a que êle pertença às demais línguas (it. **subvenzione**, esp. **subvención**, port. **subvenção**). **Aspirer** no francês significa primeiro **soprar** (século 12), como o latim **aspirare**, e figuradamente **inspirar**. Do século 16 em diante passa a significar, ao contrário, "introduzir o ar nos pulmões" e no sentido figurado **almejar**, que não parece de todo estranho ao latim (cf. **aspirare in curiam**, Cícero). A mesma inovação semântica recebem **aspirant** e **aspiration**. As formas italianas, espanholas e portuguesas recebem exatamente a mesma significação que as francesas. **Correctus** (corrigido) passa, na Romênia, a exprimir "o que não tem êrro" (no francês, no século 16). **Obligare** entra para as línguas românicas com o valor metafórico de "ligar por contrato", depois "ligar por uma promessa". Daí fr. **obliger** (1267) e os derivados **obligation, obligatoire**, como it. **obbligare, obbligazione, obbligatorio**, esp. **obligar**, etc.. **Conduite** significa **comportamento**, pelo menos desde Pascal. O it. **condotta**, esp. **conducta** e o port. **conduta** receberam o mesmo valor, embora entre nós os puristas mais rigorosos ainda condenem o emprêgo da palavra com a significação francesa.

Relativamente moderno, mas geral, é o sentido metafórico e moral do fr. **caractère** e de **caractériser, caractéristique** (adjetivo e depois substantivo) e das formas correspondentes, port. **caráter**, it. **carattere**, etc.. **Exactus** entra para as línguas românicas com um dos sentidos metafóricos que tinha em latim, sempre o mesmo por tôda parte: port. **exato**, esp. **exacto**, etc.. **Reconhecer** "mostrar-se grato por", e. g., em "reconhecer um favor" se traduz em francês pelo verbo **reconnaître**, it. **riconoscere**. A mesma acepção passa para os derivados, fr. **reconnaissant, reconnaissance**, it. **riconoscente, riconoscenza**, port. **reconhecido** (com formação particular) e **reconhecimento**, esp. **reconocido** e **reconocimiento**. A expressão francesa "le gros de l'armée", em que **gros** significa "a maior parte", traduz-se literalmente para o italiano "il grosso dell'esercito", espanhol "el grueso del éjército", port. "o grosso do exército". **Preparativo**, fr. **préparatif**, etc., substantivados, têm a mesma acepção, inexistente em latim. Port. **audiência**, fr. **audience**, it. **udienza**, com o sentido jurídico, forma-se no latim. **Cursus** (fr. **cours**, esp. e port. **curso**, it. **corso**) no sentido didático, é moderno. Bem recente, do século 19, é o substantivo port. e esp. **ideal**, fr. **idéal**, com as suas aplicações semânticas características. O fr. **motif**, adjetivo substantivado "o que move" é igual ao it. esp. e port. **motivo**. O port. **consagrar**, com a significação de **devotar, dedicar** (tempo, vida, etc.) corresponde com perfeição ao francês **consacrer**, etc.. Nova e interessante é a acepção que tomou o adjetivo **responsabilis**, "que tem de responder por": fr. **responsable**, it. **risponsabile**, etc.. Notem-se também os derivados fr. **responsabilité, responsabiliser** e os seus correspondentes nas outras línguas. **Incumbere** entra nas línguas românicas com um valor

metafórico que admitia na decadência: port. e esp. **incumbir**, fr. **incomber**, etc.. **Respectus** também se usa só num sentido especializado: fr. **respect**, it. **rispetto**, port. **respeito**, esp. **respecho**. **Considerare**, entre outras aplicações, veio a significar "estimar, ter em aprêço", no fr. **considérer**, it. **considerare**, etc.. O mesmo acontece com **considération** e seus correspondentes. Ao esp. e port. **concernir** (dizer respeito a, tocar a) respondem fr. **concerner** e it. **concernere**. Cf. port. **concernente**, esp. **concerniente**, etc., que se reduz a uma espécie de preposição ou, na Ibéria, à locução prepositiva "concernente a". Nova é a acepção do fr. **entendre**, it. **intendere**, esp. e port. **entender** (compreender). O fr. **prévention**, existente na língua desde o século 14, toma o sentido de **preconceito** no século 17. A mesma evolução semântica sofrem it. **prevenzione**, esp. **prevención**, port. **prevenção**. **Praevenire** (vir antes) passa a significar **impedir**, e. g., fr. "prévenir un malheur". **Praecisus** (cortado rente) se usa figuradamente com o valor de **exato**: fr. **précis**, it., esp. e port. **preciso**. Cf. também **préciser**, **précision**, etc.. Na Ibéria se desenvolve ainda o sentido de **necessário**. **Supprimere** conserva apenas um valor restrito e metafórico: esp. e port. **suprimir**, etc.. Port. **supor** e seus correspondentes são uma metáfora que vem do baixo latim: "dar como certo".

Examen e **examinare** (= pêso e pesar respectivamente) usam-se figuradamente no baixo latim e com êste valor é que se generalizam na România: fr. **examen**, **examiner**, port. **exame**, **examinar**, etc.. Fr. **circuler**, etc. vêm do baixo latim **circulari**, mas com uma acepção nova, como em "un bruit circule", it. "le notizie circolano" e assim por diante. Um metáfora excepcional do latim **affectuosus** constitue o sentido mais comum dêste adjetivo na România: fr. **affectueux**, port. **afetuoso**. Cf. também **afeto**, **afeição**, **afeiçoar**, **afetivo** e as formas correspondentes das línguas irmãs. Ao fr. **renom**, **renommer**, **renommé** respondem it. **rinomo** (antiquado), **rinomanza**, **rinomare** e **rinomato**. Cf. esp. e port. **renome**. **Cliens** e **clientela** são clássicos, mas o sentido moderno "pessoa que se utiliza dos serviços de outrem" é inovação recente, usado na linguagem jurídica no século 16 e na comercial, no século 19 (Dauzat): fr. **client** e **clientèle**, etc.. **Propaganda** é a substantivação de um gerundivo latino na expressão eclesiástica "de propaganda fide" que modernamente significa "trabalho de difusão de idéias ou de um produto". Com êle se generaliza o derivado **propagandista**. **Particularis** é um adjetivo do baixo latim, donde fr. **particulier**, it. **particolare**, etc.. A sua acepção nova existe também nos derivados: it. **particolarizzare**, **particolarità** e assim por diante. **Intensus** passa a significar: **grande**, **forte**, e. g., it., esp. e port. **intenso**, fr. **intense**. **Lectio** (leitura) passa a ser "ensinamento dado em classe", como no port. **lição**. Port. **bolsa** e seus correspondentes são de origem vulgar (l. v. **bursa**, do grego *βύρσα*). Mas recebem várias acepções novas e comuns como "lugar em que se reúnem comerciantes, agentes de câmbio, etc. para tôda

a espécie de transações", depois também "subsídio pago a estudantes pobres, etc. por uma instituição ou pelo Estado" (cf. fr. **bourse**, it. **borsa**). **Voga** é um substantivo verbal italiano que significa "spinta del remo per far camminar la barca, atto di vogare" e depois "favore che spinge, agevola il corso; usanza, moda" (Zingarelli). Com o sentido metafórico dissemina-se: cf. fr. "être en vogue", port. "estar em voga".

Passio é "sofrimento" em latim. Entre as aplicações românicas novas temos "inclinação ou amor muito forte": fr. **passion**, port. **paixão**, etc. (cf. fr. **avoir la passion des études**). O fr. **meuble** (de **mobilem**) se substantiva no século 16 com o sentido de "alfaia para comodidade ou adôrno de uma casa". O mesmo valor tem it. **mobile**, esp. **mueble**, port. **móvel**. Tôdas as línguas do grupo substantivam o adjetivo **periódico**, etc. para designar uma publicação editada em época fixa. **Dependere** (estar pendente de) só se emprega na România no sentido metafórico, e. g., port. **depender**, etc.. Cf. também **dependente, dependência, independente** e seus correspondentes. O grego ἐνθουσιασμός é "transporte divino". O valor atual desenvolve-se na Renascença, no fr. **enthusiasme**, que se dissemina. **Cópia** é primeiro "abundância", no francês desde o século 13. Depois na linguagem jurídica passa a ser "faculdade de transcrever, direito de reproduzir" e, por fim, "reprodução escrita". A nova significação é de tôdas estas línguas e dos seus derivados, fr. **copier, copiste** e correspondentes. Fr. **resoudre**, adaptação do latim **resolvere**, à imitação de **soudre**, e seus correspondentes significam em tôdas as línguas do Ocidente "decidir, determinar-se". Assim port. **resolver**. Cf. também o derivado **resolução**. **Protestari** (testemunhar, declarar pùblicamente) surge na România pelo menos no século 14, passando dois séculos depois a significar também "fazer declaração pública contra". Assim fr. **protester**, it. **protestare**, etc.. Fr. **réunir** e correspondentes vêm a significar "congregar, ajuntar em assembléia". O mesmo se dá com o derivado comum **réunion**, etc.. **Divertir**, existente em francês desde o século 14, significando afastar, **desviar**, passou dois séculos depois a significar "afastar das ocupações, distrair, recear" com um derivado de acepção semelhante, **divertissement**. Iguais ao francês são port. **divertir** e **divertimento** e as formas italiana e espanhola. Vários outros sinônimos se formam modernamente na România: **distrahere** (fr. **distraire**), que, segundo Dauzat, só no século 17 recebe a acepção moderna. Mas ela pertence também ao port. e esp. **distrair**, etc... Tôdas as línguas têm o mesmo derivado: port. **distração**, etc.. O mesmo sentido toma um composto de **tenere**, e, g., fr. **entretenir**, hoje especialmente "entreter com uma conversa" (90). Cf. it. **intertenere**, esp. **entretenir** e port. **entreter**. **Recreare** (tornar a criar, refazer)

(90) O sentido mais geral conserva-se no inglês *to intertain*, tirado do francês.

passa a significar **alegrar, divertir:** fr. **récréer,** esp. e port. **recrear,** it. **ricreare.** Por tôda parte temos os derivados **recreativo, recreação** e correspondentes. O composto francês **passe-temps** (1413, Dauzat) — port. **passatempo** (91), esp. **pasatiempo,** it. **passatempo** — é outro exemplo desta disseminação.

Voltando à enumeração de outros exemplos, que procuramos resumir um pouco mais: fr. **transport** (figuradamente: **emoção violenta, arrebatamento,** século 12) é igual it. esp. e port. **transporte. Creatura** "pessoa amparada ou protegida de outra" pertence a tôdas estas línguas. O it. **carriera** "curso de vida, profissão" origina fr. **carrière,** port. **carreira,** etc.. Port. e it. **corrente,** fr. **courant,** etc. se equivalem em expressões como port. **moeda corrente,** it. **mese corrente, tenere al corrente,** fr. **mois courant,** etc.. **Functio** e seus derivados vêm a significar na România "serviço público, trabalho realizado por uma máquina, etc." e. g. port. **função, funcionar,** etc. (cf. it. **il motore funziona male).** Do latim medieval vem **temptativus,** substantivado no latim escolástico, donde fr. **tentative** (século 16; o sentido moderno é do século 17). Cf. esp. e port. **tentativa,** it. **tentativo** (fem., exceto no italiano). Cf. também port. **espectativa,** etc.. **Contravenire** passou para as línguas românicas com o sentido jurídico medieval "agir contra". Notem-se também os derivados it. **contravventore, contravvenzione** e correspondentes. Do baixo latim é o sentido de **contrafacere,** hoje comum em **contrafazer,** etc.

Entre as numerosas frases formadas com o verbo francês **donner,** temos "donner signe de vie", "donner un remède", "donner le bonjour", donner la mort", "donner sa main", "les blés ont beaucoup donné", "cette fenêtre donne sur la rue", "donner de la tête contre un arbre", "se donner pour", etc., expressões em que o verbo recebe acepção especial, idiomática, mas estas frases se traduzem literalmente para o português, revelando uma elaboração semântica idêntica. O fr. **vilain** e **vilenie** têm sentido pejorativo desde o século 13, sentido que também pertence ao it. **villano, villania** e assim por diante. Fr. **parti** (substantivo) aplica-se a um corpo de tropas, agrupamento político, significando depois **proveito** (tirer un bon parti), **opção** (prendre le parti de quelqu'un), pessoa própria para um casamento (excellent parti). Em tôdas estas acepções, desenvolvidas durante a história da língua, se traduz fàcilmente pelo correspondente português **partido,** e pelo it. **partito:** it. "trarre partito dalle circostanze", "un buon partito", etc.. A mesma semelhança de sentidos se tem entre o fr. **partie** ("manière de tenir les livres d'une maison", e. g., **partie simple,** "totalité des coups qu'il faut jouer pour qu'un des joueurs ait gagné ou perdu", e. g. **jouer une partie de billard,**

---

(91) Cf. já a frase de Vieira: "os jogos são tão antigos como o tempo, e porque êste passa, e não torna, não sei se com razão ou sem ela, se chamaram *passa-tempo*" (*Sermões,* ap. Aulette).

"divertissement," e. g., **une partie de chasse**, Larousse) e o port. e esp. **partida**, it. **partita**. Em francês **franc**, nome do povo, aplica-se figuradamente no sentido de **livre** e **leal**. Êste sentido passa para it. esp. e port. **franco**. Fr. **partial** é "favorável a uma das partes" desde o século 16. Cf. port. **parcial**, etc.. Ao fr. **révolter** (rebelar), etc. correspondem it. **rivoltare, rivolta** e **rivoluzione** e assim por diante, embora êste sentido seja moderno (século 17). O espanhol não possue o verbo, mas tem as outras formas. O latim medieval **practica** (do grego) dá origem à série port. **prática, prático, praticar, praticante, praticável, pràticamente** e formas correspondentes das demais línguas ocidentais, tôdas com acepção nova e comum, cf. it. "praticare la giustizia, la legge", etc.. **Habitus** é "modo de ser, aspecto externo". Na Romània, às vezes com outros sufixos, chega a ser **costume, disposição adquirida** (port. e esp. **hábito**, fr. **habitude** — desde o século 15, etc.). **Impressio** ocorre em Cícero com o valor de **sensação**, que não é comum em latim. As línguas românicas consagram êste valor: port. "**ter a impressão**", etc.. Port. **convencer** (cf. **convencer-se, convencimento, convicção**), que Torrinha traduz para o latim por **persuadere**, etc., usa-se na mesma acepção nas línguas irmãs: fr. **convaincre** e assim por diante. O latim jurídico conheceu **exsecutor** e **exsecutorius**, que sugerem a criação de **exsecutare**, que na Romània recebe variadas aplicações: **realizar, fazer** (sobretudo **trabalho de arte**). Em italiano se usa de preferência o primitivo **eseguire** em algumas das acepções (e. g., **eseguire al piano**). Fr. **facteur** e correspondentes significam geralmente "cousa que concorre para produzir um efeito". O francês **(se) recueillir** e **recueillement** (respectivamente: **retirar-se para a meditação** e **retiro**) se traduzem pelos it. **raccogliersi** e **raccoglimento**. etc.. Fr. **recommander** (século 12), esp. e port. **recomendar**, it. **raccomandare**, além do sentido primitivo, correspondem ao lat. **praescribere, hortari**. **Resultare** (saltar para trás, tornar a saltar, etc.) toma a significção românica de "ter como efeito": esp. e port. **resultar**, etc.. Os derivados românicos são **resultado, resultante** e correspondentes. O fr. **revue** significa **inspeção militar** (século 14) e **periódico** (século 19). Os mesmos sentidos admitem esp. e port. **revista** e it. **rivista**. **Dispensare** significa em latim **distribuir, administrar**. Nas línguas românicas é também **isentar**, como no fr. "les malades sont dispensés du travail".

O sentido jurídico de **processus** data do latim medieval. **Apenas** toma o sentido de "com dificuldade, penosamente", e. g., em Camões:

"Que a penas nos meus olhos ponho freio" (**Lus.** IV, est. 87). Cf. em Peire Vidal (provençal): "Qu à penas posc sai mos olhs retener". A mesma aplicação têm o it. **appena** e o fr. **à peine**. O fr. **se résigner** recebe o sentido moral de "conformar-se, submeter-se à sorte" (século 16). O mesmo acontece com o it. **rassegnarsi**, port. **resignar-se**, etc.. Segundo Dauzat, **spéculer** toma a significação de

"buscar grandes lucros pelo comércio, etc." no começo do século 19. A inovação semântica pertence também às línguas irmãs. Vejam-se ainda os correspondentes dos portugueses **víveres, dispor, perder** (nas suas numerosas acepções idiomáticas), **superficial** e muitos outros.

Para encerrarmos esta lista, que já se torna longa, queremos mencionar alguns particípios presentes, adjetivados ou substantivados com um sentido semelhante ou idêntico em todo o Ocidente românico: **ambiens** (esp., port. e it. **ambiente**, fr. **ambiant**). Fr. **semblant** se substantiva na Idade Média com o sentido de "modo de ser" depois "fisionomia". Daí esp. e port. **semblante**, etc.. Comuns como substantivos são: **protestant, négociant, voyant** (o que prevê o futuro, profeta), **représentant, commerçant, calmant** (remédio que acalma), **estimulant, versant** ("pente d'un côté d'une chaine de montagnes", Larousse), **levant** (substantivado no século 14), **couchant, colorant, agent, fabricant, combattant, battant**, e correspondentes nas outras línguas (em casos como o de **couchant** naturalmente elas usam o particípio de **ponere**).

Seria fácil alongar esta lista. Os exemplos que escolhemos são de palavras eruditas e formações românicas, e também algumas vindas do latim vulgar, quando apresentam acepções novas mais ou menos recentes. Esta limitação é importante para evidenciar a circulação constante de inovações semânticas em todo o mundo ocidental, depois da cisão dialetal que deu origem às línguas modernas.

Naturalmente não pretendemos que esta concordância românica na renovação semântica do seu vocabulário seja o fato mais decisivo para estabelecer a unidade linguística que estamos investigando. Os empréstimos de sentido dão-se com facilidade, mesmo entre línguas de grupos diferentes, como já vimos em referência ao latim e ao grego. Mas ela evidencia de modo esplêndido a excepcional unidade social que é o fator decisivo para a unidade linguística que examinamos. Demais, se não é o elemento mais importante desta unidade, não é absolutamente desprezível.

Nota — Nem sempre é fácil datar com segurança as inovações semânticas acima estudadas. Para orientar-nos, servimo-nos dos trabalhos de Dauzat, e de Bloch e Wartburg já citados. Também não é sempre fácil determinar qual a língua em que primeiro surgiu a referida inovação. Além do latim medieval, o ponto de partida é, muito comumente, o francês, não raro o italiano.

III A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA ROMÂNIA OCIDENTAL

No estudo da derivação e da composição entramos já mais diretamente na estrutura das línguas românicas, embora estes processos não afetem ainda a gramática pròpriamente dita.

Como já antes dissemos, necessitavam as línguas românicas de um vocabulário mais rico do que o recebido do latim vulgar. Por isto os grandes empréstimos na fonte latina são léxicos. Elas, porém, não se limitam a tomar vocábulos formados. A contribuição mais importante da língua-mãe foi a de proporcionar-lhes recursos mais variados de derivação, embora não seja o latim, sobretudo antigo, a única fonte do seu enriquecimento.

Estes processos novos dão às línguas românicas a grande facilidade de criação de palavras que as caracteriza hoje, embora não consigam, neste ponto, emparelhar com as línguas germânicas, sobretudo na composição, onde aquelas guardam muito da velha flexibilidade indo-européia.

Meyer-Lübke, introduzindo o estudo da **composição românica** (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 542), observa: "Se, na derivação, as línguas românicas revelam uma riqueza e uma variedade muito superior à do latim, na composição elas têm maior flexibilidade, quer por desenvolverem os tipos antigos, quer por criarem outros novos". A observação é exata, embora nem sempre se tenha apontado com clareza a causa dêste enriquecimento. O próprio Meyer-Lübke, segundo cremos, atribue parte demasiada dêstes novos processos ao latim vulgar (92). Mas especialmente exageradas nos parecem as observações de Grandgent. Diz êle sôbre a derivação latina vulgar: "O latim vulgar é muito rico em derivados e compostos; possue muitos diminutivos afetivos, com **-icca** e **-itta**. Petrônio mostra predileção para os derivados longos como **gaudimonium**... Os escritores tardios abundam quase todos em nomes abstratos (!). Parece que nos textos estritamente clássicos de fato não têm vitalidade os sufixos: mas a facilidade na formação de vocábulos, perdida pela língua literária, conservou-se e desenvolveu-se no falar do povo. Desta liberdade de formação chegaram a abusar os escritores africanos, que eram singularmente afeiçoados aos compostos com as preposições **in-**, **con-**, **sub-**, etc." (**Introducción al Latin Vulgar**, trad. espanhola, pag. 35). Mais adiante, começando a enumeração dos sufixos substantivos, nota: "Segundo parece, usavam-se em latim vulgar cêrca de noventa terminações" (pag. 41).

O êrro maior destas afirmações está em identificar o latim dos escritores tardios com o latim vulgar, confusão frequente, a que já atrás nos referimos. Assim inclue o autor o uso abundante de nomes abstratos pelos escritores tardios como ilustração do que afirma a respeito do latim vulgar. Ora, justamente neste ponto a língua popular devia ser extremamente pobre em comparação com a língua culta, como já há muito se reconheceu. O mesmo se diga quanto à sua observação a respeito da predileção dos escritores africanos para os compostos com preposições. A língua vulgar era pobre no

(92) Veremos isto melhor no desenvolvimento do presente capítulo.

uso de prefixos, exceto alguns como **ad, in** (não o de privação), **ex** e **dis.** É preciso evitar a confusão entre "o uso estritamente clássico", a que o autor se refere, e a tradição culta. A língua culta pode ter inovações nem sempre admitidas no estilo clássico mais severo. Os cânones clássicos de escritores como Cícero e César já não são observados pelos melhores escritores "post-clássicos", mas estes nada têm de popular. Ora, os escritores tardios de que fala Grandgent (como depois os medievais) continuam uma tradição que, às vezes, terá pontos de contacto com a língua vulgar, sobretudo pelos elos de ligação da cultura cristã com a massa popular, mas, contendo e transmitindo uma cultura espiritual e filosófica profunda, não se cingem nem de longe aos minguados recursos da língua vulgar, sobretudo nos processos de sufixação e prefixação, onde, para atender aos novos requisitos do pensamento cristão, conservam e desenvolvem abundantemente os velhos recursos da língua literária. A influência grega, pelas origens helênicas do cristianismo gentílico e pela exuberância da sua literatura patrística, veio enriquecer o latim cristão com novas e preciosas contribuições.

O fato de que as formações românicas só em número limitado vêm já constituídas do latim vulgar — isto vemos sobretudo quando procuramos formas documentadas também na Dácia, e não só no Ocidente — mostra exuberantemente que os ricos processos de derivação e composição (notadamente a prefixação) não pertenciam pròpriamente ao latim vulgar, como se tem presumido, mas desenvolveram-se no baixo latim e no latim medieval, entrando geralmente por estes canais para as línguas românicas do Ocidente.

O exame que passaremos a fazer da sufixação e da composição românicas porá em evidência quanto devem as línguas neo-latinas do Ocidente a esta tradição culta, tardia e mesmo medieval, explicando a notável diferença entre elas e o romeno, o qual, afastado do mundo latino medieval, naturalmente não pôde desenvolver os mesmos recursos para a constituição do seu vocabulário. Isto não significa que êle ficasse sem meios para a consecução do mesmo fim, mas foi buscá-los com frequência nas línguas eslavas, por exemplo. O exame que iremos fazer porá de manifesto também a escassez de documentação satisfatória para estabelecer o caráter latino vulgar de muitos sufixos considerados como tais.

Basta que se considere um grupo qualquer de palavras neo-latinas, para vermos imediatamente quanto estas línguas devem à importação erudita, pela introdução de recursos latinos e, em parte, gregos (aquí através do latim medieval especialmente) de sufixação. Sôbre o latim **res** se cria o adjetivo **real** (realis) e com êle se formam em português: **realizar, realista, realismo, realização, realidade, realizável, realístico, realizabilidade, realmente.** Mesmo quando vários dos sufixos encontrados nesta lista sejam tidos por genuinamente populares, o que discutiremos mais adiante, todos estão

acordes em que grande número dentre eles se deve a introdução posterior, literária (e. g., **-izar, -ista, -ismo, -ístico**).

Digno de registro é também que a base de formação de muitos derivados românicos não é a palavra romance, herdada do latim vulgar, mas sim o vocábulo latino original, o que denuncia claramente a origem literária da elaboração e enriquecimento do léxico primitivo. Assim, ainda em português, de **grau** temos os derivados **graduar, gradual, gradativo, gradação, graduação, degradar, retrogradar;** de **lei** temos: **legal, legalizar, legalidade, legislar** (**leal,** que é popular como o fr. **loyal,** tomou acepção muito diversa); de **corpo** temos **corpóreo, corporal, corporificar, encorporar,** etc. (**encorpar, corpinho, corpete, corpanzil** se formam diretamente sôbre o vernáculo); estes derivados supõem as formas latinas **gradus, lex-legis, corpus-corporis.** A oposição de um substantivo romance a derivados latinos é dos fatos mais corriqueiros das línguas românicas: notem-se ainda **lado** e **lateral; bispo** e **espiscopal, episcopado; mês** e **mensal, mensário; cabra** e **caprino, caprum; bôca** e **bucal; vida** e **vital; livre** e **liberdade; amável** e **amabilidade.** O tema latino vem mesmo, às vezes, com o sufixo de caráter popular.

Outro fato merece ainda ser salientado, antes de entrarmos no estudo direto da formação de palavras, e é que um número enorme de derivados pertence ao Ocidente todo, indicando que as línguas do grupo não só têm os mesmos sufixos, prefixos, etc. à sua disposição, mas empregam abundantìssimamente nos mesmos casos estes recursos, isto é, formam com eles as mesmas palavras. Êste fato denuncia a cópia mútua de palavras já existentes em alguma língua do grupo. A concordância se observa tanto nas derivações recentes como nas antigas, revelando de modo impressionante que a época das grandes criações do vocabulário românico não é o latim vulgar, onde muito frequentemente é difícil documentar de modo incontestável a existência de determinados processos de derivação ou composição, mas uma época posterior, quer sob o influxo do latim medieval, quer por imitação dos grandes centros culturais românicos. Assim ao lado de it. **guardare,** fr. **garder,** prov., esp e port. **guardar,** vêm derivados como it. **guardiano,** fr. **gardien,** prov. **guardiá,** esp. **guardian,** port. **guardião;** esp. port. prov. e it. ant. **guarda** fr. **garde;** it. **guardingo,** port. e esp. **gardingo;** port. e esp. **esguardar,** fr. ant. **esgarder,** prov. **esgardar;** it. **riguardare,** fr. **regarder,** prov. **regardar,** esp. **reguardar.** Ao lado de **guerra** o português possue **guerreiro, guerrear, aguerrir** de que as demais línguas têm os correspondentes exatos, embora alguns sejam bem modernos. De **pessoa** formamos **pessoal** e **pessoalmente, personagem, personalidade, personalizar, personalista, personalismo, personificar** e **personificação,** como o francês de **personne** faz **personnel, personnellement, personnage, personnalité, personnaliser, personnaliste, personnalisme, personnifier** e **personnification.** Os derivados italianos e espanhóis são os mesmos. Bastam estes exemplos. Eles revelam eloquente-

mente que o vocabulário neo-latino é fruto de uma elaboração comum, e não trabalho isolado das diversas línguas. Não ignoramos que há limites para esta unidade, que muitas vezes cada língua segue rumo próprio, criando formas particulares, mas êste fato não nos deve levar ao esquecimento da maravilhosa unidade que continua a subsistir neste terreno, provàvelmente mais do que em qualquer outro da sua estrutura.

Dividimos o estudo desta matéria pelos três títulos tradicionais: **sufixação, prefixação** e **composição,** embora a rigor a prefixação românica seja apenas um caso de composição.

SUFIXAÇÃO

Começamos o seu estudo pelo exame de um processo de derivação reconhecidamente primitivo, originado no latim vulgar:

DEVERBAIS EM **-US** e **-A.** São substantivos formados de verbos, sobretudo de verbos em **-are,** embora também ocorram exemplos de outras conjugações. O processo, que não pertence à língua clássica, surge pela associação de grande número de verbos em **-are,** às vezes outros, com nomes em **-a** e em **-us** (**planta: plantare, serra: serrare, sonus: sonare, cursus: cursare**), em que algumas vezes temos denominativos, como em **plantare,** e outras simples associação por semelhança entre palavras que não tinham relação especial entre si na origem, e. g., em **cursus, cursare** (93). A relação assim estabelecida levou à criação de substantivos correspondentes a grande número de verbos. O novo processo, destinado a grande desenvolvimento no romance, começa no latim vulgar.

Não são muitos os exemplos, mas suficientes para demonstrar a sua antiguidade. Como era de esperar, temos aí documentação panromânica de vários nomes assim formados. Notemos, entre outros: **dolus,** de **dolere** (rom. **dor,** it. **duolo,** fr. ant. **duelo,** esp. **duelo,** port. **dó**; ***tima,** de timere (rom. **teamă,** it. **tema,** fr. ant. **crieme,** com a mesma alteração do verbo: cf. **criembre,** moderno **craindre**); ***constus** (rom. **cust** = vida, it. **costo,** fr. **coût,** esp. **costo,** port. **custo**); ***captia** (rom. **cată** (espécie de casaco), it. **caccia,** fr. **chasse,** prov. **casa,** esp. **caza,** port. **caça**).

Apesar do seu caráter incontestàvelmente latino vulgar, não parece que o processo se tenha desenvolvido muito aí. Antes, devemos ter um recurso que atingiu o seu florescimento completo mais tarde no Ocidente. Bourciez observa que os substantivos verbais desta classe são relativamente raros no romeno (94). Ao con-

---

(93) Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.,* II, § 397.

(94) *Eléments,* § 467.

trário, nas outras línguas existem em grande número e muitos, embora formados em época bem posterior, frequentemente de verbos eruditos, pertencem a tôdas as línguas com a mesma forma — em **-us** ou **-a** (95). Cremos que esta circunstância merece atenção como exemplo de quanto as línguas do Ocidente românico são uniformes, mesmo nas criações mais recentes. Damos aquí uma lista dêstes deverbais, que melhor ilustrarão o que afirmamos: **rogare** (esp. **ruego**, port. **rôgo**, fr. ant. **ruef**), **cambiare** (it. e esp. **cambio**, port. **câmbio**, fr. **change**), **adiutare** (fr. ant. **aiue**, hoje **aide**, refeito sôbre **aider**, prov. e port. **ajuda**, esp. **ayuda** — o italiano usa o masc. **aiuto**), **botan** (ou **bottan**?), germânico (fr. **bout** = **golpe**, depois **fim**, it. **botto**, prov. **bot**, de onde certamente esp. e port. **bote**), **demorari** (it. **dimora**, fr. **demeure**, prov. e port. **demora**), **demandare** (it. **domanda**, fr. **demande**, port. e esp. **demanda**), **iurare** (it. **giura**, esp. e port. **jura** — não ocorre em francês), **gubernare** (port. **govêrno**, it. **governo**, esp. **gobierno** — o francês tinha o feminino **gouverne**, Godefroy); **waidanjan**, germânico (it. **guadagno**, fr. **gain**, port. **ganho**), **levare** (it. **leva** = **alavanca**, **recrutamento**, esp. e port. **leva**, fr. **lève**), **mutare** (it., esp. e port. **muda**, fr. **mue**; em tôdas as línguas significa entre outras coisas, "renovação das penas das aves"), **accordare** (fr. **accord**, it. **accordo**, port. **acôrdo**, esp. **acuerdo**; cf. também port. **desacôrdo**, etc.), **affrontare** (it. **affronto**, fr. **affront**, desde o século 16 — o esp. **afrenta** e o port. **afronta** são formados com **a**, mas com a mesma acepção semântica das outras línguas), **arrestare** (it., port. e esp. **arresto**, fr. **arrêt**), **restare** (port., esp. e it. **resto** — o francês era feminino antigamente: **reste**, aparecendo no fim do século 14), **carricare** (it. **carica**, fr. **charge** (carga, cargo), prov., esp. e port. **carga** — quase tôdas as línguas têm também masculino: it. **carico** "carga, censura", prov. **carc**, esp. e port. **cargo**), **quiritare** (it. **grido**, fr. **cri**, esp. e port. **grito**), **implicare** (it. **impiego**, fr. **emploi**, desde o século 16, esp. **empleo** — o verbo **emplear** vem do francês antigo **empleyer** —, port. **emprêgo**), ***abantiare** (it. **avanzo** "o que resta, lucro", esp. **avanzo**, port. **avanço** — o fr. **avance** é feminino), ***addirectiare** (fr. **adresse**, esp. **aderezo**, port. **adereço** — não ocorre no italiano), ***dintjan** (?), germânico (fr. **danse**, arc. **dance**, it. **danza**, esp. **danza**, port. **dansa**), **aestimare** (it. **stima**, fr. **estime**, desde o século 15, esp. e port. **estima** — note-se que o verbo é erudito), **piscari** (it. e port. **pesca**, fr. **pêche**), ***tractiare** (it. **traccia** "rasto, vestígio", fr. **trace**, prov. **trassa**, esp. **traza** "plano, etc.", port. **traça**), **appellare** (it. **appello**, fr. **appel**, port. **apêlo** — não se encontra em espanhol), ***appodiare** (it. **ap-**

(95) O francês antigo, segundo Dauzat, favoreceu a formação dos masculinos no primeiro período de sua história, mas o afastamento fonético entre eles e os verbos correspondentes prejudicou o processo, dando-se depois preferência aos femininos (*Hist. de la lang. fr.*, § 256).

poggio, fr. appui, esp. apoyo, port. apôio), *comperare (it. esp. e port. compra — o francês antigo conheceu comperer, mas não o substantivo), *disdignare (it. sdegno, fr. dédain, esp. desdén, port. desdém — Pidal dá desdeño para o espanhol arcaico, vendo um estrangeirismo na forma atual, Gram. Hist. Esp., §. 83,5), altiare (fr. hausse, desde o século 13, esp. alza, port. alça, prov. mod. ausso — no italiano é masculino: alzo), annuntiare (it. anunzio, port. anúncio — o fr. annonce é feminino; a significação "ato de anunciar para venda" é uma especialização recente, mas geral). Ballare = dansar, do grego βάλλειν (fr. bal, it. ballo, port. e esp. baile, por um antigo bailo, que vem nos Lusíadas por exemplo: "Com bailos e com alegria"; a forma do verbo, bailar, nas duas línguas é estranha), circare (port. cêrca, esp. e it. cerca, fr. ant. cherche), commendare (fr. commende, desde o século 15, it. commenda port. comenda, esp. comienda — commenda já era do latim eclesiástico medieval), excusare (fr. excuse, desde o século 14, it. scusa, esp. port. escusa), monstrare (it. e port. mostra, esp. muestra, fr. ant. mostre — montre, refeito sôbre o verbo latinizado montrer, especializou o sentido), misculare (it. mischia "contenda, luta", esp. mezcla, port. mescla — o fr. mêlée é formado sôbre o particípio, mas com o sentido do it. mischia), pacare (it., esp. e port. paga, fr. paye), *abbracchiare, it. abbraccio, esp. abrazo, port. abraço — o francês forma do verbo embrasser o substantivo arcaico embratz, substituído hoje por embrasse, que é feminino), castigare (it. gastigo, esp. e port. castigo, fr. ant. chasti), *exfortiare (it. sforzo, fr. effort, esp. esfuerzo, port. esfôrço), imbarazzare, italiano (it. imbarazzo, fr. embarras, esp. embarazo, port. embaraço), visitare, verbo erudito que ocorre no francês desde o século 12 (it. visita, fr. visite, esp. e port. visita — em tôdas estas línguas designa o ato de visitar ou a pessoa que faz uma visita), transportare (fr. transport, it., esp. e port. transporte — o e final nestas línguas indica a origem francesa), portare (fr. port, it. porto, esp. e port. porte — o e, frequente nas duas línguas ibéricas, é provàvelmente de influência francesa), confortare (it. conforto, fr. confort, esp. conforto, port. confôrto — o significado de "bem estar material", vindo do inglês para o francês no comêço do século 19, espalha-se), consultare (it., esp. e port. consulta, fr. consulte), insultare (it., esp. e port. insulto, fr. ant. insult: hoje insulte, feminino desde o século 17; já há insultus no baixo latim), recompensare (fr. récompense, desde o fim do século 14, it. ricompenza, esp. e port. recompensa), dispensare fr. dispense, desde 1488, it., esp. e port. dispensa), repausare, do baixo latim (fr. repos, it. riposo, esp. reposo, port. repouso), praedicare (fr. prêche, a princípio masculino ou feminino no século 16, it., esp. e port. prédica), revolutare (it. rivolta, port. revolta, esp. revuelta — o espanhol não usa o verbo; o substantivo é um empréstimo evidentemente —, fr. révolte, desde o século 16 — o verbo révolter vem do italiano), secare (it. sega, fr. sie, depois scie, prov.

mod. **sego**, esp. **siega**, port. **sega** — nas três primeiras línguas significa **serra**), **supplicare** (it. **supplica**, esp. e port. **súplica**, fr. **supplique**, por um antigo **supplic** masculino), **replicare** (it., esp. e port. **réplica**, fr. **réplique**, desde o século 15 — o verbo é erudito, tirado do latim jurídico), **addubbare**, do germânico **dubban** (fr. ant. **adoub**, prov. **adop**, it. **addobo**, esp. **adobo**, port. **adubo** — foi primeiro termo de cavalaria: ato de equipar), **skirnjan**, **germânico** (it. **scherno**, fr. ant. **écherne**, prov. **esquern**, port. **escarnho**, hoje **escárnio**, esp. **escarnio**), **renuntiare** (fr. **renonce**, desde 1690, "ação de negar uma carta pedida no jôgo" — no sentido comum o francês usa **renonciation** —, it. **rinunzia**, esp. **renuncia**, port. **renúncia** — o verbo é erudito; ocorre em francês desde o século 13), **denuntiare** (it. **denunzia**, esp. e port. **denúncia**, fr. ant. **denonce**), **pronuntiare** (it. **pronunzia**, fr. ant. **prononce**, esp. **pronuncia**, port. **pronúncia**), **marcher**, francês (fr. **marche**, desde o século 14, it. **marcia**, esp. e port. **marcha** — para as demais línguas passam o verbo e o substantivo francês).

Esta lista dispensa comentários. Se há muitas criações particulares a uma ou duas línguas, revelando a vitalidade dêste processo derivativo, a frequência com que as línguas ocidentais formam as mesmas palavras por êste meio revela que não se trata apenas de uma herança comum no latim vulgar, mas também de uma unidade linguística moderna.

-IA (sufixo de origem grega. Grandgent o menciona entre os sufixos do latim vulgar, notando "tomado del gr. — *ία* por los escritores y oradores cristianos: **monarchía**, **philosophía**, etc.". É correta a observação a respeito do modo por que se introduziu em latim o sufixo, mas não a sua inclusão entre os sufixos do latim vulgar, a não ser que se dê a esta expressão sentido muito mais lato do que o de "latim falado no império romano".

Todos estão mais ou menos acordes em colocar a introdução do sufixo em uma época tardia. Assim Dauzat observa que êle servia de formar nomes derivados de adjetivos desde a época merovíngia (**Hist. de la lang. fr.**, § 239), nos séculos 6 a 8 portanto, e. g., fr. **folie**, **jalousie** e outros. Introduzido pelos escritores cristãos dos séculos 4 e 5 provàvelmente, o sufixo é de importação culta e só pouco a pouco devia ter-se aproveitado como processo de derivação romance no Ocidente. Não ignoramos que há uma dificuldade para semelhante hipótese: é que o sufixo se crê ocorrer também na Dácia, onde revela vitalidade (cf. **domníe**, de **domn** = senhor, **prieteníe**, de **priéten** = amigo, etc.). Sobretudo pode parecer impressionante o fato de que também na Dácia existe o sufixo composto — **aríe** (**lemnaríe** = **lenharia**, **brânzarie** = **queijaria**). Ora, se o sufixo teve tempo de implantar-se no Oriente, desde o século 5, parece inevitável a conclusão de que êle foi introduzido no latim em época anterior.

É provável, entretanto, que o sufixo **-ía**, vindo do grego, foi introduzido independentemente na Dácia. Esta não dependia do centro do império, podendo receber mais tarde diretamente do grego o mesmo sufixo, pois que sofreu influências helênicas durante a sua história. Assim o sufixo, segundo entendemos, teria entrado lá por via diversa em época mais recente. Esta hipótese se justifica pelos fatos seguintes: a) a Dácia não recebeu o influxo do latim eclesiástico, formado no Ocidente com a vitória do cristianismo (assim não conhece os termos **ecclesia, missa, salvare** e seus derivados, **redimere, apostolus, sacrista, episcopus**, etc.) e seria estranho que acabasse por introduzir um sufixo da mesma origem; b) não existem vocábulos formados com êste sufixo que se possam datar seguramente do latim vulgar. Temos apenas dois meios para a fixação segura do caráter latino vulgar de uma palavra. Um seria a ocorrência da mesma em qualquer documento indiscutìvelmente antigo (texto, inscrição, etc.). Na falta dêste recurso, recorremos à reconstrução, comparando as formas das línguas procedentes do latim que tenham evoluído isoladamente desde o fim da época vulgar. No caso presente, deveríamos ter no Ocidente e no Oriente exemplos de palavras idênticas formadas com o sufixo **-ía**. Ora, estes faltam inteiramente. Se o sufixo é vivaz na Dácia, como no resto da România, os termos com êle formados são diversos, sobretudo os que têm caráter antigo. Ao contrário nas línguas do Ocidente, em que o processo é vivaz na fase romance antiga, são comuns os derivados documentados em tôdas elas, mostrando a unidade do Ocidente em oposição à Dácia: e. g., it. **allegria**, fr. ant. **alegrie**, esp. **alegría**, port. **alegria**; it. **cortesia**, fr. **courtoisie**, esp. **cortesía**, port. **cortesia**; it. **compagnia**, fr. **compagnie**, esp. **compañia**, port. **companhia**, it. **signoria**, fr. **seignourie**, esp. **señoría**, port. **senhoria**, it. **gelosia**, fr. **jalousie**, esp. **celosía**, port. ant. **gelosia** (ciume, zêlo) e outros (96).

---

(96) O valor do argumento aquí exposto está no fato de encontrarmos fàcilmente termos panromânicos, quando o processo de sua formação já pertencia ao latim vulgar. Por exemplo, o sufixo *-tura* (e *-sura*), que pertenceu efetivamente ao latim vulgar, revela a sua existência em época anterior à separação pelo fato de que podemos reconstruir certo número de termos latinos vulgares com o mesmo sufixo pela concordância das duas regiões isoladas no fim daquela época. Assim rom. *arsură*, ao lado do it. e prov. *arsura*, fr. ant. *arsure*. Reconstruímos *bibitura* pelo rom. *băutură* e fr. ant. *boiture; coctura*, pelo rom. *coptură*, it. *cottura*, esp. *cochura*, fr. ant. *coiture; frictura*, pelo rom. *friptură*, it. *frittura*, port. *fritura* e assim por diante.

O mesmo acontece com o sufixo popular *-osus*: *aquosus* (rom. *apos*, it. *acquoso*, esp. e port. *aguoso*), *herbosus* (rom. *ierbos*, it. *erboso*, fr. *herbeux*, esp. *herboso*, port. *hervoso*), *limosus* (rom. *imos*, it. port. e esp. *limoso*, cat. *llimos*), *lutosus* (rom. *lutos*, it. *lotoso*, esp. e port. *lodoso*), *carnosus* (rom. *cărnos*,

(Continua)

Quanto a **-aríe**, seria neste caso coincidência fortuita, mas nada de estranhar, considerando-se que **-ía** se sobrepõe naturalmente a outros sufixos, como o de agente, etc. (e. g., **tor** + **ia**: **sabedoria, recebedoria; oso** + **ia**: port. **aleivosia**). Como o sufixo **-arius** é muito vivaz na Dácia, é natural que surgissem derivados com a sobreposição de **-ía** a êste sufixo. A não admitir que houve aquí coincidência resultante de evolução independente tardia, teríamos que supor que não só **ía**, mas também **aría** já eram usuais no latim vulgar antes da separação, e isto é menos provável ainda do que a existência do simples **-ía** (96 bis).

-IA (sufixo latino e átono). Era da língua clássica, ficando no baixo latim e no latim medieval, entrando por aí nas línguas românicas, mas com função bem restrita: de formar nomes próprios de países e regiões, derivados de nomes de povos. É um processo erudito, mas de largo uso nessas línguas, com exceção do francês, onde êste sufixo não pode distinguir-se do anterior. De fato, **-ia** é o sufixo geográfico por excelência na Romania moderna, embora as confusões com **-ía** existam frequentemente. Cremos, entretanto, um pouco exagerada a frase de Meyer-Lübke: "Muitos outros nomes (de países, etc.) igualmente recentes têm arbitràriamente, ora **-ía**, ora **-ia** (átono)" (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 405). As formas em **-ía** são provàvelmente sobretudo de influência francesa, embora não sempre: port., esp. e it. **Normandia, Lombardia**, it. **Turchia**, esp. e port. **Turquia.**

---

it., esp. e port. *carnoso*, fr. *charneux*), *pilosus* (rom. *păros*, it., esp. e port. *peloso*, prov. e cat. *pelos*, log. *pilozu*).

Outro sufixo latino vulgar que sobrevive no Ocidente e na Dácia é *-torius* (-sorius). Com função adjetiva é comum nos verbos romenos *cântătoriu, făcătoriu*, etc. e, pois, há naturalmente muitos exemplos com verbos idênticos aos ocidentais. De substantivos há exemplos, embora sejam poucos (o romeno usa, com raríssimas exceções, a forma feminina): *coopertorium* (rom. *cărpător*, it. *copertoio*, *esp. cobertero*); *servatorium* (rom. *serbătoare*, it. *serbatoio*, etc.). Entretanto, aquí o romeno é particular na forma e no sentido: o sufixo designa especialmente *ação* e não é de estranhar que as concordâncias com o Ocidente sejam raras.

Cremos, pois, que a falta de documentação romena torna suspeitas muitas formas tidas como pertencentes ao latim vulgar.

(96 bis) Quando já estava adiantada a impressão do presente trabalho, encontramos em Tiktin a observação de que o sufixo romeno *-ie* apresenta a forma *-ilye* no dialeto macedônico, excluindo assim, como bem observa o referido autor, a identidade do *-ie* romeno com o sufixo ocidental aqui estudado. Confirmam-se, pois, por um documento claro, as objeções acima formuladas à teoria que identifica os dois sufixos. (Ver H. Tiktin, *Rumänisches Elementarbuch*, pag. 114).

A forma usual do sufixo é, porém, a átona, forma em que o mesmo continua vivaz nas línguas modernas. É o que se vê geralmente em tôdas com nomes como port. **Bolívia, Polônia, Prússia, Rússia, Colômbia, Finlândia, Iugo-eslávia, Sérvia, Lituânia, Estônia, Ucrânia**, e correspondentes. Em alguns há hesitações, e. g., **Oceânia** ou **Oceania, Húngria** ou **Hungria**, it. **Cecoslováchia** ou **Cecoslovachía.**

-BILIS. É sufixo essencialmente literário. Grandgent o inclue entre os do latim vulgar, mas vê-se logo que existe na sua exposição mescla de cousas diferentes. Diz êle que o sufixo "es muy común en los escritores cristianos, y era muy usado en el latín tardío, **especialmente en palabras cultas** (es raro, no obstante, en rumano)" (**Introducción,** pag. 39). Também Meyer-Lübke nota a grande predileção do baixo latim para êste sufixo e a sua ausência no romeno (**Gramm. des lang. rom.,** II, § 408). Não vemos nenhuma razão para estranheza nesta oposição entre o romeno e o baixo latim, que parece chocar Grandgent. A sua observação de que **-bilis** ocorre em autores tardios, particularmente em palavras cultas, já é suficiente para desconfiar do caráter vulgar do sufixo. Sendo assim, era de prever não existisse no romeno.

A ausência do sufixo na Dácia vem, de fato, corroborar a suspeita, sugerida pela sua ocorrência **em palavras cultas** especialmente do baixo latim, de que êle é uma herança do latim literário nos autores referidos e no latim medieval.

Tem êle, contudo, um cunho mais popular na Itália, onde **-ibilis,** que também substitue **-abilis** (97), evolue para **-evole,** forma encontradiça em certo número de adjetivos: **amichevole, lodevole, piacevole,** etc..

Em geral, porém **-bilis,** conservado no baixo latim e no latim medieval (e. g., **impossibilis, cognoscibilis, demonstrabilis, probabilis, visibilis, inrevocabilis, inviolabilis,** etc.), acabou por adquirir certa popularidade, entrando muito cedo nas línguas românicas (em parte certamente antes da época literária). Assim, embora o sufixo apresente certa adaptação fonética, o seu tratamento não é inteiramente regular, o que se vê melhor na forma **-ibilis,** onde a vogal breve, que seria **e** no latim vulgar, se conservou, e. g., port. **visível,** esp. **terrible,** fr. **paisible.** Só o it. **-evole** tem o tratamento popular, mas ao lado desta forma a língua tornou a introduzir **-ibile** e **-abile** do latim medieval. No português arcaico nota-se bastante hesitação na forma do sufixo, encontrando-se **-vil,** com o **i** breve mantido, e mesmo **-bil,** ao lado da forma **-vel,** a única que se conservou: **perduravil, semelhavil, stavil, razoavil, amavil,** etc. na **Regra de São Bento; impossibiles (ib.).** A segunda forma é comum em Camões: "Albuquerque terribil, Castro forte" (**Lus.,** I, 14). A passagem de **-b-** a **-v-**

(97) Grandgent, *From Latin to Italian,* pag. 21.

nada tem de extraordinário em formas medievais. O sufixo é, pois, com exceção do italiano, semierudito, o que significa apenas que, entrando para as línguas românicas por via erudita, fê-lo em época tão antiga que chegou a sofrer parcial transformação fonética, tomando um aspecto mais popular do que as formas latinas da Renascença ou posteriores.

De acôrdo com a sua origem culta, o sufixo se junta bastante frequentemente a bases latinas, em lugar das romances correspondentes. De fato, muitas vezes se trata apenas da introdução de adjetivos já formados no latim medieval. Brunot observa que no francês médio o sufixo **-able** (98) é frequente em latinismos como: **comunicable, declinable, detestable, inestimable,** etc. (**Hist. de la lang. fr.** I, pag. 573). A observação aplica-se a qualquer das demais línguas românicas ocidentais, como se vê de it. **sensibile, visibile, terribile, laudabile** (cf. **lodare**), esp. **combustible, terrible, legible, potable,** port. **mutável** (cf. mudar), **legível, passível, indescritível.**

As línguas românicas não se limitaram, porém, a empregar o sufixo em latinismos cultos. Êle passou a unir-se também a numerosos temas verbais românicos, o que revela a sua completa vernaculização e. g., it. **udibile** (de **udire**, e não do lat. **audire**). **scrivibile, leggibile, toccabile, parlabile**; fr. **touchable, passable, louable, blâmable**; esp. **mudable, loable, creible, aborrecible**; port. **cabível, crível, perecível, sofrível, incontável,** etc..

-ALIA. É sufixo do latim vulgar, embora, ao que parece, não tenha aí grande vitalidade, exceto provàvelmente na Itália e na Gália, onde parece ter sido particularmente vivaz. No romeno só ocorre em rarissimos termos herdados, e. g., **bătaie** (battualia). No italiano apresenta a forma **-aglia** e no francês **-aille.** O espanhol tem **-aja**, que é vernáculo, mas não muito comum, e **-alla**, de importação posterior certamente. A forma anômala **-alla** em espanhol e a frequência com que os exemplos ibéricos coincidem com os franceses ou italianos levam-nos a suspeitar que, em parte ao menos, o sufixo é, aquí, de importação tardia. Comparem-se port. **antigualha**, esp. **antigualla** com fr. **antiquaille** e it. **anticaglia**; port. **canalha** e esp. **canalla** com it. **canaglia** e fr. **canaille** (tirado do italiano), pelo arcaico **chiennaille**; port. **limalha** e esp. **limalla** com o fr. **limaille**; port. **granalha** e esp. **granalla** com fr. **grenaille** (desde o século 14) e it. **granaglia** (em tôdas as línguas o termo tem um sentido especializado comum: metal fundido reduzido a fragmentos). Confiram-se ainda port. **rocalha**, esp. **rocalla** e fr. **rocaille**; esp. **adivinaja** (com o sufixo vernáculo) e fr. **devinaille**, it. **divinaglia**; port. **mortalha**, esp. **mortaja** e fr. **mortaille** (em francês era "direito de herança do senhor na morte do servo sem herdeiro", mas foi primeiro "morticínio, serviço fúnebre", sen-

(98) O francês prefere — *abilis* a— *ibilis*, que recebeu emprêgo excepcional nesta língua: *paisible*, *visible* e poucos mais.

tidos que também pertenceram ao português, pelo menos o segundo: cf. Viterbo: **mortalha** "exéquias, ofício do corpo presente, entêrro!) Do it. **medaglia** provêm fr. **medaille**, esp. **medalla** e port. **medalha**. Port. **muralha** e esp. **muralla** lembram fr. **muraille** e it. **muraglia**, como port. **miudalha** sugere fr. **menuaille** e it. **minutaglia**. O esp. **gentualla** e o port. **gentalha** correspondem ao it. **gentaglia** e fr. ant. **gentaille**; o esp. **clerigalla** é imitação do fr. **prêtraille**. Já do latim vulgar é **battualia**, documentado em textos do século V e encontrado também no romeno, mas o termo deve ser de importação recente na Ibéria: note-se a forma espanhola **batalla**.

Há também formações vernáculas, sem correspondentes italianos ou franceses, na Ibéria, o que mostra que, se o sufixo foi importado em casos numerosos, chegou a naturalizar-se (cf. port. **migalha**, esp. **migaja**, **morralla**, etc.). De origem franco-italiana parece ser primàcialmente o seu significado coletivo e pejorativo.

-ICUS (latino e frequentemente grego). No latim temos **civicus**, **lubricus**, **classicus** e no grego φυσικός, Σωκρατικός, frequente com nomes próprios pessoais, enquanto o latim preferia **-ianus**, e. g., **Ciceronianus**. É um sufixo genuinamente erudito, que acabou por implantar-se através dos numerosos vocábulos introduzidos na România pelo latim medieval e pela Renascença, e. g., port. **gálico**, **itálico**, **helênico**, **cívico**, **diabólico**, etc.. Que o sufixo se naturalizou vê-se pela frequência com que se junta a temas vernáculos: port. **brasílico**, **lotérico**, **pilhérico**, **químico**, **rúnico**, **bombástico**, **sádico**, **napoleônico**, etc., e geralmente formas correspondentes nas outras línguas: fr. **runique**, **granitique**, **féerique**, it. **granitico**, **napoleonico**, **runico**, etc..

-ALIS. Outro sufixo muito disseminado no Ocidente, a que se atribue origem vulgar. A respeito dele e de **-ilis** nota Grandgent: "usados para formar, sôbre substantivos, adjetivos de pertença como **regalis**, **gentilis**, tinham emprêgo extenso" (**Introducción**, pags. 50 s). Mas os seus exemplos, como **ducalis**, **episcopalis**, são eruditos. O sufixo foi transmitido pelos escritores eclesiásticos, tendo vitalidade no latim da Igreja e no medieval: **moralis**, **corporalis**, **spiritualis** (S. Tomaz de Aquino) (99) e, é, portanto, outra contribuição do latim literário às línguas neo-latinas. Por isto mesmo não é de estranhar que não ocorra no romeno.

O exame dos derivados justifica inteiramente a hipótese de sua origem culta. Embora o sufixo se torne relativamente popular, êle se junta normalmente a temas latinos e não romances: assim port. **corporal**, **temporal**, **divinal**, **oficial**, **mensal**, **vital**, **legal**, **anual**, **ma-**

---

(99) Meyer-Lübke reconhece que o sufixo foi transmitido especialmente pela língua eclesiástica (*Gramm. des lang. rom.*, II,§ 433)

nual, clerical, nacional, liberal; fr. annuel (anvel, século 12), artificiel, matériel, manuel, proportionnel e outros.

O estudo fonético do sufixo em geral não serve para decidir de sua origem popular ou erudita. Apenas a passagem de a a e no francês antigo, regular em sílaba aberta, revela introdução antiga, se bem que não baste para demonstrar a origem latina vulgar do sufixo. Bourciez põe no século 8 a passagem de a livre a e, admitindo que as ortografias fradre e salvar do Juramento de Estrasburgo (de 842) sejam arcaizantes, o que é possível (100). Também Pope data a transformação dos séculos 7 e 8 (101). Sendo o sufixo -alis de largo emprêgo no baixo latim e no latim eclesiástico, é natural que alguns adjetivos formados com êle circulassem já no romance, sofrendo evolução fonética regular. Mas os exemplos antigos não são numerosos. No francês -el vai cedendo lugar a -al de origem erudita. Naturalmente o sufixo era muito mais vivaz no latim medieval do que no romance popular e acabou assim por eliminar a forma já existente neste. Pelo fim da Idade Média -el extinguiu-se diante da outra forma, se bem que mais tarde se voltasse a usá-lo algumas vezes, sobretudo na linguagem do direito e da ciência: potentiel, différentiel, etc.. A abundância do sufixo no latim medieval e nas traduções de textos latinos feita no romance medieval mostra-nos que por tôda parte êle se origina na língua culta.

-ANUS (-ianus). Em latim forma adjetivos de pertença como humanus, urbanus e substantivos designativos de habitantes de um lugar: paganus, castellanus. Mas pertencia êle à língua vulgar? Há indícios de que teve certo emprêgo aí. O romeno o conhece, se bem que escasseiem os exemplos: bătrân, Român, păgân (101 bis), denotando pequena vitalidade. Tratamento fonético regular tem o sufixo no português, onde a evolução normal pressupõe a queda do n intervocálico: pagão, vilão, hortelão, Romão, certão (arcaico), ancião. O francês apresenta a evolução normal do a do sufixo em ai (depois = e): vilain, como main. As outras línguas pouco nos ajudam aquí, pois tanto a tônico como -n- se mantêm. Entretanto a forma do sufixo em português e no francês não bastam para decidir da origem popular do mesmo. A data recente das inovações fonéticas do francês e do português neste ponto não nos permite concluir que êle já pertencesse ao latim vulgar. Com efeito, a transformação do a prenasal em francês não é anterior à passagem de a livre a e, ou pelo menos a ae, forma intermediária entre a e e. Mais

(100) *Elèments*, pag. 153.

(101) *From Latin to Mod. French*, pags. 69 s.

(101 bis) Ao lado destas formas fonèticamente regulares, o romeno apresenta — *an*, que deve ser moderno e erutido, e. g., *persian, italian*, etc.

recente ainda é a perda de **n** intervocálico com nasalação da vogal precedente em português. **Entwistle** data-a no século 10, observando que em 907 se encontra ainda a ortografia **resona**, enquanto, em 1092 temos **padroadigo** (*patronaticu-), **partiçoens** (partitiones) (102).

O sufixo, porém, vem frequentemente precedido de **i** (**-ianos**), que após as consoantes **m, c, n, r, l, p** e **b** se perderia, palatalizando a consoante, ou sofreria metátese, em termos genuinamente populares. É o que se verifica, e. g., em ***mattianam** (port. **maçã**, esp. **manzana**), **martium** (port. **março**, esp. **marzo**, fr. **mars**, it. **marzo**, arum. **mart**), **vitium** (port. **vezo**, it. **vezzo**, etc.), **altiare** (port. **alçar**, fr. **hausser**, etc.), **vineam** (port. **vinha**, fr. **vigne**, it. **vigna**). Ora, no sufixo **-ianus** o **i** se mantém em termos que sofreram a evolução fonética regular do **a** em francês e do **n** em português. Como os fenômenos de palatalização e metátese acima referidos são de data mais antiga, começando no latim vulgar certamente, temos aquí indicação de que as palavras em **-ianus** entraram no uso popular em época mais recente. Se não são muitos os exemplos dêste tipo, não deixam de ser significativos, e. g., ***antianum** (fr. **ancien**, port. **ancião**, it. **anziano**, esp. **anciano**), **christianum** (fr. **chrétien**, esp. e it. **cristiano**, — cf. o port. arc. **crechão**, fonèticamente regular). Em francês o sufixo **-ianus** se consagrou na forma **ien**, e. g., **italien, prussien, Brésilien.**

Em conclusão, embora o latim vulgar tivesse derivados com êste sufixo (**-anus** e **-ianus**, e. g., ***propianum** (fr. **prochain**), **certanum** (port. **certão**, fr. **certain**), **paganum** (pagão) e outros, a maior parte foi introduzida no romance mais tarde. Se bem que ambos os grupos apareçam com aspecto popular ou semierudito em algumas línguas românicas, só o primeiro deixou vestígios no romeno. O latim literário da decadência e o latim medieval conservaram o sufixo em tôda a sua pujança, dando-lhe nova vitalidade no romance. Enquanto, porém, o francês conservou a sua forma vernácula, limitando-se a incrementar o seu uso à imitação do latim, o português acabou por adotar a forma latina que se tornou comum, e. g., em **romano, italiano, africano, franciscano,** etc. e mais modernamente: **americano, peruano, goiano, baiano, republicano, luterano.** Embora em outras línguas do grupo a fonética não nos permita distinguir a origem do sufixo, cremos que também aí a vitalidade que acabou por ter é devida à mesma influência latina.

-INUS. Limitamo-nos a uma ligeira referência ao sufixo adjetivo, que falta no romeno e tem forma literária no português (o popular **-inho** serve para os diminutivos). O sufixo forma principalmente adjetivos que indicam procedência, como: port. **londrino, platino,**

(102) Ver *The Spanish Language*, pags. 288 s.

sulino, nordestino, bragantino, maiorquino, marroquino, alexandrino, nova-iorquino, argelino. Também com derivados de nomes pessoais e, às vezes, comuns: **manuelino, beneditino, joanino, paulino, vicentino, ferino, estudantino, bailarino, zebrino.**

Outra vez a fonética não nos permite concluir sôbre a origem culta ou popular do sufixo nas outras línguas, onde **i** e **-n-** se mantêm normalmente. A ausência do sufixo no romeno e a sua ocorrência com temas latinos ou, em geral, em formas de cunho erudito, justificam a conclusão de que se trata de um sufixo de origem culta principalmente. Alguns exemplos ainda são: it. **diamantino, levantino, fiorentino, parigino,** fr. **lisbonnin, poitevin, enfantin,** esp. **asinino, cervino, alabastrino, santanderino,** etc.. Sôbre o uso do sufixo nota Meyer-Lübke: "Em geral, entretanto, o romance parece apreciar pouco êste emprêgo adjetivo" (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 452). A razão é clara: êle não pertencia à tradição popular. Quando reaparece por via erudita, o seu emprêgo fica um tanto circunscrito ao uso literário.

-NS, -NTIS (-ANS, -ENS, -IENS). O sufixo do particípio presente ativo latino, perdendo, com algumas exceções discutidas mais adiante, a sua função verbal nas línguas românicas, reduziu-se a sufixo formativo de adjetivos e substantivos verbais de agente ou instrumento que depois passam, às vezes, a designar objetos, lugares, nomes abstratos, etc.). Entre os adjetivos temos: port. **amante, seguinte, tocante, repugnante, negligente, entrante, maldizente, humilhante, quente, gritante, falante, corrente, exuberante, obediente;** esp. **caliente, corriente, ardiente, fulminante, incesante, semejante;** fr. **aimant, bienfaisant, charmant, ravissant, obéissant, suivant, précédent;** it. **amante, ripugnante, (s)puzzante, fulgente, errante, differente.** Como substantivos verbais de agente notemos: port. **comandante, negociante, ajudante, gerente, pedinte, vidente, ouvinte, lente, oponente, representante, principiante, remetente, despachante, amante;** esp. **ayudante, comandante, teniente, escribiente;** fr. **amant, arrivant, opposant, protestant, commerçant, négociant, fabricant, commandant, mendiant, croyant, survivant, traitant;** it. **amante, negozziante, mercante, comandante, commediante** (de **commediare**), **combatente, fabricante, agente.** Alguns outros substantivos verbais são: port. **corrente, crescente, nascente, levante, poente, batente, volante, tirante, calmante, estimulante, dormente, corante, vertente, estante;** esp. **corriente, poniente, vertiente, calmante, tirante, estante;** fr. **pendant, montant, battant, levant, couchant, tirant, penchant, excitant, calmant, semblant;** it. **corrente, levante, ponente, sembiante, calmante, tirante,** etc..

Já em latim se percebe a tendência para reduzir o particípio presente a adjetivo ou substantivo. A primeira tendência se evidencia pelo fato de admitir frequentemente um complemento no genitivo, mesmo quando de um verbo transitivo, e. g., "appetentes

gloriae... atque avidi laudis fuistis" (Cícero, **De lege Manilia, III, 7**), onde também vem coordenado a outro adjetivo (103). Muito comum é, em latim, a substantivação do particípio, se bem que no nominativo singular seja, ao que parece, evitado pelos clássicos e mesmo por Tito Lívio. Já se encontra, porém, em Plauto e Terêncio e mais tarde de Sêneca em diante. Nos demais casos é muito comum em tôdas as épocas (104), embora ainda frequentemente o particípio substantivado admita complemento acusativo.

Passemos ao ponto principal que aquí nos interessa: receberam as línguas românicas o sufixo do latim vulgar ou através do baixo latim e do latim medieval, isto é, por via erudita? Comum é filiar êste processo de derivação ao latim vulgar. Outra vez o já citado compêndio de Grandgent diz: "**ans, ens**... particípios do presente (como **amans, potens**), **eram usados profusamente** para formar adjetivos e substantivos de verbos: **credens, currens, passans**" (**Introducción**, pag. 51). Falta, porém, como tantas vezes, a evidência documental de que o sufixo fosse particularmente popular nesta função. Ao contrário, existem indícios de que as línguas românicas devem o precioso sufixo ao latim literário. Ainda que o velho particípio tenha sofrido algumas transformações fonéticas, como a de receber geralmente a mesma vogal do gerúndio correspondente, generalizando por exemplo a no francês (**couchant, voyant, partant**), o que favorece a hipótese de uma certa antiguidade, outros fatos há que justificam a sua origem literária:

a) o sufixo falta no romeno. Diez observa: "em valáquio sòmente parece não ocorrer nesta última função, senão em um exemplo: **ferbinte** (fervens)" (**Gramm. des lang. rom.**, III, pag. 353). Ora fervens já é adjetivo de uso corrente em latim (105). Já mostramos antes (ver sobretudo a nota n.º 96) a significação dêste fato para estabelecer o caráter latino vulgar de um elemento linguístico. É verdade que o romeno poderia ter perdido o sufixo, mas não teriam sobrevivido mais vestígios dele, se tivesse sido profusamente empregado na formação de adjetivos e substantivos tão úteis e populares?

b) O sufixo forma adjetivos e substantivos frequentes no baixo latim e no latim medieval. Assim: "non enim habemus hic manentem civitatem" (**Vulgata**, Hebr. 13, 14), "lascivientes filios" (Raimundo de Agiles), "oculi nigri, et convenientes faciei" (**ib.**),

(103) Cf. *A Morfologia e a Sintaxe do Genitivo Latino*, pags. 81 s., do Autor. Quanto ao uso do particípio latino como simples adjetivo, ver também *Stolz-Schmalz*, pag. 605.

(104) *Stolz-Schmalz*, pag. 457: "Die anderen Kasus des Sing. und Plur. werden zu allen Zeiten häufig substantiviert"

(105) Cf. Tagliavini, *Gramm. Rum.*, que não inclue êste sufixo na lista dos sufixos romenos.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

"de quo zelans Dominus vendentes eiecit et ementes" (Guilherme de Tiro). Como adjetivo e substantivo ocorre frequentemente em Gregório Magno e outros escritores cristãos. De Gregório notem-se os adjetivos: **fluctuans, peccans, subsequens, competens, incessans, insufficiens, deprimens.** Alguns substantivos encontrados em Beda são: **credentes, legentibus, dormientis, audientibus, venientem, viventem** (106).

c) O particípio presente cedo entrou em decadência na língua vulgar, sendo as suas funções substituídas, em parte, pelo ablativo do gerúndio, enquanto outras, por exemplo como equivalente de uma oração adjetiva, se perderam. Como adiante veremos, o que resta do particípio presente latino com a sua função verbal primitiva, sobretudo na Gália e na Itália, únicas regiões onde conserva certa vitalidade, resulta da tradição literária latina antes do que de uma herança vulgar. O particípio foi ainda aproveitado para a criação de algumas preposições românicas, mas também estas se devem à tradição culta. Assim quanto sabemos do uso românico do particípio presente corrobora a hipótese de que o latim vulgar não o conheceu em qualquer das suas aplicações. Não significa isto que nenhum adjetivo ou substantivo assim formado existisse no uso vulgar do império, mas sem dúvida não era um processo normal de derivação. O particípio conservou-se na língua literária até a Idade Média, mas, perdendo pouco a pouco a sua vitalidade como forma verbal, cristalizou-se como adjetivo e substantivo, com raras exceções. É o processo que se consumou nas línguas românicas medievais.

d) Examinando os numerosos adjetivos e substantivos criados com êste sufixo, se verifica imediatamente que a maior parte deles é de formação culta, latina; muitas vezes nem ao menos existe o verbo correspondente no romance. Êste fato verifica-se melhor nas línguas onde o particípio não chegou a empregar-se geralmente como forma verbal, e. g., em português e em espanhol, do que em francês e italiano, onde o particípio presente, por influência latina, se conservou como parte da conjugação verbal. Mas ainda aí é abundantíssima a contribuição da língua culta. De uma lista de centenas de nomes e adjetivos portugueses dêste tipo, verificamos fàcilmente que as formações eruditas são muito mais frequentes do que

---

(106) Observa R. J. Kinnavey: "The extensive use of participles as pure adjectives, especially the present participle, has been noted as a characteristic of Christian writers, a use commonly credited to the influence of the Versions of the Bible... While not inherently a Late Latin procedure, this wide usage is a striking feature of Christian Literature" (*The Vocabulary of St. Hilary of Tours*). Cf. também Plater and White, *A Gramm. of the Vulgate*, pag. 110; R. M. Hauber, *The Latin Vocabulary of the Moralia of St. Gregory the Great*, e D. R. Druham, *The Syntax of Bede's Hist. Eccl.*, pags. 53 s.

as de origem vernácula, mas é preciso lembrar que mesmo nestes últimos é, mui comumente, a língua culta que as cria. Notem-se, para citarmos apenas alguns: **abundante, aderente, afluente, atraente, aspirante, balbuciante, cambiante, causticante, comerciante, constituinte, desistente, diferente, errante, emocionante, fabricante, fatigante, fascinante, interessante, integrante, inoperante, irritante, litigante, pensante, hesitante, operante, vacilante, circunstante, impetrante, oficiante, insultante, resultante, delinquente, solicitante.** De verbos latinos: **penitente, imponente, componente, saliente, paciente, ciente, tenente, continente, vidente, torrente, obediente, cadente, ambiente, discente, docente, decente, eloquente, diligente, experiente, contingente, consulente,** etc.. As formas vernáculas são frequentes, mas não tão numerosas — cremos que a proporção das formas eruditas para as vernáculas é de quatro ou cinco para um. Alguns exemplos portugueses são: **ajudante, corrente, crente, lente, dansante, maldizente, luzente, poente, governante, pedinte, quente, andante, falante, tocante, corante, ouvinte, estudante, outorgante, voltante, revoltante, despachante, remetente, gritante, vagante, cortante, arquejante, rodante, minguante, estonteante, baixante, batente, brilhante, comungante, confiante, comprovante, enchente, fervente, pagante, empolgante, feirante, estafante.** Embora alguns dêstes tenham certamente a sua origem na tradição popular antiga (e. g., **batente, fervente** — êste substituído depois por **fervendo** no sentido literal, — **enchente, quente,** etc..), outros apontam claramente para uma origem literária e, não raro, imitação do latim, como: **crente** (lat. cristão **credentem**), **lente, outorgante, comungante** (termo eclesiástico), **revoltante, estudante, governante** e outros.

Em espanhol encontraríamos os mesmos derivados geralmente, predominando também os eruditos, e. g., **incidente, perseverante, triunfante, semejante, paciente, ardiente, interrogante, potente** (já adjetivo latino), **desesperante, afligente, bastante, siguiente, corriente, instante, viviente, creyente, acompañante, constante, gobernante, significante, persistente,** etc.. Não há necessidade de exemplificar com formas de outras línguas, onde encontraríamos sobretudo as formas correspondentes a estas (107).

-ANTIA E -ENTIA (nomes verbais abstratos). A princípio eram derivados dos particípios que acabamos de estudar com a adição do sufixo -ia em latim. Êste adquiriu já alí certa popularidade, tornando-se mais ou menos independente do particípio. Isto explica a sua conservação na Dácia, como no Ocidente, embora o romeno se limite a empregá-lo em derivados de verbos da segunda e da terceira conjugações. Como era de esperar, não encontramos apenas o mesmo

(107) Em francês estas formações eruditas acabaram, muitas vezes por impor a forma latina: — *ent* por *ant*, o que aliás não modifica a pronúncia, e. g., *adhérent, affluent, confluent, président, différent, négligent.*

sufixo nos dois ramos, mas também derivados idênticos, o que nos permite documentar a existência deles já no latim vulgar, e. g., rom. **dorința**, port. **doença**, etc.; rom. **credința**, port. **crença**, etc.. O tratamento fonético do sufixo é normal por tôda parte: rom. **-ința**, it. **anza, enza**, fr. **ance**, esp. **-anza** (e **-encia**), port. **ança** e **-ença**, por exemplo: rom. **putința** (poder), it. **credenza**, fr. **assurance**, esp. **adivinanza**, port. **lembrança, doença.**

O uso vulgar do sufixo está de acôrdo com o seu emprêgo latino, que parece bastante antigo. Serviu alí de formar grande número de substantivos, como: **scientia, sapientia, ignorantia, praesentia, potentia, adulescentia, differentia, oboedientia, patientia, sequentia, resistentia, reverentia, tolerantia, dolentia,** encontrando-se quase todos já na língua clássica e muitos até em autores arcaicos.

O sufixo atingiu cedo a língua vulgar, sobrevivendo também no baixo latim e no latim medieval, não por imitação do uso vulgar, cremos nós, mas de acôrdo com uma tradição literária. O estudo do sufixo no latim e nas línguas românicas dá-nos a impressão de que êle tem maior vitalidade na língua culta medieval do que no romance, e que a esta tradição literária principalmente devem as línguas do Ocidente a maior vitalidade do mesmo. Com efeito, a forma culta do sufixo é reintroduzida na România por esta via, chegando a prevalecer sôbre a forma antiga nos derivados cultos, como no português, onde **-ância** e **-ência** se tornam produtivos, e no espanhol, que emprega **-ancia** e, sobretudo, **-encia:** port. **gerência, dependência, traficância, coerência, vigilância, falência, residência, tolerância, vidência, dormência;** esp. **abundancia, constancia, elegancia, ignorancia, fragrancia,** e com **-encia,** mesmo em termos populares ou vernáculos: **creencia, dolencia, atrevencia.** Também o italiano chegou a reintroduzir a forma alatinada (**-anzia, -enzia**), que não prevaleceu, e. g., **scienzia, ignoranzia, clemenzia** (108). O francês apresenta, em muitos derivados, também uma forma alatinada **-ence** em lugar de **-ance,** e. g., **abstinence, affluence, apparence, diligence, difference.**

O largo emprêgo do sufixo em derivados eruditos corrobora a suspeita de uma influência literária na sua grande extensão na România medieval.

-ARIUS. É outro sufixo do latim vulgar, como se vê do seu tratamento fonético nas diversas línguas (rom. **-ariu,** it. **aio,** às vezes **-aro-,** e frequentemente **iere,** de importação francesa, sem dúvida, fr. **-ier** — com anomalia que não cabe discutir aquí, por influência germânica provàvelmente — , esp. **-ero.** port. **-eiro**) e a sua ocorrência na Dácia como no Ocidente. Cumpre, contudo, observar que o sufixo,

---

(108) Meyer-Lübke (*Gramm. des lang. rom.*, II, § 518): "On trouve assez rarement en italien, plus souvent en espagnol, la forme latinisée *-anzia, -ancia*".

muito vivaz no latim literário da Idade Média (108 bis), levou as línguas do Ocidente a reintroduzí-lo em uma forma culta desde essa época (109). Na forma erudita serve de compor derivados adjetivos e substantivos numerosos, muitas vezes simples cópia dos correspondentes latinos, mas, não raro, criações novas, dando à România mais um sufixo vivaz e produtivo.

Como acontece geralmente com as formações eruditas, circulam abundantemente os mesmos derivados por todo o Ocidente: e. g,. fr. **lapidaire, célibataire, littéraire, réactionnaire, missionnaire, arbitraire, alimentaire,** e depois também: **millionnaire, milliardaire, visionnaire, pensionnaire, révolutionnaire, humanitaire, corsaire** (do italiano), **légionnaire, libertaire, mousquetaire, divisionnaire, retardataire.** Os mesmos derivados se encontram nas línguas irmãs. Para mais alguns exemplos notemos: it. **tributario, falsario, reazionario, settário, bancario, arbitrario;** esp. **estatuario, lapidario, notario, incensario, sermonario, devocionario, ordinario, boticario, arrendatario;** port. **presidiário, partidário, reacionário, temporário, usurário, majoritário, correligionário, mesário, lendário, expedicionário, fichário, retardatário, comerciário, industriário,** etc..

-ENSIS. Apesar do comentário de Grandgent ao sufixo de que "recebeu grande extensão, especialmente na linguagem popular" (**Introducción,** pag. 53), temos alguma dúvida a respeito da sua grande popularidade, quer porque não deixou vestígios na Dácia, quer porque pelo seu sentido, designando habitantes de cidades e países, não devia ter emprêgo muito popular. De fato, os exemplos citados por Grandgent para o latim vulgar são bem posteriores, e. g., **markensis, pagensis, cortensis, Frankensis.** É por isto provável que se deva antes à tradição literária a sobrevivência do sufixo, embora a sua vernaculização maior suponha o seu emprêgo em época bastante antiga (port. -**ês**, esp. -**és**, fr. -**ois** — confundido com -**iscus**, de origem germânica), it. -**ese**, etc.). Assim temos: port. **português, francês, montês, burguês,** esp. **montés, francés, inglés, leonés, aragonés;** fr. **gaulois, génois, courtois,** e também com a forma -**ais**: **portugais, lyonnais;** it. **bolognese, milanese, calabrese,** etc.

A forma erudita ressurge, recebendo largo emprêgo no português e no espanhol, bem menor no italiano, onde -**ese** era muito semelhante ao latim: port. **lisbonense** (e **lisbonês**), **portuense, catarinense, cearense, santense,** esp. **bracarense, alavense, castrense, hortense, hispalense, albigense;** it. **ortense, forense,** etc.

(108 bis) E. g., *apothecarius, ballistarius, arcarius, armaturarius, pullarius, plaustrarius, plumbarius* (exemplos de Du Cange).

(109) Quanto ao francês, nota Brunot que aparecem no francês médio, e. g., *andidotaire, capillaire, circulaire, lenticulaire,* etc. (*op. cit.*, I, pag. 575).

-ISCUS. Serve para formar adjetivos e também substantivos, de origem ainda controvertida. O germânico **-isk** satisfaria, em geral, muito bem, justamente no sentido mais comum do sufixo (cf. alemão **-isch** em **griechisch, französisch** e inglês **-ish** em **bookish, spanish,** etc.). A grande objeção que se lhe tem oposto é a existência de um sufixo **-esc** no romeno, o qual se supõe da mesma origem que o sufixo ocidental, razão por que se tem proposto origem grega ou cruzamento do germânico com o grego. Não sabemos resolver tôdas as dificuldades, mas inclinamo-nos a admitir origem independente para o sufixo, aliás extremamente vivaz, do romeno, considerando de procedência germânica o sufixo ocidental, pelo menos na sua função adjetiva. Os exemplos aduzidos por Grandgent para o latim vulgar são dos que melhor se coadunam com a hipótese da origem germânica, embora êle veja aí fusão do grego - ισκος com o germânico. Referimo-nos a **Frankiscus,** e **Angliscus** (cf. alemão **frankisch, englisch**). Apesar da grande vitalidade de **-esc** no romeno, é notável que não tenhamos conseguido encontrar um adjetivo antigo comum à Dácia e ao Ocidente (110). Alguns derivados romenos são: **bărbătesc** (de **bărbat**) = viril, masculino; **domnesc** (senhorial), **ceresc** (celeste), **omenesc** (humano), **păgânesc** (pagão), **bătrânesc** (antigo), **femeiesc** (feminino). Não é impossível, pois, que o sufixo romeno não tenha ligações diretas com a forma ocidental aquí estudada.

No Ocidente há outro problema obscuro em tôrno de **-iscus:** é que, enquanto o italiano e o francês apresentam alterações fonéticas regulares (it. **esco,** fr. **ois:** e. g., fr. ant. **tiois** = it. **tedesco**), o espanhol e o português conservam frequentemente a forma primitiva **-isco** (esp. **morisco, berberisco,** port. **mourisco, levantisco** e outros (111). Talvez a forma ibérica represente um emprêgo menos popular, mais técnico do sufixo, conservando com mais fidelidade o original germânico (através do latim medieval?). Fora de dúvida é que o sufixo aparece naturalizado sobretudo na Itália.

O que nos interessa especialmente, porém, é a origem da forma **-esco** no português e no espanhol. O francês,que conservou muito mal a forma vernácula do sufixo, confundindo-o com o latino **-ensis,** reintroduziu mais tarde o mesmo sufixo com a forma italiana, mudada naturalmente para **-esque,** na época do Renascimento. O novo sufixo recebeu certa vitalidade, mas geralmente só na língua literária (112). Da mesma origem veio o português e espanhol **-esco,** em

---

(110) Naturalmente a grande produtividade do sufixo romeno com nomes designativos de procedência multiplica as formas coincidentes: e. g., *românesc, turcesc,* etc., ao menos modernamente.

(111) Frequente em substantivos: *pedrisco, chuvisco,* etc., se é o mesmo sufixo.

(112) Dauzat, *Hist. de la lang. fr.,* § 251.

parte provàvelmente por meio do francês. Muitos dêstes derivados na Ibéria são de fato empréstimos de além dos Pirinéus, ou pelo menos, cópias de vocábulos já existentes na França e na Itália. O sufixo naturalizou-se, porém, surgindo depois certo número de criações vernáculas, como na França. Temos, assim, um sufixo que é essencialmente italiano a princípio, disseminando-se por tôda a România ocidental.

Entre as formas ibéricas cujos correspondentes exatos se encontram fora da Península, lembrem-se: esp. e port. **burlesco**, fr. (século 16), do it. **burlesco:** port. e esp. **grotesco** ou **grutesco** (de gruta), fr. **grotesque** (1532), do it. **grottesco;** port. e esp. **dantesco**, fr. **dantesque**, it. **dantesco;** port. e esp. **gigantesco**, fr. **gigantesque**, prov. **gigantesc**, it. **gigantesco;** port. e esp. **romanesco**, fr. **romanesque** (de **roman**) e it. **romanesco** (de **Roma**). As formas portuguesa e espanhola correspondem tanto à francesa como à italiana, a portuguêsa sobretudo à francesa, mas ambas as línguas criaram **novelesco**, e o espanhol tem também **romanesco**. Port. **pitoresco** e **pinturesco**, esp. **pintoresco**, fr. **pittoresque** (século 18), it. **pittoresco;** port, e esp. **arabesco**, fr. **arebesque**, it. **arabesco;** port. **cavalheiresco**, esp. **caballeresco**, fr. **chevaleresque**, que é adaptação do it. **cavalleresco;** port. e esp. **turquesco**, fr. **turquesque**, it. **turchesco;** port. **fradesco**, esp. **frailesco**, it. **fratesco;** port. e esp. **soldadesco**, fr. **soldatesque**, it. **soldatesco** (adjetivo) e também port. e esp. **soldadesca**, fr. **soldatesque**, it. **soldatesca** (substantivo feminino, com sentido pejorativo no francês e nas línguas da Ibéria); port. e esp. **carnavalesco**, fr. **carnavalesque**, it. **carnavalesco**, e outros. Formas criadas na Ibéria são, entre outras: esp. **quijotesco** (port. **quixotesco**), imitação de **dantesco** certamente; port. e esp. **caricaturesco**, esp. **brujesco**, port. **brutesco**, esp. **picaresco**, donde port. **id.** e fr. **picaresque.**

-ISMUS e **-ISTA-** (112 bis). Sufixos de origem grega (*σμός*, *ιστής*), introduzidos especialmente no latim cristão, primeiro por algumas palavras isoladas como **christianismus** (*χριστιανισμός*), **baptismus** (*βαπτισμός*), **Iudaismus** (em Tertuliano), **catechismus** (*κατηχισμός*), **baptista** (*βαπτιστής*), **catechista** (*κατηχιστής*), **exorcista** (*ἐξορκιστής*), etc.. Cedo começaram a constituir-se termos latinos, como **paganismus**, ***sacrista.** Ambos os sufixos, como também **-izo**, do qual falaremos adiante, tiveram grande desenvolvimento no latim medieval para designar sistemas doutrinários e os seus partidários, etc. (**psalterista, summista, artista, Donatista, legista, sabbatismus,** etc.). Daí passaram, como tantas outras formas do latim medieval, para a România, onde tiveram grande voga, sobretudo desde a Renascença, chegando a ser dos sufixos mais produtivos em tôdas

---

(112 bis) Tratamos juntos os dois sufixos pela comunidade de origem e desenvolvimento na România.

estas línguas modernamente (113). O primeiro exprime **sistema doutrinário**, e também **ação, estado**, e o segundo, **partidário de um sistema, agente, profissão**, etc.. Assim fr. **nominaliste** e **nominalisme, réaliste** e **réalisme, humaniste** e **humanisme, moderniste** e **modernisme, dentiste, caricaturiste, paupérisme**, etc.; it. **cattolicismo, socialismo, arrivismo**, e numa forma mais vernácula do sufixo, denotando introdução relativamente antiga na língua: **cristianesimo, paganesimo, protestantesimo.** Com **-ista** temos: **modista, artista, arrivista, dentista.** Em espanhol: **animismo, catolicismo, comunismo, socialismo, cientista, absolutista, oficinista, almacenista, rapista**, etc.. Em português: **tomismo, monasticismo, islamismo, kantismo, positivismo, bairrismo, caiporismo, perrepismo** (comportamento ou métodos do Partido Republicano Paulista: P. R. P.), e até "sem-vergonhismo", **cientista, humorista, governista, futebolista, paulista, nortista, diarista, bolsista, eletricista, punguista.**

-ISSA (grego -ισσα). Já no grego servia de formar o feminino de nomes, como em βασίλισσα = **rainha**, donde veio para o latim. Como nota Meyer-Lübke, foi introduzido na época cristã, tendo largo desenvolvimento no latim da côrte e dos livros (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 366). Diz o mesmo autor que o sufixo chegou assim ao uso popular. Êste é, porém, um tanto tardio e restrito. De fato o sufixo nunca chegou a tornar-se muito produtivo. O tratamento fonético vacilante, especialmente na Ibéria (**-issa, -isa**, ao lado de **-essa** e **-esa**) revela contribuição erudita. Ainda aquí não cremos que a ocorrência do sufixo no romeno prove a sua existência no latim vulgar, pois que nos faltam exemplos certos de palavras comuns à Dácia e ao Ocidente. Formas como romeno **preoteasă** (sacerdotisa) **jupîneasă** (donzela), **făcătoreasă**, etc., não têm relação com outras ocidentais. A ausência de formas comuns às duas grandes regiões em que se cindiu a România leva-nos à suspeita de que o sufixo romeno foi tomado ao grego por outra via. De fato, o sufixo não é vivaz no romeno (cf. Meyer-Lübke, **loc. cit.**). Assim, embora Grandgent mencione o sufixo para o latim vulgar, os exemplos hipotéticos que aduz são mais recentes, ou não são vulgares, e. g., ***dukissa, prophetissa, abbatissa** (do século 6). É no latim eclesiástico e medieval que êle se desenvolve, como em **regularissa** "quae regulam monasticam observat" (Du Cange), **archimandritissa**, etc..

Nas línguas românicas entra em número limitado, designando primeiro cargos e dignidades e depois, sobretudo no francês e no italiano, um certo número de outros femininos, mesmo de animais. No francês ocorre na língua medieval, e. g., em **comtesse, duchesse, déesse.** No século 12 surge **-eresse**, sob a influência de **-eresse** (formativo de nomes abstratos), êste derivado de **-aricia**, segundo

(113) Dauzat data o seu maior florescimento da Revolução Francesa (*Etapes*, pag. 113).

sugere Dauzat (113 bis), eliminando **-eriz** (de **-atricem**): **venderesse, lecheresse.** Com o tempo ambas as formas entraram em decadência. Dauzat menciona, entre as suas últimas produções, **mulâtresse, negresse** (1724) (114). Entre os femininos assim formados em francês contam-se: **chanoinesse, diablesse, druidesse, prêtresse, moinesse, papesse, princesse, adultéresse, bougresse, ivrognesse, pauvresse, ânesse, tigresse, vengeresse, lionnesse** (115).

Também o italiano o emprega com certa frequência e numa forma vernácula que revela a sua antiguidade, como em **duchessa, poetessa, contessa, principessa, generalessa, deessa, fattoressa, diavolessa, baronessa, abatessa, presidentessa, filosofessa** (doutora em filosofia), **dottoressa, medichessa, avvocatessa, leonessa, pavonessa, elefantessa.** Como vemos, com frequência temos os mesmos nomes no francês e no italiano, evidenciando mais uma vez a unidade linguística de que já falamos.

Muito menos produtivo foi o sufixo na Ibéria, mas, quando ocorre, usa-se geralmente com as mesmas palavras já encontradas nas duas línguas anteriores. Poucas são as exceções. Assim port. **pitonisa, diaconisa, poetisa, papisa, sacerdotisa, condessa, abadessa, duquesa,** princesa (a influência francesa se revela aqui claramente: **de prince,** e não de **príncipe**), **baronesa, joglaresa;** esp. **sacerdotisa, profetisa, duquesa, abadesa, julgaresa,** etc..

-ATA. Já no latim eclesiástico ocorrem com frequência particípios substantivados em **-a** (plural neutro ou singular feminino?), como **collecta** (reunião), **expensa** (despesa) e certamente o mesmo processo existiu na língua vulgar, pois nomes dêste tipo se encontram em tôda a România, se bem que menos comumente na Dácia: rom. **judicată** (julgamento), **cursă** (acaso). Do tipo antigo e popular se forma com o tempo o sufixo **-ata,** que passa a juntar-se também a temas substantivados com acepções diversas: fr. **bouchée,** it. **boccata,** port. e esp. **bocada,** etc. (indicando conteúdo); it. **giornata,** fr. **journée,** prov. esp. e port. **jornada** (designando período de tempo); esp. **dinerada,** port. **dinheirada,** fr. **risée,** it. **lombata** (com idéia de coleção,em que é sobretudo ibérico); it. **stoccata,** fr. **dentée,** esp. **cuchillada,** port. **facada** (indicando golpe); fr. **limonade,** it. **limonata,** esp. e port. **limonada** (designando um produto do primitivo).

O novo sufixo assim criado provàvelmente não pertenceu ao latim vulgar a não ser muito limitadamente. Raríssimo no romeno (bucată encontra-se na língua e deve ser do latim), apresenta variadas funções semânticas no resto da România, como acabamos de ver.

(113 bis) *Hist. de la lang. fr.*, § 430. Talvez fosse mais natural ver aí cruzamento de — *eriz* e — *esse*.

(114) Cf. *Hist. de la lang. fr.*, § 426.

(115) Lista mais completa em Fl. de Brito, *Gramm. Fr.*, pags. 21 e 25.

e geralmente as mesmas por tôda parte. Embora pertença ao falar do povo antes que à língua culta, deve ter-se formado tardiamente, quando já a Dácia estava isolada, disseminando-se pouco a pouco por todo o Ocidente. Certas acepções, como a de "produto do primitivo" parecem mesmo recentes, ao menos o seu desenvolvimento maior; outras são especialmente da França e da Itália.

Embora não se trate de um sufixo erudito, temos, contudo, um bom exemplo da unidade românica após a separação da Dácia, durante a época medieval.

A forma italiana tende a implantar-se mais tarde em outras regiões, ilustrando a contínua disseminação de formas linguísticas dentro da România. Nas duas línguas ibéricas vem em numerosos empréstimos e num ou outro exemplo vernáculo, e. g., port. **sonata, cantata, serenata, cavalgata, passeata** (cf. it. **passeggiata**), **tocata, musicata** (não se encontra em italiano); esp. **sonata, cantata, repasata, cabalgata,** etc..

No francês aparece com a forma **-ade,** que é a forma provençal e italiana do norte. De fato a forma deve ter sido tomada ao provençal, pois o francês introduziu algumas palavras desta origem, mas o sufixo serviu sobretudo em empréstimos tomados ao italiano, acabando por tornar-se produtivo aí. A forma **-ate,** que ocorre em **cantate,** etc.. não se implantou na língua. Entre os termos tirados do italiano temos: **arcade, colonnade, sérénade, ambassade** (já em 1387), **cantonade,** dando origem depois a derivados vernáculos como: **peuplade, tirade appareillade.** Alguns vêm do espanhol, e. g., **algarade,** etc..

-ATUS. Para designar cargo e dignidade era do latim: **consulatus, patronatus, iudicatus.** Apesar de apresentar forma romance regular nas línguas do Ocidente, é provável que se trate de imitação erudita do latim. A forma popular do sufixo, que já existia com outra função, recebeu um significado latino, ou melhor, o sufixo ocorria em algumas formas populares, estendendo-se depois por influência erudita. Naturalmente, neste caso, o romeno desconhece o sufixo. Os exemplos de Grandgent para o latim vulgar são eclesiásticos ou tardios, como ***ducatus** e **clericatus.** Existiu no latim da Igreja, mas não era o mesmo que o sufixo popular, e. g., **episcopatus, diaconatus, presbyteratus,** etc.. Outros aparecem já na formação da sociedade e administração medieval e são técnicos e, pois eruditos, de imitação latina. Tais são os que aparecem em fr. **comté, duché,** arc. **barné** (de **baron**), **regné,** it. **contato, marchesato,** esp. **condado, ducado, marquesado,** port. **condado,** etc..

Exceto no italiano, onde o sufixo conservou a forma latina, êste é reintroduzido mais tarde em uma forma erudita: fr. **-at,** esp. e port. **-ato.** Assim: **consulat** (século 14), **patronat, généralat, orphelinat, agrégat, baccalauréat, marquisat;** port. **diaconato, presbiterato, patronato, baronato, canonicato, orfanato;** esp. **decanato, priorato, ca-**

ballerato, bachillerato, cardenalato, etc.. Encontra-se, contudo, a forma vernácula do sufixo mesmo em termos eruditos: port. **consulado, episcopado.**

-ITIA (-ITIES). É sufixo popular e panromânico, particularmente abundante no romeno e no italiano. "A pátria dêste sufixo, diz Meyer-Lübke, é a Itália e a Romênia" (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 480). No romeno o sufixo é regularmente **eaţa.** Nas outras línguas se encontram, ao lado das formas mais ou menos regulares (it. **-ezza,** esp. e port. **-eza** — nestas línguas também **-ez,** de **-itiem** —, fr. **-esse** — com vocalismo regular, mas tratamento semi-erudito do grupo -ti-) (115bis), outras que representam, sem dúvida, interferência da corrente erudita. Já o francês **-esse** não é fonèticamente regular (cf. **potionem** > **poison**). Deve tratar-se de forma semi-erudita que prevaleceu na língua em lugar de **-oise,** e ao lado de **-ise: richesse, justesse, paresse.** A forma estranha **-ise** teria partido de nomes como **convoitise, franchise,** onde a palatal anterior determina o tratamento irregular da vogal, estendendo-se depois a outras palavras (assim Meyer-Lübke, **Gramm. des lang. rom.**, II, § 481). É curioso, porém, que justamente **richoise,** quase o único exemplo conhecido da forma regular do sufixo, não possua o **i,** apesar da palatal precedente. Não ousamos, contudo, rejeitar a sugestão de Meyer-Lübke. Esta variante **-ise** adquire certa vitalidade, desenvolvendo com o tempo sentido pejorativo: **sottise, bêtise,** etc..

Claramente eruditos, mas não muito produtivos são: it. **-izia,** fr. **-ice,** esp. **-icia,** port. **-iça** ou **-icia,** como em it. **giustizia, avarizia,** fr. **justice, blandice, avarice,** esp. **avaricia, injusticia, franquicia,** port. **justiça, cobiça, preguiça, carícia, malícia,** mas tais formas são geralmente simples empréstimos latinos.

O português tem também **-ice,** que para Meyer-Lübke, apesar de um latinismo como **planice,** deve ter-se estendido sob influência francesa. Parece-nos um tanto duvidoso que **-ise,** francês, tivesse levado à multiplicação de um sufixo diferente **-ice,** existente em uma palavra isolada, mormente quando parecem faltar termos franceses antigos com êste sufixo em Portugal. O sufixo português terá aparecido em outras formações de cunho mais ou menos erudito (e. g., **estultice,** de **stultitiem, ledice,** de ***laetitiem** — ao lado do comum **laetitiam** (116), encontrando-se já com certa frequência na linguagem medieval, e. g., **sandice** e **sandece, ledice,** variante de

(115 bis) A forma francesa regular *-oise* raro se encontra na língua antiga: *richoise, prooise.*

(116) O latim da Ibéria devia ter certa predileção para a forma *-ities* do sufixo, o que explicaria a frequência de *-ez* no romance: port. *pequenez, honradez, rigidez,* esp. *rustiquez, calvez,* etc.

lediça, ligeirice por **ligeireza** (116 bis). Como o francês **-ise**, também o português **-ice** acabou por desenvolver sentido pejorativo, começando certamente por **estultice, sandice**, etc.. Assim: **burrice, bobice, tolice, maluquice, crendice, macaquice**, etc..

O italiano tem ainda uma variante **-igia** do mesmo sufixo, que parece originada do francês, como em **alterigia, franchigia, gentiligia** (cf. **Parigi**, do fr. **París**) (117).

Vemos, pois, que mesmo em um sufixo genuinamente popular a influência latina, bem como o contacto mútuo das línguas românicas, pode perturbar o seu desenvolvimento normal.

-ATICUM. Parece ter tido o seu maior desenvolvimento na Gália, disseminando-se daí para o resto do Ocidente. Não deve ter sido do latim vulgar comum, como quer Grandgent, notando: "era usado extensamente para formar substantivos; assim ***coraticum**" (**Introducción**, pag. 43). Um sufixo adjetivo **-aticus** encontra-se na Dácia (e. g., **sălbatec, lunatec**) como no Ocidente, mas não teve grande florescimento. No Ocidente criam-se numerosos derivados substantivos do tipo **viaticum**, mas estes são antes da decadência latina, chegando a uma verdadeira popularidade na Gália, um tanto mais tarde. Diez (**op. cit.**, II, pag. 286) afirma ser êle familiar ao latim da alta Idade Média, mas os exemplos abundantes que cita são especialmente de uma carta franca de 629. Trata-se de adjetivos ainda, mas que denotam a vitalidade do sufixo na região. Também são quase sempre da Gália os exemplos numerosos que vêm em Du Cange, e. g., "Nec portatico, nec pontatico, nec rotatico, exactare penetus praematis"(**Carta Chlodovei** III); "ullum teleneum, aut ripaticum, aut portaticum, aut pontaticum, aut salutaticum..." (Carlos o Calvo). Frequentemente se encontra **-agium**, latinização da forma francesa, e. g., **portagium.** Eram substantivos usados para indicar tributo, assumindo depois funções mais variadas. Muito cedo o sufixo se espalhou para regiões vizinhas, mas sem grande vitalidade, como em it. **camarlingatico, panatico** (provisão de pão); esp. (com a forma **-adgo** e **-azgo**) **alguacilazgo, almirantazgo, arciprestazgo, terrazgo, hallazgo, cardenaladgo**, etc.; port. **vinhadego, montadego** (direito de pastagem), **portadego**, fr. **fermage, affféage, avénage.**

O exame das formas exclue, cremos fora de dúvida, a existência do sufixo na língua vulgar primitiva, exceto, talvez, na Gália. O italiano não é claro, pois que, pelo menos muito frequentemente, conserva a surda intervocálica, bem como o **i** postônico (117bis). O

(116 bis) Ver o *Glossário* do Padre A. Magne, na sua edição da *Demanda do Santo Graal* (vol. III).

(117) Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.*, II, § 481.

(117 bis) Entretanto — *ático* não seria regular, nem para Bourciez, que supõe sonorização nas proparoxítonas (*Eléments*, pag. 488), nem para Grandgent, para quem *-aticum* daria *-acco* (*From Latim to Italian*, pag. 90).

espanhol emprega-o apenas para tributos e cargos, mas com um tratamento fonético regular ou semi-erudito (118). O português, embora abrande as consoantes intervocálicas, mantém a postônica, o que seria estranho em formas mais populares (cf. mesmo **julgar**, de **judicare**). Suspeitamos, pois, que os exemplos portugueses e espanhóis venham da Gália, usados primeiro na linguagem administrativa da França merovíngia. Na forma que acabamos de estudar, porém, o sufixo não vingou, exceto na Gália.

Ao contrário teve aquí largo desenvolvimento. Êste fato e a forma fonèticamente regular do sufixo denotam a sua antiguidade. Desenvolve-se aí pelo menos desde o século 5 ou 6. Com efeito, a palatalização do **c** em contacto com as dentais **t** e **d** (grupos **t' c** e **d' c**) é característica do francês, do provençal e do catalão (prov. **coratge**, de ***coraticum**, **metge**, de **medicum**, **manjar**, de **manducare**, fr. **juger**, de **iudicare**, **manger** e arc. **mege**, como no provençal; cf. também cat. **metge**, **formatge**, de **formaticum**). Também a significação do sufixo se estende bastante aí, passando êle a juntar-se tanto a temas verbais como a nominais para formar nomes abstratos e concretos, coletivos, etc.: fr. **langage**, **village**, **message**, **courage**, **attelage**, **bandage**, **feuillage**, **outillage**, **personnage**, **arrivage**, **abattage**, **arrosage**, **assemblage**, **abordage**. Assim também prov. **antigatge**, **auratge** (sôpro do vento), **beuratge**, **coratge**, **linhatge**, etc.

O que nos interessa de um modo especial no estudo dêste sufixo, tão rico nas suas aplicações, é que na forma assumida na Gália êle passa a tôdas as línguas românicas vizinhas com as suas variadas aplicações, tornando-se patrimônio comum de todo o grupo. Uma preciosa ilustração da unidade românica ocidental, portanto. Daí derivam esp. **-aje**, port. **-agem** (feminino aquí e com nasalação por analogia com o sufixo vernáculo **-agem**, por exemplo em **imagem**, de **imaginem**, **tanchagem**, de **plantaginem**) e it. **-aggio**. A forma italiana não se explicará como empréstimo direto do francês. Ela deve ter vindo através do latim medieval **-agium**, que, como já vimos, se formou na Gália sôbre o sufixo francês (e. g., **personagium**, **foragium**, **portagium**, Du Cange), espalhando-se mesmo fora do país. É êste latim que explica o **-o** do sufixo italiano. Muitos termos franceses com o mesmo sufixo circularam por todo o Ocidente em época bastante antiga. Assim encontramos no português medieval **linhage**, **vantage**, **selvage**, **vorage**, **me(n)sage**, **menage** (homenagem), **partage**, **vassalage** (119). No espanhol aparecem alguns desde o **Poema del Cid** (e. g., **mensaje**, 32). No italiano êles ocorrem antes de Dante, como **coraggio**, **linguaggio**, etc.. O fato da disseminação do sufixo francês no resto da România é reconhe-

(118) Pidal dá *-t'c-* > *-dg-* (espanhol antigo) > *-zg-* na língua moderna, e. g., *iudicare* > *judgar* > *juzgar* (*Gramm. Esp.*, pag. 163).

(119) C. Michaelis, *Lições*, pag. 310.

cido por todos os romanistas, dispensando maior documentação. (120).

Alguns exemplos da abundância de derivados na Itália e na Ibéria são: it. **linguaggio, coraggio, personaggio, plumaggio, carnaggio, villaggio, visaggio, messaggio, oltraggio, omaggio, vassallaggio, paraggio, sondaggio, voltaggio**; esp. **mensaje, atelaje, lenguaje, personaje, boscaje, plumaje, escuderaje, almacenaje, pilotaje, arribaje, ultraje, hospedaje**; port. **linguagem, viagem, coragem, personagem, paragem, homenagem, vassalagem, folhagem, plumagem, bagagem, selvagem, sondagem, moagem, estiagem, bobagem, vadiagem** e uma infinidade de outros.

Um exame rápido dos exemplos citados mostrar-nos-ia quão frequentemente semelhantes derivados são por tôda parte imitação do francês, às vezes simples empréstimos. Foi a disseminação abundante de palavras francesas com êste sufixo que levou à naturalização dele, pois que as outras línguas tinham geralmente vocábulos simples correspondentes aos derivados de origem francesa. Assim o português tinha **vassalo** ao lado de **vassalagem, linha** ao lado de **linhagem**, etc.. Esta juxtaposição frequente levaria a criações analógicas com o mesmo sufixo.

-TIONE (-ATIONE E -ITIONE). Outro sufixo que pertenceu ao latim vulgar, fato confirmado pela sua ocorrência em tôda a România e pela forma fonética regular: rom. **-ăciune** e **-iciune**, it. **-agione** e **-igione**, fr. **-aison**, etc., prov. **azo, -ezo**, esp. **-azón, -izón** e **-ezón**, port. **-azão, -izão** e **-ezão**. De novo, porém, a forma popular e primitiva é de emprêgo restrito, pelo menos no Ocidente. Temos **inchinăciune** (inclinação), **asteptăciune** (espera), **iertăciune** (perdão), **rogăciune** (petição) no romeno. No italiano encontramos **ragione, francagione** (ant.), **acquagione** (ant.), **perdigione, incantagione**. No francês: **semaison, raison, saison, tondaison**; no espanhol: **corazón, cerrazón, clavazón**; no português: **razão, sazão.**

A forma originária cedeu lugar geralmente a uma forma mais próxima do latim nas línguas do Ocidente: it. **-azione, -izione**; fr. **-ation** e **-ition**, esp. **-ación** e **-ición**; port. **-ação** e **-ição**. É verdade que o francês continua a produzir alguns derivados, mesmo eruditos, com o sufixo antigo, e. g., **declinaison, conjugaison, inclinaison**, mas em geral a forma erudita substitue a antiga. Assim fr. **donation, association, fondation, génération, consommation, généralisation, industrialisation, canalisation, perdition**, etc.; it. **fondazione, formazione, germinazione, collocazione, incantazione** (ant.), **incarnazione**; esp. **averiguación, aviltación, adornación, abdicación, abolición**; port. **fundação, doação, realização, generalização, canalização, anu-**

(120) Ver, por exemplo, Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.*, II, § 482, e Bourciez, *Eléments*, pags. 424 e 501.

lação, intimação, reprovação, criação, reparação, distribuição, contribuição, etc..

Temos, pois, aquí a oposição frequente de uma forma literária a outra primitiva do mesmo sufixo. É que êle pertencia tanto ao latim vulgar como ao baixo latim. Mas é, sobretudo, a forma literária que proporciona às línguas românicas o sufixo vivaz.

-TOR. Sufixo popular e panromânico, se bem que na Dácia a confusão com **-torius** levasse a uma forma especial. A existência do mesmo sufixo no latim medieval deu às línguas ocidentais um certo número de derivados de particípios fortes latinos, como port. **leitor** (cf. **ledor**), **autor, ator, protetor, compositor, redator, motor, reitor, cultor,** etc. e formas correspondentes nas demais línguas, que não passam de latinismos tomados por empréstimo. Apenas o francês nacionaliza uma forma erudita **-ateur,** hoje bastante usual para a formação de nomes de agente e de instrumento: **orateur, accusateur, épurateur** (a forma primitiva é **-eur: sauveur, buveur,** etc.).

-TORIUS. O sufixo forma adjetivos e substantivos desde o latim vulgar, conservando-se em tôda a România (os adjetivos, sobretudo, são comuníssimos no romeno): rom. **-toriu,** it. **-toio, -toia,** fr. **-oir (e),** prov. **dor, -doira,** esp. **-dero -dera** (raro e ant. **-duero**), provàvelmenpor confusão com **-arius** (esp. **ero**), port. **-doiro, -doira (-douro, doura).** Assim rom. **cântatoriu** (cantando), prov. **fazedor,** it. **pensatoio,** esp. **casadero,** port. **duradouro.** Como substantivos notem-se: fr. **rasoir,** it. **mangiatoio,** esp. **afiladera** (pedra de amolar), port. **podadoura.**

Ao lado da forma popular, o sufixo, comum no latim medieval, reaparece nas línguas ocidentais, chegando a ter grande vitalidade. O sufixo **erudito** serve de formar adjetivos e substantivos, geralmente de cunho latino, embora não se limite absolutamente a eles, usando-se também em derivados genuinamente vernáculos, e. g., port. **difamatório, eliminatório, obrigatório, vexatório, conservatório, observatório, reservatório, lavatório, escritório, interrogatório, peditório, sanatório, falatório, estampatório;** esp. **declaratorio, definitorio, circulatorio, interrogatorio;** fr. (com metátese e evolução normal do antigo ditongo **oi**) **diffamatoire, opératoire, éliminatoire, observatoire, oratoire;** it. **infamatorio, infiamatorio, raccomandatorio** (ant.), **parlatorio,** etc..

-ITAS. Passa por sufixo antigo, herdado. "Empregava-se com profusão", diz Grandgent, e cita **falsitas, nativitas, puritas, trinitas** e **deitas,** acrescentando que o sufixo é muito comum em Cipriano. Mas já observamos frequentemente que a ocorrência de uma forma nos Padres da Igreja não prova a sua vitalidade no uso vulgar, pois

que a patrística segue, como já vimos, uma tradição essencialmente literária.

Um estudo mais cuidadoso da história do sufixo parece, ao contrário, indicar que êle não era nada prolífico no uso popular, embora possa ter existido em algumas palavras. Já pela sua função de formar nomes abstratos, não devia ter aplicação muito abundante aí. As línguas românicas devem certamente ao latim eclesiástico e medieval a abundância de formações novas com êste sufixo (121), embora o fato de êle ter-se conservado no romeno justifique a sua inclusão entre os sufixos vulgares. Formas como **veritas** (já clássico), **amicitas**, **bellitas** são certamente antigas.

Dois fatos, porém, denunciam imediatamente a dívida das línguas românicas ocidentais ao latim da Idade Média. O primeiro é que, embora algumas línguas do grupo, e. g., o espanhol e o português, apresentem a sonorização normal do **-t-** (121 bis), tôdas elas conservam o **i** pretônico, em lugar de mudá-lo para **e** ou eliminá-lo. Encontra-se um pequeno número de formas sem vogal (port. **verdade, lealdade, leviandade**, fr. **beauté, bonté, cherté**, etc.) e algumas com **e** (esp. **brevedad, bajedad**, fr. **certaineté, echarseté, joliveté**), mas a forma comum do sufixo é com **i**: it. **-ità** (arc. **-itate** e **-itade**), esp. **barbaridad, carnalidad, claridad**; port. **realidade, exterioridade, habilidade, pontualidade, morosidade.**

O segundo fato notável é que, apesar do seu aspecto vernáculo, êle se junta muito comumente a formas latinas do tema, como acontece, e. g. em port. **fidelidade** (fiel), **amabilidade** (de amável), **sensibilidade, felicidade** (de feliz), **atrocidade**; esp. **amabilidad** (amable), **capacidad**; fr. **humanité** (humain), **probabilité** (probable), **porosité** (poreux). Aquí, aos adjetivos em **-eux** correspondem derivados em-**euseté**, como **joyeuseté** e outros mais eruditos em-**osité.**

A invasão de formações eruditas começa com os primeiros textos (e. g., no poema de **Saint Léger: caritet, veritiet, humilitiet, claritet**), recebendo logo grande extensão. O sufixo é, pois, românico, mas especialmente vivo na língua culta. Sôbre o italiano diz Meyer-Lübke: "pode dizer-se com certeza que **-tà** se petrificou, sendo usado exclusivamente na língua escrita; junta-se assim sobretudo a adjetivos de forma erudita ou cujo sufixo denuncia origem culta" (**Gramm. des lang. rom.**, II, § 493). Quanto ao francês, obser-

(121) Assim em Gregório Magno: *fraternitas, instabilitas, prosperitas, contrarietas, incredulitas, possibilitas, perplexitas, moralitas, sensibilitas, singularitas, peculiaritas* e outros muitos, que vivem geralmente na România moderna (Ver R. M. Hauber, *op. cit*).

(121 bis) Mas o francês, o provençal e o rético conservam aqui o *t* latino, mostrando a influência erudita: prov. *fermetat*, fr. *certaineté*, eng. *clarited*, *societed*, embora no provençal se encontre também *d*: *certanedat*.

va que -té já não é produtivo e que a forma -ité se une a adjetivos de origem culta. Outra vez, para concluir, é à tradição culta que a România Ocidental deve um dos seus mais importantes sufixos.

-(T)IVUS. Tem uma forma popular panromânica, especialmente -i(v)us, sendo abundantes os adjetivos formados com êle no romeno, no rético, e no francês. Posteriormente, porém, as línguas ocidentais o reintroduziram por empréstimo culto, dando-lhe uso frequente, não só em formações tomadas ao latim, mas em numerosas criações românicas, agora sobretudo a forma -tivus (122). Temos assim: fr. **abstersif** (século 14), **abusif, admiratif, attentif, cicatrisatif, collectif, digestif, estimulatif, motif, primitif, nutritif, laxatif, coopératif, rebarbatif** (do fr. ant. **rebarber**), **bourratif**, port. **vegetativo, paliativo, quantitativo, recitativo, facultativo, caritativo, narrativo, lucrativo, aumentativo, formativo, associativo, vingativo, melhorativo, pejorativo, causativo, majorativo, taxativo**; esp. **paliativo, nutritivo, vengativo, lucrativo, pensativo**; it. **lassativo, mangiativo** (ant.), **ammurativo, affermativo, attaccativa** (subst.).

-ITTUS. A origem do sufixo é ainda problema obscuro. Tem-se apontado frequentemente a ocorrência de nomes próprios femininos, e mesmo masculinos em-itta em incrições do império, sobretudo da Dácia e da Itália (**Bonitta, Livitta, Suavitta, Muritta**, o último masculino), mas, não parecem ter sentido diminutivo. Demais, é curioso que justamente na Dácia, onde as formas do latim vulgar são tão comuns, o sufixo diminutivo é desconhecido. Não nos compete, porém, discutir aquí o problema obscuro de sua origem.

Vamos ao que interessa o nosso assunto. O sufixo, encontradiço em tôdas as línguas do Ocidente, apresenta tratamento duplo, conservando-se **i** no português e no espanhol (-ito), enquanto nas outras línguas passa a **e**. Geralmente se explica a diferença, supondo uma forma -ittus para a Ibéria, ao passo que as outras regiões teriam o sufixo com **i** breve. E' outro problema que ainda espera solução satisfatória. Mas ao lado da vogal **i**, comuníssima, mormente no espanhol, encontra-se também **e** (esp. e port. -eto e -ete), que seria a forma regular. Muito provàvelmente não se trata aquí de uma variante herdada do mesmo sufixo, mas importação tardia da forma galo-italiana, acabando esta variante por implantar-se ao lado da forma primitiva.

E' fora de dúvida que em muitos nomes assim formados, temos simples empréstimos de além dos Pirinéus. Demais, em muitos deles o sufixo não exprime uma idéia diminutiva clara, como se dá com o vernáculo -ito, mas reproduz muitas vezes apenas o sen-

(122) Sôbre a origem erudita do sufixo em francês ver Dauzat, *Hist. de la lang. fr.*, § 252 e Brunot, *op. cit.*, I, pag. 574.

tido da palavra exótica correspondente. Como era de esperar, depois aparecem também as criações vernáculas. Entre as numerosas importações notemos: esp. e port. **estilete** (fr. **stylet**, êste do it. **stiletto** = punhal, etc.); port. **vagonete**, esp. **vagoneta** (fr. **wagonet**); port. e esp. **barrete** (fr. **barrette**, êste do it. **barretta**, hoje **berretta**); port. e esp. **jaqueta** (fr. **jaquette**, diminutivo de **jaque**); port. e esp. **bosquete** (fr. **bosquet**, e êste do it. **boschetto**); port. **folheto**, esp. **folleto** (como fr. **feuillet** e it. **foglietto**); port. e esp. **corneta** (it. **cornetta**, que designa "instrumento de música" e "espécie de bandeira para dar sinal", sentido reproduzido em português e em espanhol; o francês usa **cornet** no primeiro sentido e **cornette**, no segundo). Esp. e port. **paleta** (fr. **palette** e it. **paletta**); port. **trombeta**, esp. **trompeta** (como fr. **trompette** e it. **trombetta**); port. e esp. **clarinete** (fr. **clarinette**, it. **clarinetto**); port. **cavalete**, esp. **caballete** (como fr. **chevalet**, it. **cavalletto**), termos que têm o mesmo sentido das palavras ibéricas); port. **lingueta**, esp. **lengoeta** (correspondem no sentido e na forma ao fr. **languette**. Cf. também it. **linguetta**); port. **colete**, esp. **coleto** (como fr. **collet**); port. **prancheta** (fr. **planchette**, que tem o mesmo sentido de "instrumento topográfico para levantar plantas"); port. e esp. **filete** (como fr. **filet**, de sentido semelhante, e. g., **filet d'eau**); port. **cançoneta**, esp. **cancioneta** (como fr. **chansonnette** e it. **canzonetta**); port. e esp. **barqueta** (fr. **barquette** e it. **barchetta**); port. e esp. **faceta** (fr. **facette** e it. **facetta**). O sentido técnico especial é do francês. Port. e esp. **luneta** (como fr. **lunette** e it **lunetta**, — na Itália foi inventado êste instrumento pelos fins do século 13). Em geral os termos de música são de origem italiana, como port. **dueto, terceto, quarteto, soneto, minueto**, etc. (122 bis).

Já no português medieval se encontram com certa frequência palavras com êste sufixo, mas revelam bem claramente, pela sua origem, que o sufixo nesta forma não deve ser vernáculo. Assim no **Livro de Falcoaria** de Pedro Menino encontramos: **saquete** (cf. fr. **sachet** e prov. **saquet**), **martinete**, nome de uma ave, do fr. **martinet**; **taboleta** (cf. fr. **tablette** e it. **tavoletta**); **lanceta** (fr. **lancette**, it. **lancetta**, sempre com o sentido de "instrumento cirúrgico para sangrar, etc."). **Barqueta** vem na **Demanda do Santo Graal**.

Dada a abundância de importações, seria de estranhar que o sufixo não se tornasse produtivo. De fato temos: **careta, lembrete foguete, corpete, chefete, tiranete**, etc..

(122 bis) Nascentes dá formação vernácula para muitos dos nomes da lista anterior, e. g., *corneta, trombeta, clarinete, cavalete, estilete*, etc., mas, se existe uma relação natural entre estes termos e as formas sem sufixo (*corno, tromba*, etc., esta derivação tem o inconveniente de obscurecer as relações históricas que determinaram o aparecimento dos derivados.

A lista que acabamos de dar confirma também o que antes dissemos: enquanto **-ito** é um simples diminutivo, indicando o mesmo ser que o primitivo, apenas com menor dimensão (port. **rapazito**, esp. **muchachito**), o sufixo importado tem quase sempre uma idéia adicional, indicando objetos diferentes ou outra particularidade, como em port. **careta, faceta, lingueta, vareta, cavalete, corneta, folheto.**

A introdução da nova forma sufixal nas línguas ibéricas é ainda um caso do fenômeno tão comum da disseminação linguística no Ocidente românico.

SUFIXOS VERBAIS — São em número muito menor do que os nominais. Trataremos de dois, ambos de origem literária, que vieram a tornar-se largamente produtivos no período moderno. São eles **-ficare** e **-izare.**

-FICARE. Na origem servia de formar verbos sôbre adjetivos em **-ficus**, e. g., **magnificus: magnificare**, etc.. Teve largo emprêgo no baixo latim e no latim medieval. É um sufixo literário (123), embora apresente algumas vezes transformação fonética mais profunda, como acontece em espanhol, onde temos **-iguar (apaciguar, amortiguar, averiguar)** e em português com — **-iguar** (provàvelmente do espanhol) e **-vigar (apaziguar, averiguar,** arc. **eivigar)**. Fora disto temos geralmente a forma latina do sufixo, no francês uma forma semi-erudita **-fier.** Entre os empréstimos franceses medievais temos: **magnifier** (século 12), **déifier** (século 13), **mortifier** (nos **Salmos de Oxford**, século 12), **béatifier** e outros.

Enorme é o número de derivados que se formam com o sufixo, tanto de adjetivos como de substantivos. Esta riqueza se vê bem com os exemplos portugueses: **diversificar, retificar, ramificar, qualificar, personificar, classificar, lubrificar, modificar, purificar, santificar, frutificar, codificar, prontificar, fortificar, saponificar, planificar, metrificar, intensificar, eletrificar, testificar, petrificar, certicar, testificar, burrificar, dosificar, solidificar, gasificar, exemplificar,, simplificar, tipificar, falsificar, mistificar,** e outros.

Tratando-se de derivações literárias e muitas vezes latinas (do latim medieval em muitos casos), são os exemplos das demais línguas comumente os mesmos do português: esp. **clarificar, ramificar, fortificar, santificar, pesonificar, purificar; it. diversificare, personificare, dolcificare, pietrificare, giustificare, semplificare; fr. personnifier, ramifier, mortifier, codifier, simplifier, électrifier, bêtifier.**

Apesar da larga disseminação do sufixo, êle nunca chegou à popularidade de **-izar**, nem se usou tão livremente com temas vernáculos. Em geral o tema é latino, ou pelo menos literário. Apenas

(123) "Les verbes en *-ficare* appartiennent exclusivement à la langue écrite" (Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.*, II § 578).

o italiano com alguma frequência, e mais raro o francês, formam derivados com o tema vernáculo, como revelam alguns exemplos acima.

-IZARE (do grego *-ίζειν*). Êste sufixo, muito usual no grego, aparece cedo no latim, primeiro sob a forma **issare** (**moechissare, atticissare**), depois em uma forma popular **-idiare**, donde port. **-ear** e **-ejar**, esp.- **-ear** e **-ejar** (raro), fr. **oyer** (arc. **eier**), it. **-eggiare**. Geralmente se atribue à influência cristã a introdução do sufixo na última forma, mas a sua larga disseminação no latim vulgar, o que não costuma verificar-se com os elementos gregos trazidos pelo cristianismo, leva-nos a suspeitar da existência de outros fatores mais antigos, talvez influência helênica através da Magna Grécia (*). O sufixo na forma vulgar teve grande vitalidade principalmente na época da formação das línguas românicas; cf. port. **serpear, passear, guerrear, branquejar, gotejar**, esp. **blanquear, falsear, señorear, cortejar**, fr. **guerroyer, nettoyer**, it. **amareggiare, biancheggiare**, etc..

A língua eclesiástica introduziu o sufixo grego em uma forma mais aproximada do original. Êle aparece desde Tertuliano em palavras de origem grega, juntando-se depois também a temas latinos. Encontram-se primeiro: **baptizare, exorcizare, christianizare** (Tertuliano), **iudaizare, catechizare, agonizare, martyrizare, thesaurizare, paganizare**, mais tarde: **cicatrizare, pulverizare**, etc.. O sufixo estende-se bastante no latim medieval, de onde entra, na forma erudita, para o romance, chegando com o tempo à maior popularidade, o que acontece modernamente em tôdas as línguas românicas do Ocidente. Sôbre o francês nota Dauzat: "**-iser**, tomado desde o século 13 ao baixo latim... alcançou pouco a pouco prodigioso êxito, após ter arruinado a forma popular **-oyer**; é um dos sufixos mais vivazes" **Hist. de la lang. fr.**, § 252). Também Morelli, no seu livro, **Nostro Dire**, observa a respeito do italiano que o jornalismo e a correspondência moderna abusam do sufixo, empregando-o a todo o momento, frequentemente sem a mínima necessidade, em lugar de formas já existentes, assim: **civilizzare, semplicizzare, numerizzare, fanatizzare, concretizzare, regolarizzare** e até **acclimatizzare** (pag. 114). A tendência para abusar dêste sufixo em prejuizo de formas vernáculas mais antigas é geral na Romênia moderna. Êle é o su-

---

* Depois de já composta esta página, convencemo-nos de que o sufixo verbal romeno *-ez* do tema do presente de muitos verbos da 1.ª conjugação é um desenvolvimento mais ou menos recente dentro da língua e não se prende ao sufixo *-izare* que se costuma atribuir ao latim vulgar. Na realidade, seria difícil encontrar qualquer verbo comum à Dácia e ao Ocidente com este sufixo. Por outra parte a formação do sufixo rumeno *-ez* se explica como formação interna da língua (ver Sever Pop, *Grammaire Roumaine*, pag. 246). Com isto desaparece a razão para se admitir vitalidade do sufixo no latim vulgar. Terá ele entrado pelos autores eclesiásticos, desenvolvendo-se tardiamente no latim vulgar ou já no romance.

fixo da moda por tôda parte. A sua imensa disseminação é uma esplêndida ilustração da perene unidade românica tantas vezes aquí apontada.

O sufixo junta-se com igual facilidade a substantivos e adjetivos e o número dos verbos assim formados é enorme, aumentando contìnuamente, e. g., port. **civilizar, organizar, poetizar, canonizar, fanatizar, carbonizar, horrorizar, militarizar, naturalizar, nacionalizar, internacionalizar, vulgarizar, popularizar, eletrizar, estilizar, sintetizar** (a supressão do sufixo **-ico** é imitação do processo grego, assim: **fanático, fanatizar**), **realizar, brutalizar, animalizar, concretizar, cristianizar, legalizar, oficializar, utilizar, hospitalizar, fossilizar, vitalizar, amenizar, latinizar, germanizar, italianizar, escravizar, fertilizar, macadamizar, racionalizar, fiscalizar, rivalizar, entronizar, modernizar, eternizar, arborizar, alcoolizar, suavizar, mineralizar, mercantilizar, atemorizar** e muitos outros. Os exemplos de outras línguas repetiriam em geral as mesmas formas: fr. **agoniser, cauteriser, pulveriser, populariser, macadamiser, électriser**; it. **civilizzare,, cristalizzare, carbonizzare, militarizzare, naturalizzare, popolarizzare**; esp. **realizar, nacionalizar, popularizar, finalizar, cristalizar, militarizar, poetizar, esclavizar** etc..

Não obstante ter origem no latim medieval, a sua larga extensão na România moderna deve-se, sem dúvida, à imitação do francês. O sufixo é comum sobretudo aí e na Ibéria, que imita prontamente as modas francesas. O italiano usa ainda frequentemente outras formas em lugar do moderno **-izzare.**

Encerramos o rápido exame da sufixação românica convencidos de que ela deve, muito mais do que geralmente se parece admitir, à influência erudita, através do latim medieval principalmente. Dele não só se tiram numerosos sufixos novos — inexistentes ou petrificados e improdutivos na língua vulgar, — mas com muita frequência foi pelo contacto com o latim literário, — onde o processo de derivação com numerosos sufixos continuava rico e variado, — que os velhos sufixos populares se salvaram, recebendo nova vitalidade. Ainda que neste caso se possa falar em herança popular primitiva, é justo reconhecer que é ao latim eclesiástico e medieval que as línguas românicas devem a sua riqueza preciosa neste ponto.

Também evidencia-nos êste exame, como já antes o estudo do vocabulário, uma notável predominância da influência francesa, e depois italiana, o que leva a uma disseminação frequente de formas aí criadas para o resto da România. Sobretudo, temos aquí evidência da perfeita unidade linguística da România no enriquecimento contínuo do seu vocabulário (123 bis).

(123 bis) Deixamos para discutir na morfologia o sufixo adverbial *-mente*, que poderia, entretanto, ser incluído aqui.

PREFIXAÇÃO

Se há muito de influência culta e latina na derivação, ainda mais aparece ela na prefixação românica. Aquí, como já na sufixação, o romeno confirma os indícios sugeridos pelo exame da prefixação nas línguas ocidentais. São muito escassos os prefixos conservados na Dácia, e, em geral, como era de prever, exatamente aqueles que no Ocidente apresentam mais claras as marcas de sua origem vulgar antiga.

Começemos com uma ligeira referência àqueles que apresentam traços mais nítidos desta origem.

AD-. Usava-se em latim como prevérbio sobretudo. Stolz-Schmalz referem-se a êle como tìpicamente popular (124), que dava valor intensivo ao verbo simples, e. g. **adformidare, adcusare, addubitare.** Formações parassintéticas sôbre adjetivos e substantivos são frequentes, particularmente na decadência, como em: **adaequare**, já clássico, **adaquare** (regar) — cf. **adaquari** "fazer provisão de água" em César, — **adunare** (também **unare**), **annumerare, agglutinare,** (os dois são antigos e existem ao lado de formas sem prefixo), **alleviare, addensare** (já em Plínio). Curioso é, porém, que o primeiro grupo, apontado como especialmente popular por Stolz-Schmalz, seja o que menos se conservou na Romània. Como observa Meyer-Lübke, **ad-** raro se junta a verbos românicos, sendo a maior parte dos exemplos simples reprodução do latim. Com esta função se encontra no romeno, como no Ocidente. Em português teve certa vitalidade na língua antiga e ainda hoje na popular, como elemento expletivo: **avoar, amostrar.** Por outra parte, os parassintéticos, que se desenvolveram largamente na Romània ocidental, têm uma vitalidade limitada na Dácia. Meyer-Lübke cita **adunà** (reunir), **alinà (adoçar),** (afastar), **amortì** (perecer). Êste resultado concorda com o desenvolvimento tardio do sufixo no latim literário. Quer dizer, o novo processo chegou a pleno florescimento e popularidade depois de isolar-se a Dácia.

Até onde pertenceu o prefixo ao latim vulgar? É provável que pouco se usasse, ou pelo menos que fosse apenas regional. Ao contrário, durante o período romance antigo se espalhou por todo o

(124) "Als Praeverb ist es in der Volkssprache sehr beliebt" (pag. 496).

Ocidente, tornando-se um dos meios mais usuais de formar verbos denominativos: it. **abbracciare, afferrare, abbellire,** fr. **accoutumer, achever, affaiblir,** esp. **abocar, acercar,** port. **acabar, afiar, abrandar,** etc..

Pertence, pois, de modo especial à Românía Ocidental, tendo desenvolvimento tardio, se bem que não se possa atribuir a sua origem ao latim literário da Idade Média, a não ser, talvez, na época mais antiga.

DIS-. É igualmente popular e panromânico (e. g., rom. **desbate** (quebrar), **desfà** (desfazer), **descălicà** (descer do cavalo), sendo extremamente vivaz no romeno. Mas a dívida do Ocidente ao latim se evidencia pela abundância das composições com **dis-**, forma erudita, em lugar de **des-** (fr. **dé**). Notem-se apenas fr. **disjoindre, discorder, discourir, disparaître, disposer;** port. **distrair, dissolver, discordar, distender;** esp. **disparar,** etc.. No italiano é dificil estabelecer o limite entre **dis-** de origem popular e erudita, mas geralmente aparece em termos mais literários do que o prefixo **s-** (**ex.**): **discutere, disputare, distendere,** etc..

EX-. Revela igualmente origem vulgar, com grande vitalidade no romeno e no italiano, mas comum por tôda parte: rom. **sbate** (bater), it. **sfuggire,** fr. **échapper,** esp. **escavar,** port. **esfarelar, esfolhar.** Nesta forma popular é, não raro, simples partícula de refôrço do verbo simples, sem qualquer valor especial, isto já em latim (cf. Ernout e Meillet, **Dict. etym.**, s. v. **ex**).

O prefixo reaparece na linguagem culta, com a forma e o valor latino, imitando compostos daquela língua: fr. **exporter, exposer, exclure,** port. **exportar, excluir, excomungar,** etc., mas não chega a adquirir vitalidade nas línguas românicas.

RE-. "Uma das partículas mais produtivas, assim em latim, como no romance" Meyer-Lübke). O prefixo, usado tanto na Dácia, como no Ocidente, foi da língua vulgar, mas a sua sobrevivência no romeno é muito restrita. Meyer-Lübke cita **raesí** (ter êxito), **resuflà** (respirar) e mais alguns. O vocabulário anexo ao **Manualetto Romeno** de R. Ortiz observa que os verbos compostos com **re-** traduzem os verbos franceses de mesmo prefixo. Em muitos casos trata-se apenas de imitação moderna das línguas ocidentais. Nestas teve o prefixo muitas vezes desenvolvimento semântico especial, indicando simples **mudança** como no it. **rimbellire.**

Na língua culta **re-** se emprega com o seu valor primitivo de "volta ao estado anterior" ou "repetição". Nesta função temos indiscutìvelmente imitação do uso latino medieval. Lembre-se que grande número de verbos assim formados reproduzem simplesmente verbos latinos correspondentes, mas o prefixo adquire uma admirável florescência, usando-se com espontaneidade em grande nú-

mero de verbos; cf. port. **reler, reproduzir, rever, readaptar, repor, reestabelecer, recomeçar, reintroduzir, reafirmar, reerguer, renascer, repisar, reiniciar, etc.**. O mesmo se dá nas outras línguas. Em francês se distingue a forma culta pela pronúncia: **ré-** em lugar do antigo **re-** ou **r-**. Com o tempo vai-se generalizando à custa da forma popular: **rééduquer, réétablir, réaccommoder** (raccommoder é outra cousa) **réassortir, etc.**. A forma erudita aparece especialmente com o valor de "ação repetida", confirmando a origem latina desta significação do prefixo.

IN-. E' igualmente popular e geral na România, indicando lugar e depois passagem a um estado. Frequentemente empregado para formar parassintéticos, como em **incalciare, incurvare, *imbracare,** etc.. A forma latina erudita reaparece no Ocidente, mas apenas em latinismos: **invadir, imigrar, impor,** etc..

Se estes prefixos têm certa vitalidade na língua vulgar, alguns muita até, a maioria dos que se empregam modernamente são devidos à imitação do latim literário e subsistem naturalmente só no Ocidente. Passemos a examiná-los, incluindo alguns de formação recente, cujo caráter de prefixo nem sempre está definitivamente estabelecido Poderíamos chamar-lhes "pseudo-prefixos".

Notemos entre eles:

ANTE-. Meyer-Lübke dá-o apenas como italiano, espanhol e português, observando que é especialmente da língua escrita, com certa popularidade a Oeste. Esta popularidade é posterior, sem dúvida, entrando o prefixo nestas línguas por via erudita, como no it. **antivenire, antimettere, antigiudicare,** esp. **antemostrar, anteponer,** port. **antepassar, antegozar, antepagar, etc.**.

Ante- emprega-se também na língua culta com substantivos e adjetivos, e. g., port. **antediluviano, antenatal, antebraço, antessala, anteprojeto;** esp. **antecámara, antefirma, anteiglesia, antepuerta;** fr. **antédiluvien, anténuptial;** it. **antenato, antibraccio, anticognizione** (ant.), **antidiluviano, antimeridiano, antipurgatorio.** E' imitação do latim, onde encontramos **antecolumnium, antegenitalis, antenuptialis,** etc., embora o latim use êste prefixo especialmente como prevérbio.

ANTI-. (do grego ἀντι). Exprime oposição e substituição. Entra para as línguas românicas através de compostos gregos como **anticristo, antidiabético, antiasmático** (da linguagem médica). **Antipapa** já pertence ao latim medieval e ocorre no francês em 1393, mas a influência grega se manifesta principalmente desde a Renascença. Modernamente o uso frequente de compostos gregos com êste prefifixo acabou por estendê-lo a formações vernáculas. Na França o seu florescimento data da Revolução (Dauzat, **Etapes,** pag. 113).

Assim o encontramos anteposto a adjetivos e substantivos, e. g., fr. **antimonarchique** (1714), **anticlérical, antiparlamentaire, antilibéral, antireligieux**; it. **anticolerico, antibilioso, antipolitico, antisociale**; esp. **anticatarral, antiabolicionista, anticuerpo, antigubernamental**; port. **antimilitarista, antiministerial, antipatriótico, antisemita.**

ARCHI-. Outro prefixo grego (125) (ἀρχι-) que acabou por naturalizar-se como verdadeiro prefixo modernamente nas línguas românicas, servindo de indicar primazia ou proeminência. Emprega-se em latim, mas quase sempre em palavras gregas: **archipirata, archigubernus** (imitação do grego ἀρχικυβερνήτης), **archiclinicus**, e mesmo já **archisacerdos.** No latim eclesiástico usa-se com frequência para indicar dignidade, como **archidiaconus, archiepiscopus, archipresbyter** e mesmo, com um valor que lembra o emprêgo moderno, **archimartyr.** Adquire extensão maior na Idade Média. Du Cange registra **archicamerarius, archicancellarius, archicantor, archipontifex, archimareschalus, archibancum** (scamnum maius), etc..

Do latim eclesiástico e medieval entra para a România, através de palavras cujo protótipo já existia em latim; assim fr. **archevêque** (desde o século 12), **archiprêtre** (século 13), **archediaché, archisynagogue** e depois **archiduc** (século 15). Começa então a unir-se a termos latinos e vernáculos, como it. **architrave**, que passa para o francês no século 16. Modernamente se emprega com uma infinidade de substantivos e adjetivos com a função acima assinalada. Exemplos: fr. **archibigote, archichancelier, archiéchanson, archifeu, archinoble, archipédant, architoux** (tosse violenta), **architrésorier**; port. **arquibanco, arquiconfraria, arquiministro, arquitrovão** (máquina antiga), **arquimilionário, arquivelhaco, arquisolene, arquimentira**; esp. **archivolta, archiduque, archipámpano** (o que exerce alta dignidade imaginária); it. **arcibeato, arcibello, arcibestia, arcibravo, arcibuono arcicurioso, arcibuffone, arcispedale.**

Como revelam muitos dos exemplos anteriores, o prefixo recebe frequentemente sentido irônico ou pejorativo.

BIS- (BI-). Advérbio latino empregado às vezes como verdadeiro prefixo. Introduzido na România por via culta, fornece algumas criações novas, sem chegar a grande vitalidade. De fato poderíamos considerá-lo simplesmente como pseudo-prefixo. Alguns exemplos são: fr. **bipède, biscuit** (arc. bescuit), **besaïeul** (e bisaïeul), **bicarré.**

CIRCUM-. Prefixo latino de largo uso como prevérbio, e. g., **circumago, circumscribo, circumambulo, circumcurro, circumpono, cir-**

(125) Chamam-lhe alguns "pseudo-prefixo", mas não cremos de grande utilidade a distinção neste caso.

bilateral, bisannuel; it. **bigamo, bilaterale, bipartire, biplano;** esp. **bilocarse, bilingue, bilateral;** port. **bisavó, bifurcar,** etc..

cumduco. Como prevérbio serve frequentemente de traduzir o grego **περι-**, e. g., **circumduco** = **περιάγω** (Ernout e Meillet, **Dict. etym.**, s. v. **circum**). É uma preposição que acaba por substituir o velho prefixo **am(b)-**, que só sobrevive petrificado em **ambire, ambigere** e mais alguns. Na decadência **circum** continua muito vivaz, estendendo-se também como prefixo nominal, e. g., **circummuranus,circummurale, circumcordialis** (Tertuliano), **circumpes** (Jerônimo), **circumvicinus** (já medieval).

Do latim medieval entra para as línguas românicas do Ocidente. De fato grande parte dos exemplos aquí são constituídos de imitações ou adaptações do latim, embora existam numerosas criações novas, de caráter erudito, porém, e não muito usuais. Temos entre outros: fr. **circoncire** (século 12), **circonvenir** (século 14), **circonscrire** outros: fr. **circoncire** (século 12), **circonvenir(** século 14), **circoncrire** (século 14), **circonvoisin** (século 14), **circompolaire, circumnavigation;** it. **circoncidere, circoncingere, circondurre, circonvallare, circuire, circompadano;** esp. **circumnavegar, circunscribir, circunvolar, circumpolar;** port. **circumnavegar, circumfluir, circumjazer, circumpercorrer, circumposto.**

COM- (CON- E CO-). Êste prefixo não devia ter grande vitalidade no latim vulgar. Falta no romeno, exceto em algumas palavras cristalizadas como **cunoaste** (conhecer), **cumplí** (destruir), de **complere**, e poucos mais, embora a preposição **cum** se tenha conservado aí. No Ocidente Meyer-Lübke o dá como próprio do italiano, espanhol e português. Entretanto frequentemente compostos genuinamente romances são simples formas petrificadas, como em ***cominitiare*** (it. **cominciare**, fr. **commencer**, port. **começar**), **combattuere** (port. **combater**, etc.), **comedere** (port. e esp. **comer**). A maior parte das formações românicas posteriores reproduzem compostos verbais latinos, e evidentemente se deve à língua culta a nova produtividade do prefixo, o qual aparece não só nas línguas mencionadas por Meyer-Lübke, mas também no francês. Exemplos: fr. **cohabiter, cohériter, collaborer** (século 19), **composer, concourir, conquérir, confronter;** port. **congelar, confrontar, conceder, confortar;** it. **concordare, concatenare, concreare, conflagrare,** etc..

Não raro **com-** se antepõe a adjetivos e substantivos; no segundo caso indica muito frequentemente **o que ocupa um cargo com outrem** ou **o que é solidário com êle.** Sobretudo nesta função, que já pertence ao latim, o prefixo tem tido largo desenvolvimento românico moderno, preferindo-se então a forma **co-**. Formas eclesiásticas latinas do tipo são: **compater, commater.** Latinos são também **consocius, concivis,** etc.. Entre os exemplos modernos, que tiramos do português, notem-se: **concunhado, consogro, coautor, coad-**

ministrador, corredator, codiretor, condiscípulo, etc.. Assim it. **coaccademico, coapostolo,** fr. **coadjuteur, compatriote,** etc..

CONTRA-. No latim é prevérbio que forma um pequeno número de verbos postclássicos, e. g., **contradico** (Quintiliano), **contradisto, contraeo** (Arnóbio), etc., **contrapono** (Quintiliano e Tertuliano), **contrafacio.**

Não se conservou no romeno, sem dúvida por não ter pertencido ao latim vulgar. Criação recente na língua latina, não chegara a popularizar-se em tempo de atingir a Dácia. Nas demais línguas é o latim medieval que serve de fonte, mesmo em formas como port. **contradizer, contrafazer, contrapor,** etc.. O prefixo tem bastante aplicação, embora se trate sobretudo de verbos de popularidade limitada, o que não é de estranhar, dada a sua origem. Exemplos: fr. ant. **contradvouer, contragaitier, contrajeter, contrarguer, contratenir, contrebattre, contrecorre, contreferir, contrelire, contrepeser, contreposer** (126). O prevérbio usa-se modernamente em tôdas estas línguas, como port. **contrabalançar, contramarchar, contrapor, contramarcar, contramandar, contrabater** e assim por diante.

O que, porém, é novo nas línguas românicas, em oposição ao latim, é o uso abundante de **contra-** como prefixo nominal na formação de substantivos e adjetivos. Trata-se de um desenvolvimento do latim medieval, ou já do baixo latim, herdado pelas línguas românicas. Du Cange registra, entre outros: **contracambium, contralittera, contramandamentum,** (mandamento contrário a um anterior), **contramagister, contrapondus, contrasigillum, contratitulus** (réplica). É fácil de compreender essa nova aplicação de **contra,** partindo-se do seu valor antigo: usar-se-ia primeiro em substantivos verbais (cf. fr. **contravention,** como **contrevenir**), estendendo-se depois a outros substantivos e adjetivos, o que se dá em todo o Ocidente românico.

Estes compostos já são muito comuns no francês antigo, como é fácil de ver do **Lexique** de Godefroy já citado, e. g., **contrechampion, contrefiance, contrepois, contrepart.** Entre os inúmeros exemplos modernos notemos: fr. **contrepoint** (termo musical, desde o século 14), **contre-accusation, contre-amiral, contre-appel, contre-attaque, contre-châssis** (o que é aplicado contra outro), **contre-coup, (à) contre-coeur, contre-enquête** (a que é oposta a outra), **contre-lettre** (a que secretamente anula a anterior), **contre-ordre, contre-poison, contre-projet, contre-révolution, contretemps;** port. **contra-baixo, contra-fogo, contra-veneno, contra-marcha, contraponto, contrapeçonha, contra-ataque, contra-dormentes, contra-escritura** (a que se-

(126) São exemplos tirados da longa lista do *Lexique de l'ancien français* de Godefroy.

cretamente revoga a anterior), **contraforte, contra-ordem, contraproposta, contrasenso**; esp. **contraalmirante, contraaviso, contracanal, contracurva, contragolpe, contraprotesta, contraveneno**; it. **contrabbando, contraccolpo, contraddiritto, contravveleno, contrasaluto, contrannaturale, contrasforzo.**

EX-. É hoje nas línguas românicas do Ocidente um verdadeiro prefixo nominal, servindo para indicar a pessoa que exerceu um cargo, mas já não o exerce. Êste começa a constituir-se no latim da decadência, aparecendo em uma forma tardia como **exconsul** e **expatricius**, isto é "o que deixou de ser patrício" (Freund.) De fato já se poderia interpretar assim o plautino **exheres** (desherdado), inspirado no verbo **exheredare** (126 bis). O novo sentido de **ex** se desenvolve da significação "fora de", daí "fora do cargo", e por fim "antigo ocupante do cargo". De fato, em latim se constrói às vezes com o nome no ablativo, e. g., **ex-consule** em Sidônio Apolinário. Os exemplos se multiplicam pouco a pouco. Assim aparecem **exadvocatus** "qui fuit advocatus", **expoenitentes** "qui publicam egerant poenitentiam" (Du Cange).

Só modernamente se introduz o prefixo com esta função nas línguas românicas. A introdução de **ex-** no francês data do século 17, com a forma **ex-laquais** de Méseray. Apesar do seu desenvolvimento recente, generalizou-se logo, usando-se com frequência na România moderna. Exemplos: fr. **ex-ministre, ex-médecin**; it. **ex frate, ex prete, ex presidente, ex maestro, ex massone, ex re**; esp. **ex ministro, ex provincial, ex missionario**; port. **ex-colega, ex-aluno, ex-professor, ex-assistente, ex-comandante, ex-assinante, ex-combatente.**

EXTRA- ("está limitado ao Leste, pois que verbos como fr. **extravaguer**, esp. **extraviar** e outros semelhantes pertencem evidentemente à linguagem livresca" (Meyer-Lübke, **op. cit.**, II, § 605). Assim o prefixo pertence ao latim vulgar (a língua literária não apresenta exemplos claros de **extra-** como prevérbio: ver, por exemplo, **extracludere**, do gramático Higino, da época de Augusto), mas com certeza apenas na parte oriental da România, isto é, na Itália e na Dácia. É um fato observado com frequência, que a Itália e a Dácia concordam bastante entre si nos característicos genuinamente populares, opondo-se muitas vezes às outras regiões da România. É o que já se viu quanto à fonetica (ver introdução ao presente trabalho). Trata-se naturalmente de relações dialetais entre o latim vulgar da Península e o da província do Danúbio. Assim, como já se viu, o prefixo **ex-** pertence especialmente às duas regiões, o que se verifica também com **extra-**, e. g., rom. **străbate** (penetrar), **străluci** (brilhar), it. **strabattere** (quebrar).

(126 bis) Stolz-Schmalz, pag. 254.

Usado como prefixo nominal de emprêgo limitado, **extra-** se acha algumas vezes em latim, mas só na decadência, sobretudo nos Padres cristãos, e. g., **extramundanus** (Jerônimo,) **extranaturalis** (Tertuliano), **extramuranus** (Ambrósio) — **extraordinarius** já vem em Cícero.

Por via culta entra na Românía ocidental, usando-se às vezes como prevérbio (e. g., fr. **extravaguer, extravaser,** port. **extraviar, extrapor,** esp. **extralimitarse, etc.**) e sobretudo como prefixo nominal, função em que se multiplica desde o século 19 (cf. Dauzat, **Etapes**, pag. 113). Assim fr. **extrajudiciaire, extra-courant, extra-fin, extralégal, extra-parlamentaire;** esp. **extraoficial, extraterritorialidad;** port. **extraordinário, extraconjugal, extranumerário, extraprograma.**

IN- (prefixo negativo). Muito empregado em latim como prefixo nominal, com adjetivos e advérbios (**improbus, improbe, etc.**), mas não como prevérbio, caso em que se usava **ne(c): nescire, neglegere** (127). "Êste prefixo desenvolveu-se particularmente no latim imperial (em Ovídio, por exemplo, encontram-se neologismos como **incommendatus, inconsumptus, incustoditus, indefletus, indeiectus**... **indelebilis,**... **indigestus,**... **irrequietus**); a poesia, a linguagem técnica e a linguagem da Igreja criaram grande quantidade de adjetivos dêste tipo, dentre os quais serviram muitos para traduzir adjetivos gregos correspondentes com ἀ-: incredulus = ἄπιστος...".

Entretanto, fato notável, **in-** não sobreviveu na língua vulgar. Ernout e Meillet lembram, entre as formas populares que sobreviveram: **infans, infirmus** (com sentido especializado), **inimicus, insipidus, integer, invitus, immundus,** mas são sempre termos isolados, em que já não se tinha conciência da composição. Esta oposição entre o latim eclesiástico, que emprega abundantemente o prefixo, e o latim vulgar, que o desconhece, merece ser assinalada, pois, como já notamos, é êrro em que frequentemente se incorre êste de concluir pela existência de uma forma no latim vulgar, quando se encontra bem documentada no baixo latim, especialmente nos escritores da Igreja.

In- não foi, por isto, conservado no romance. Nem o romeno o possue, empregando um prefixo **ne-**, de origem eslava: **nebun** (mau), **neconoscut** (desconhecido), etc.. O uso moderno de **in-**, tão abundante na Românía Ocidental, é devido ao contacto com o latim medieval. Inúmeros são os exemplos em tôdas estas línguas: e. g., fr. **imbelliqueux, imblamable, immariable, immerite, immesuré, impareil, imparesseux, inapprochable, inarrachable, inchaste, insensible** (todos os exemplos anteriores são já do francês antigo; ver Godefroy, **Lexique de l'ancien français**), **inabordable, inachevé, inaction, inamo-**

(127) Ernout e Meillet, *Dict. etym.*, s. v. *in-*.

vible, incapable, incertain, incorrigible, incuriosité, immaterialiste; it. **immoderato, imperfetto, inabile, inaspettato, inattaccabile, inazione, indomato;** esp. **impaciente, impagable, impasible, implacable, incoloro, incomparable, indisponer, infiel;** port. **impossível, inexplicável, intolerante, invisível, irreal, impiedoso, imorredouro, inquieto, inverdade** (brasileirismo), **impecável.**

De acôrdo com a tradição latina, são sobretudo adjetivos os que assim se formam e naturalmente os termos deles derivados: e. g., **infeliz, infelizmente, infelicidade, infelicitar.** Muito raro se encontram outros substantivos e verbos com o mesmo prefixo.

Em tôdas as línguas mencionadas se conserva fielmente a forma latina do prefixo, apesar de ter sido êle largamente aproveitado para a formação de compostos em que entram termos vernáculos, como se vê em port. **irreal, infiel, infeliz, imorredouro.**

INTER-. Apresenta uma forma popular **entre-** no francês, no espanhol e no português. É desconhecido do romeno e substituído por **intra** ou **infra** (**tra-** e **fra-**) no italiano. Mesmo onde existe a forma romance, ela é de vitalidade limitada. Reaparece, porém, na forma erudita como prevérbio e prefixo nominal, usando-se em pequeno número de formações, imitando frequentemente o latim: fr. **intercadence, interchangeable, intercostal, intercourse, interlocuteur, intermusculaire, interrompre, interposer, interdire** (arc. **entredire**), **interférer** (só no século 19); it. **intercorrere, intermettere, interporre, interdentale, internazionale, intervista** (imita o ingl. **interview**, fr. **entrevue**); esp. **interarticular, intercambiable, interdecir;** port. **interferir, interpenetrar, interpolar, intercontinental, interestatadual, internacional.**

PER-. Registra-o Meyer-Lübke, embora o considere de escassa fecundidade (**op. cit.**, II, § 611), notando que, por exemplo palavras como o it. **perseguitare** e outras não passam de imitação do latim. E' verdade que dá o prefixo como romeno em **preface** (transformar), **prenoí** (renovar), **presărà** (salgar), etc., mas o sentido não parece sugerir a origem latina. Será melhor provàvelmente ligar o prefixo romeno ao eslavo, como fazem outros (128).

No Ocidente há algumas formas antigas, como **perdonare** (fr. **pardonner**, port. **perdoar**, etc.), mas não muito populares. Geralmen**mettre, persécuter, perspirer, pervertir.** Assim port. **percorrer, per**latinos, indicando imitação literária. Exemplos: fr. **parcourir, parfaire, parfondre, parsemer** (século 16), e com a forma latina **per**: **permettre, persécuter, perspirer, pervertir.** Assim port. **percorrer, perfazer, perpassar;** esp. **perlongar, perforar;** it. **perlustrare, pernottare,** etc..

---

(128) Ver por exemplo Tagliavini, *Gramm. Rum.*, pag. 332.

E' digno de nota que êste prefixo, muito vivaz no latim, não tenha chegado a um verdadeiro florescimento na România, nem com o valor de prevérbio, que acabamos de exemplificar, nem como prefixo intensivo de adjetivos (e. g., **perfacilis, permagnus**). Qual será a razão? Cremos que está no fato de que êle não teve grande vitalidade no latim medieval, grande fonte enriquecedora das línguas românicas. E' verdade que na Vulgata ainda se encontram alguns adjetivos do tipo, como **persenilis, pergrandis, perantiquus**, mas, percorrendo o grande dicionário de Du Cange, muito poucos exemplos se nos deparam do prefixo, quer com adjetivos, quer com verbos, embora estes últimos sejam mais frequentes, servindo não raro de traduzir o grego διά:- e. g., **perexsanguis, permirabillimus, persolidus, pervirtuosus, percontentus, peraffinare, perannare** (durar um ano), **perfirmare**, e outros.

POST-. E' prefixo literário de emprêgo restrito, tanto em latim como nas línguas românicas (129). Em latim temos, como prevérbio: **postfero, posthabeo, postpono, postscribo** e mais alguns. É raro também como prefixo nominal. Um pequeno número de exemplos têm as línguas românicas, sem que o prefixo tenha chegado a real produtividade. Naturalmente só ocorre em formações eruditas: fr. **postcommunion** (prece que o sacerdote recita após a comunhão), **postdate, postface** (advertência no fim de um livro), **postscolaire**; it. **pospasto** (sobremesa), **posporre**; esp. **pospierna, postdiluviano, postmeridiano, posfecha**; port. **posbélico, posglacial, posmilitar, postverbal, pospor.**

PRAE-. Prefixo latino e erudito que teve acolhimento bem maior nas línguas românicas e, modernamente, mesmo no romeno (130). Apresenta por tôda parte a forma **pre** (fr. **pré-**) e surge primeiro em empréstimos ou imitações do latim, desde a Idade Média, quer como prevérbio, quer como prefixo nominal (com sentido de anterioridade geralmente): e. g., fr. **préjuger** (século 16, adaptação), **prédestiner** (século 12, lat.), **prévoir** (século 13, cf. lat. **praevidere**), **préposer, préconcevoir, préétablir, préexister, préscrire, préavis, préhistorique, préseance**; it. **preannunziare, precogitare** (ant.) **preconoscere, precorrere, predisporre, predominare, preordinare, prerraffaelita**; port. **prefabricar, predizer, prescrever, preadivinhar, preexistir, preeleger, pretraçar, preadamita, precolombiano, premessiânico, preuniversitário**; esp. **prefijar, predefinir, prefigurar, prejuzgar, prematuro, precolombino.**

---

(129) Ver Ernout e Meillet, *op. cit.*, s. v. *post.*

(130) Ver Tagliavini, *op. cit.*, pag. 332: "*pre* è derivato dal latino (e si trova solo nella lingua colta)".

PRO-. Não sobreviveu no romeno e é pouco usado na România em geral. Nos casos em que ocorre, trata-se, sem dúvida, de imitação erudita do latim, e. g., fr. **produire**, port. **produzir**, etc. (adaptação do latim **producere**, à imitação de **conduire** no francês), **proférer**, etc. como latim **proferre**; fr. **promettre** (=latim **promittere**), fr. **proscrire**, imitação do latim **proscribere** e assim por diante. Dificilmente, pois, se poderá falar nele como prefixo românico vivaz.

SUB-. O latim vulgar conheceu **sub** e **subtus** como prefixos; o segundo se conservou em francês com a forma **sous**, no italiano **sotto**, nas línguas ibéricas, **soto**. Como popular que é, o prefixo é panromânico, encontrando-se ora numa, ora noutra forma: rom. **suprinde** (empreender), it. **socchiudere** (fechar ao meio), fr. **sousentendre**, esp. **sodormir**, port. **sobraçar**, **sotopor**.

A influência da língua culta revela-se aquí pela reintrodução da forma latina **sub-**, e. g., no português **subscrever**, **subalugar**, **subnutrir**, **subalimentar**, **submeter**, **substabelecer**; no espanhol **subdividir**, **subscribir**, **subdelegado**; no italiano **subbollire**, **subentrare**, **sublignare**, **subacido**; fr. **subdiviser**, **subordonner**.

As línguas românicas desenvolvem um sentido novo dêste prefixo, quando nominal, sentido que se disseminou por todo o Ocidente: a sua anteposição ao nome de dignitário ou ocupante de um cargo indica pessoa que substitue a êle ou serve às suas ordens. Trata-se já de um emprêgo latino, se bem que raro, do prefixo. Entre os exemplos que conseguimos reunir, citamos: **subdiaconus**, e. g., no Codigo de Justiniano; **subdoctor** (um professor ajudante) em Ausônio (em Cícero ocorre o verbo **subdocere**); **subheres** (segundo herdeiro) em uma inscrição; **subvillicus** (subadministrador); **succenturio**; **subcustos** em Plauto: "hunc subcustodem suom foras ablegavit", **Mil.**, 868) É, portanto, um emprêgo bem latino, embora não pertença à língua clássica. Era especialmente da linguagem técnica, mas não se conservou na língua vulgar e no romance antigo. Ao contrário, era de uso frequente no latim medieval (e. g., **subarchichorus** "qui archichoro subest", **subcapellanus**, **subeleemosynarius**, **subminister**, **subbeneficiarius** — Du Cange traduz "arrière-vassal", **subsyndicus**, **subcastellanus**).

Daí passa o prefixo para as línguas românicas, com o seu valor latino medieval. Frequentemente as línguas românicas conservam a forma vernácula do prefixo (o francês conserva **sous**, e o italiano frequentemente **sotto**), mas dão-lhe o significado latino. Já do francês medieval são **sous-diacre** (século 12), **sous-delegat**, **sousdespensier**, **sousgardien**, **sousdoyenné**, que supõe **sousdoyen** (ver Godefroy, **op. cit.**). Incremento maior apresenta êle modernamente: fr. **sous-bibliothécaire**, **sous-brigadier**, **sous-chef**, **sous-comissaire**, **sous-directeur**, **sous-gouverneur**, **sous-maître**, **sous-préfet**; port. **subdelegado**, **subprefeito**, **sublocatário**, **subgerente**, **subsecretário**; esp. **subdirec-**

tor, subcolector, sub-oficial; it. **sottoprefetto, sottopriore, sottobrigadiere,** mas **subdiacono, subdelegado,** etc..

SUPER-. Não ocorre no romeno e, apesar de apresentar forma vernácula nas línguas do Ocidente, a sua vitalidade aí deve provir de uma imitação erudita do latim. As formas românicas são: port. e esp. **sobre-**, fr. **sur-**, etc.. No italiano **sopra-** (de **supra-**) substituiu **super-**. A forma latina é, porém, largamente empregada nas línguas ibéricas, muitas vezes ao lado da vernácula. Mas cremos que, mesmo na forma romance, a grande proliferação do tipo é de origem literária e latina, reproduzindo as formas românicas protótipos latinos, e. g., fr. **surface** (**superface** se introduziu no começo do século 16 à imitação do latim **superficies**, sendo substituído depois pela forma mais vernácula, **surseoir** = **adiar, suspender**; reproduz o latim **supersedere**).

Super é muito prolífico no latim, como um simples exame de qualquer dicionário revelará, quer como prevérbio, quer como prefixo nominal. No primeiro caso exprime principalmente idéia de lugar e de tempo, no segundo, mais frequentemente a de preeminência, transcendência, sobretudo em época mais tardia.

Na România indica frequentemente idéia de excesso. Entre os numerosos exemplos de seu emprêgo, lembramos fr. **surcharger, surdorer, surestimer, surimposer, surmonter, surnaturel** (latim eclesiástico **supernaturalis**); port. **sobreabundar** (e **superabundar**), **sobredourar, soprepairar, sobrepor, sobreviver, sobreaviso, sobrecarga, sobrehumano**, e com a forma erudita: **supercivilizado, superintendente, supersocial**; esp. **sobrealzar, sobreañadir, sobrevivir, sobreponer, sobrecarga, sobrepaga**, e também **superhombre, superrenal**. No italiano, como já se disse, temos geralmente **sopra-**: **sopraeccellente, sopraccaldo.**

O prefixo já é muito abundante na língua medieval, por exemplo no francês, onde temos **suraagié, suracroistre, surchargement, surfacial, surgagner, surnager**, etc.. Mais frequentemente do que hoje, empregava-se a forma latina, como em **superabondance** (por **surabondance**), **supereminent** (por **suréminent**) e assim **superadjouter, supererogation, supernumeraire**, etc..

ULTRA-. Não servia ainda de prefixo no latim, exceto em casos muito excepcionais. Só encontramos um postclássico **ultramundanus** e um tardio **ultramontanus**. Nas línguas românicas ocidentais chega a servir, sobretudo desde o começo do século 19, de verdadeiro prefixo, naturalmente apenas na linguagem culta.

Entre os exemplos mais comuns mencionamos fr. **ultra-montain ultra-royalist, ultra-libéral, ultra-révolutionnaire** (130 bis); esp. **ultra-**

(130 bis) No francês antigo já: *outrechargé, outredouté, outrecuidant*, etc., com a forma *outre-* do prefixo.

marino, ultraliberal, ultrarrojo, ultravioleta, ultrarrealista; port. **ultramoderno, ultrarromântico, ultravermelho;** it. **ultrademocrático, ultraclericale, ultrapotente, ultramontano.**

VICE.-. É um prefixo, ou se quiserem, pseudo-prefixo, que significa, "em lugar de", e. g., **vice-presidente** "o que exerce a presidência na ausência do presidente". Em latim é o ablativo do nome **vix,** que ocorre apenas em três casos do singular (gen. ac. e abl.). Com o sentido românico, em lugar de **pro-,** encontra-se no baixo latim, e. g., **vicequaestor** por **proquaestor** e em **vicedominus** (cf. fr. **vidame**) (131). Desenvolvendo-se aí e no latim medieval, penetra as línguas românicas na forma erudita. Entretanto, algumas das formas mais antigas apresentam transformação fonética mais profunda, como se vê da forma **vezcunte** da **Chanson de Roland** (132).

Do latim medieval são já **vicedominus** (termo eclesiástico), **vicecomes,** que, por serem antigos, sofrem mais profunda transformação, como se viu pelo fr. **vidame,** e se observa em **vicomte,** arc. **vezcunte,** esp. **vizconde,** port. **visconde.** Outros compostos medievais apresentam a forma latina, como fr. **vice-amiral** (século 14,) **vice-chancelier** (século 15), **vice-roi** (século 15). Mais tarde surgem **vice-légat, vice-consul,** etc.

Com o tempo **vice-** adquire certa produtividade em tôdas as línguas do grupo românico ocidental, como se vê de: fr. **viceduc, vice-gérant, vice-président, vice-recteur;** it. **vice-ammiraglio, vice-bibliotecario, vice-cancelliere, vice-delegato, vice-direttore, vice-provinciale;** esp. **vicegerente, vicegovernador, vicesecretário;** port. **vice-governador, vice-procurador, vice-reitor, vice-diretor,** etc.

NOTA — Sem pretendermos esgotar o estudo da prefixação românica, que constituiria só por si vasta matéria, cremos que êste rápido exame foi suficiente para evidenciar a importância da contribuição literária e culta ao enriquecimento do léxico românico ocidental, quer pelos prefixos que as línguas neo-latinas devem diretamente a esta corrente, quer pelo estímulo que ela trouxe ao emprêgo mais abundante dos prefixos romances já existentes. Muitos deles certamente sobreviveram como elementos vivos e criadores, devido ao contacto revigorador da fonte latina. Além disso, de novo êste estudo nos revelou a unidade do Ocidente românico, que adotou um grande número de prefixos novos, dando-lhes o mesmo desenvolvimento e atribuindo-lhes a mesma função.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

(131) Ernout e Meillet, *Dict. etym.*, s. v. *vicis.*

(132) Tratando-se aqui de uma forma posterior à época latina vulgar, temos nela confirmação do que já dissemos sôbre a impossibilidade de estabelecer a origem vulgar de formas fonèticamente regulares.

Foi graças ao conhecimento do latim, o modêlo sempre presente na formação literária das novas línguas, que elas chegaram a possuir o rico e variado vocabulário de que hoje dispõem. A aparência popular de muitos termos pode induzir-nos em êrro sôbre a sua verdadeira origem. Se muitos verbos e outras palavras simples são populares, a maior parte dos compostos formados sôbre eles se deve à imitação do latim, ou a novos processos criados mais tarde. Assim, **dizer** é popular, e provàvelmente **desdizer**, mas **condizer, contradizer, predizer,** e provàvelmente **redizer** se devem à tradição culta. Populares são **correr** e **escorrer**, talvez também **acorrer**, mas **discorrer, concorrer, incorrer, percorrer, ocorrer, recorrer**, e provàvelmente **socorrer** se criam sob inspiração direta do latim. Ao lado de **pôr** (popular) surgem **apor, compor, contrapor, dispor, expor, impor, indispor, opor, repor, supor, antepor, prepor, interpor, pospor, propor, recompor**, cujos prevérbios denotam, em geral, de modo claro a sua procedência latina. A mesma verificação pode fazer-se com os compostos do verbo francês **poser: composer, disposer, supposer**, etc..

COMPOSIÇÃO

A composição pròpriamente dita, em que normalmente se formam palavras pela reunião de elementos léxicos dotados de certa independência, apresenta um número de tipos novos na România, especialmente no Ocidente. São eles apenas em parte herança do latim, que de fato era relativamente pobre neste processo de formação de palavras, sobretudo se o compararmos com a rica exuberância do alemão, do grego ou do sânscrito, onde a espontaneidade fecunda do indo-europeu se manteve com extraordinária fidelidade.

As línguas ocidentais, herdeiras do latim, sobrepujam fàcilmente a língua-mãe na variedade dos tipos e na enorme multiplicidade de criações novas. O que nos importa, porém, é salientar a unidade românica nestas inovações, que, datando em grande parte de uma época muito posterior ao latim vulgar, se tornaram patrimônio comum de tôda a România Ocidental.

No latim vulgar continuou a pobreza clássica de composição, agravada ainda. O próprio Grandgent, que inclue no latim vulgar muita coisa que nos parece pertencer antes ao baixo latim ou ao romance medieval, dedica apenas algumas linhas a êste assunto (pag. 59) e cita alguns raros exemplos, como **acerarbor, albaspina, avis struthius** e poucos mais. Claro que alguns compostos e. g., de um substantivo + complemento no genitivo (mais tarde o complemento viria regido da preposição **de**), de um substantivo + adjetivo (**avistarda, rosmarinum**), etc.. Tais compostos, sintàticamente normais, (e. g., **morcego, pé-de-moleque,** etc.) nascem espontâneamente por tôda parte e não podem interessar ao nosso objetivo, que é de descobrir nos processos de inovação linguística da România a sua unidade.

As línguas românicas criaram bastante mais tarde, quando já constituídas como línguas separadas, vários processos novos de composição, juxtapondo diretamente os elementos do composto, sem levar em conta as exigências normais da sua sintaxe. Estas criações, que vão constituir preciosos processos de composição, quase todos desconhecidos do próprio latim, pertencem a todo o Ocidente, como em geral as inovações linguísticas românicas (133).

---

(133) A respeito de um tipo encontrado também no romeno ver a discussão que vem logo adiante.

Sem pretendermos ser completos no estudo da rica variedade de tipos assim criados, passamos a estudar aqueles que melhor ilustram o tema do presente trabalho. Assim distinguimos: a) substantivos compostos de **tema verbal + complemento;** b) substantivos compostos por juxtaposição de **determinado + determinante;** c) substantivos compostos por juxtaposição de **determinante + determinado;** d) adjetivos compostos pela juxtaposição de **dois adjetivos;** e) adjetivos de um primeiro **elemento nominal qualquer + adjetivo;** f) adjetivos compostos formados de **adjetivo + substantivo.**

A — SUBSTANTIVOS COMPOSTOS DE TEMA VERBAL + COMPLEMENTO. (Geralmente o segundo elemento é um substantivo, servindo de objeto direto ao tema verbal). Muito discutida é a origem dêste processo de composição. A opinião cômum é a de que se trata, a princípio, de um verbo no imperativo seguido de um substantivo, geralmente objeto direto. Teria surgido na Idade Média, ocorrendo primeiro no século 9 em cartas latinas, aplicando-se a herdades, e. g., **terra de Cantalupis** (ano 804) e **Tenegaudia** (ano 805). A expressão seria na origem uma invocação ou apêlo à própria terra: **tenegaudia** = "conserva os meus prazeres", passando esta interpelação a designar depois o próprio lugar. Pouco a pouco aplicar-se-ia a nomes de agentes, e. g., **curefievre,** que traduz o latim **curator febrium** em Filipe de Thaon. Só no século 13 se teria aplicado a nomes de cousas, como **garderobe,** estendendo-se daí em diante largamente (134).

Confessamo-nos um pouco céticos a respeito da interpretação acima, um tanto poética talvez, da origem dêste tipo românico. A hipótese de que o primeiro elemento seja um imperativo, já vem em Diez, que lembra os alemães **Habe Dank, Störe-Fried, Vergissmein-nicht, Zeit-vertreib.** É curioso, porém, notar que nestas formações, especialmente em nomes de cousas, o tema verbal é sobretudo o da primeira conjugação, embora existam também outros (port. **porta-, guarda-, para-, limpa-, conta-, quebra-, saca-,** fr. **garde-, porte-, cure-, cache-, coupe-,** etc.). Haverá alguma relação entre êste primeiro elemento e a formação abundante de substantivos verbais em **-a,** comum justamente no romance medieval e quase exclusivamente limitada a derivados da primeira conjugação? Naturalmente a fôrça verbal do primeiro elemento seria aquí mais sensível, admitindo um objeto direto. Não é impossível que tenhamos na formação do notável tipo românico uma criação, ou pelo menos desenvolvimento intencional de compostos romances para substituir tipos latinos como **ossifraga** e **sanguisuga** ou compostos germâ-

(134) Ver por exemplo Bourciez, *Eléments,* pag. 204 e Meyer - Lübke, *op. cit.* II, § 547.

nicos correspondentes. Pura hipótese de que não temos as provas suficientes (135).

Certamente a evolução de sentido dos compostos assim formados não é exatamente a que supõe Meyer-Lübke, admitindo que só no século 13 se usaram para nomes de cousas. Documentos da Ibéria revelam que eles existiam em época bem mais antiga, por exemplo no moçárabe. Um escritor árabe, Ben Jólyol, comentando Dioscórides em Córdova, observa que o **heliotropion** "se chama no latim vulgar (isto é, romance) entre nós **tornasole**" (136). Dauzat tira o fr. **tournesol** do italiano, datando o empréstimo dos fins do século 13. O exemplo ibérico revela uma antiguidade maior para êste tipo de compostos do que se admitia. Mas não é o único. Garcia de Diego, no seu **Manual de Dialectologia Española**, pag. 300, observa: "Nota-se em moçárabe una viva tendência para a composição. O tipo de imperativo e complemento, tão rico em castelhano, **existia já pujante entre os moçárabes:** altiare **alchapilos** 'herva agulheira', frange **frannefirrino** "quebra-arado" (litrácea), aperi oculu **abreualio** 'abrolho' ".

Estes exemplos modificam a data do aparecimento do novo tipo. Mas devemos considerar o processo como oriundo do latim vulgar? O mesmo processo encontra-se no romeno, e Bourciez admite que o fato pode levar-nos a colocar o seu aparecimento em data anterior ao das formas documentadas (**op. cit.**, pag. 566). De fato o tipo se encontra no romeno, e. g., **alergă-cale** = **passeante, vagabundo** (literalmente: o **corre-estrada**), **papă-lapte** (homem efeminado), **gură-cască** (**basbaque,** boquiaberto, literalmente "o abre boca"; note-se que o tema verbal está posposto ao complemento, peculiaridade desconhecida no Ocidente, mas encontrada aquí algumas vezes), **pierde-vară** (vadio, literalmente: "o perde-verão"), mas, segundo Diez, não tem grande vitalidade aí esta formação: "no valáquio êste tipo de formação de palavras não se tornou usual, **embora o eslavo o conheça**" (**op. cit.** II pag. 406). Aplicando o critério de que temos usado até aquí na investigação da origem latina vulgar de formações léxicas românicas — o de verificar se a Dácia e o Ocidente apresentam formações antigas idênticas — chegamos a uma conclusão negativa. Enquanto o Ocidente tem numerosos compostos comuns a tôda a região, justamente entre os mais antigos, os compostos romenos são sempre diferentes. Assim inclinamo-nos a atribuir origem independente ao tipo romeno. Algumas formas modernas serão certamente de influência italiana ou francesa.

Seja como for, o tipo ocidental vai-se vulgarizando pouco a pouco até adquirir, modernamente, pleno vigor. Quanto ao fran-

(135) Partindo de uma forma verbal, não é possível restringi-la ao imperativo. Ver Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, pag. 239, que cita formas latinas com o indicativo.

(136) M. Pidal, *El Idioma Esp. en sus Primeros Tiempos*, pag. 36).

cês, diz explìcitamente Brunot: "o outro processo fundamental da língua moderna, que consiste em combinar um verbo, outrora no imperativo (porte-fleur), hoje no presente do indicativo (abat-jour), é inteiramente estranho ao francês mais antigo" (137). Cita êle **porta-florem** e **tene-gaudia** do século 9, e **passe-cerf** (nome de um cavalo) na **Chanson de Roland** . Os exemplos vão aumentando, mas aplicam-se a indivíduos ou localidades. Só pelo fim do francês antigo é que se estende o uso moderno de aplicá-los a objetos, e. g., **garde-robe, cure-fièvres, torche-pot** (século 13); tornando-se eles mais frequentes no francês médio. Embora não seja possível generalizar estas datas para tôda a Românía, pois a Ibéria apresenta, como vimos, exemplos mais antigos — e é possível que o silêncio dos textos franceses do tempo seja fortuita, não há dúvida de que o tipo se vai desenvolvendo por tôda parte, até chegar a constituir um dos processos mais produtivos e característicos das línguas neolatinas. Temos aquí, portanto, certamente, uma criação comum da Românía, cujo largo florescimento moderno atesta eloquentemente a sua unidade.

E' digno de nota que uma porção dos mais antigos exemplos de compostos semelhantes pertence a tôdas as linguas do grupo, justamente aqueles que servem de nomes de objetos, plantas, etc.. Assim ao fr. **garde-robe** (século 13) = **armário,** correspondem o it. **guarda roba,** o esp. **guardarropa** e o port. **guarda-roupa.** Fr. **garde-manger** (de 1304) lembra it. **guarda vivande** e port. **guarda-comida.** Fr. **garde-côte** (já mais recente) é igual ao it. **guarda coste,** esp. **guardacostas,** port. **guarda-costa.** Cf. **ainda** fr. **garde-meuble** (século 17) e esp. **guardamuebles,** port. **guarda-móveis;** fr. ant.**garde-cors,** e port. **guarda-cós** (casaco apertado ao corpo). Em referência a êste termo antigo na língua Viterbo cita um latim **garda-cosium** e **warda-cosia,** medieval naturalmente, e dois documentos do século 13, um de 1288, em que se lê "garda-cós de Abovila clara", e outro de 1270, onde está "et garda-cós et lectum". **Passetemps** é do comêço do séculos 15 e corresponde ao it. **passatempo,** esp. **pasatiempo,** port. **passatempo** (já encontrado em Vieira, como atrás notamos). **Tornasol,** que já vimos ser antigo na Ibéria, ocorre igualmente na Itália, **tornasole,** e surge no francês no século 13, e. g., **tournesol.**

O número dêstes compostos vai sempre aumentando. É o que se dá, por exemplo, com o primeiro elemento **porte-,** do verbo **porter.** Da Idade Média são fr. **portefaix, portefeu, portepais.** Do século 16 são: **porte-feuille, porte-parole, porte-clefs, porte-croix, porte-drapeau, porte-manteau;** do século 17: **porte-malheur, porte-crayon, porte-bouquet, porte-vent;** do século 18: **porte-bougie;** do século 19: **porte-montre, porte-plume, porte-cigares, porte-allumet-**

(137) *Hist. de la lang. fr.,* I, pag. 283. Cf. também pag. 560.

tes, porte-cartes, porte-monnaie, porte-cigarettes, etc.. Para se ter idéia da abundância das composições com temas verbais como **porta-, guarda-** e outros semelhantes, basta consultar um bom dicionário de qualquer língua românica ocidental.

Concluímos o exame dêste primeiro tipo com mais alguns exemplos tirados das diversas línguas do grupo: fr. **casse-museau** (século 15), **casse-noix,** (1564), **couvre-chef, cure-dents, cache-nez, pince-nez, coupe-papier, pèse-lettres, tire-bouchon, porte-chapeau;** it. **beccafico, cacciapassere** (espantalho), **curadenti, pigliamosche, guardaboschi, pesalettere, schiaccianoci;** esp. **ahorcapierro** (nó corredio), **espantamoscas, deshonrabuenos** (difamador), **sacacorcho, limpiadientes, limpiapeines, cascanueces;** port. **saca-rolhas, guarda-chuva, quebra-nozes, papa-moscas, pega-ladrão, quebra-luz, fila-boia, vira-lata, limpa-trilho, busca-pé, bate-boca,** etc.. Um exemplo interessante ainda é o dos compostos italianos com o tema do verbo **parare** (afastar, desviar, defender), que se tornam numerosos e se alastram por tôda a România ocidental. Tais são: **paracadute, paracalci, paracarro, paracamino, paracenere, paracqua, parafulmine, parapioggia, parasole,** etc.. Do italiano tirou o francês **parasol,** criando depois por imitação vários outros, como **parapluie, paratonnerre, paravent, parachute.** Assim temos em português **para-raios, para-quedas, paravento, para-brisa, para-choque,** e o espanhol, **paraguas, pararrayos, paracaídas, parabrisa.** Só no italiano o verbo **parare** tem o sentido requerido por estes compostos (138).

B — SUBSTANTIVOS COMPOSTOS POR JUXTAPOSIÇÃO DE DETERMINADO + DETERMINANTE. Incluímos aquí todos os casos em que um substantivo apôsto a outro lhe serve de complemento ou determinante. O que há de notável nestes compostos é que eles omitem os elementos de ligação normalmente exigidos pela sintaxe das línguas românicas (preposições).

Não há vestígios dêste tipo no latim vulgar. Na língua clássica se antepunha o determinante ao determinado, mas o velho processo, de origem indo-européia, se extingue no falar do povo. Só mais tarde êle reaparecerá como processo erudito na România. O que surge de um modo interessante no romance medieval é um tipo de compostos que, embora elípticos sob o ponto de vista sintático, reproduzem mais fielmente o gênio das línguas românicas, pospondo o determinante ao determinado. Brunot coloca no francês médio o

---

(138) Dauzat, no *Dict. etym.*, s. v. *parasol,* explica a formação do italiano pelo grego παρα (contra) o que é estranho. Os numerosos compostos italianos e a significação clara e simples que o tema do verbo *parare* lhes dá, excluem tal interpretação.

seu aparecimento, notando que a língua antiga mal os conhece (139). Entre os exemplos do século 12 cita **cornemuse, chatchateau, porc-espi,** e, como um pouco posteriores, **vercoquin, chef-lieu, robes linges,** etc.. O tipo, medieval e tardio, torna-se patrimônio de todo o Ocidente românico. Entre outros exemplos, notemos: fr. **chou-fleur** (que imita um composto correspondente italiano), **chou-rave, chou-navet, chou-palmiste, pierre-ponce** e outros; it. **cavolofiore, cavolocappuccio, capobanda, cannameli, madreperla, capoclasse, gatto-zibetto, capoletto;** port. **pedra-pomes, canafrecha, porco-espinho, fruta-pão, fruta-conde, caneta-tinteiro, pombo-correio, banho-maria** (tradução do latim medieval **balneum Mariae,** que o espanhol traduz literalmente: **baño de Maria;** cf. it. **bagno Maria,** fr. **bain-Marie**); esp. **puerco-espín, coliflor,** etc..

Um exame dêstes compostos revela grande quantidade de formações comuns. Assim encontramos por tôda parte os correspondentes exatos das palavras portuguesas **couve-flor, porco-espinho, pedra-pomes,** (só o italiano usa o simples **pomice** no mesmo sentido), **papel-moeda** (cf. **papier-monnaie,** etc.), **madre-pérola** (pelo menos no italiano e no espanhol) e outros.

Hoje, como nota Dauzat, estes compostos se empregam frequentemente para indicar lugar ou objeto que tem dupla aplicação ou utilidade. Muitas vezes seria, talvez, mais exato dizer que temos um composto em que o segundo substantivo especifica uma função ou aplicação particular do primeiro, e. g., **o médico operador,** é o médico que se especializa na arte de operar, antes que "pessoa que exerce a profissão de médico e de operador". Também esta aplicação recente do composto se torna geral, o que se vê de exemplos como fr. **café-concert, wagon-lit, tapis-brosse, chirurgien-dentiste** (140); it. **caffè concerto, vagone letti, vagone ristorante, chirurgo dentista, medico chirurgo, maggiore medico;** port. **café-concêrto, carro-restaurante, carro-dormitório, cirurgião-dentista, médico-operador, médico-oculista, tio-avô, sobrinho-neto,** etc.

C — SUBSTANTIVOS COMPOSTOS POR JUXTAPOSIÇÃO DE DETERMINANTE + DETERMINADO. Reunimos aquí todos os casos de composição em que se antepõe a um substantivo o seu complemento. Êste processo se desvia da tradição sintática românica e, portanto, nada tem de popular. E' de origem erudita, a não ser, talvez, num ou noutro caso de influência germânica antiga, que pouco terá concorrido para a formação do novo tipo.

---

(139) "Très caractéristique aussi est la naissance des procédés de composition par apposition, qui donneront tant des mots en langue moderne. La vieille langue ne les connaît pour ainsi dire pas" (*op. cit.*, I, pag. 558).

(140) Ver Dauzat, *Hist. de la lang. fr.*, § 222.

Observa Migliorini (141) que o tipo não é herdado, pois que no latim êle é raro e deve ser de importação grega, e. g., em **caprificus** e **mulomedicus**, mas o que exclue a origem popular primitiva é a sua ausência na língua vulgar e não na clássica. O latim herdou o mesmo processo de composição que o grego, embora tivesse aí vitalidade muito menor, e g., em **agricola**. Nós consideraremos tanto os compostos de tipo grego como os de formação latina, pois que ambos aparecem modernamente na România.

De fato, há três correntes que favorecem a introdução dos compostos aquí estudados: a grega, a latina e a germânica. As duas primeiras são eruditas e mesmo a terceira, pelo menos modernamente. Comprende-se que tais compostos são de cunho essencialmente literário e técnico, embora muitos deles se tornem comuns com o imenso desenvolvimento da indústria e da técnica em nossa época.

Do contacto com os germanos, após a invasão dos bárbaros, surgem os primeiros compostos dêste tipo, como fr. **maréchal**, it. **mariscalco** (germ. **marh-skalk**), que é dos mais antigos, aparecendo na lei sálica, sob a forma **mariscalcus**. Posterior, mas medieval, é fr. **burgrave** (it. **burgravio**), ambos do alemão **burggraf**, fr. **bourgmestre**, it. **borgomastro**, do al. **burgmeister** (142). Vêm todos eles já constituídos do alemão ou de outras línguas germânicas. Algumas composições românicas terão provàvelmente a sua origem na imitação do tipo germânico, naturalmente mais corrente logo após a invasão. Algumas formas que podem ter relação com esta corrente são: fr. **quartier-maître** (cf. port. **quartel-mestre**), fr. **chef-lieu** (cf it. **capoluogo** e **capolavoro**), talvez port. **varapau**, esp. **varapalo**, fr. **maître-autel** (altar principal), **mère-patrie**. As palavras italianas em que **capo** serve de primeiro elemento na composição têm especial interêsse, por apresentarem dois tipos opostos: ora o primeiro elemento é complementar, como nos exemplos citados, ora é o segundo elemento que completa o primeiro, como em **capoclasse**, **capocuoco**, **capofabbrica**, pertencendo o composto neste caso à classe anterior. Influência moderna e alemã há no italiano e português **ferrovia** e no espanhol **ferrocarril** (al. **Eisenbahn**). Outros compostos eruditos surgiram à imitação de termos já existentes em inglês, às vezes no alemão.

Os compostos latinos desta classe caracterizam-se por apresentarem o primeiro elemento como simples tema terminado normalmente em **i**, e. g., **homi-cida**, **sangui-suga**, **silvi-cola**, **memori-cultrix**, **viti-sator** (frequentemente temos a desinência do genitivo, ino-

(141) No estudo dêste compostos eruditos aproveitamo-nos bastante do artigo de Bruno Migliorini no *Archivio Glottologico Italiano*, vol. XXVII, fasc. I sôbre o mesmo assunto.

(142) Migliorini inclue também it *lanzichenecco* (cf. fr. *lansquenet*). Êste é, de fato, formado com o genitivo do primeiro elemento: al. *landsknecht*.

vação latina, como em **legislator, agrīcultura,** — mas **agricola** com **i** breve, depois **agrīcola** analògicamente).

O tipo latino entrou para as línguas românicas em termos como **agricola, agricultura, homicida** e outros. A exemplo dêstes se cria, especialmente na época moderna, grande número de compostos, de cunho nìtidamente latino, embora às vezes entrem na sua formação elementos de origem diferente. Exemplos desta formação temos em port. **viticultor, vitícola, viticultura, fruticultor, floricultor, silvicultor, horticultor, pomicultor, apicultor, sericicultor, piscicultor, avicultor,** e mesmo **cafeicultor, germicida, formicida, vermicida, panifício, cotonifício,** e formas semelhantes em outras línguas.

O terceiro grupo, de origem grega, apesar da influência germânica que terá certamente concorrido para a sua extensão, invadiu tôdas as línguas românicas ocidentais, constituindo um recurso constante para novas formações. Embora apresentem um aspecto técnico, estes compostos se tornaram muito correntes em virtude da grande influência da indústria, do comércio e da ciência no mundo moderno. Desde o Renascimento, especialmente dos séculos 16 a 18, os compostos gregos foram-se tornando mais comuns na linguagem técnica e científica. Primeiro só se formavam compostos com dois elementos gregos como em **hidrografia** (fr. **hydrographie,** desde 1551), **hidromel** (fr. **hydromel,** desde o século 15), **higrômetro** (fr. **hygromètre,** desde 1666), **termômetro** (fr. **thermomètre,** desde 1624), **aeróstato, barômetro** etc.. Mais tarde se usam frequentemente formas híbridas, como em **malarioterapia, gasômetro, pluviômetro, sociologia, filmoteca, radio-difusão, radio-locutor, radio-técnico.**

Os compostos dêste grupo traem a sua origem grega por terem o primeiro elemento terminado em **o,** característico daquela língua na composição. Mesmo quando o primeiro elemento é vernáculo, observa-se êste princípio, como se vê de compostos em que entram os temas **socio-, oleo-, gaso-, pluvio-,** etc..

Migliorini cita grande número de formações semelhantes, em que, ora o primeiro, ora o segundo elemento é grego, mas também outros em que os dois elementos são vernáculos. Dada a abundância de composições em que entram muitos temas gregos e outros aproveitados como primeiro elemento de uma quantidade incalculável de compostos, o mesmo autor dá-lhes o nome de prefixóides, isto é, aos que servem de primeiro elemento. Poderíamos chamar **sufixóides** aqueles que entram como segundo elemento numa infinidade de compostos. Entre os exemplos citados por êle para o italiano, e que têm sempre correspondentes nas outras línguas, notemos: **aero-scopia, aero-metria, aero-plano** (gr. ἀερό-πλανος) (143), depois **aero-nave, aero-mobile, aero-porto** (cf. fr. **aéro-gare), aero-pittura; auto-decizione, auto-motrice, auto-bote, auto-forno;**

---

(143) Assim Migliorini, mas é mais provável que o segundo elemento do composto seja do verbo *planer*.

cine-amatore, cine-spettatore, (**cine** é redução de **cinema**); **elettro-motore, eletro-esecuzione; foto-pittura, foto-studio; radio-amatore, radio-cronaca; loco-mobile; oleo-dutto; tankodromo** (cf. port. **velódromo**); **franco-filo, plagio-mania, cabo-gramma,** etc..

Como nota Migliorini, "o estímulo dos exemplos ingleses e alemães veio reforçar o tipo grego, já há muito aclimado, de modo que as línguas românicas dispõem hoje, para um certo âmbito semântico, de um instrumento gramatical novo, idêntico ao das línguas européias de outras famílias (línguas germânicas, eslavas e neo-grego)" (**ib.**, pag. 30). (144).

D — ADJETIVOS COMPOSTOS PELA JUXTAPOSIÇÃO DE DOIS ADJETIVOS. Em geral se trata simplesmente de dois adjetivos coordenados, como em **guerra franco-prussiana,** ou também de um adjetivo que completa ou especifica o sentido de outro, e. g., em **verde-claro.**

A composição por juxtaposição de dois adjetivos surge na Idade Média em algum exemplos raros, tomando impulso maior na Renascença e sobretudo nos tempos modernos. Dauzat menciona alguns exemplos do francês antigo, mas nem todos entrariam na classe aquí estudada. Assim em **clairsemé** (século 12) e em **nouveau-né,** o primeiro elemento tem função puramente adverbial. Um pouco posteriores são **ivre-mort** e **aigre-doux** (êste já do século 16) (145). Trata-se, pois, de uma criação românica que só pouco a pouco se tornou usual e produtiva.

Extensão muito maior tiveram os adjetivos juxtapostos, numa formação um pouco diversa da que acabamos de mencionar, sob a influência grega que começa na Renascença (146).

O ponto de partida dêste segundo grupo estaria em compostos gregos como Συρο-φοῖνιξ, à imitação dos quais o latim cria **Gallo-graeci, Moeso-gothi,** etc.. No século 16 aparecem em formas técnicas como **lexicon graecolatinum** (Basiléia, 1537), **Dictionarium Latino-Gallicum,** de R. Estienne (Paris, 1538), tornando-se o seu emprêgo mais frequente no século seguinte, e. g.,: "Vossius, **De vitiis sermonis et glossematis latino-barbaris**", Amsterdam, 1645.

---

(144) Sôbre o triunfo dêste tipo no italiano observa Migliorini: "nell'italiano odierno sï è imposto negli ultimi anni, vincendo completamente la resistenza opposta sugli inizi dai puristi" (*ib.* pag. 14).

(145) *Hist. de la lang. fr.* § 225.

(146) E' possível que em formas com *verde-claro, azul-escuro* e outras semelhantes haja influência germânica (cf. alemão *hellgelb, dunkelblau,* etc.... Note-se, além disto, que estes adjetivos não têm o primeiro elemento terminado em *-o,* como o tipo mais claramente grego de que abaixo falamos.

Passa depois a empregar-se em outros adjetivos como em "trattato turco-veneto", etc., tornando-se comum na linguagem diplomática, nas relações internacionais, na linguagem médica e, por fim, na linguagem da imprensa; e. g., port. **franco-alemão, franco-árabe, franco-belga, franco-brasileiro; luso-brasileiro, luso-espanhol; hispano-americano, hispano-brasileiro; teuto-brasileiro, anglo-francês, afro-lusitano, nipo-brasileiro, sino-japonês, greco-latino; gastro-intestinal, cérebro-espinal, naso-palatino, social-democrático,** etc.. Os mesmos tipos ou correspondentes teríamos nas línguas irmãs.

Estes adjetivos apresentam uma particularidade notável quanto ao primeiro elemento: é que, de acôrdo com o tipo grego que lhe serviu de modêlo, êle é formado de um tema terminado quase sempre em **o,** mas sem desinência que indique gênero e número, e mesmo geralmente sem sufixo adjetivo, como se vê dos exemplos acima. Assim **franco** por **francês, luso** por **lusitano, teuto** por **teutônico, italo** por **italiano, nipo** por **nipônico.**

Já nos referimos antes a um tipo medieval de origem mais popular, mas que assumiu frequentemente aspecto erudito, recebendo o primeiro elemento, às vezes, a vogal final **i** — ou **o,** sobretudo no italiano —. e. g., it. **agrodolce, pianoforte,** esp. **agridulce, altibajo,** port. **agridoce, altibaixo, auriverde.** Ao lado destas formas, são mais comuns: it. **verdazzuro, verdebruno, chiaroscuro,** esp. e port. **tartamudo.** No francês normalmente: **aigre-doux, sourd-muet, vert-blanc, clair-obscur.**

E — ADJETIVOS FORMADOS DE UM PRIMEIRO ELEMENTO NOMINAL QUALQUER + ADJETIVO. De fato temos dois tipos um pouco diferentes neste grupo. Assim há adjetivos compostos em que o primeiro elemento é um substantivo que poderíamos dizer modificado pelo adjetivo posposto. O conjunto, porém, constitue um adjetivo, significando "que possue" a qualidade enunciada pelo composto: e. g., it. **aliveloce** "que tem asas velozes", isto é, "rápido no voo". Esta interpretação parece-nos melhor do que a de Meyer-Lübke, para quem se trataria de compostos de um adjetivo com um substantivo determinante (147). A explicação que sugerimos vai melhor em adjetivos como **boquiaberto,** isto é, "que tem a boca aberta". Na outra interpretação teríamos que entender "aberto de bôca", ou "quanto à bôca", tomando o substantivo como complemento restritivo do adjetivo. O que temos aquí é, segundo pensamos, a continuação do velho processo indo-europeu de formar adjetivos compostos, dando desinência adjetiva a um composto que por si é substantivo. Êste tipo, pouco vivaz em latim (e. g.. **magn-animus** "o que tem grande alma"), era comuníssimo em outras línguas indo-européias, por exemplo

(147) *Op. cit.*, II, § 555.

no sânscrito, onde lhe chamam **bahuvrīhi**, que não é senão um exemplo da classe: "que tem muito arroz". Sem o seu valor adjetivo, significaria simplesmente "muito arroz".

Êste tipo introduz-se na România, limitando-se porém, em geral ao italiano, ao espanhol e ao português, e aí mesmo é de emprêgo literário, restrito, frequentemente poético. É interessante observar que todos estes adjetivos têm o primeiro elemento terminado em **i**, denunciando claramente a inspiração latina, mesmo quando êste no mais tem forma vernácula. Exemplos: it. **aliveloce, bocchiduro, codirosso, pettirosso, ochicerulo**; esp. **aliabierto, barbispeso, boquiancho, boquirrubio, ojinegro, cuellicurto, pechiblanco**; port. **pernilongo** (substantivado), **pernicurto, perniaberto, olhinegro, olhirridente, boquicheio, boquilargo, boquifranzido, cabizbaixo** (com o primeiro elemento anômalo), **pontiagudo**, etc..

Em um segundo grupo de adjetivos com um elemento nominal anteposto, o adjetivo que serve de segundo elemento conserva o seu valor, servindo-lhe o primeiro de complemento, adverbial ou outro.

Também êste grupo é de uso muito limitado, ocorrendo com uma forma mais ou menos latinizada — ou erudita simplesmente — com o primeiro elemento terminado com frequência em **-i** ou **-o**, exceto no francês.

Apenas alguns exemplos do tipo: port. **altissonante** "que soa alto", **altitonante, altigritante, clarividente, aurifulgente** "que fulge como ouro", **aurilavrado, auribordado, armipotente** (latim **armipotens**); esp. **altiloquente, altisonante**, it. **altivolante, oricrinito**. Com **o** no primeiro elemento, que aquí é simplesmente o do tema: it. **chiaroveggente, altoparlante**, port. **altofalante**. Em francês temos **clairvoyant** (desde o século 13), **clairsemé** (desde o século 12).

A classe tôda aquí estudada é simples imitação literária do latim, de emprêgo, como vimos, um tanto restrito, mas interessante como exemplo ainda da imensa influência que êle continua a exercer entre as línguas que dêle provieram.

F — ADJETIVOS COMPOSTOS FORMADOS DE ADJETIVO + SUBSTANTIVO. Encerramos o estudo da composição com uma ligeira referência a um tipo que se vai generalizando ràpidamente, pertencendo, como as classes anteriores, a tôda a România ocidental. Como as línguas neo-latinas desenvolveram um tipo de substantivos compostos elipticos em que o segundo elemento serve de determinante ou complemento do primeiro, dando origem a formações mais acordes com o gênio destas línguas, surge também um tipo de adjetivos compostos em que entram um adjetivo e um substantivo apôsto que de algum modo limita ou especifica a sua significação.

Estes compostos são comuns com nomes de côres, servindo o substantivo determinante de especificar matizes diversos das côres fundamentais. Frequentemente, ao lado dos compostos por aposição direta do substantivo ao adjetivo, encontram-se ainda outros em que se emprega a preposição **de** como elemento conectivo, e. g., **jaune d'or, bleu de ciel.**

Numerosos são os exemplos desta classe no francês, e. g., em **vert-dragon, vert-pomme, vert-pré, vert-bouteille, vert-bronze, vert-olive, vert-émeraude, vert-céladon, vert-amande, vert-malachite, jaune-citron, jaune-paille, bleu-lapis, bleu-turquoise, bleu-barbeau, bleu-saphir, bleu-ardoise, rouge-corail, rouge-sang, gris-perle.** Por tôda parte se encontram exemplos semelhantes. Assim port. **azul-céu, azul-cobalto, azul-pavão, azul-pombinho, verde-bronze, verde-esmeralda, verde-mar**; it. **verde smeraldo, verde porro, verdemare, bianco argento, bianco neve, bianco latte**; esp. **verdemar, verde-montaña** (nome de um mineral), etc.

A GRAMÁTICA ROMÂNICA OCIDENTAL

Costumam os romanistas distinguir entre a influência latina ou outras posteriores no vocabulário românico, em que se reconhece ter havido notável contribuição latina, e depois também francesa, etc., e a que estas correntes exerceram na constituição da gramática, onde se julga mais ou menos nula, na morfologia sobretudo. A gramática romance teria vindo já constituída do latim vulgar. Semelhante opinião a nosso ver é, quando muito, uma verdade parcial. É certo que o latim vulgar, perdendo pouco a pouco o velho sistema herdado ao indo-europeu, ia elaborando um tipo gramatical novo. Na sintaxe tendia para uma ordem mais simples e geralmente "direta" na disposição das palavras. Para substituir as formas da declinação e da conjugação desaparecidas, surgiam expressões analíticas numerosas. Mas, em boa parte, esta gramática nova estava apenas em elaboração, pois que a princípio, em lugar das velhas formas tornadas inexpressivas ou desusadas, se recorria a circunlocuções múltiplas. A escolha entre estes novos processos, que os reduziu a simples instrumentos gramaticais, é muitas vezes obra de uma época posterior, antes do que do latim vulgar do Império. É esta a razão por que, se por uma parte a Dácia concorda em linhas gerais com o Ocidente, por outra, frequentemente as suas soluções são parcial ou totalmente diferentes das demais regiões da România.

Por outro lado, o Ocidente todo concorda de um modo geral nos recursos aproveitados para suprimir as lacunas deixadas pelo desmoronamento do velho sistema flexional latino ou nas novas funções atribuídas às formas sobreviventes. Assim, entendemos que é necessário reconhecer, mais do que muitas vezes se tem feito, a importância do período romance antigo e mesmo do período medieval na elaboração da gramática românica, salientando o fato de sua unidade essencial contínua.

Poderá alegar-se que a unidade de tendência herdada do latim vulgar é suficiente para explicar a igualdade das soluções românicas, ainda quando estas se tenham fixado isoladamente em cada região. Nenhuma dúvida há de que isto pode dar-se em alguns casos, mas a multiplicidade das soluções harmônicas do Ocidente em oposição às divergências frequentes entre esta parte da Romã-

nia e a Dácia deve ser explicada pela unidade linguística e social que aí persistiu. A tendência comum à Dácia e ao Ocidente para o "analitismo" não impediu que as duas regiões criassem numerosas formas divergentes. É que lhes faltava o contacto social e linguistico indispensável para uma unidade mais completa, como a que temos nas línguas ocidentais. A divergência é mais notável, quando nos lembramos de que, na herança genuinamente popular e antiga, a Itália e a Dácia concordam frequentemente entre si em oposição ao resto da România. Ao contrário, nas criações mais recentes a Itália concorda com as outras regiões do Ocidente românico, distanciando-se da Dácia.

Voltando às observações que fazíamos sôbre a existência de uma gramática latina vulgar, convém notar que — mesmo quando é possível documentar em fontes antigas certas formas perifrásticas correspondentes às que se usam na România moderna em lugar das formas flexionais latinas — nem sempre se poderá concluir que o latim vulgar já tinha criado um novo sistema gramatical em substituição ao antigo. As formas que serviram mais tarde de instrumentos gramaticais românicos existiram naturalmente muito antes do seu aproveitamento para este fim; por exemplo, habere unido ao infinito servia de exprimir o futuro, mas só pouco a pouco foi-se reduzindo a um simples futuro gramatical.

Por tudo isto parece-nos que mesmo na gramática é necessário admitir a existência de uma unidade ocidental que continua, após a destruição do Império Romano, determinada por vários fatores. a) Pelo latim medieval, mormente o eclesiástico, que continuava a influir na língua falada — o romance. Naturalmente não é fácil de fixar a extensão desta influência. Pode ela, até certo ponto, ter concorrido para a preservação de algumas formas que de outro modo se teriam perdido, quer na morfologia, quer na sintaxe principalmente. b) Pelo contacto social em virtude dos fatores que já antes apontamos, de modo que muitas formas analíticas circulariam por tôda a România, passando de uma região para outra e eliminando outras formas rivais ou as antigas ainda sobreviventes em localidades mais afastadas. c) Pelo trabalho dos primeiros autores que escreveram em romance, os quais sentiram a necessidade de recursos mais amplos do que a língua popular lhes oferecia, para exprimirem idéias que estavam acostumados a enunciar no latim da época, infinitamente mais rico do que o romance, apesar da sua propalada decadência. Pelo trabalho deles muitas formas gramaticais se fixaram, e sobretudo se fixou o valor semântico destas formas sob a influência de modelos latinos. Isto explica porque tantas vezes o emprêgo das formas românicas, que na sua formação primitiva nada tinha que ver com as latinas antigas, corresponde tão perfeitamente no sentido e no uso às daquela língua: a gramática das línguas românicas construída com material novo,

foi elaborada sob a inspiração direta do latim medieval, a língua por excelência daqueles que primeiro usaram o romance como instrumento literário. d) Pela influência do francês medieval, que deve ter-se manifestado com frequência nas línguas irmãs, literàriamente mais novas do que êle, sobretudo por meio da larga disseminação da literatura francesa na Idade Média e do alto prestígio cultural da França naquela época. Esta influência, que devia ter-se exercido sobretudo na sintaxe, será discutida mais adiante.

Ocupar-nos-emos, pois, também da unidade gramatical do Ocidente românico, embora concientes de que aquí as criações posteriores ao latim vulgar ou a contribuição do latim literário etc., são menos numerosas do que no vocabulário. De fato, já vimos uma razão para isto: É que o material que o romance possuía neste terreno podia ser mais ou menos bem aproveitável para traduzir as categorias gramaticais latinas; ao contrário, o seu vocabulário pobre tinha de ser enriquecido imensamente, para que pudesse exprimir a cultura exuberante a que a língua latina servia de instrumento, e, depois também, a cultura moderna em formação. Os empréstimos de termos e de sentido, bem como de processos novos de composição e derivação, além de numerosas criações próprias, eram uma necessidade inescapável. Por outra parte, uma língua é sempre mais conservadora na sua gramática, mormente na sua morfologia, que constitue o arcabouço mesmo da língua, do que no vocabulário.

Antes de entrarmos na discussão de alguns elementos da gramática românica reveladores da sua unidade, queremos fazer uma ligeira referência à fonética e à ortografia.

FONÉTICA. Não é parte da gramática, embora geralmente se estude como introdução à estrutura de uma língua. Demais, não há nela muita cousa que interesse especialmente ao nosso assunto. Podemos supor que, até certo ponto, a presença do latim eclesiástico tenha servido para impedir o excessivo florescimento de inovações fonéticas, mas é provável que não se tenha conseguido muito. Muitas vezes se tem atribuído à influência da escola na Gália, durante a época latina, a conservação do **-s**, perdido na Itália e no Oriente. É difícil dizer até onde isto é exato. É provável que a ausência ou a presença do **-s** esteja ligada à grande divisão dialetal primitiva de que já falamos: também a Ibéria conservou êste **-s**. Menendez Pidal atribue à influência culta a conservação das vogais abertas em certas regiões, notando que nas zonas mais cultas da Península, bem como nas do sul da Gália, se conservou a pronúncia latina clássica, sem ditongação (**El Id. Esp. en sus primeros tiempos**, pag. 99). Crê o mesmo autor que a reação culta restaurou os grupos **cl-**, **pl-** e **fl-**, eliminando a palatalização, em muitos pontos da Gália e da Ibéria (**ib.** pag. 106).

Esta ação culta devia manifestar-se frequentemente, impedindo o triunfo de tendências fonéticas regionais durante a época mais antiga, mas uma vez implantada e vencedora a inovação, tornava-se naturalmente impossível a volta ao estágio anterior.

A tendência para inovar neste campo deve ter começado muito cedo, já no latim vulgar, e é fora de dúvida que os substratos tão variados no Ocidente tinham muito que ver com as transformações sofridas pela língua. É justamente na fonética que as línguas românicas ocidentais apresentam as diferenças mais profundas entre si. É por ela sobretudo que o francês parece, à primeira vista, tão diferente das línguas ibero-românicas. Excetuadas as frequentes diferenças fonéticas, estas línguas apresentam em geral notável unidade. Por outra parte, tem-se observado muitas vezes a semelhança existente, neste ponto, entre o italiano e o romeno, enquanto as duas linguas diferem, não raro, sensìvelmente na morfologia e na sintaxe. Para nós a explicação está em que na fonética românica e nas suas inovações o fator decisivo é popular e antigo (determinado em boa parte pelos substratos), enquanto a formação da gramática e, sobretudo, do léxico depende de fatores culturais posteriores. Dêste modo, a Dácia, que a princípio tinha ligações especiais com a metrópole, tomou rumo próprio depois da separação, enquanto a Itália passou a moldar-se linguìsticamente sob a influência dos mesmos modelos que o resto do Ocidente românico.

ORTOGRAFIA. Aquí é enorme e decisiva a influência do latim. Desde os primeiros textos romances, em lugar de se escrever em uma ortografia genuinamente fonética, se empregou uma ortografia latinizante. Como observa Brunot: "A grafia dos primeiros textos está longe de representar com exatidão a pronúncia dos séculos 9 e 10, até onde podemos recompô-la... A razão desta anomalia aparente é fácil de discernir. No século 10 o latim é a língua usual dos clérigos franceses; o romance não era usado por eles senão na pregação, embora não lhes ocorresse ainda escrevê-lo... quando passam a usá-lo assim, seja em um documento político como o **Juramento**, seja em um poema piedoso como a **Cantilène de Sainte-Eulalie**, o **Sponsus** ou a **Epître de Saint-Etienne**, aplicam naturalmente ao idioma vulgar, a ortografia latina com todos os seus ilogismos e inconsequências" (**op. cit.**, I, pag. 502). Semelhante observação caberia às outras línguas do grupo.

A influência latina neste campo apresenta dois aspectos: a) para a representação dos fonemas românicos empregam-se as letras latinas. Como a transformação fonética multissecular tinha acabado por dar um aspecto muito diferente às palavras, era quase impossível aproveitar o sistema ortográfico latino clássico, sem determinar uma série de complicações. Frequentemente a mesma letra tinha passado a representar fonemas diferentes, e. g., **s** se

usava para simbolizar tanto a surda como a sonora, **c** representava uma consoante velar antes de **a, o, u,** e uma palatal (depois sibilante em algumas regiões), antes de **e** e **i.** O mesmo duplo valor tinha a letra **g.** b) Cria-se uma ortografia etimológica, que insiste em representar fonemas latinos inteiramente perdidos no falar do povo. Assim ressurge o **h** inicial. Desde a Idade Média aparece, e. g., no francês **hom** e **hui,** port. **homem,** esp. **hombre,** etc.. A mesma preocupação explica o uso tradicional das geminadas, que, fora do italiano, onde se mantêm as consoantes longas, não representam fonema especial algum (embora às vezes se tenha empregado para outras distinções, como em **s** e **ss,** em **r** e **rr** no português, etc.). Assim principalmente em português e francês temos **soffrer** e **souffrir, ella** e **elle** (fr.) etc., à imitação das formas latinas **sufferre, illa** e assim por diante. Em português só as reformas ortográficas modernas puseram de lado estas formas. A mesma preocupação latinizadora leva a reintroduzir grupos consonânticos obsoletos conservados muitas vezes até os tempos modernos, concorrendo aqui como em outros casos para uma frequente relatinização da pronúncia. Por êste meio fr. antigo **oscur, amirer** e **avocat** voltam a **obscur, admirer** e **advocat** (que não conseguiu impor-se); **saume** se torna **psaume;** em lugar de **astenir** e **sustence** escreve-se **abstenir** e **substance;** por **cors, conter** e **set** surgem **corps, compter** e **sept** e assim por diante. Do mesmo modo port. arc. **dino, malino, benino** (ainda em Camões) voltam a **digno, maligno** e **benigno; calidade** passa a **qualidade,** etc.. Sem dúvida, mesmo muitas das formas refeitas sôbre o latim, que significam muitas vezes o abandono do termo vernáculo (ver pags. 75s) pelo latino, devem ter a sua origem em uma preocupação latinizadora da Idade Média e da Renascença. Ainda nas línguas que procuram mais fielmente estabelecer um sistema ortográfico racional, a influência da tradição latina é inevitável, como se vê da atual ortografia portuguesa na fixação do uso de **s** e **z,** de **c** e **ss,** ou no espanhol quanto ao uso de **b** e **v** (**caballo** e **uva**).

Não raro se tem atribuído a latinização ortográfica a um prurido de erudição pedante. É verdade que, sobretudo desde a Renascença, há frequentemente a mania de uma latinização artificial da ortografia, mas no início das línguas românicas literárias, o que existe é sugestão inevitável e constante da escola na qual tinham sido educados os escritores. Habituados a escrever em latim, latinizavam inevitàvelmente o romance. Êste fato ilustra de um modo muito objetivo a influência decisiva do modêlo latino na elaboração das línguas românicas, que certamente não se limitou apenas à forma material e externa da língua, como se dá com a ortografia, mas penetrou mais profundamente na alma do romance.

Consideremos agora algumas das expressões mais concretas da influência culta e da unidade românica ocidental na gramática, estudando primeiro a morfologia e depois a sintaxe.

I A MORFOLOGIA

A morfologia românica deriva diretamente da morfologia latina vulgar. Nenhum elemento das línguas neo-latinas se atém tão fielmente à estrutura da língua falada no Império Romano. Por isto mesmo encontramos aquí uma semelhança maior entre o romeno e as suas irmãs do Ocidente do que em outros aspectos da língua.

Mesmo a influência notável do latim no romance seria impotente para ressuscitar as formas sintéticas perdidas da declinação e da conjugação clássica. Transformando-se a língua radicalmente na sua morfologia, passando a um tipo analítico, fixa definitivamente um novo sistema estrutural. Isto, porém, não significa que as línguas românicas não pudessem modificar e completar o sistema herdado. De fato, como já antes dissemos, o período medieval deve ter sido o da fixação e seleção das formas criadas com a perda do sistema flexional antigo. Ora, êste trabalho de fixação e seleção se faz de um modo harmônico, geralmente, na România ocidental.

Examinaremos agora alguns casos ilustrativos desta unidade.

A SUBSTITUIÇÃO DO CASO GENITIVO. Na morfologia do nome não há, por assim dizer, nada que interesse de modo especial o nosso tema. Contudo, merece uma observação o fato de que, com a perda do sistema casual latino, as línguas ocidentais empregaram geralmente as mesmas preposições para substituir os casos, ao passo que a Dácia isolada apresenta peculiaridades. O caso mais notável de divergência está na substituição do genitivo. Duas construções diferentes serviram para reparar a falta dêste caso: de um lado a preposição **de**, e. g., **domus de Pedro** por **domus Petri**; por outro lado admitia-se o dativo ou, em lugar dele, a preposição **ad**, ao menos quando o possuidor era uma pessoa. Esta inovação pertence evidentemente à língua vulgar, mas não deixa de ser notável que o Ocidente e a Dácia acabassem preferindo soluções diferentes. Enquanto esta conservou o dativo como substituto normal do genitivo, e. g., em "gradina vecinului" (o jardim do vizinho), "usa casei" (a porta da casa), o Ocidente, que durante algum tempo conheceu as duas construções, pelo menos em certos pontos (148), acabou por generalizar mais ou menos to-

(148) Assim no francês antigo "Virent Guascuigne *la tere lur seignur*" (*Chanson de Roland*, 819), "De vus tiendrat *Espaigne le regnet*" (*ib.* 697) e com a preposição expressa "Icil ert frere à l'rei Marsilium (*ib.*, 1214). Depois prevalece a forma comum, e. g., "le royaume d'Espagne", como nas outras línguas do Ocidente. É digno de nota que no falar de Cabranes, região isolada das Astúrias, sobrevive a mesma construção até hoje, e. g. em *la casa mió pa* (= a casa de meu pai). Ver Y. Malkiel. *Language*, 23,63.

talmente a preposição **de**. A eliminação de uma das formas resulta de uma natural tendência selecionadora, mas a solução uniforme do Ocidente, apesar dos recursos diversos de que dispunha, leva-nos a crer que ela é o fruto da unidade românica persistente durante a Idade Média.

O SUPERLATIVO SINTÉTICO. A língua vulgar perdera a graduação dos adjetivos em **-ior** e **-issimus** (**errimus**). Algumas formas irregulares e muito usuais, e. g., **melior, peior, maior** e **minor,** conservaram-se, exceto na Dácia. Mais algumas aparecem no francês e no provençal antigos, e. g., prov. **ancianor, aussor, largor,** etc.. São geralmente as mesmas nas duas línguas e sem dúvida devidas à tradição literária. Mesmo as outras formas sintéticas do Ocidente se devem, talvez, à influência da Igreja.

Também o superlativo não sobreviveu no falar do povo. Mas aquí a tradição culta lhe reservava sorte melhor. Desde os textos mais antigos aparece como latinismo, por exemplo no francês **altisme, fortisme, grandisme,** etc., se bem que raro. Onde se implanta sòlidamente desde esta época é no italiano. Assim já em o **Novellino**, coletânea de novelas medievais, vêm **bellissimo, grandissimo, nobilissimo,** e em Guittone d'Arezzo (falecido em 1294), **graciosissimo**. Pertence, pois, à língua desde os primeiros textos. Mas a sua origem erudita se evidencia pela conservação do **ĭ**, que por via popular teria dado **e** (149). Na Renascença, em parte por imitação do italiano, mas naturalmente também por latinismo, o superlativo se dissemina na Ibéria (catalão, espanhol e português). No francês e no provençal algumas formas novas foram introduzidas, mas o superlativo sintético não conseguiu aí naturalizar-se.

De acôrdo com a sua origem erudita, êste superlativo junta-se geralmente à forma latina do tema, conservando êle mesmo a forma latina (**-issimo, -limo, -rrimo**). Tal acontece principalmente em português, e. g., em **amabilíssimo, crudelíssimo, facílimo, paupérrimo.** Entretanto, a tendência de uní-lo a temas vernáculos se nota em formas como **pobríssimo, docíssimo, nobríssimo, facilíssimo, dificilíssimo, cruelíssimo, humildíssimo,** etc., encontradas nos clássicos (150), mas estas não chegaram a prevalecer em português. Bem frequente é esta vernaculização no espanhol, e ainda mais no italiano, onde o superlativo está mais completamente naturalizado: it. **poverissimo, facilissimo** (ant. **facillimo**), **liberissimo, acrissimo** (e **acerrimo**), **fievolissimo**; esp. **amiguísimo, dificilísimo, asperísimo, friísimo,** etc., ao lado de **amicísimo, dificílimo, aspérrimo, frigidísimo.**

---

(149) Muito tímida é a asserção de Grandgent sôbre o superlativo italiano "presumably of learned origin" (*From Latin to Italian,* pag. 127).

(150) Ver Mário Bareto, *Novos Estudos,* pags. 106s.

O superlativo sintético é, pois, uma contribuição importante da erudição latina, medieval e da Renascença, ao enriquecimento das línguas românicas, embora não chegasse a vingar na França. Observe-se, contudo, que, exceto em alguns exemplos de latinismos mais ousados, êste superlativo tem apenas o valor absoluto do latino, conservando sòmente uma de suas duas funções antigas. A ressurreição de formas latinas se faz muito frequentemente dêste modo parcial. Por outra parte, convém lembrar que o novo superlativo sintético tem valor mais forte do que a forma analítica popular, tanto em português como no espanhol e no italiano. Comparem-se, por exemplo, **muito belo** e **belíssimo.**

Nota — Uma criação românica, certamente posterior ao latim vulgar, é a distinção entre o comparativo e o superlativo analíticos, pela anteposição do artigo ao segundo. Não há vestígios do emprêgo do comparativo como superlativo em latim. Nas glosas de Reichenau, bastante posteriores, vem **optimos: meliores,** onde aparece pela primeira vez a substituição, ao que saibamos. No romance desenvolveu-se o recurso de empregar o artigo definido para distinguí-los. Na Idade Média aparece ainda frequentemente o superlativo sem artigo, e. g., "se a color branca he **milhor** que os caães podem aueer" (**Livro da Montaria,** I, cap. 11). O mesmo se dá no francês e no italiano, mas depois se impõe o uso do artigo definido. O romeno introduz a mesma distinção, mas recorre a um artigo especial: "**cel** maĭ frumos" (151).

OS NUMERAIS — O latim clássico possuía quatro tipos de numerais: **cardinais, ordinais, distributivos** e **multiplicativos** (adverbiais). Dêstes a língua vulgar só conservou os cardinais, e talvez alguns dos outros, como os primeiros ordinais e certos distributivos. Os cardinais são os únicos que o romeno conhece. As outras línguas nos convencem de que o latim vulgar só possuía estes.

Mesmo nos cardinais não sobreviveu o sistema clássico para a formação de números mais altos. As línguas românicas concordam em desconhecer mais ou menos completamente as formas antigas das centenas, exceto em alguns vestígios como port. **duzentos, trezentos, quinhentos,** esp. **docientos, trecientos, quinientos,** prov. **docent** e **trecent** (note-se aquí a conservação do **-c-**). Em geral, porém, as centenas se indicam por formas analíticas novas: port. **quatro centos,** rom. **patru sute.** O romeno nem sequer conservou **centum,** substituindo-o por uma forma eslava.

O tipo clássico, depois de **mil,** complicava-se pelo uso de multiplicativos e distributivos. Em lugar de reintroduzí-lo, as línguas românicas adotaram primeiro um aumentativo de **mille,** criado cer-

(151) Sôbre a unidade da România ocidental no emprêgo do artigo definido ver mais adiante o capítulo referente à sintaxe.

tamente na Itália (**milione**, cf. a forma italiana antiga **milia**, plural de **mille**) com o sentido de "mil vezes mil" (152). A exemplo dêste novo numeral criaram-se depois outros múltiplos dele. No comêço do século 16 aparecem fr. **billion, trillion, quatrillion.** Assim surge em tôdas estas línguas um sistema de numeração cômodo e completo, muito mais perfeito do que o velho sistema latino. De fato o novo numeral e seus múltiplos adquirem caráter internacional, ocorrendo no alemão (**million**), no romeno (**milion**), no russo (**million'**), no finlandês (**miljona**), etc..

Os ordinais. À língua culta, e principalmente à influência latina, deve a România os seus numerais ordinais, embora o novo sistema não apresente por tôda parte unidade perfeita. O romeno continua a empregar os cardinais como ordinais, juntando-lhes uma forma do artigo, e. g., **al zecilea** (o décimo).

Também no Ocidente se evidencia, em geral, a perda dos ordinais latinos, pelo fato de que as línguas românicas empregam comumente os cardinais onde o latim usava os ordinais: e. g., **duas horas** (hora secunda), no ano de **mil novecentos e vinte e cinco** (anno millesimo nongentesimo vicesimo quinto), a **vinte e dois de abril** (ante diem decimum kalendas maias). Dizemos mesmo: **século dezoito, Luiz Quinze,** etc.. Assim no francês: **il est deux heures, le vingt-cinq janvier,** etc., embora haja pequenas diferenças nas diversas línguas. Êste uso continua a tradição vulgar latina, mas, sob a influência do latim medieval, reintroduziu-se na România um sistema completo de ordinais, embora estes nunca chegassem a eliminar o emprêgo dos cardinais com o mesmo valor. A esfera semântica dos ordinais ficou sempre bastante limitada. Se muitas vezes na Idade Média se observa um emprêgo mais extenso dos ordinais, trata-se sem dúvida, de tradição latina, forte na linguagem eclesiástica e notarial. Dauzat observa que no francês, desde o século 14, os ordinais vão cedendo lugar aos cardinais, como também acontece no provençal, para designar as horas, depois o ano e o dia do mês (**Etapes,** pag. 84). Esta tendência se completa na época clássica pelo uso dos cardinais para designar soberanos (menos 1.°), páginas de um livro, etc. (**ib.,** pag. 107). O uso do ordinal era certamente um latinismo, que se foi abandonando pouco a pouco. As traduções medievais usariam, naturalmente com abundância, da forma latina, como se vê em português na **Regra de São Bento,** mas já aí se encontra o cardinal, e. g., na

(152) Dauzat não menciona a origem italiana do francês *Million*, que aí ocorre pela primeira vez em 1359. A forma do aumentativo com *i* se explica, porém, melhor no italiano. Também Pidal (*Gram. Hist. Esp.*, pag. 245) tira a forma espanhola do italiano, e não do francês. Do italiano a derivam ainda Bloch e Wartburg, s, v. *mille*.

Crônica da Ordem dos Frades Menores: "e em este mesmo ano de **mill e duzeemtos e nove,** em nas **dez e seis** calemdas de mayo" (I, pág. 6).

Consideremos, porém, a forma dos novos ordinais românicos. Nas duas línguas da Ibéria naturalizaram-se simplesmente os ordinais latinos. Apenas **primeiro, segundo** e **terceiro** (esp. **primero, segundo** e **tercero**) são antigos. Os demais se introduziram, com ligeira alteração em alguns casos, e. g., port. **quarto, quinto, décimo, vigésimo, trigésimo** (já em latim **vigesimus** e **trigesimus,** por exemplo em Columela), **quinquagésimo, quingentésimo,** etc.. Na tradução da **Regra de São Bento,** já referida, temos: **quarto, quinto, (s)sexto, (s)septimo, oytavo, nono, deçimo, undeçimo, duodeçimo, sseissagesimo, quinquaiesimo, centesimo septimo decimo, treçesimo, quadragesimo, outogesimo, (s)septuagesimo, nonagesimo-primo** (os exemplos estão na ordem do texto).

Também o italiano tem quase todos os ordinais latinos desde **quartus: quarto, quinto, sesto, settimo, undecimo, vigesimo, trigesimo, quadragesimo, centesimo, millesimo,** etc.. Entretanto, ao lado desta forma, se criou com o sufixo latino **-esimus** um tipo vernáculo sôbre os cardinais, de onze em diante, o qual é mais usado do que o anterior. Assim: **ventesimo, trentesimo, quarantesimo, ottantesimo, cinquecentesimo** e também: **undicesimo, tredicesimo, sedicesimo,** etc. (153).

Mais original foi o francês, que criou um sistema inteiramente novo, a partir do número 2: **deuxième, troisième, dixième, ventième, centième,** etc.. O sufixo **-ième** (arc. **-iesme** e **-isme**) tem origem no ordinal arcaico **disme,** que passa analògicamente a outros numerais desde o fim do século 12 (cinquisme, huitisme, etc.), sendo substituído com o tempo pela forma **-iesme,** donde **-ième,** dialetal provàvelmente (154). O ponto de partida do sistema é, pois, um numeral vernáculo e antigo, mas nem por isto se poderá excluir a influência latina e erudita na sua formação. Os numerais empregados no século 12, alguns dos quais desapareceram mais tarde, indicam frequentemente a sua origem erudita ou semi-eru-

---

(153) Grandgent reconhece a origem erudita dos ordinais italianos: "Ordinal numbers after *quarto,* with the possible exception of *decimo,* seem to be of bookish origin" (*From Latin to Italian,* pag. 128). A forma *esimo,* de *ēsimus,* não é regular, exceto em termos eruditos (com *e* aberto, como em *crudele, crede,* etc.; *ib.,* pag. 24).

(154) Cf. Pope, *From Latin to French,* pag. 219. Sôbre os ordinais franceses em geral, pags. 317 s. Bourciez crê em um cruzamento de *-isme* e *-esme,* êste de *-êsimus,* para explicar a forma *-iesme.*

dita, como: **altre** ou **segont, tierz, quart, quint, siste, se(d)me,** etc. (155).

O provençal e o catalão empregam um tipo formado sôbre os distributivos antigos com o sufixo **-enus,** conhecido também no espanhol e no português (em português a conservação do -n- revela introdução recente, de origem espanhola, sem dúvida: **trezeno, dezeno**). Exemplos: prov. **seizens** (sexto), **setens, ochens, detzens, vintens, centens**; cat. **sizé, seté, vuité, decé, centé.** É êste o tipo mais original e estranho da România, sem conexão com os ordinais antigos, mas devemos ter ainda aquí uma criação tardia, que visa suprir uma lacuna da língua popular (156).

Apesar de se encontrarem elementos tradicionais na constituição dos ordinais românicos, temos em todos eles uma adaptação latina ou uma criação tardia, que deve ter surgido para preencher uma falta do romance, onde só os cardinais eram realmente vivos. O latim medieval devia ter sido o modêlo, quando não foi a fonte direta, do novo sistema assim criado.

Os novos tipos criados são geralmente regionais. É fenômeno que observamos frequentemente: as criações morfológicas que nascem da analogia têm menos probabilidade de larga disseminação. Ao contrário, as formas perifrásticas, que podem dar lugar a novos tipos de flexão, espalham-se com certa facilidade. A razão desta diferença deve estar em que no segundo caso se dissemina primeiro uma construção sintática que depois pode reduzir-se a simples morfema. É natural que as construções sintáticas transponham fronteiras dialetais mais fàcilmente.

O QUAL E A QUAL (ILLE QUALIS) — UM NOVO PRONOME RELATIVO. Quando se transformou **qualis** acompanhado de um artigo em simples pronome relativo? Não parece que o fenômeno pertença ao latim vulgar. É verdade que o romeno usa **care** (qualis) (157) com esta função, mas sem artigo. No Ocidente é a forma articulada que se costuma empregar.

Parece tratar-se no Ocidente de uma criação medieval com raízes no latim e com a preocupação mais ou menos erudita de indicar gênero e número no pronome relativo. A tendência popular, bastante antiga na România, consiste em usar um pronome

---

(155) Antes da generalização de *-isme* há tendência para estender *-me* de *sedme* (septimus), e.g., *oidme* (*Chanson de Roland,* 3068), *noefme* (*ib.* 3076).

(156) Também no catalão já a língua medieval preferia os cardinais na expressão da ordem. Ver A. Par. *Sintaxi Catalana,* pags. 56s.

(157) A influência eslava pode ter determinado a passagem de *qualis* a pronome relativo.

relativo petrificado que serve de elemento de ligação com a oração regente, exprimindo-se depois com um pronome pessoal a função do mesmo na sentença, assim: "a rua **que** eu moro **nela**". Quanto a Portugal, diz explìcitamente Júlio Moreira (158) que o povo só conhece os relativos **que** e **quem** (muito raro o segundo). A observação aplica-se também ao italiano e ao espanhol, segundo nos informam.

Qualis surge na Idade Média, mas não parece ser muito antigo, encontrando-se a princípio sobretudo em traduções do latim. Brunot, na sua já citada **Histoire de la langue française,** observa que **lequel,** embora existente nas antigas traduções (Saltérios de Oxford e de Cambridge, IV Livros dos Reis, Diálogos do papa Gregório), não se encontra fora destas até o século 12. No século seguinte aparece frequentemente em composições originais (I, pag. 339). Na Ibéria encontra-se nas **Glosas Silenses** e nas **Glosas Emilianenses,** traduzindo o latim, e. g., "e qual duenno tienet ela mandatione con o Padre". Num exame que fizemos de vários textos medievais portugueses, observamos que **o qual** é muito menos comum do que o simples **que** no **testamento** de **D. Afonso** (de 1214): aí encontramos apenas duas vezes **o qual,** e ambas regido de preposição; fora disto sempre **que.** Ao contrário, na **Crônica dos Frades Menores,** traduzida de um texto latino encontramos **o qual** dezesete vezes em cêrca de oito páginas, e. g., "e trouxe huum muu, o qual avia atormentado", etc.. A mesma frequência de **o qual** temos na **Regra de São Bento,** outra tradução. Em longos trechos do **Livro de Linhagens** sempre encontramos **que.** A mesma observação fizemos no **Poema do Cid.**

Devemos ter aquí, portanto, uma criação recente e a fonte deve estar no latim medieval, não no vulgar. De fato, lá se usava **qualis** frequentemente com o valor de verdadeiro relativo, como se vê de duas frases de Beda na sua **Historia Ecclesiastica:** "qualis locus... a Graecis solet cherronesos vocari", "an forte litteras... de qualibus fabulae ferunt apud se haberet". (158 bis). Do latim entrou para tôda a Românа ocidental, fixando aí definitivamente o seu valor de pronome relativo.

AS FORMAS PERIFRÁSTICAS DA CONJUGAÇÃO ROMÂNICA — É comum datar-se a criação da conjugação perifrástica românica do latim vulgar. Entretanto, se em linhas gerais temos uma interpretação exata dos fatos, não se deve desconhecer a divergência frequente entre a Dácia e o Ocidente na escolha das formas. A divergência resulta sobretudo de que a fixação definitiva das formas perifrásticas como simples instrumentos grama-

(158) *Estudos da Língua Portuguesa,* pags. 39s.

(158 bis) D.R. Druhan, *The Syntax of Bede's Historia Ecclesiastica,* pag. 76.

ticais se dá após a separação. Por outro lado, apesar da multiplicidade inicial destas, o Ocidente é bastante uniforme na escolha das que permaneceram. Algumas outras podem ter surgido mais tarde, disseminando-se, porém, ainda pela poderosa unidade cultural de tôda a região. Examinemos alguns casos:

É possível que o futuro formado com **habeo** e **o infinito** tenha triunfado no Ocidente de um modo geral pela influência da linguagem eclesiástica. Esta forma aparece já frequentemente na Ítala, não tanto como reflexo da linguagem popular, mas antes como tradução literal da perífrase grega correspondente (com μέλλω) (159). A expressão se tornaria comum na Igreja romana, de onde acabaria por espalhar-se com o uso da velha tradução bíblica na Igreja Latina. A Dácia, que não sofreu o contacto dêste latim eclesiástico, desconhece o tipo. Meyer-Lübke entende que êle revela a sua antiguidade pela falta da preposição encontrada em outras perífrases. A ponderação do eminente romanista só se aplicaria ao latim falado pelo povo. No latim eclesiástico, com o seu colorido literário, a preposição faltaria naturalmente. Demais, no fato de não se ter disseminado universalmente, mesmo no Ocidente, parece-nos haver um indício da criação tardia dêste futuro perifrástico. Êle pertence principalmente às línguas literárias. Além da Dácia, desconhecem-no a Sardenha, a Dalmácia e grande parte da Itália meridional e mesmo boa parte da Récia, talvez tôda ela a princípio (160). Não seria de estranhar se o novo futuro fosse um produto posterior à morte do futuro latino, surgido da tradição literária. A língua vulgar arranjar-se-ia fàcilmente sem o futuro. As línguas germânicas o criaram tardiamente, embora já o gótico não possuisse qualquer futuro herdado. O romeno usa **volo** (voi) que também se encontra em textos latinos.

As formas perifrásticas do passado — habeo + particípio passado. Esta perífrase (161) serve para a formação de uma série de tempos como: o perfeito (j'ai écrit), o mais que perfeito (j'avais écrit), o pretérito anterior (j'eus écrit), e o futuro perfeito (j'aurai écrit) do indicativo e o perfeito (que j'aie écrit) e o mais que perfeito (que j'eusse écrit) do subjuntivo, o condicional passado (j'aurais écrit) e o infinito perfeito (avoir écrit). Cria a România dêste modo um instrumento gramatical variado para substituir o sistema flexional latino, perdido em parte.

---

(159) Ver Plater e White, *Grammar of the Vulgate*, pag. 38.

(160) Cf. Bourciez, *Eléments*, pag. 623 e Meyer-Lübke, *op. cit.*, II § 112.

(161) Em português hoje geralmente formada com *ter* por *haver*, mas com o mesmo valor da perífrase antiga. Apenas o pretérito anterior perdeu-se aquí.

As línguas germânicas, e. g., o alemão, o inglês e o holandês, possuem exatamente o mesmo sistema (al. **ich habe geschrieben, ich hatte geschrieben,** etc.) para o qual Meillet admite a possibilidade de um empréstimo ao sistema românico (162). Cita ainda Meillet um dialeto irânico (o sogdiano), onde se desenvolveu um tipo semelhante, o que "atesta que êste processo pode desenvolver-se independentemente em diversas línguas". Infelizmente não pudemos examinar a perífrase do dialeto irânico, para julgar de sua completa identidade com o tipo neo-latino (163), mas a identidade do tipo germânico com êste, enquanto o romeno, embora pertencente à família românica, não possue quase nada do mesmo, não deixa de ser notável. Com efeito, o romeno apenas forma o pretérito (antigo **perfectum**) com esta perífrase. O resto da conjugação perifrástica é formado com **a fi** (ser), o que destoa do tipo românico normal, e. g., **voi fi scris** (terei escrito), **să fi scris** (que eu tenha escrito), etc.. O que explica esta diferença é o isolamento da Dácia, que seguiu caminho próprio na fixação das novas formas gramaticais. Ao contrário, o contacto das línguas germânicas com a România ocidental determina a igualdade do seu sistema com o românico.

A comparação do romeno com as suas irmãs ocidentais parece indicar que das perífrases formadas com **habeo** e o **particípio passado,** apenas uma se tinha fixado mais ou menos desde o latim vulgar como um verdadeiro tempo verbal: **o perfeito.** O resto do sistema se foi desenvolvendo sob o mesmo modêlo e. talvez, em parte no esfôrço de traduzir as formas gramaticais do latim, às quais correspondem geralmente melhor as formas ocidentais do que as do verbo romeno.

O estudo dos textos franceses mais antigos, que antecedem em boa parte aos primeiros documentos romances de outras regiões, revela ainda muita incerteza no emprêgo das formas perifrásticas e na sua significação. Estas formas existiam, mas ainda não tinham perfeita unidade semântica. Algumas são ainda muito raras, como o mais que perfeito do subjuntivo (em lugar dele emprega-se o imperfeito simples, e. g., "Sem creïssez, venuz i fust" (**Chanson**

---

(162) "Comme en germanique il n'est pas ancien, que le gothique l'ignore, il est permis de supposer, avec quelque vraisemblance, que les dialectes germaniques ont, à l'origine, imité le tour roman" (*Ling. hist. et ling. gén.*, II, pag. 120).

(163) O grego moderno admite um tipo semelhante ἔχω γραμμένο, mas para o simples passado prefere outra perífrase em que entra um antigo infinito (Thumb, *Handbuch der Neugriech. Volkssprache,* pags. 154 s).

(164) Cf. Brunot, *op. cit.*, I, pags. 241ss, a quem devemos as informações sôbre o francês antigo.

de Roland, 1728) (164). Também o mais que perfeito do indicativo é escasso, mas isto pode ser consequência do pouco uso dado ao imperfeito, talvez por influência germânica (as línguas germânicas só conhecem um pretérito, que corresponde ao imperfeito e ao perfeito das línguas românicas).

A conjugação perifrástica, que nasce no latim vulgar, fixa-se como instrumento gramatical já no romance, em boa parte certamente de acôrdo com as necessidades da língua culta e os "hábitos" gramaticais adquiridos na familiaridade com a língua latina. Não serão apenas os teóricos das novas línguas que irão latinizar mais tarde a nomenclatura da sua gramática: até certo ponto as formas gramaticais do romance se adaptam à expressão das velhas categorias gramaticais latinas, sobretudo quando os romances vulgares se vão transformando em dialetos literários.

As formas perifrásticas de sum + particípio passado. Estas foram aproveitadas em tôda a România para a substituição da passiva sintética latina. É difícil dizer quando se perdeu o sistema antigo. Grandgent supõe que tenha desaparecido pelo fim da era vulgar, embora não haja documentação do tempo para a forma nova. A época em que se deu esta substituição é ainda um problema não resolvido.

Não é possível falar em uma criação ocidental da nova passiva, pois que o romeno também herdou o mesmo sistema, embora aí também subsista uma passiva de tipo diferente (165), sobretudo considerando-se que a discrepância parcial do romeno com as suas irmãs se explica por um fator estranho: o eslavo.

Mais provàvelmente temos uma criação tardia e ocidental na formação dos tempos perifrásticos do passado ativo de certos verbos com o auxiliar **sum** em lugar de **habeo.** Êste tipo nada tem que ver com a passiva românica, sendo mesmo o tempo do verbo auxiliar diferente: **je suis arrivé,** mas **j'ai été blâmé.** Não cremos igualmente que o auxiliar **sum** surja para substituir os depoentes latinos, pois que estes se conjugavam como a passiva. Demais a conjugação românica com **sum** limita-se aos verbos intransitivos, ao contrário do que acontecia com os depoentes latinos. A origem da perífrase deve estar na imitação da perífrase anterior com o

---

(165) Bourciez observa que a passiva formada com o reflexivo prevalece na Dácia, sob a influência eslava, e ajunta: "des formules *sînt bătut, esti lăudat* n'étant que des néologismes introduits sous l'influence du français ou de l'italien" (*Eléments*, pags. 494s). Mas a passiva com o auxiliar *a fi* não é tão rara no romeno antigo, embora seja muito comum a forma reflexa. Cf. no *Tetraevangelion* de 1574: "auzi că Ioanŭ datŭ fu" (Mat. 4-1).

verbo **habeo**. Êste auxiliar indicava um **estado adquirido** do objeto "habeo rem conclusam". Por analogia cria-se nos intransitivos a expressão "sum venutus", que indica um **estado adquirido** do sujeito. A formação dêste tipo é, pois, semelhante à de **habeo** com o particípio passado, se bem que seja naturalmente posterior àquele, de uma época em que a perífrase com **habeo** já se reduzia a uma categoria do verbo, sentindo-se a necessidade de uma forma correspondente nos verbos intransitivos. O romeno desconhece êste emprêgo do auxiliar, que pertence provàvelmente ao romance ocidental da alta Idade Média. Ter-se-á constituído na Itália ou na França, disseminando-se daí para as outras regiões do Ocidente (166).

Embora o novo tipo não pertença hoje a todo o Ocidente, na Idade Média encontramo-lo generalizado tanto nas línguas da Ibéria como nas da Gália e da Itália, usando-se sobretudo com os verbos de movimento, mas também com outros. No espanhol e no português medievais a perífrase é muito comum, por exemplo na **Demanda do Santo Graal**: "Se os da Mesa Redonda som partidos de nossa casa" (§ 448), "já som saídos da foresta" (§ 449). Do espanhol arcaico diz Lapesa: "Os verbos intransitivos se conjugam de ordinário com **ser**" (**Hist. de la Lang. Esp.**, pág. 116), notando que o mesmo acontecia com os reflexivos. Desde o século 16 a perífrase entra em decadência na Península. A coexistência dos dois auxiliares, sem uma oposição nítida de sentido entre eles, acabou por eliminar o tipo com **sum**.

OS ADVÉRBIOS DE MODO EM **-MENTE**. Vemos ainda aquí uma criação romance, ocidental, mas, como tantas outras criações medievais, patrimônio de tôdo o Ocidente românico. Aquí constitue o único processo realmente vivaz de formação adverbial. Grandgent (**Introducción**, pag. 56) diz: "Os advérbios de modo vieram a formar-se com o ablativo **mente**", mas acrescenta: "Mais tarde, talvez terminado já o período do latim vulgar, **mente** usou-se com alguns adjetivos que podiam formar um advérbio de modo". Em geral se reconhece a formação tardia dêstes advérbios. Brunot observa que o valor adverbial ou modal da locução formada com

---

(166) O alemão conhece a mesma construção e com valor bem semelhante ao da forma francesa, e. g., *ich bin gekommen* (eu vim), *er ist gewesen* (*êle foi*, ou *esteve*). E' provável que as duas línguas reflitam uma herança comum. Não é impossível que a origem esteja nas línguas germânicas, de onde a forma teria penetrado na România através da França e da Itália, mas não possuímos quaisquer dados capazes de confirmar tal hipótese. A influência poderia ter-se manifestado também em sentido contrário.

mente era apenas sensível no século 6 e que foi durante o período bárbaro que o sentido original do substantivo **mente** se foi esvaziando, até acabar por constituir com o substantivo um simples advérbio (167). Nas Glosas de Reichenau **solamente** traduz o clássico **singulariter.** Em **La vie de Saint Alexis** (século 10) se encontra com frequência, por exemplo: "Puis converserent ensemble **longement.** Que d'enfant n'ourent peiset lour en **fortment.** Deu en apelent amdui **parfitement**" (vv. 21 a 23).

O sufixo adverbial não é apenas uma criação tardia. É certamente uma criação erudita com origem no latim da época. Com efeito, os advérbios modais em **mente** nascem, como é sabido, de uma locução modal no caso ablativo, formada do substantivo **mens** + um adjetivo, e. g., **bella mente.** A língua popular da época não usaria já tal construção sintética e latina. Em lugar do ablativo teríamos uma preposição, como se vê de expressões romances correspondentes. Assim port. **de boa mente, de má mente,** e. g., no **Livro da Montaria:** "se vir que lhe anda pesadamente na treela, ou **de maa mente**" (I, cap. 14).

O tratamento fonético, parcialmente irregular, em algumas línguas confirma a observação anterior. Com efeito, o espanhol antigo hesita entre **-miente** e **-mente** (168), com **e** conservado, acabando por prevalecer a última. Meyer-Lübke nota a irregularidade fonética dos sufixos **-mente** e **-mento,** com **e** fechado em lugar de **e** aberto regular, no italiano. A exceção italiana pode explicar-se pelo fato de não termos alí formações genuìnamente populares (169). A fonética das outras línguas pouco esclarece

---

(167) "C'est pendant l'époque barbare que le sens propre du mot s'est peu à peu éffacé. On n'en a pas de preuves directes: mais on peut le conclure de ce fait qu'au X^{e} siècle *ment* n'est plus qu'un élément adverbial" (*op. cit.*, I, pag. 210).

(168) — *miente*, cremos, explica-se pela presença do substantivo na língua. Êste devia ser mais antigo, pois que se encontra também no romeno (minte). Na língua arcaica vem também *mientre*, forma que surge por analogia com os advérbios *domientre* (dum interim) e *tamientre* (tam interim). Os advérbios em *-mientre* já vêm nas *Glosas Emilianenses* e *Silenses*: *muda mientre* (*Silenses*, 20).

(169) Mas veja-se Grandgent, *From Latin to Italian*, pag. 25, sôbre algumas outras formas. Não julgamos, por isto, decisiva a sugestão acima. O engadino tem a forma regular *-maing*.

aquí. Mas a ausência do sufixo no romeno confirma a hipótese de sua criação em época posterior ao latim vulgar (170).

PREPOSIÇÕES FORMADAS DE PARTICÍPIOS ABSOLUTOS — Além das preposições vindas do latim vulgar, as línguas românicas — sempre do Ocidente — criaram mais tarde certo número de preposições pela cristalização de particípios usados em expressões absolutas. As referidas expressões são da língua culta, formadas já no latim medieval, ou imitação de tipos latinos correspondentes (171). O particípio, quando passado, acaba por tornar-se invariável na expressão, esvaziando-se do seu valor de particípio absoluto. A tendência para reduzir tais particípios a formas petrificadas nota-se já em latim, onde se encontram desde a época arcaica expressões como **absente nobis, astante civibus.** Durante a Idade Média observa-se a mesma tendência nas línguas românicas. Assim encontramos em textos portugueses antigos: "e todollos domyngos **tirado** os da quaresma" (**Regra de S. Bento,** XXXXVII); "**passado** alguns dias... mandou alçar huma cruz" (Gandavo, **História da Província de Santa Cruz,** cap. I). Mesmo modernamente se nota esta tendência no falar do povo. Ainda há pouco encontrávamos em uma prova esta frase "**dado** certas idéias religiosas".

Destas formações consagradas muitas se reduzem a meras preposições, enquanto outras assumem função prepositiva apenas em certas circunstâncias: são preposições em elaboração. Algumas delas já vêm formadas do latim, onde se usavam em expressões jurídicas, etc.. Stolz-Schmalz notam que **mediante** e **excepto** se tornam invariáveis no latim da decadência (172). Outras surgem na Idade Média. Muitos dos particípios antigos se tornam invariáveis durante o romance medieval, concordando ainda com o substantivo no período mais antigo, como se vê das expressões fran-

---

(170) O romeno emprega regularmente, como advérbios, simples adjetivos, e. g. "foarte larg recompensaţi" (= mui largamente recompensados), Radulescu. Frequentemente forma-se um advérbio com o sufixo *-eşte* (<*isce*), em que o -e é certamente o velho sufixo adverbial latino, por exemplo em *latineşte.* E' verdade que o sufixo ocorre no veglioto sob a forma *-miant(a)*, e. g., *fenalmiant, spisialmianta,* mas êste dialeto dalmático continuou ligado ao Ocidente na Idade Média e denota grande influência latina e italiana. Note-se, por exemplo, *affuár* (= it. *affare*), *santificuót, cotidiun, tentatiáun, misericuárdia,* etc.

(171) De fato, cremos que a vitalidade das orações participiais absolutas nas línguas neo-latinas se deve principalmente à tradição literária, como adiante veremos.

(172) *Op. cit.*, pag. 638.

cesas "**exceptées** les terres", "**hors mises** les cordes", "**veue la** déposition", etc. (173).

Como a maior parte destas criações medievais pertencem a tôdas as línguas do Ocidente românico, servem elas de exemplo notável da incessante unidade linguística que aquí investigamos.

Lembremos, entre muitos exemplos: fr. **pendant, durant, hormis** (literalmente: **posto fora**, daí **exceto**), **moyennant** (particípio presente de **moyenner**, traduzindo o latim **mediante**), **nonobstant, attendu, excepté, supposé, vu, compris, sauf.** No italiano ocorrem **salvo, eccetto, mediante, dato, durante, stante** (com o sentido de "desde, pois que, durante"), **nonostante, levato.** No provençal temos **eissetz** (exceto), **septat** (literalmente: **excetuado**), **mest** (**mixto**, daí: **entre**), **durant**, etc.. Assim no português **durante, exceto, não obstante, salvante, tirante** (173 bis), **mediante, visto, salvo** (já na **Regra de S. Bento:** "salvo as lições que nõ sejã leudas", XXXXIII), etc.. Formas correspondentes temos geralmente no espanhol.

Um ligeiro exame destas preposições participiais revela-nos imediatamente a origem latina e erudita das mesmas, pelo seu aspecto fonético, e. g., **mediante, exceto, não obstante, salvo.** Outras são românicas, mas recentes, devendo-se a sua ocorrência em tôdas as línguas do grupo à imitação literária.

Reduzidos os particípios a preposições, antepõem-se sempre ao substantivo, mesmo no francês, onde as orações participiais absolutas têm o particípio posposto. No caso de **durant** esta ordem prevalece até o século 16, e. g., "le mariage durant".

CONCLUSÃO. Como se vê, não é muito o que se pode atribuir à tradição latina ou à criação erudita posterior no terreno da morfologia. De fato, limita-se esta contribuição a introduzir alguns elementos sufixais novos, como no caso do advérbio e do superlativo, uma categoria nova como a dos numerais ordinais, e a fixação gramatical definitiva, senão a criação nova, de algumas formas perifrásticas da conjugação românica. Mas, se é pouco, a razão está em parte, ao menos, em que a morfologia é a parte menos inovadora da língua. O que há é produto de nivelamento analógico e eliminação de irregularidades principalmente.

II A SINTAXE

Maior, bem maior do que na morfologia, é o trabalho medieval de elaboração na sintaxe românica sob a influência direta do

(173) Brunot, *Hist. de la lang. fr.*, I, 469.

(173) bis) *Tirante, salvante* e outros são na origem participios absolutos com sujeito indeterminado (ver Epifânio, *Syntaxe Hist.*, pag. 253).

latim do tempo e não raro, na Ibéria e na Itália, sob uma certa influência francesa ou mesmo provençal, servindo estas línguas muitas vezes de canal por onde entravam os latinismos. A sintaxe do romance popular, cujas fontes estavam no latim falado do Império, devia ser muito pobre e imperfeitamente delineada. O pensamento popular exprimia-se fàcilmente com pobres recursos sintáticos.

Sôbre a importância do latim medieval na constituição da nova sintaxe romance, parecem-nos sensatas as palavras de G. Pepe: "Ignoramos, sobretudo, se êste **sermo plebeius** tinha uma sintaxe própria; mas talvez não tivesse senão a sintaxe simples dos ignorantes que o falavam. O **sermo plebeius**, alterado ainda pelos bárbaros, concorria para a criação de formas léxicas e morfológicas novas que se conservaram por tôda a Idade Média; o latim eclesiástico, ao contrário, contribuíu, além do mais, para as construções sintáticas". O autor passa a mencionar, entre os fenômenos mais característicos dêste latim da Igreja, "o futuro de forma perifrástica, o desaparecimento das desinências passivas e o emprêgo dos auxiliares; o uso do pronome **ille** como artigo, construções idiomáticas frequentes com o verbo **facere**; as conjunções **ut**, **quia** e **quod** em lugar do acusativo com o infinito; o uso arbitrário do genitivo (174). Salienta ainda Pepe a importância da influência grega no latim eclesiástico.

A sintaxe de uma língua se deixa frequentemente influenciar por línguas vizinhas de maior prestígio literário e cultural, sobretudo quando falta ainda uma tradição cultural e literária própria. Assim a influência grega sôbre a sintaxe latina é maior nas versões bíblicas e na Patrística do que na língua clássica, onde a conciência de um patrimônio linguístico nacional opunha certa resistência às construções gregas. É razoável admitir que algumas destas acabassem por prevalecer no latim eclesiástico. Da mesma forma, o prestígio do latim eclesiástico medieval devia, ainda em grau maior, concorrer para a fixação da sintaxe "embrionária" e pobre do romance popular, à medida que êste ia evoluindo, formando os dialetos literários nascentes.

Fixado mais ou menos um dêstes dialetos nacionais (ou dois: o francês e o provençal), os outros, surgindo um pouco mais tarde, e dominados, durante séculos, pelo alto prestígio literário daquele, não escapariam à sua influência modeladora. A dificuldade maior está, aquí, em documentar diretamente muito desta influência dos primeiros tempos da literatura românica, porque teríamos de entrar na prehistória das diversas línguas, afim de comprová-la. Demais, frequentemente a influência consistiu apenas na escolha de certas

---

(174) Em *Introduzione allo Studio del Medio Evo Latino*, pags. 124s.

formas latinas consagradas, que, feita primeiro em um centro, passava depois para as outras regiões.

Os resultados desta imitação são claros, mesmo quando não podemos traçar com segurança os pormenores dela. Muitas construções de caráter recente na sintaxe românica, insuficientemente explicadas pela presença do latim medieval, as quais, entretanto, pertencem igualmente a tôdas as línguas do grupo, devem resultar da unidade literária e cultural da România, cujo centro principal esteve, desde a época carolíngia até o Renascimento, na França, sobretudo durante os séculos 12 e 13.

Sabemos que em geral se tem desprezado como insignificante a influência sintática francesa na Itália e na Ibéria medievais, embora se reconheça universalmente a sua grande contribuição para o léxico das línguas irmãs, nos chamados galicismos medievais. Não vemos razão para restringir assim a influência francesa. O prestígio desta língua, especialmente no campo literário e cultural, era imenso por tôda parte, segundo já vimos antes. Os gêneros literários franceses se imitavam na Itália e na Ibéria. Havia côrtes francesas ou afrancesadas numerosas. É verdade que o prestígio da língua francesa tornou a ser muito grande mais tarde, dos séculos 17 a 19, por tôda a Europa, mas nunca mais ocupou a mesma hegemonia que teve durante a Idade Média, hegemonia que se faria sentir mais decididamente pelo fato de ainda não estarem fixados os dialetos literários românicos e ficarem por isto mais expostos a influências externas. Pois bem, a influência francesa moderna revelou-se frequentemente na sintaxe das línguas irmãs, e não só no léxico. A conciência nacional reagiu muitas vezes contra ela por meio dos puristas, mas nem sempre com êxito. Muito menor seria esta resistência na época de formação da língua literária. Se certos galicismos sintáticos iniciais se perderam depois, outros acabaram por incorporar-se definitivamente nestas línguas.

Alguns exemplos mais notáveis da influência francesa moderna na sintaxe das línguas irmãs, mormente do português e do espanhol, ilustrarão a realidade dêste fenômeno. Mário Barreto, purista rigoroso e incansável batalhador contra os galicismos, reconhece o inevitável desta imitação: "no capítulo... de galicismos, diz êle, todos pecamos" (**Fatos da Língua Portuguesa**, pag. 23). Mário Barreto reconhece a influência léxica e muitas vezes a sua necessidade, mas considera um perigo para a integridade da língua portuguesa a construção gramatical estrangeira (**Novos Estudos**, pag. 348). Entretanto, ela se verifica com frequência, embora coincida muitas vezes com tendências já existentes na língua (175). E ela

(175) Sôbre a frequência com que a imitação de construções estrangeiras e tendências já existentes na lingua concorrem juntas para inovação sintática ver a nota suplementar do Autor ao seu trabalho *A Morfologia e a Sintaxe do Genitivo Latino*, boletim n.º 55 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

sempre se verificou. Não escaparam a ela os clássicos; apenas consideramos modernamente português de lei aquilo que eles empregaram, mesmo que tenha vindo de fora. Já Duarte Nunes de Leão atribue as francesias do vulgar português "às idas que os portugueses faziam à França" (**Origem da Língua Portuguesa,** cap. II, apud Rui Barbosa, **Réplica,** § 468). Mesmo um clássico perfeito como Vieira usa expressões como "digo de não" em cartas escritas da Itália, por imitação do italiano certamente (175 bis).

Fenômenos da sintaxe francesa que se alastram assim para as línguas irmãs são, por exemplo, alguns empregos de preposições: assim, **a** por **de** em expressões como **barco a vapor, navio a vela, fogão a carvão.** Mas a expressão francesa vem mesmo em escritores cuidadosos como Garrett e Camilo, e até no purista intransigente, Cândido de Figueiredo, que escreve "locomotivas a vapor" e "máquinas a vapor" (M. Barreto, **Fatos,** pags. 21s.). A mesma construção aparece em espanhol (e. g., **máquina a vapor, molino a viento, lámpara a petróleo,** por **máquina de vapor,** etc., e no italiano, e. g., **macchina a vapore.** Assim também disseminou-se o uso francês de **en** por **de,** para indicar complemento de matéria, como em "montre en or", embora clamem os puristas contra semelhante emprêgo. Mas conseguirão impedir o seu triunfo? Quanto ao italiano, observa Morelli: "Errôneo é o emprêgo de **in** para indicar o complemento de matéria: **lapide in marmo, scaffalle in acciaio, scialle in lana**" (**Nostro Dire,** pag. 317), mas o galicismo encontra-se mesmo em escritores elegantes e cuidadosos como Luzzi, e. g., "un monumento in marmo bianco" (176). Assim no espanhol se ouve **estátua en marmol, busto en bronce,** e no português muito comumente: **estátua em bronze, busto em mármore, vestido em seda** (177). Galicismo corrente entre nós e já consagrado é o uso de **por** em lugar de **de,** etc., em expressões como: **amor pela justiça, gôsto pela pintura, zêlo pela fé.** (177 bis).

(175 bis) E' verdade que esta construção já se encontra no português arcaico, como nos aponta o eminente Prof. Sousa Lima. Não cremos, porém, que isto exclua a influência italiana em Vieira.

(176) Em *Dall Alba al Tramonto,* pag. 112.

(177) M. Barreto, *Estudos,* pag. 353.

(177 bis) E' possivel que a confusão frequente a que se prestava o *de* com função objetiva, e. g., em *amor de Deus,* tenha concorrido para estender-se a nova construção, como apontou um dos eminentes críticos do presente trabalho, mas, havendo na língua diversas outras preposições capazes de exprimir a mesma relação, cremos que a preferência que se vai dando a *por* se deve especialmente ao francês.

O emprêgo do gerúndio como simples adjetivo tem progredido em português e no espanhol por imitação francesa, embora, segundo pensamos, existam outros fatores e antigos para certos empregos adjetivos do gerúndio, como adiante veremos. A. Bello se refere a uma frase como "envió cuatro fardos, conteniendo veinte piezas de paño" e chama-lhe "uno de los más repugnantes galicismos que se cometen hoy dia" (178). Nas duas línguas da Ibéria se nota, por imitação francesa, uma tendência para o abuso do artigo indefinido e do pronome pessoal sujeito (como em **eu escrevi a carta** em vez de **escrevi a carta**) e dos possessivos. Não nos é necessário esgotar a lista dêstes galicismos sintáticos que todos conhecem. O que aí fica basta para evidenciar a larga disseminação de construções francesas na România ocidental como resultado do prestígio da cultura e da literatura da França moderna (179). Não padece dúvida que influência semelhante, mas mais profunda e duradoura, exerceu o francês muitas vezes nos primeiros séculos de formação literária românica.

Examinemos agora algumas criações sintáticas do romance, reveladoras da sua unidade, originadas no latim medieval ou no próprio romance.

A CONCORDÂNCIA — As línguas românicas conservaram, em linhas gerais, as regras de concordância latina até onde possível, e. g., em gênero e número. Nem parece haver grandes inovações neste terreno com o surgir da literatura. Naturalmente a língua espontânea do povo fazia mais frequentemente a concordância **ad sensum**. Assim a princípio o romance, mais próximo de sua fonte popular, admite o verbo no plural com um sujeito coletivo singular, e. g., prov. "tota la soa gentz monteron", it. ant. "la brigata non seppono", port. "tôda esta clerezia tinham tochas acesas nas mãos" (**Garcia de Rezende,** apud **S. Bueno**). Ao contrário, modernamente evita-se tal construção, exceto quando o nome coletivo tem um complemento no plural. Sem dúvida foi a tradição clássica e a preocupação da correção gramatical que levaram as línguas românicas a reagir contra esta tendência popular.

Outro ponto em que as línguas românicas se orientaram pelo latim, em parte ao menos, foi na concordância dos adjetivos, quando modificam vários substantivos. A regra latina é que neste caso, sendo o adjetivo atributivo, concorda com o substantivo mais próximo, e. g., "Caesaris **omni** et gratia et opibus sic fruor ut meis"

---

(178) *Gramática Castellana,* § 1128.

(179) Agradecemos à gentileza dos profs. I. Becker e G. Leoni da Faculdade de Filosofia do Instituto Mackenzie algumas preciosas informações sôbre galicismos no espanhol e no italiano respectivamente.

(Cícero, **Ad Familiares**, 1, 9, apud Madvig) (180). As regras românicas de concordância do adjetivo atributivo são um tanto complexas, mas em geral se observa a tendência para fazer concordar o adjetivo com o substantivo mais próximo, sobretudo quando o adjetivo precede a êste, e. g., esp. "con eterno nombre y vida", "su distinguido mérito y servicios"; fr. "en ce meschant monde et vie"; port. "outra manha e ardil que te contente" (**Lusíadas**, I, 81) e com o adjetivo posposto: "com hua coroa e sceptro rutilante" (**ib.**, I, 22), "com ímpeto e braveza desmedida" (**ib.**, I, 35), "onde vestindo a forma e gesto humano" (**ib.**, I, 77) (181). Há casos nos quais não se admite esta concordância, mas estes não interessam ao nosso objetivo. O uso da concordância com o substantivo mais próximo, tão do gôsto dos nossos clássicos, mesmo quando o adjetivo está posposto, como vimos dos exemplos de Camões, imita certamente a gramática latina, onde a concordância com a palavra mais próxima é um dos traços mais distintivos, tanto no adjetivo como no verbo.

A concordância do pronome predicativo **o** e **a**, quando se refere a um substantivo antecedente determinado, enquanto fica invariável quando substitue um substantivo indeterminado ou um adjetivo, é, segundo Dauzat, uma criação artificial de gramáticos (Vaugelas formulou a regra para o francês). A mesma distinção se estende fora desta língua, sendo, sobretudo muito observada em português. Assim em francês temos "Etes-vous reine? je **le** suis", mas "Etes-vous la reine? Oui, je **la** suis", que se traduzirá literalmente em português: "és tu rainha? Sou-o", mas "és tu a rainha? Sou-a". Cf. em espanhol uma frase como "Todos se precian de patriotas; y sin embargo de que muchos **lo** parecen, cuán pocos lo son!" (182).

A ORDEM DAS PALAVRAS — A ordem românica afasta-se bastante da latina. A tendência para a inovação não se deve conceber como uma revolução completada no latim vulgar, embora nele tenha as suas raízes, pois que já na língua arcaica se encontram indícios da ordem nova. Esta se fixa lentamente e chega de um modo definitivo ao tipo românico depois de séculos de vida literária. Basta uma leitura ligeira de textos medievais para se ver que a ordem moderna está longe de fixa naquela época.

---

(180) Ver Madvig, *Grammatica Latina*, tradução de Epifânio, pag. 177.

(181) Sôbre o assunto ver Diez, *Gramm. des lang. rom.*, III, pags. 86s., A. Bello y Cuervo, *Gramática Castellana*, § 839 e a *Gramática de la Lengua Española* da Academia.

(182) A. Bello y R. Cuervo, *Gramática Castellana*, § 298.

Não discutiremos a influência mútua que pode ter levado as línguas românicas ao mesmo tipo geral, pois que a tendência para a ordem direta parece herança comum de tôdas elas, mesmo do romeno. Limitar-nos-emos a alguns casos em que as línguas literárias principalmente fixaram uma ordem semelhante ou idêntica para certos complementos. Evidenciará êste fato ainda a unidade da România no estabelecimento da ordem das palavras na frase e, não raro, na função semântica que esta pode assumir.

Os numerais ordinais. São, como já ficou dito, de introdução erudita na România, naturalizados ou criados por imitação semierudita ou erudita do latim. Em referência à ordem, note-se que em tôda a România se pospõe geralmente o cardinal com o valor de ordinal, e. g., port. **página seis,** fr. **page six,** it. **pagina sei,** esp. **la ley dos** (mas quando designam horas: port. **às seis horas,** etc.. Ao contrário, os ordinais, que geralmente se empregam com a mesma função em tôdas as línguas, se antepõem de preferência: fr. **sixième page, premier acte, la vingt-deuxième personne.** Assim port. **a primeira vez, o segundo livro, a terceira eleição;** it. **la sesta legione, il quarto anno, la deciottesima volta.** Nas numerações seriadas, como em títulos monárquicos, capítulos de livros, etc. temos posposição: fr. **Louis premier, chapître premier,** port. **Pio décimo, século terceiro,** esp. **Enrique cuarto, Frederico segundo,** it. **Pio undecimo, classe quarta.** Evidentemente esta concordância na ordem dos ordinais é fruto de uma elaboração comum.

Anteposição do auxiliar ao particípio passado na conjugação perifrástica. No romeno a inversão é frequente, e. g., "Respuns'a lorŭ Iisusŭ" (**S. João** X, 25. versão de 1874). Também no Ocidente os vestígios de uma ordem mais livre são numerosos na Idade Média. Interessante é que nas **Glosas Emilianenses** e nas **Silenses** o particípio se antepõe sempre ao verbo auxiliar no começo da frase ou mesmo quando é precedido por uma palavra (**feito je, kematu siegat, ka benduta fuit**) (183). Na **Chanson de Roland** encontramos "oit l'avez" (v. 321), embora aí, como no **Poema del Cid,** prevaleça a ordem direta. No português arcaico a inversão aparece, por exemplo, na **Demanda do Santo Graal,** e. g., "**e metuda hei** minha esperança em Nosso Senhor" (§ 4), "pois feito é", etc..

A fixação posterior é uniforme em todo o Ocidente, em oposição ao romeno, e não nos parece de desprezar a unidade linguística ocidental como fator dêste resultado final.

A colocação do adjetivo qualificativo. As línguas românicas ocidentais, embora tendam comumente para a posposição do adjetivo

(183) M. Pidal, *Orígenes del Español,* pag. 399.

atributivo (183 bis), conservam uma notável distinção, que se tem procurado definir de diversos modos, mas sempre com o mesmo sentido essencial. Assim Zauner (184) dá, como regra, que o adjetivo anteposto designa uma qualidade subjetiva atribuída ao ser designado pelo substantivo, ao passo que posposto indica objetivamente a qualidade, distinguindo um ser de outros da mesma espécie, e. g., fr. **une lumière brillante**, mas **un brillant succès; de l'eau froide**, mas **un froid accueil.** Distinção semelhante se encontra em Meyer-Lübke, para quem o adjetivo anteposto forma com o substantivo "uma idéia única", designando uma qualidade que é de algum modo inerente ao substantivo. O adjetivo posposto, ao contrário, designa antes qualidades pelas quais o substantivo se distingue de outros (185). Podemos dizer, de um modo geral, que a posposição serve de destacar o substantivo dentre outros da mesma espécie: **o livro grande, o filho sábio, o guarda fiel,** enquanto anteposto, o adjetivo enuncia antes qualidade inerente subjetivamente apreciada. É o campo das qualidades morais, figuradas, ao passo que a posposição ocorre normalmente com as qualidades materiais, perceptíveis a todos. Apesar de peculiaridades próprias a cada língua, esta distinção aplica-se, nas suas linhas gerais, a tôda a România ocidental. Assim na sua **Grammatica degl'Italiani** Trabalza e Allodoli, reconhecendo embora que a posição "depende da intuição de quem fala", acrescentam que a posposição distingue a qualidade, enquanto a anteposição exprime propriedade que acompanha normalmente o substantivo; a posposição individua (e. g. **romanzo storico**), indica qualidade sensível de forma, côr, etc. (una treccia nera, una barba bianca), etc. (pags. 125 a 129). A gramática da Academia Espanhola, usando palavras diferentes, faz a mesma distinção fundamental. Para ela o adjetivo explicativo antepõe-se ao substantivo, e. g., **la mansa oveja, la cándida paloma, la blanca nieve** (185 bis).

(183 bis) Apenas o rético prefere sempre a anteposição, por influência alemã evidentemente.

(184) Em *Romanische Sprachwissenschaft*, II, § 108.

(185) *Gramm. des lang. rom.*, III, § 730.

(185 bis) Sôbre o português ver Silveira Bueno, *Gramática Normativa*, pags. 443 s M. de Sousa Lima, *Gramática Expositiva*, pag. 373, E. C. Pereira, *Gramática Histórica*, pags. 299s, Epifânio, *Syntaxe Histórica*, pag. 327, onde se encontra a mesma distinção. Convém lembrar ainda uma vez que diferenças de pormenores entre as diversas línguas não anulam a notável concordância destas entre sí em oposição ao romeno. Embora o francês, às vezes, prefira a anteposição, por uma influência germânica maior (ver Dauzat, *Le génie de la lang. fr.*, pag. 232), em geral está de acôrdo com as outras línguas.

Na posposição do adjetivo temos a herança romance popular, que qualifica os objetos materialmente por aquilo que os distingue dos demais; na anteposição, que encerra sobretudo uma apreciação subjetiva, estética, moral ou espiritual, temos antes um recurso da língua literária, fixado nela durante o seu desenvolvimento histórico. Como já se disse na nota anterior, o francês, por exemplo, nem sempre observou esta regra, notando-se, na Idade Média sobretudo certa preferência para a anteposição, e. g., na **Chanson de Roland** "une vermeille plume" (v. 386), ordem que se impôs nos dialetos franceses do Leste. Convém, aliás, lembrar que a distinção atrás mencionada não é absoluta até hoje nas línguas românicas.

Em oposição às línguas do Ocidente, o romeno desconhece a distinção, colocando o adjetivo normalmente depois do substantivo. Uma comparação de alguns textos bíblicos traduzidos para as diversas línguas românicas revela a concordância do Ocidente de um lado e a discrepância do romeno, de outro. Assim Gênesis 1-21: "Criou Deos pois os **grandes peixes**" (Padre Figueiredo), "Dieu créa les **grands poissons**" (L. Segond), "Dio creà i **grandi mostri** aquatici" (Luzzi), mas na versão romena de 1874: "*ş*i Dumnezeŭ creâ **cetiĭ** ceĭ marĭ"; Gênesis 7-11: "se rompêrão todas as fontes do **grande abismo**", "toutes les sources du **grand abîme** jaillirent", "tutte le fonti del **grande abisso** scoppiarono", mas em romeno: "se desfacură tote isvorele **adûnculuĭ celuĭ mare**". Assim II Tim. 4-7: "eu pelejei huma **boa peleja**", "j'ai combattu le **bon combat**", "Io **ho** combattuto il **buon combattimento**", mas romeno: "**Lupta cea bună** amŭ făcutŭ".

A colocação romena representa, sem dúvida, o triunfo de uma tendência que vem do latim vulgar, ao passo que o Ocidente, em contacto com o latim eclesiástico medieval, conservou a anteposição como recurso expressivo, com o valor semântico já indicado. Neste generalizar da posposição o romeno se afasta das línguas vizinhas que poderiam ter exercido influência sôbre êle, deixando claro que o tipo romeno é herdado do latim vulgar. Sôbre o grego moderno observa Thumb que, se a colocação normal é a posposição, o adjetivo se antepõe quando tem valor enfático (186), e. g., σ'αὐτῆς τῆς φτωχῆς κόρης τὸ σπίτι (na casa desta **pobre menina**). Examinando os textos bíblicos acima citados, em uma versão grega moderna, verifica-se a concordância do grego com as línguas ocidentais geralmente, e. g., em Gênesis 7-11: "ἐσχίσθησαν πᾶσαι αἱ πηγαὶ τῆς μεγάλης ἀβύσσου".

---

(186) "wird aber schon bei leichter Emphase vorangestellt" *Handbuch der Neugr. Volkssprache*, pag. 195. O que o autor entende por ênfase revela-o o exemplo acima. A distinção é aproximadamente a das línguas ocidentais.

Também se opõe a colocação romena à ordem eslava, embora tenha sido êste o superstrato que mais profundamente influenciou o romeno na fase de formação da língua. No eslavo litúrgico a posposição existe (186 bis), mas ela não é de regra. Antes, tratando das línguas eslavas em geral, Delbrück dá como regular a anteposição (187). A conclusão natural dêstes fatos é que o romeno, e não as línguas ocidentais, como se lê em Stolz-Schmalz, representa a tradição popular latina, pelo menos na sua fase final (188).

No latim clássico predomina a anteposição. Delbrück cita uma estatística de alguns adjetivos feita por Albrecht nas cartas de Cícero, segundo a qual, nelas, **magnus** precede o substantivo 424 vezes e o segue apenas 57. Nas mesmas **tantus** vem anteposto 119 vezes e posposto 9. **Multus** antepõe-se 80 vezes e pospõe-se 11, **omnis** está anteposto 380 vezes e posposto 98, etc. (189). Entretanto, mesmo no latim clássico já se nota que os adjetivos, quando usados especialmente para destacar objetivamente uma qualidade, são normalmente pospostos: **vinum album, aqua dulcis** (190). O que pode explicar, em parte pelo menos, o predomínio da anteposição no latim é a abundância dos recursos expressivos e afetivos da língua.

Em conclusão, as línguas neo-latinas ocidentais preservam uma velha distinção funcional da colocação do adjetivo como herança, muito provàvelmente, da tradição culta e literária do latim medieval. Não nos parece que exemplos como os da **Peregrinatio** aduzidos por Stolz-Schmalz sejam suficientes para demonstrar uma tradição genuinamente popular. Êste texto, apesar dos seus vulgarismos, conserva muito da língua culta, como é fácil de ver por um estudo da gramática e do léxico do texto (191).

(186 bis) Ver por exemplo Lucas 5-22ss na coletânea de textos em Leskien, *Handbuch der Altbulg. Sprache.*

(187) "In den Slavischen Sprachen steht ebenfalls das einfache Adjektiv voran" (*Grundriss*, V, pag. 96).

(188) "Dieses Stellungsgesetz galt in der Volkssprache von Anfang an und ist im späteren Vulgärlatein und Romanischen streng durchgeführt" (pag. 616).

(189) Delbrück, no *Grundriss*, V, pag. 95. Com exceção de *magnus* trata-se, de fato, antes de pronomes.

(190) Delbrück, no *Grundriss*, V, pag. 96. Cf. também Stolz-Schmalz: "objektiv bestimmende (intellektuell-sachliche) Adj. stehen habituell nach (*ius civile* wie *ius civium, populus Romanus, navis longa,* als Schifftyp, usw)" (pag. 616). Cf. a diferença entre *praetor urbanus* e *urbanus praetor.*

(191) Um exame da colocação do adjetivo na Vulgata pouco revela, por seguir esta muito de perto o grego, frequentemente em oposição às linguas românicas. Cf. Gen. 1-16, Jó 1-8, Mat. 7-13 e 13-24, João 1-18, 2-10, 4-23, etc..

Valor semântico da colocação de certos adjetivos. Como resultado da regra que acabamos de estudar, as línguas do Ocidente desenvolveram em muitos adjetivos um sentido translato pela inversão. Esta especialização, que é o produto de uma fixação semântica tardia, pois que os textos mais antigos revelam a sua inexistência (192), serve de ilustrar bem a unidade sintática da România ocidental.

Entre os adjetivos que admitem acepção diferente, segundo a posição, temos, entre outros, **grande:** port. **homem grande** e **grande homem**, fr. **un homme grand** e **un grand homme**, it. **casa grande** e **gran casa**, etc.; **bom:** port. **um bom homem** e **um homem bom**, fr. **homme bon** e **bon homme** (ingênuo, inofensivo), etc.. Assim ainda fr. **homme pauvre** (sem recursos) e **pauvre homme** (digno de dó), esp. **hombre pobre** e **pobre hombre**, it. **uomo povero** e **pover'uomo**, port. **homem pobre** e **pobre homem**; fr. **soldat simple** e **simple soldat**, port. **soldado simples** e **simples soldado**, esp. **una simple criada** e **una criada simple**; fr. **un fait certain** e **un certain fait**, esp. **amigo cierto** e **cierto amigo**, it. **amico certo** e **certo amico**, etc.; fr. **personnes différentes** e **différentes personnes**; it. **diversi giorni** e **giorni diversi**, port. **amigos diversos** e **diversos amigos**, fr. **objets divers** e **divers objets**; fr. **homme galant** e **galant homme** (de bem), it. **uomo galante** e **galantuomo**; fr. **ciel pur** e **pure perte**, port. **vida pura** e **pura perda**, it. **coscienza pura** e **pura immaginazione**; fr. **des pierres rares** e **des rares pierres**, port. **pedras raras** e **raras pedras**, etc.; fr. **fruit mûr** e **mûre réflexion**, it. **pesca matura** e **matura riflessione**, port. **maçã madura** e **madura reflexão.**

"Os gramáticos distinguiram, afirma Dauzat, dois valores de **même** segundo a sua colocação, tendo-se especializado o uso proclítico para indicar identidade (**le même homme, il emploie les mêmes termes**), enquanto **même** posposto ao nome indica a precisão (**ce sont ses termes mêmes**)" (**Hist. de la lang. fr.**, pag. 428). Tendência semelhante para distinguir o sentido da forma correspondente se nota nas outras línguas, embora ela não seja absoluta: cf. esp. "este cuadro es del mismo pintor", mas "Juan mismo me lo ha dicho" (Ver **Gramática de la R. Academia Esp.**, § 229). Assim o italiano distingue "i medici stessi" (até os médicos) e "Gli stessi medici" (os mesmos médicos) e assim por diante.

A REGÊNCIA — Se em geral a regência românica está constituída desde o latim vulgar, ou pelo menos se delineia desde então em seus caracteres distintivos comuns à Dácia e ao Ocidente, temos, em um grupo de verbos eruditos e semieruditos tomados ao latim medieval ou clássico pelas línguas ocidentais, uma bela ilustração

(192) Cf. Dauzat. *Les Etapes*, pag. 109: "de l'âge classique datent les distinctions entre *brave homme* et *homme brave*, etc.).

de quanto estas se copiam mùtuamente na construção sintática. Esta influência se evidencia principalmente quando a regência românica é diferente da latina ou, pelo menos, diverge da construção comum daquela língua. Alguns exemplos são: lat. BENEDICERE e MALEDICERE. Em latim clássico regem o dativo, mas recebem frequentemente o acusativo no latim eclesiástico e medieval. Assim na Vulgata" benedixit Dominus Obededom et omnem domum eius" (II Reg. 6-11). Aquí as línguas românicas seguiram a sintaxe eclesiástica, e. g., fr. **benire** e **maudire** (arc. **beneire, maldire**) tirados do latim eclesiástico; it. **benedire** e **maledire,** esp. **bendecir** e **maldecir,** port. **bendizer** e **maldizer.** PERSUADERE é verbo erudito e medieval (no francês desde o século 14). Em oposição ao dativo latino (e. g., **persuadere alicui**) as línguas românicas pedem objeto direto: fr. **je le persuade,** port. **persuadí-lo-emos,** etc.. PRAESIDERE pede regularmente o dativo em latim — encontra-se com o acusativo quando significa **proteger** (e. g., **praesidere socios**). É erudito na România, mas rege por tôda parte o acusativo: fr. **présider un concours,** port. **presidir uma reunião,** e assim no italiano e no espanhol. Ao lado do acusativo também se encontra o dativo, assim fr. **présider aux préparatifs.** SATISFACERE ALICUI é a construção latina, ainda usual na Vulgata. Na România é recente e erudito (apenas it. **soddisfare** apresenta forma popular do prevérbio). O fr. **satisfaire** data do século 14. Tôdas as línguas românicas concordam em fazê-lo transitivo: fr. **satisfaire les maîtres,** it. **soddisfare un amico,** port. **satisfazer os credores.** Outra vez, ao lado da construção românica normal, depara-se também a latina, sobretudo no italiano, e. g., **soddisfare al popolo,** e também no catalão antigo "per satisfer a lur apetit" (Metge), mas hoje o verbo é transitivo, seguindo a tendência geral do grupo (193). SUCCURRERE é certamente semierudito: um composto de **currere** adotado pelas línguas românicas sob o modêlo latino (o romeno não o conhece). A forma arcaica do francês, **secorre** é fonèticamente irregular (o simples era **courre**). Quanto à regência tôdas as línguas do grupo concordam, outra vez, em tornar o verbo transitivo: fr. **secourir les malheureux,** it. **soccorrere gli assediati,** port. **socorrer os pobres,** etc.. CEDERE constroe-se comumente com o dativo, embora ocorra também com um acusativo ao lado daquele, e. g., "victoriam cedere hostibus". Nas línguas românicas o verbo tem valor semântico especial (dar, entregar) e constroe-se de preferência com o acusativo, admitindo um dativo de pessoa ao lado daquele: fr. "Carloman céda le pouvoir à Pépin le Bref" (Larousse), it. **cedere terreno,** port. **ceder a casa.** Contudo, o dativo se encontra regularmente quando o sentido se aproxima do latim: fr. **céder à la force,** it. **cedere alla fortuna,** esp. **ceder a la autoridad,**

(193) A. Par, *Sintaxi Catalana,* pag. **132.**

etc.. INSULTARE vem com o dativo ou com o acusativo, no latim. Na România prevalece o acusativo, encontrando-se, porém, igualmente o dativo, sobretudo no italiano. Ambas as construções são latinas, mas a România prefere a transitiva.

PLAUDERE e APPLAUDERE. Em latim temos **nobis clare applaudite, applaudere sibi,** etc.. **Applaudere** entra na România por via culta, mas aquí passa a reger o acusativo: port. **aplaudir o cantor,** fr. **applaudir l'acteur** e assim por diante (194). Mesmo na forma do verbo se nota a uniformidade românica: port. e esp. **aplaudir,** fr. **applaudir,** it. **applaudire,** embora aquí também se encontre a forma latina: **applaudere.** Em lugar do latim **INVIDERE,** que regia o dativo normalmente, as línguas românicas criaram um derivado de **invidia** (fr. **envier** ocorre primeiro no século 12), mas tôdas o fazem transitivo. BLASPHEMARE é têrmo do latim cristão, tomado ao grego. Transitivo no latim, e. g., "Praetereuntes autem blasphemabant eum" (**Vulgata,** Mat. 27-39), "blasphemaverunt sanctum Israel" (**ib.** Isaias, 1-4). Esta construção sobrevive no fr. **blâmer** e it. **bestemmiare.** Mas a forma erudita reintroduzida mais tarde postula a preposição **contra** ou **de,** e. g., port. **blasfemar contra Deus,** esp. **blasfemar de la virtud, contra Dios;** fr. **blasphemer contre la religion** (no italiano **blasfemare** está antiquado, mas também era intransitivo aí, — Zingarelli). RENUNTIARE. A construção regular é **renuntiare vitae,** mas pode receber também o acusativo. Na România o acusativo é comum: port. **renunciar o cargo,** it. **renunziare la corona,** mas a construção indireta também existe, especialmente no francês, onde é normal. CONTRADICERE ALICUI em latim opõe-se ao port. **contradizer o orador,** fr. **contredire l'auteur,** etc..

Em alguns casos as línguas românicas mudam tôda a construção latina, como em **repugnare,** que geralmente se contrói na forma pessoal, e. g., **repugno amare,** embora se encontre já "simulatio amicitiae repugnat" (a simulação é incompatível com a amizade). Na România o verbo toma o sentido metafórico de **desafeição, incompatibilidade,** indicando com o dativo a pessoa que tem o referido sentimento, e pondo como sujeito aquele ou aquilo que o inspira: fr. **cet homme me repugne,** port. **o seu comportamento me repugna,** it. **questo ripugna al senso commune,** etc.. ABSTINERE é verbo ativo ou reflexivo: **abstinere (ab) aliqua re,** ou **abstinere se (ab) aliqua re.** Na România entra o verbo (fr. **s'abstenir** desde o século 13), mas como reflexivo: fr. **s'abstenir d'un jugement,** esp. **abstenerse del vedado,** etc. (O italiano usa também **astenere** como ativo). ABDICARE — com o sentido do nosso **abdicar** é reflexivo, levando o complemento para o ablativo: "abdicavit se magistratu". Na linguagem jurídica se usa como verbo ativo, significando re-

(194) Cf. fr. "j'applaudis à tout ce que vous dites" (Larousse).

nunciar: abdicare filium. Com êste sentido entra no francês no século 15, adquirindo bem mais tarde a significação latina acima (desde Luis XIV), mas conservando a construção nova: **abdiquer le throne.** Assim it. **abdicare la corona,** port. **abdicar a coroa** (cf. também **abdicar de alguma cousa,** Fr. Fernandes, **Dic. de Verbos).** SUICIDAR-SE não tem correspondente latino. É criação erudita, tirado de **suicide,** êste criado pelo abade Desfontaines (falecido em 1745), à imitação de **homicide** (Dauzat). O verbo dissemina-se pela România, mas sempre como reflexivo: it. **suicidarsi,** etc.. SPECULARI é verbo transitivo. Na România introduz-se como termo filosófico e com construção intransitiva (com a preposição **sôbre** e correspondentes): fr. **speculer sur un problème,** port. **especular sôbre o assunto,** it. **speculare su l'eternitá** (a construção transitiva também se encontra: it. **speculare le ascose verità,** port. **especular a causa,** etc..

Partitivo DE com verbos — Ocorre especialmente como complemento direto (195). É construção românica que não chegou ao seu completo desenvolvimento, exceto na Gália, onde foi muito além de sua função primitiva normal, e na Itália. Usado com alguma frequência nas línguas ibero-românicas antigas, perdeu-se mais ou menos totalmente depois.

O estudo do partitivo interessa-nos, por tratar-se de um fenômeno linguístico que se disseminou por todo o Ocidente românico, apesar da sua introdução tardia através do latim eclesiástico e medieval. É verdade que algumas expressões isoladas com **de** aparecem em latim, mas com uma forma pronominal expressa, assim na frase **nil gustabit de meo** (Plauto), citada por Grandgent (**Introducción,** pag. 81) (196). A construção do partitivo com o verbo é do latim eclesiástico e, com alguma probabilidade, de origem exótica. O de partitivo com os verbos transitivos é encontradiço na Vulgata, em Santo Agostinho, e. g., no muito citado "qui sacrificant de animalibus", em Orósio, na **Peregrinatio,** muito comumente em Gregório de Tours (197) e, mais tarde, em Beda (e. g., "tulit... de pulvere terrae") (198) e outros escritores.

---

(195) O partitivo poderia igualmente ser estudado com o artigo ou na morfologia, mas, como só em algumas línguas o *artigo partitivo* chegou a completo desenvolvimento, preferimos discuti-lo no capítulo da regência.

(196) Assim também "De praeda parcius dederat" de Tito Lívio, citado por Bourciez (*parcius* é que é o complemento do verbo).

(197) "Deutliche fast an die romanischen Verhältnisse heranrückende Beispiele finden sich erst im Spätlatein bei Aug (cf. 3,7...), etc." (Stolz-Schmalz, pag. 392). Citam-se aí também alguns outros escritores tardios.

(198) Ver D. R. Druhan, *op. cit.* pag. 104.

Na Vulgata o **de** se usa em construções partitivas, traduzindo o grego ἀπό da Septuaginta e êste, o hebraico **min** (preposição = **de**), e não é impossível que aí esteja a origem primeira do partitivo latino e, pois, do partitivo românico. Seria um produto interessante do excessivo literalismo das versões antigas. No hebraico **min** serve frequentemente de introduzir um complemento partitivo (198 bis). A versão grega do Velho Testamento feita em Alexandria, antes da era cristã, traduz **min** por ἀπό, conservando o partitivo do original. Por sua vez, as versões latinas, por exemplo a Vulgata, vertem ἀπό e **min** literalmente por **de**, introduzindo a construção hebraica no latim, e. g., Gênesis 2-17: "de ligno... ne comedas" = ἀπὸ δὲ τοῦ ξύλου... οὐ φάγεσθε; Gênesis 4-3: "offerret Cain de fructibus" = ἤνεγκεν Καιν ἀπὸ τῶν καρπῶν; Gênesis 4-4: "Abel... obtulit de primogenitis" = Αβελ ἤνεγκεν... ἀπὸ τῶν πρωτοτόκων; Gênesis 8-20: "tollens de cunctis pecoribus" = ἔλαβεν ἀπὸ πάντων τῶν κτηνῶν. Existem, porém, casos em que a Vulgata emprega, sem correspondente no original, o partitivo, e. g., em II Mac. 12-40, onde a Septuaginta tem só o acusativo como complemento verbal, enquanto a Vulgata traduz "invenerunt autem sub tunicis interfectorum **de donariis** idolorum". É possível, contudo, que a tradução se baseie em uma variante grega com o partitivo.

Com a hipótese da origem eclesiástica e mesmo exótica do partitivo concorda a ausência da mesma construção no romeno, onde a presença do eslavo só poderia ter favorecido a sobrevivência desta construção na língua, se jamais tivesse existido (199).

Podemos assistir, para assim dizer, à formação do partitivo românico durante o período medieval, outro indício do seu caráter recente. Seu emprêgo verbal limita-se ao objeto direto, enquanto mais tarde recebe aplicação muito mais lata, pelo menos no francês. Esta língua, a principio, pouco o emprega. Observa Bourciez: "Dizia-se ainda ordinàriamente em francês antigo **mangier pain**, raramente **mangier del pain**; o emprêgo do complemento partitivo a princípio só era um tanto frequente **na designação das relíquias: avoir del sanc Jesu Crist** (**op. cit.**, pag. 370). O último pormenor, que sublinhamos de propósito, é precioso indício de sua origem. Veja-se, além disto, a página 689 da mesma obra a respeito do progresso do partitivo no francês medieval. Não nos é possível acompanhar todo êste desenvolvimento posterior. Diremos

---

(198 bis) W. Gesenius, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch*, s. v. *min*.

(199) Sôbre o eslavo ver o Boletim n.º 55 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, publicado pelo autor, pag. 75.

algumas palavras apenas sôbre a sua disseminação. No provençal tem largo uso, como no francês (não ocorre, porém, no gascão), mas sem o artigo, e. g., "un pecadou que **trais de plour**" (um pecador que dá gemidos), Mistral, **Nerto.** No italiano empregou-se esta construção outrora com mais frequência do que hoje, embora continue viva. Na Ibéria medieval, até o século 16, os exemplos são numerosos, mas de então para cá extingue-se mais ou menos totalmente o partitivo, a não ser em algumas expressões. Alguns exemplos antigos são: "cogió de lagua en elle" (**Cid,** 131); "alí poderia homem veer de boõs cavaleiros" (**Demanda do Santo Graal,** 665), e ainda em Gil Vicente:

"E va Adão cavar:
Semeae das favas, que haveis de suar:
Comei dessa fruta amargosa, monteza,
E fie da lan a primeira princeza"

(**Auto da História de Deus, Obras** I, pag. 154).

Usado parcamente no catalão medieval, acabou, tambem ali, por desaparecer (200).

Esta disseminação do partitivo evidencia mais uma vez a unidade da România medieval, embora em algumas regiões entrasse êle depois em decadência.

Complementos atributivos sem preposição. Modernamente, quando um substantivo está em função atributiva em relação a outro qualquer dispensa, às vezes, preposição, formando uma espécie de apôsto. A construção, principalmente, francesa, vai-se generalizando (201). Primeiro se encontra com o substantivo **couleur** e correspondentes nas outras línguas: fr. "des cheveux couleur de feu"; it. "capelli color d'oro"; port. "vestido côr de chocolate". Depois encontra-se frequentemente com os nomes de côres e, por fim, com alguns outros como fr. **style, genre, type** e semelhantes: fr. **les rubans orange, les gants paille, des étoffes cérise, un coffret genre renaissance, un médecin vieux style, la Parisienne type.** Êste galicismo espalha-se ràpidamente, como em português: **um vestido**

---

(200) Cf. "han de bons libres" (Metge). A. Par observa a respeito do seu uso: "emperó en temps de Metge *la influencia del baix llati* era encara forte assats, pera qu'a voltes hom esmercès la *de* partitiva abans d'ells" (*Sintaxi Catalana,* pag. 85). A. Par reconhece, pois, a importância do baixo latim para o uso medieval da forma.

(201) Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.,* III, § 125.

lilá, luvas salmão, móveis estilo Renascença, marmelada marca Peixe (201 bis).

Aposição do nome próprio. Os nomes de ruas, praças, casas, palácios, igrejas, museus, hotéis, pontes, portas, etc. admitem comumente a preposição **de.** É esta a construção herdada. Se o tipo sem preposição é mencionado aquí, é por termos nêle um caso notável em que uma construção francesa se dissemina lentamente pela România ocidental. A sintaxe francesa, em formas como **rue Saint-Paul, rue Bonaparte, boulevard Beaumarchais, hôtel Rambouillet, église Saint-Pièrre, place Maubert,** etc., tem a sua origem no velho possessivo francês sem preposição (antigo dativo de posse), dizendo-se **porte Saint-Louis,** como se dizia "la fille le roi". A interpretação é de Meyer-Lübke (**op. cit.,** III, § 123) e de Zauner (**Rom. Sprachwissenschaft,** II, pag. 72). Confirma esta origem o fato de omitir-se a preposição apenas com nome próprio de pessoa, como acontecia com o velho possessivo. Assim se diz: **rue de Seine, hôtel d'Alsace, place de la Concorde,** etc.. Também o italiano possue a construção: **via Venti Settembre, giardino Bobboli, palazzo Doria,** de procedência francesa provàvelmente, embora não se limite ao emprêgo primitivo (202). O galicismo espalha-se também nas línguas ibéricas, apesar do clamor dos puristas, como em português: **praça Marechal Deodoro, rua Barão de Itapetininga, Hotel Glória, Colégio Pedro II, Teatro D. Amélia** (203). Em espanhol temos: **Calle Valencia** (em Barcelona), **Teatro Martín,** etc. (a construção clássica é com **de: plaza de Bolivar, calle de Cervantes**) (204).

(201 bis) Sôbre a aposição em geral ver Dauzat, *Le génie de la lang. fr.*, pags. 274s. A respeito dos nomes de côr especialmente: M. Barreto, *Novos Estudos,* pags. 375ss. A mesma construção se encontra também no italiano e no espanhol. Assim temos it. *mobili in stile Rinascimento, automobile tipo 1948;* esp. *muebles estile Renacimiento, tela color oro,* etc. Ver, por exemplo, R. Ragucci, *Más Cartas a Eulogio,* Buenos Aires, 1943, para estas e outras expressões frequentemente empregadas no espanhol moderno.

(202) Sôbre o italiano nota Zauner "sind vielleicht Galizismen" (*op. cit.,* II, pag. 72).

(203) Consulte-se M. Barreto, *De Gramática e de Linguagem,* pags. 221 a 234 e *Através do Dicionário e da Gramática,* pags. 65 a 67.

(204) Evidentemente se trata de moderna imitação da sintaxe francesa na Ibéria, pois em época mais antiga era desconhecida a construção (ver Zauner, *loc. cit.*).

O agente da voz passiva expresso com a preposição PER. Provàvelmente temos também aquí uma construção oriunda do baixo latim e do latim medieval. Desconhecida na Dácia, que emprega apenas **de** (e depois **dela**, que é reforço daquele), parece surgir tardiamente no Ocidente. O uso de **de** é panromânico, herdado do latim vulgar, onde substituíu o velho **ab**.

Em latim encontra-se **per** às vezes, "sobretudo com nomes próprios e pronomes" (205) e mais largamente na decadência, e. g., em Eutrópio "per Anci filios occisus est" (I, 8), e principalmente nos autores medievais: "tractatum est diligenter **per episcopos** ut salvaretur status clericalis universitatis" (Mateus de Paris), "**per episcopum** loci excommunicatione feriatur" (Guilherme de Tiro), "quae **per eum** facta esse cognoverat".

A história do progresso desta construção nas línguas do Ocidente está de acôrdo com a hipótese aquí defendida. **Per** surge por tôda parte como concorrente do velho **de**, subsistindo ao lado dele, até acabar por vencê-lo geralmente, mas não na Itália, onde **da** (**de** + **ab**) continua muito vivaz.

Complemento modal sem preposição. Ocorre frequentemente nas línguas ocidentais e é constituído de um substantivo modificado por um particípio passado principalmente, mas também por um adjetivo ou outro complemento. Meyer-Lübke diz que êle ocorre primeiro com termos designativos de parte do corpo, peça de vestuário ou do equipamento pessoal, depois de qualquer sinal distintivo que impressione no aspecto de uma pessoa (**op. cit.**, III, § 424). É muito frequente no francês, mas usual igualmente nas outras línguas do grupo: fr. "il vient les bras nus"; "Toute cette cavallerie, sabres levés, étendards et trompettes au vent... descendit d'un même mouvement" (V. Hugo, ap. **Gramm. Larousse**); it. "va giunte le mani"; esp. "Recibiólo el Cid abiertos amos los braços" (**Cid**, 11), "Cavalgó Minaya, el espada en la mano (**ib.**, 38); port. "Àquelas duvidosas gentes disse | Com palavras mais duras que elegantes | A mão na espada, irado e não facundo" (**Lusíadas IV**, 14). Cf. em um escritor moderno: "São pequenos, ossos à mostra, fulvos" (G. Barroso, **Terra de Sol**, pag. 74), "Caminhava o cão de gado, grandes orelhas pendidas, calmamente" (**ib.**, pag. 86).

Tal construção, desconhecida na Dácia, até onde pudemos verificar, parece-nos ainda herança literária com raízes no latim medieval e não no vulgar. Trata-se aquí certamente de uma aplicação e extensão do chamado ablativo absoluto, como sugere Bourciez (206), mas duvidamos do seu hipotético latim vulgar **it**

---

(205) Stolz-Schmalz, pag. 521.
(206) *Op. cit.*, pag. 113.

junctas manus. A própria associação do complemento com o particípio absoluto leva-nos à conclusão de que se trata de uma forma procedente do latim medieval.

O PERÍODO ROMÂNICO — Sôbre êle apenas algumas observações. Se o período românico apresenta um aspecto diferente do clássico latino, servindo-se de instrumentos gramaticais diversos, reduzindo bastante o emprêgo do infinito e do subjuntivo nas orações subordinadas, existem, contudo, alguns pontos em que o latim literário foi modêlo do romance, modificando-lhe, às vezes, profundamente o velho aspecto popular. Lembremos aquí os principais.

O desenvolvimento da subordinação. A coordenação é o tipo comum do período genuinamente popular por tôda parte (207). As frases se ligam de preferência pela conjunção **e.** Êste predomínio da coordenação é característico de certas línguas, como o hebraico. Em latim ela é comum em alguns autores, e. g., em Terêncio, em Cícero, particularmente nas cartas, de linguagem mais familiar. Na decadência existe certa predileção para ela entre os escritores arcaizantes e nos eclesiásticos.

Na România antiga, na época dos primeiros textos literários, nota-se claramente a mesma preferência para a coordenação. Brunot observa que o francês antigo, como tôdas as línguas populares, prefere as orações coordenadas às subordinadas, citando um exemplo dêste tipo em Villehardouin: "Et vinrent à une cité qu'on apeloit la Ferme; la pristrent, **et** entrerent enz, **et** i firent mult grand gaain. **Et** sejornerent enz par trois jorz, **et** corurent tot le païs, **et** gaaignierent granz gaaienz, **et** destruistrent une cité qui avoit nom l'Aquile" (**Hist. de la lang. fr.**, I, pag. 356).

O italiano dos textos medievais mais antigos denuncia a mesma tendência. Gianna Tosi, no **Archivio Glottologico Italiano** (XXVII, pag. 40) assinala êste caráter: "a primitiva prosa italiana, refletindo um ambiente de cultura modesta, tendo objetivos práticos ùnicamente..., tinha grande predileção para a coordenação, servindo-se dela como processo mais comum de expressão", e acrescenta mais adiante que "no italiano antigo, como também nas outras línguas neo-latinas, se preferiu a coordenação à subordinação, o que se pode verificar em qualquer tempo" (pag. 42). Entre as frases referidas no texto, tiradas dos **Fioretti** de São Francisco, notemos algumas: "Che ti giova affliggerti mentre che tu se' vivo **e** poi quando sei morto sarai dannato" (**e** = **se**); "Comincia a lavorarlo con le sue mani **e** un altro frate metteva su l'acqua"

(207) "Die primitive literarische Erzählung beforzugt die Parataxe, wie überhaupt die Volkssprache allenthalben von Unterordnung nichts wissen will" (Stolz-Schmalz, pag. 687).

(e = **mentre**); "Diventó molto familiare di S. Francesco e molti segreti gli rivelava" (e = **cosicché**). Magnífica ilustração desta sintaxe espontânea e popular temos no mais antigo texto literário da Ibéria, o **Poema do Cid.** Veja-se, por exemplo, o n.º 38:

> "A Minaya Álbar Fáñez matáronle el cavallo,
> bien lo acorren mesnadas de cristianos.
> La lança a quebrada, al espada metió mano,
> maguer de pie buenos colpes va dando.
> Violo mio Cid...
> Acostós a un aquazil que tenié el Castellano
> diol tal espadada..." (208).

A subordinação desenvolve-se, porém, ràpidamente, sem dúvida sob o modêlo do período latino, complexo e cuidadosamente arquitetado em um todo bem entretecido. É verdade que durante alguns séculos esta tentativa de imitar o período complexo do latim, tentativa falha muitas vezes, torna pesados certos escritores do século 14 e do 15, mas quando chegamos ao classicismo vemos o triunfo definitivo do tipo latinizado.

A concordância de tempos. A concordância de tempos é um dos característicos notáveis da subordinação latina, em oposição a outras línguas indo-européias, que a desconhecem mais ou menos totalmente, como, por exemplo, o grego (209). Em latim o tempo do verbo da oração subordinada é determinado pelo da regente. Assim, quando o verbo desta vem em um tempo primário (isto é, designa ação não completada no momento em que se fala), como **indicativo presente, futuro imperfeito, futuro perfeito, subjuntivo presente** ou **imperfeito** (quando tem valor de presente), etc., o subjuntivo da subordinada vai para o presente ou o perfeito, segundo indica ação inacabada ou acabada: **nescio ubi sit, nescio ubi fuerit.** Quando o verbo regente está em um tempo secundário — **indicativo imperfeito, perfeito,** ou **mais que perfeito, subjuntivo imperfeito** (com valor de passado) ou **mais que perfeito, infinitivo histórico,** etc. — o subjuntivo da subordinada vai para o imperfeito ou mais que perfeito, segundo enuncia ação inacabada ou acabada: **nesciebam ubi esset, nesciebam ubi fuisset.**

---

(208) Em português veja-se, por exemplo, o trecho do *Livro de Linhagens* transcrito em A. Coelho, *Questões da Língua Portuguesa*, 2.a parte, pags. 233s.

(209) "Le grec conserve en principe à la proposition subordonnée le temps qui serait de mise si la proposition était principale" (Meillet e Vendryes, *Gramm. comp.*, pag. 591).

As línguas românicas restringem bastante o emprêgo do subjuntivo, sobretudo do subjuntivo de subordinação, tão largamente desenvolvido no latim clássico. Mas a **concordância de tempos**, o outro grande característico da subordinada, subsiste, sujeita, em linhas gerais, à mesma regra do latim. Esta concordância deve ter-se mantido, porém, pela tradição literária medieval, antes que por via popular. Por esta razão, sem dúvida, ela falta geralmente no romeno (210), como se vê pela frase aduzida por Meyer-Lübke: "văzu că **nu poate** fi Tzarigradul fară împărat" (viu que Constantinopla não podia estar sem imperador). Confira-se ainda, na versão bíblica de 1874, João 5-13: "Érŭ celŭ vindecatŭ nu scia cine este". As versões românicas do Ocidente empregam o imperfeito e não o presente: **era** (Figueiredo), **fosse** (Luzzi). Claro é que, sendo a construção romena herdada, devia ser conhecida também no Ocidente, como realmente acontece, sobretudo em certos textos medievais. Vejam-se, por exemplo, no **Poema do Cid**, que apresenta frequentemente um cunho um tanto popular na sua linguagem, frases como: "miedo iva aviendo que mio Cid se repintrá" (n.º 63); "compeçós de alegrar de la ganancia que han fecha" (**ib.**).

O tipo que prevalece, porém, no Ocidente é o da concordância, como em: **não sei onde êle está, não sei onde êle esteve, ou estava**, etc. (com maior variedade de tempo do que admitia o subjuntivo da subordinada latina), mas **eu não sabia onde êle estava, eu não sabia onde êle tinha estado**, etc. (211).

A oração infinitiva. Entre os tipos de orações subordinadas mais usuais em latim está a construção do acusativo com o infinito, servindo de oração completiva com verbos que significam **pensar, crer, esperar, dizer** e outros: **credidit te venturum esse.** É quase um idiotismo entre as línguas indo-européias, mas que também o grego desenvolveu abundantemente, ainda que não o empregasse exatamente com os mesmos verbos, recorrendo frequentemente à oração integrante conjuncional.

Não sabemos até onde esta construção pertencia ao uso popular latino, mas certo é que aí prevaleceu a oração cojuncional intro-

(210) Meyer-Lübke, *op. cit.*, III, § 679. Bourciez diz apenas "Le roumain est la langue où subsiste le moins la concordance des temps latins" e adiciona judiciosamente: "Ce trait indique un idiome de formation essentiellement populaire" (*op. cit.*, pag. 603).

(211) Para a formulação das regras de concordância dos tempos em duas línguas românicas ver a *Gramática de la Lengua Española* da Real Academia, pag. 339 e a *Grammaire Larousse*, pags. 123 a 126.

duzida por **quod**, subsistindo raros vestígios da oração infinitiva, e. g., com os verbos portugueses **ver, ouvir, mandar, deixar** e mais alguns e correspondentes nas línguas irmãs: **ouvimo-lo dizer**, etc..

Mas a construção, tão característica do latim, não podia deixar de ser imitada no estilo literário mais elevado das línguas românicas. O que é de estranhar é que fora do português e, até certo ponto, do italiano, não tenha chegado a naturalizar-se como tipo vivaz e corrente. O português é a língua que lhe deu mais largo emprêgo, usando-o como processo sintático regular e comum, embora a oração infinitiva conserve sempre um cunho literário e erudito, ao lado da oração integrante tradicional: **creio ter êle ficado no palácio.** Um outro tesouro da língua portuguesa (o infinito pessoal) foi certamente fator decisivo para o aproveitamento abundante desta riqueza sintática latina.

Nas línguas irmãs a construção não é desconhecida, encontrando-se exemplos em tôdas as do grupo ocidental. Mais frequente é ela no italiano, mesmo na linguagem moderna da imprensa, em uma frase como: "Già dicemmo non essere impossibile... ch'Egli abbia intravista e financo predetta la propria morte e glorificazione". Assim: "reputando quella esser semplicemente l'avanguardia del grosso dell exercito" (Luzzi), "risulta chiaro aver egli poco inteso dell opera" (G. Errante). Já em Dante: "Quando leggemmo il disiato riso | Esser baciato da cotanto amante" (**Inferno**, V, 132) (212).

No espanhol ocorre a mesma oração infinitiva, mas é de emprêgo limitado. Menciona-a Rufino Cuervo nas **Notas** à **Gramática Castellana** de A. Bello (nota 70), citando como exemplo "El dulce sonido de tu habla... me certifica ser tu mi señora Melibea" (**Celestina, XII**). Mesmo no catalão ela não é desconhecida, se bem que Par observe ser rejeitada hoje "en estil planer" como latinismo. Encontra-se, porém, em Metge, escritor dos fins do século 14, cuja sintaxe Par estuda, registrando a ocorrência da oração infinitiva com verbos de enunciação e outros (213). Assim na frase: "La anima esser creada per Deu algu qui rahó hage non ignora". A existência da oração infinitiva neste autor mostra-nos quão cedo se deu a latinização das línguas românicas, tantas vezes atribuída à Renascença do século 15 e 16. O francês, que intro-

---

(212) Ver também Trabalza e Allodoli, *op. cit.*, pag. 218. Os autores notam o emprêgo da oração infinitiva com verbos "afirmativos", e. g., *giudico, credo, stimo* "nel modo prettamente latino rimasto non senza abuso nello stille classico presso scrittori anche moderni".

(213) *Sintaxi Catalana*, pag. 297: "Aytals construccions, qui trahessen la gentil influencia latina, son abundosíssimes en nostre autor".

duziu igualmente êste latinismo, empregando-o com certa frequência nos séculos 16 e 17, acabou por eliminá-lo. Cf. a frase de Bossuet: "vous reconnaissez ces défauts être une source de discorde" (214).

Temos, portanto, aquí um latinismo que manteve um cunho nìtidamente literário (apesar de uma vitalidade maior no português), mas admitido em tôdas as línguas literárias do Ocidente, com exceção do francês moderno.

As orações circunstanciais. A uniformidade com que as línguas do Ocidente constroem estas orações se verifica fàcilmente pela semelhança das locuções conjuntivas de subordinação usadas geralmente para introduzí-las. O latim vulgar parece ter conservado, sobretudo, uma conjunção subordinativa, **quod**, confundida mais tarde com **quid**, que veio a tornar-se quase que o sinal único da subordinação. É êste fato que explica as múltiplas funções do **que**, por exemplo em português, especialmente na língua arcaica. Em época posterior, o romance antepõe elementos diversos ao velho **quod** (ou **quid**), para melhor distinguir os diferentes matizes da subordinação, em alguns casos, provàvelmente, em consequência de uma elipse, como já se apontou em relação ao francês antigo, onde frases como **encore soit que fust bleciez, bien soit que...**, etc., deram lugar às locuções **encore que, bien que** e assim por diante. As mesmas formas foram empregadas pelas demais línguas vizinhas, daí a identidade das locuções. Notem-se, por exemplo, as conjunções concessivas aquí citadas e suas correspondentes, it. **ancorchè, benchè, purchè**, esp. **aunque, bien que**, port. **ainda que, bem que**, etc.. Ao lado dessa concordância notável do Ocidente, é digna de nota a peculiaridade das formações correspondentes do romeno, onde as conjunções concessivas são, entre outras, **cu toate că, măcar că**, etc.. Seria fácil mostrar a mesma semelhança em outras orações circunstanciais do grupo ocidental.

ALGUMAS CATEGORIAS NOMINAIS — As línguas neo-latinas perderam várias categorias da gramática antiga. Assim o gênero neutro e a declinação casual (os poucos restos que dela sobrevivem nos pronomes não bastam para manter viva a conciência da categoria), a gradação adjetiva, os distributivos e multiplicativos entre os numerais, o supino e o gerundivo no verbo, etc.. Outras sobreviveram, limitando ou modificando frequentemente (às vezes, estendendo) o seu valor semântico. Assim o gerúndio românico, continuação formal do gerúndio latino (isto é, do caso ablativo), restringe por uma parte as suas funções antigas, adquirindo outras

(214) Ver *Grammaire Larousse*, pags. 97s, onde se trata dêste emprêgo no francês clássico.

novas. A herança vulgar foi muitas vezes bem mesquinha. Mas com o tempo a influência do latim literário e o gênio criador da Romênia enriqueceram as funções primitivas. Cumpre-nos, antes de encerrarmos êste estudo, examinar ainda até que ponto a Romênia ocidental enriqueceu êste patrimônio primitivo por influência da corrente erudita inspirada no latim e pela disseminação de criações regionais. São as categorias do verbo as que mais frequentemente apresentam exemplificação preciosa dêste desenvolvimento. Entretanto, antes de irmos a elas, estudemos ràpidamente três categorias nominais: o **adjetivo qualificativo,** o **artigo definido** e o **pronome relativo.**

Adjetivo apôsto com valor adverbial. O adjetivo em uma forma invariável do singular (neutro latino) tem frequentemente função adverbial em tôda a Romênia: port. **falar alto, vender caro,** etc., e é êste um dos processos comuns por que o romeno forma os seus advérbios: "foarte larg recompensaţi" (I. H. Rădulescu) = **mui largamente recompensados.** Trata-se de um velho processo popular, muito mais conservado no Oriente do que nas línguas ocidentais.

O caso que nos interessa aquí é diverso: queremos referir-nos ao emprêgo do adjetivo apôsto ao sujeito (às vezes ao objeto direto), em concordância com êle, indicando, porém, o modo da ação verbal. A construção é própria do latim clássico. Nela o adjetivo "designa, em relação ao verbo, o modo de ser do substantivo no tempo da ação" (Madvig, **Gram. Lat.,** pag. 300). O que melhor se percebe aí é o valor adverbial do adjetivo e é por um advérbio que geralmente se traduz. Os adjetivos latinos assim empregados são principalmente os que indicam **ordem** ou **sucessão** (Gaius quintus advenit), **tempo** ou **lugar,** sobretudo na poesia (Aeneas se matutinus agebat) e vários outros como **totus, solus, diversus, sciens, prudens, invitus, gravis, laetus,** etc.. Assim nas Geórgicas:

"Tardaque Eleusinae matris volventia plaustra" (I, 163).

As línguas românicas ocidentais admitem a mesma construção no estilo elegante e elevado (215), e sem dúvida o seu emprêgo é de origem latina, a não ser talvez nas formas romances de **solus, totus,** etc., que, sobretudo na Idade Média, conservam frequentemente valor adverbial e forma adjetiva. Fora disto os exemplos que conseguimos coligir e os que vêm nos tratados de linguística românica são de preferência modernos. Embora pertença a tôdo o Ocidente, êste adjetivo "adverbial" é mais comum no italiano e nas duas línguas literárias da Ibéria. Encontra-se sobretudo frequentemente com verbos de movimento, mas também com outros.

(215) Não conseguimos encontrar exemplos romenos desta construção. Ao contrário, ela pertence ao latim medieval, donde suspeitamos tenha vindo para as línguas românicas (ver D. R. Druhan, *op. cit.,* pag. 57).

Exemplos: it. "lo stile cammina ben più naturale e più piano" (Manzoni, **I Promessi Sposi**, Intr.); fr. "un souffle flottait, lourd et indistinct comme la conscience d'un homme dans un rêve" (G. Flaubert, **Salambô**, III); esp. "el sentimiento nacional cristiano de los rebeldes brilló esplendoroso" (Pidal, em **El Id. Esp.**); "estos rasgos... aparecen frecuentes, abundantes" (**ib.**); port. "A imaginação e o orgulho exercem grande poder, e correm mais fogosos do que pensas" (R. da Silva, apud **Epifânio**).

O artigo definido — É uma das criações românicas mais distintivas em relação ao latim (216), mas esta é antiga, datando do latim vulgar, o que é confirmado, claramente, pela concordâcia das duas grandes regiões em que se cindiu a România desde o fim da era vulgar. Ambas aproveitaram o mesmo demonstrativo **ille** para êste fim (**ipse** ocorre em alguns pontos).

Sintàticamente, porém, o emprêgo do artigo definido românico moderno é o produto de uma evolução lenta, multissecular, que se fixa muito depois do latim vulgar. O estudo da sintaxe do artigo durante a Idade Média revela evolução sensível durante êste período. Só no comêço dos tempos modernos chega ao estado atual. Não é de estranhar, por isto, que as línguas do Ocidente nem sempre concordem com o romeno no seu emprêgo, como também divergem muitas vezes do inglês e do alemão. Mas estas línguas concordam entre si, com exceções raras e insignificantes, de um modo que não pode resultar de mera coincidência. Fixando definitivamente o uso do artigo, fizeram-no como uma grande unidade linguística, embora o fixassem na época tardia já mencionada. Não negamos que o desgaste contínuo do demonstrativo antigo tenha levado a uma certa concordância no emprêgo do definido. Tal concordância temos entre as línguas românicas ocidentais e o romeno, como temos entre elas e o alemão, o inglês, o grego e, em geral, outras línguas indo-européias que criaram um artigo, mas a harmonia muito mais completa que se nos depara dentro do grupo ocidental da România pressupõe mais do que simples comunidade de tendências: há propagação de formas sintáticas por tôda a região.

Um exame dos mais antigos documentos romances revela-nos que o artigo tinha ainda emprêgo limitado, quando surgiram os primeiros textos literários. Nota Dauzat (217) que na época da **Chanson de Roland** (século 12) ainda se empregava com um valor preciso e especial "antes de nomes concretos que convém deter-

---

(216) A criação do artigo é uma tendência comum das línguas indo-européias, embora algumas, como as eslavas, o lituano, etc. não o conheçam até hoje.

(217) *Hist. de la lang. fr.*, § 483.

minar", e. g., **ovrit les uelz, apelez le franceis,** etc.. Assim, em princípio, não se usava com nomes abstratos e geográficos, com nomes de povos, ou de objetos únicos (**terre, enfer**). A observação aplica-se à generalidade das línguas do grupo. É nos séculos seguintes que o uso do artigo se vai estendendo ràpidamente aos nomes referidos (218).

Diante da impossibilidade de um estudo completo de matéria extensa como a que estamos examinando, passemos em revista apenas algumas das inovações medievais no uso do artigo:

a) **Nomes de povos.** No período medieval mais antigo era frequente a sua omissão com estes nomes, especialmente no plural. Do século 13 em diante e, sobretudo do século 14 ao 16, o emprêgo do artigo se generaliza (219). Cf. ainda na **Chanson de Roland** "dient Franceis" (v. 192), ou no **Cid** "veríedes armarse moros", "moros le reciben" (n.º 34).

b) **Nomes próprios de países e continentes.** Também dispensam o artigo na România antiga, e. g., sempre **France** no estilo épico da França medieval, mas juntamente com os nomes de povos também eles estendem o emprêgo do artigo na época seguinte, acabando êste por tornar-se obrigatório no francês e normal no italiano (fr. **la France, l'Espagne;** it. **la Svizzera, l'Italia**).

Na Ibéria o uso do artigo progride lentamente, sob influência externa, sem dúvida. O português omite-o muitas vezes nos clássicos. Assim ainda nos Lusíadas, e. g., "... as terras viciosas de África e Ásia andárão devastando" (I, 2); "as vitórias que Itália não lhe nega" (III, 10); "Despois de ter Judea sojugada" (III, 27). A tendência moderna é para a generalização do artigo; assim, a **Alemanha, a França, a Itália, a China, a Ásia** (220). O espanhol mantém mais viva a tradição antiga, omitindo o artigo com frequência, e. g., **Venezuela, Chile, Méjico;** e mesmo em numerosos outros a omissão ainda é comum, especialmente quando o nome próprio não serve de sujeito, e. g., "viene de Rusia", "há estado en Alemaña", etc. (221).

---

(218) A omissão do artigo nos provérbios é sobrevivência interessante de um uso mais antigo, assim fr. "mieux vaut douceur que violence", port. "água mole em pedra dura tanto bate até que fura".

(219) Cf. Brunot, *op. cit.*, I, pag. 342 e Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.*, III, § 144.

(220) Alguns nomes de países se empregam até hoje sem artigo, como *Portugal*. Por imitação da linguagem clássica ainda se omite o artigo em outras palavras, em que o uso moderno o consagrou; assim: "As cartas *de Inglaterra*" de Rui Barbosa.

(221) Ver A. Bello e R. Cuervo, *Gramática Castellana*, pag. 228.

c) **Nomes de cidades.** Como regra geral, todo o Ocidente dispensa o artigo (algumas exceções não serão aquí discutidas). E êste é um dos pontos de divergência entre a România ocidental e a Dácia isolada: no romeno o artigo é de regra com estes nomes, como com os de países: **Parizul, Londonul, Bucareştii.** Mencionamos, pois, estes nomes na lista de inovações românicas, apenas para salientar o contraste tantas vezes notado entre a Dácia e o resto da România.

d) **Nomes de seres singulares.** Dispensam o artigo com muita frequência na Idade Média (e alguns até hoje): e. g., port. **Deus, Cristo, diabo, natura, fortuna, sol, paraíso, inferno** e seus correspondentes nas outras línguas (fr. **Dieu, nature, destinée, soleil, enfer,** etc.). Tôdas as línguas do grupo concordam em articular estas palavras geralmente mais tarde, exceptuando, sobretudo, a palavra **Deus** e também em geral **Cristo.**

e) **Nomes abstratos.** Ocorrem igualmente sem artigo com muita frequência na Idade Média, e. g., em Dante "pietà mi vinse" (**Inferno,** V, 72). O artigo acaba por impor-se, e, neste ponto, a Dácia segue a mesma evolução que o Ocidente.

f) **Substantivos preposicionados.** Só tardiamente se desenvolveu o uso do artigo com os nomes regidos de preposição. As exceções medievais ainda são comuns, e. g., no **Livro das Linhagens** ainda "e foy virgem ante parto e depos parto". No emprêgo generalizado do artigo em época posterior concordam tôdas as línguas românicas, com a exceção notável do romeno isolado (no Ocidente apenas o sobresselvano, dialeto rético dos Grisões, ainda o emprega pouco). Há naturalmente sobrevivência do uso antigo em tôdas as línguas do grupo, como it. **in chiesa, in campagna,** fr. **en France** (a preposição **en** hesitou muito tempo, mas acabou por não admitir artigo no francês), port. **em casa, em palácio, a palácio.** O romeno, ao contrário, só admite o artigo com a preposição **cu,** usando-o com as outras apenas quando o substantivo tem complemento: **în foc** (no fogo), **din oraş** (da cidade), **în mână** (na mão), mas **cu mâna** (com a mão), etc..

g) **O superlativo.** Já vimos atrás, estudando a forma sintética desta categoria na parte morfológica, que o emprêgo do artigo definido para distinguir a forma analítica do superlativo e do comparativo é uma inovação recente da România.

Ao lado desta unidade ocidental em uma série de inovações medievais sobretudo, o romeno, isolado, segue frequentemente caminho próprio, conforme já se viu em alguns dos itens mencionados. Poderíamos ainda lembrar o emprêgo do artigo com os

possessivos, menos comum no Ocidente do que na Dácia, e especialmente o uso obrigatório do artigo com os demonstrativos, notável peculiaridade do romeno, pelo menos quando o demonstrativo está posposto: **omul acesta, calul mieu** (mas também: **acest om**).

O pronome relativo. É muito provável que na sintaxe romance popular da oração relativa o pronome **qui** servisse de simples conectivo, tornando-se a exprimir o pronome sob uma forma pessoal no fim da oração, ou deslocando para o fim a preposição que devia reger o relativo. Em tôdas as línguas românicas esta sintaxe subsiste. Ela é muito popular em português em frases como "a rua que eu moro nela", "o homem que falei com êle", etc.. Também em francês, segundo Dauzat (**Étapes**, pag. 124), o povo sente dificuldade no uso do pronome relativo complemento e tem repugnância a antepor-lhe preposição. Muitas vezes a suprime, outras a pospõe: "la personne que je pense", "l'homme que je causais avec". Quando o relativo serve de objeto direto, é muito comum usar pleonàsticamente o pronome pessoal, fenômeno que pertence a tôdas estas línguas, mas é sobretudo do romeno, a língua popular por excelência da Românía, confirmando assim a suspeita do caráter vulgar da sintaxe que acabamos de referir (Meyer-Lübke, **op. cit.**, § 628). Assim, temos no romeno "Omul pe care l-am văzut" (literalmente: **o homem que eu o vi**). O mesmo pleonasmo temos com outros complementos: **ce lui, ce i, ce dintr'însu (para o qual, entre o qual;** literalmente: **que dele, que aí, que entre êle).**

Deve-se à língua culta e à tradição latina a construção lógica da oração relativa, como em "o homem com que falei", etc., construção que se torna normal nas línguas do Ocidente. É interessante notar que é o novo relativo, tirado de **qualis**, de origem literária, como já antes vimos, que desde o princípio se emprega mais regularmente com preposições, isto é, em orações construídas lògicamente à latina.

OBSERVAÇÕES SÔBRE ALGUMAS CATEGORIAS VERBAIS — A Românía conservou os tempos do verbo latino, com algumas perdas importantes naturalmente. Com o desaparecimento total do futuro latino, surgem formas perifrásticas para substituí-lo. Dos modos do verbo finito, o subjuntivo não só perde alguns dos seus tempos; restringe sobretudo as suas funções e isto naturalmente já no latim vulgar. Das formas nominais do verbo sobrevivem dois particípios (o presente e o passado), o gerúndio (geralmente só o ablativo) e o infinito presente.

A sintaxe dos tempos poucas modificações apresenta na língua

empobrece e algumas formas perifrásticas suprem lacunas de tempo, de modo e de aspecto. Os particípios, especialmente o do presente, e o gerúndio têm aplicações mais restritas no romance do que em latim, embora o último se enriqueça depois grandemente à custa do primeiro. O infinito perde alguns empregos antigos, na oração subordinada principalmente, mas desenvolve outros muito preciosos, sobretudo como regime de preposição.

No desenvolvimento das línguas românicas ocidentais surgem várias inovações que vêm enriquecer a herança primitiva e, não raro, a cultura latina dominante na época medieval acaba restituindo alguns dos tesouros perdidos na língua popular. Naturalmente, nem sempre é fácil distinguir o que se deve ao influxo da língua latina literária e o que procede do patrimônio romance original, sobretudo quando estes empréstimos de sentido e de função coincidem com os primeiros textos românicos, como frequentemente devia acontecer. Entre as ilustrações mais notáveis desta inovação e da unidade românica ocidental temos:

A sintaxe do futuro do indicativo. O futuro românico, surgido de uma perífrase (**habeo dicere** no Ocidente) nada tinha històricamente com o velho futuro latino. Com o tempo assumiu, contudo, algumas funções muito semelhantes às daquele e algumas que pertencem peculiarmente ao grupo ocidental. Aliás é digna de registro a tendência muito comum de desenvolver o futuro valores modais (222). Assim algumas das aplicações do futuro podem ser desenvolvimento espontâneo e independente da sua significação original. Por exemplo, por tôda parte o futuro serve frequentemente de indicar **incerteza, probabilidade.**

De origem literária deve ser o emprêgo do futuro para exprimir ordem (= imperativo). Tal uso já é latino, sobretudo na linguagem familiar, e. g., "assimulabis tuam amicam huius esse" (Terêncio, **Heaut.**, 2, 2); "haec igitur tibi curae erunt" (Cícero, **Cartas**, 5, 2, 10). Mais tarde, já na decadência, ocorre em escritores de assuntos agrícolas e medicinais e, sobretudo como hebraismo, na literatura sagrada da Igreja Cristã (**Stolz-Schmalz**, pag. 555). Assim na Vulgata ocorre nos mandamentos. Na Idade Média, as leis dos bárbaros (redigidas em latim) e as cartas o empregam, bem como os textos literários. Exemplos dos últimos temos em: "Congrega episcopum Podiensem, et comitem Sancti Aegidii,... et haec **dices** ad illos" (Raimundo de Agiles); "Sine modo... tunc **venies** cum duodecim viris, et **quaeres** eam" (ib.) e assim muito frequentemente no mesmo autor.

---

(222) Como por outra parte, o futuro tem a sua origem muitas vezes em um modo verbal, e. g., o futuro latino procede de um velho subjuntivo.

Por êste latim medieval — da jurisprudência e da Igreja — deve ter-se introduzido na România ocidental, onde é corrente não só na linguagem bíblica, mas também em outros textos. Ocorre já no antigo direito francês, e. g., nas leis de Guilherme o Conquistador: "si li rendra demi were" (dar-lhe-à meio "wergeld") (222 bis). Assim, temos na **Chanson de Roland:**

"En dulce France, seignur, vos en **irez.**
De meie part ma muillier **saluez** (360s).

É frequente em português, como no **Livro de Falcoaria** de Pero Menino (século 14), e. g., "E este suadoiro lhe **farás** de tres en tres dias", "e estas pirolas lhe **comessarás** de dar en o sobredito dia", etc.. Na linguagem bíblica aparece por tôda parte, por exemplo nos mandamentos: esp. **no matarás,** it. **non avrai altro Dio fuori di me,** fr. **tes père et mère honoreras,** port. **não furtarás,** etc..

O uso do futuro como imperativo, que pertence a tôdas as línguas românicas do Ocidente, é desconhecido do romeno. Embora alguns autores, como Tagliavini, falem em um imperativo futuro nesta língua, trata-se de fato do subjuntivo presente, e na língua falada muitas vezes se emprega em lugar do presente do imperativo (223). É esta forma que se encontra nos textos bíblicos, em lugar do indicativo futuro das versões ocidentais. Assim "Să **nu juri** strîmbŭ, ci să **implinesci** Domnului jurămintele tale" (Mateus, 5-33). Cf. port. "Não jurarás falso; mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos" (Figueiredo). A mesma forma verbal tem o romeno nos mandamentos: Să **nu ucizĭ** (não matarás), etc..

Um modo de criação românica: o condicional... É conhecida a origem do condicional românico na perífrase latina **habebam** (no italiano **habui**) + **infinito.** Segundo Brunot, o primeiro exemplo em que esta forma tem nìtidamente o valor românico vem em um sermão do século 5: "Sanare te habebat Deus, si confitereris" (224). Quando se fala no condicional românico, é necessário lembrar que êle é um **modo ocidental.** O que se costuma designar como condicional do verbo romeno é outra cousa. As formas atuais são: **aș, ari, are, am, ai, are** + **infinito.** Para Meyer-Lübke estas formas se ligariam ao verbo **a aveà,** mas **aș** se prenderia ao grego moderno ἄς (**op. cit.** II, § 114). Na sintaxe êle aceita a explicação de G. Weigand, para quem a forma antiga **cîntare aș** se decomporia primeiro **cînta-reaș** (**reaș** por **vreaș,** do latim **volebam,** ficando, porém, a final **-șî** sem explicação). O posterior **aș cîntà**

(222 bis) Ver Diez, *Gramm. des lang. rom.*, III, pags. 258s.

(223) Tagliavini, *Grammática Rumena,* pag. 307.
(224) *Hist. de la lang. fr.*, I, pag. 87.

seria uma decomposição errônea da época em que as duas formas de infinito **cîntare** e **cîntà** coexistiam. Seria, assim, o condicional romeno também igual a um futuro passado na origem, como o condicional das outras línguas, o que não parece bem exato. Outros prendem esta forma ao verbo **a aveà**, mas a primeira pessoa **aș** (arcairo **aș**i) viria de **habessim** (**habessit** ocorre em Cícero) e a terceira do singular viria de **haberet** (imperfeito do subjuntivo), tendo a perífrase o valor optativo e condicional (225). Outras formas, como **am, aț**i, viriam do indicativo, aproveitando-se para completar o paradigma.

Parece-nos mais provável esta explicação, embora nem todos os pontos do problema estejam claros. O que, porém, nos parece de muita importância é que também na sintaxe o condicional romeno não se confunde com o ocidental, devendo ser tratado à parte. Primeiro um **optativo**, exprimindo desejo, substitue, desde o século 17, o velho condicional daco-romeno, formado com **vreà**(velle) + infinito, no período hipotético. Mas esta nova forma distingue-se do condicional das demais línguas românicas em que se emprega tanto na prótase como na apódose, exatamente como o latim usava o imperfeito do subjuntivo, e. g., "dacă **aș aveà** o carte **aș citì**" (se eu tivesse um livro, eu leria) (226). Assim: "De **aț**i fi orbĭ, nu **aț**i avé păcatŭ" (João 9.41, versão de 1874) = "Se fôsseis cegos, não terieis pecado". Ao lado desta aplicação nova, guarda o condicional romeno o sentido antigo de optativo: "O de **aț**i suferì pucinŭ nebunia mea" (II Coríntios 11-1, ib.) = "oxalá suportásseis um pouco a minha insipiência". Êste sentido do condicional romeno, antigo, e ao que parece, fundamental, opõe-no nìtidamente ao das línguas ocidentais, que, como veremos, tem ponto de partida diferente, como diferente é o seu valor moderno em várias aplicações. Admite, porém, o condicional romeno uma aplicação que lembra o das outras línguas: serve para a expressão da incerteza, e. g., "ai fi citit cartea lui?" (terias tu lido o seu livro?) (227).

Como vimos, o condicional das línguas ocidentais tem evolução própria desde a sua formação. É um modo que se constitue pouco a pouco e em época bem posterior à cisão da unidade latina imperial. Com efeito, a formação dêste novo modo românico é, ao que parece, em grande parte, obra do período medieval. Dauzat coloca o seu desenvolvimento no francês antigo, notando: "o condicional, novo modo em plena vitalidade, que exprimia a princípio o futuro no passado, cedo passa, em tôdas as línguas

(225) E. g. Bourciez, *Eléments*, pag. 604.

(226) Tagliavini, *op. cit.*, pag. 306.

(227) Tagliavini, *loc. cit.*.

românicas, a exprimir a dúvida, a condição (donde seu nome), entrando por aí em concorrência com o subjuntivo (228). Na realidade, enquanto se limita a exprimir "o futuro no passado", não é ainda um modo do verbo. Na origem é o passado da expressão perifrástica que veio a constituir o futuro românico. Conserva ainda esta função primitiva em uma oração subordinada como "eu soube que você viria". Pouco a pouco, porém, e isto já em pleno florescimento das línguas românicas, assume funções novas de caráter modal (229), isto é, passa a exprimir "a atitude de quem fala em relação ao processo verbal" ou "a maneira como a ação é apresentada por êle", como Marouzeau define o modo verbal no seu **Lexique de la terminologie linguistique**. É verdade que a função do novo modo não é pròpriamente a de **condicional** (modo que exprime a condição, ou ação dependente de condição), pois que outros modos podem vir no período hipotético; êle serve primacialmente de exprimir **dúvida, incerteza, abrandamento da afirmação** no enunciar um ato ou desejo, **possibilidade** enfim (230). Em suma, exprime um fato cuja realização não é certa, e pois, **possível, provável,** às vezes **irreal,** chegando a tornar-se o modo da **modéstia** na afirmação, da **delicadeza** na petição ou na ordem. Como dissemos, todo êste desenvolvimento modal é recente, denotando a perene unidade da România ocidental, e constitue uma de suas criações gramaticais mais interessantes e valiosas (231). Brunot dá o desenvolvimento do modo como característico do francês médio (séculos 14 e 15), exceto o seu emprêgo na oração condicional, em que a sua função modal ainda não se afirmara claramente, apesar de alguns exemplos do francês antigo. Referindo-se ao período médio da língua, diz êle: "O condicional progride a passos largos. Apresentando um fato como hipótese, acabou por substituir o indicativo, para atenuar a afirmação, quer no caso de

---

(228) Em *Etapes*, pags. 62s.

(229) As categorias do modo e do tempo não constituem sempre compartimentos estanques: como antes vimos a respeito do futuro, uma desenvolve fàcilmente aplicações próprias da outra.

(230) O uso dêste nome (condicional) se tem criticado com razão. A gramática da Academia Espanhola emprega *potencial*. Clédat prefere *dubitativo* (*En marge des grammaires*, pags. 145 ss). Parece-nos que o nome usado pela gramática da Academia é muito feliz. O condicional românico tem pontos de contacto com o optativo grego, que é também um potencial.

(231) Alguns latinistas, apreciando mal os delicados matizes de sentimento que êste modo românico desenvolveu, dizem que o latim é mais lógico do que as línguas românicas, ao dizer, por exemplo: "ad mortem te duci *oportebat*", usando o indicativo.

dúvida, quer com o fim de apresentar a afirmação com menos rudeza" (232), e exemplifica com uma frase de Froissard: "Monseigneur, vous poriés bien avoir tort", mas no francês antigo já vem: "De soe part vous vorreie preier" (**Le couronnement de Louis**, apud Brunot).

Registramos perfunctòriamente os principais empregos que êste modo chegou a desenvolver na România ocidental:

a) **Com valor de passado do futuro imperfeito.** É o sentido que tem frequentemente no discurso indireto, e. g., no **Cid** "aun no sabié mio Cid... si serié corredor" (n.º 86). Já vimos que é a significação mais antiga do modo aquí estudado. Com êste sentido original chega a exprimir aproximação ou dúvida na Ibéria, em frases como "teriam caminhado duas léguas, quando receberam a nova" (cf. no futuro "terão caminhado já duas léguas").

b) **Na apódose do período hipotético.** Emprega-se aí em correspondência com o subjuntivo imperfeito da prótase. De um modo geral se usa para indicar um fato como dependente de uma circunstância de realização incerta, mesmo que não haja uma condição expressa regularmente por uma oração condicional. Assim, "se êle fizesse isto, seria deshonesto", e também "com tal ordenado não poderia êle viver". Aquí o antigo "passado do futuro" atenua a certeza do fato, concebendo-o como possível, ou irreal. É daquí especialmente que a perífrase vai desenvolver o seu valor modal, destacando-se do indicativo. Êste emprêgo, que deve datar do fim da era vulgar latina, é o único, segundo parece, dos empregos modais (ou semimodais) do condicional, anteriores ao período medieval. Daí em diante as aplicações do novo modo se estendem bastante.

c) **Como modo da dúvida.** Eliminando a idéia de dependência de uma condição expressa ou não, acaba por enunciar simplesmente um fato de que não se tem confirmação segura. Esta aplicação é muito usual hoje em tôdas as línguas do grupo, encontrando-se a todo o momento no noticiário dos jornais. Assim se leem títulos como "concordariam as quatro grandes potências na realização de uma conferência para tentar resolver o problema alemão", ou em francês "la ville aurait capitulé", "le bruit court qu'il aurait accepté. Se serait-il décidé?"; em italiano "avrebbe vessuto fin ad un'età avvanzata (segundo consta)"; em espanhol temos "podria haber razón". Aquí, como no caso anterior, desaparece a noção primitiva de passado, que agora se exprime pela forma composta: **teria feito.** Uma aplicação dêste condicional da

(232) *op. cit.* I, 490.

dúvida ou da incerteza com o valor de passado encontra-se sobretudo no espanhol, onde exprime um fato que se tem como certo, mas do qual não se tem documentação direta. Assim, e. g., "Muchos **vendrían** acompañando a los señores de alta calidad" (M. Pidal, **Poesia Juglaresca y Juglares**, pag. 79); "así pobremente **irían** (iam certamente) muchos de los juglares que difundían las leyendas heroicas" (**ib.**, pag. 71).

d) **Com valor do subjuntivo potencial latino na segunda pessoa do plural, para exprimir uma espécie de "impessoal".** Encontra-se frequentemente em textos medievais, como na **Demanda do Santo Graal**, e. g., "Entom viríades os atrevidos. Entom viríades os ardidos. Entom viríades os leaaes" (v. 451), "Tanto que a rãia saiu de paaço..., veríades correr de todas parte e sair mancebos" (v. 637). Assim no **Poema do Cid**: "Veríedes cavalleros venir de todas partes" (n.° 83). Ao lado destas formas é interessante notar o subjuntivo imperfeito ainda na **Chanson de Roland**, 349: "Là veïssez tanz chevaliers plurer".

e) **Como modo da modéstia, da afirmação atenuada.** Apesar da semelhança com o emprêgo aludido sob a letra **c**, há aquí um sentido diverso: quem fala não tem dúvida; apenas quer evitar o dogmatismo, chocando por uma asserção rude do que sente ou pensa: "Eu **diria** que é assim" (**eu digo** poderia parecer pretencioso); "seria melhor modificar esta frase"; "a minha opinião seria que... etc.". Assim fr. "je serais d'avis que..."; it. "Il maestro della banda, non volendo compromettersi... non trovava la via a rispondere... finalmente per uscirne disse a fior di labbra: **Eh sì, lo direi** anch'io (Fucini, apud Trabalza e Allodoli, **op. cit.**, pag. 217).

f) **Como modo da delicadeza, da ordem ou da vontade atenuada.** Como o optativo grego, o condicional românico torna-se o modo da polidez, da delicadeza, abrandando as expressões da vontade: **ordem** ou **petição** (muitas vezes a expressão da vontade própria se faz então por uma pergunta). Assim temos fr. **voudriez-vous...? Auriez-vous la bonté** ou **l'obligeance de...? Sauriez-vous me dire...? vous devriez...** (233), ou na primeira pessoa: **je vous demanderais, je vous prierais, je voudrais, je désirerais, je souhaiterais**, ou ainda, construindo impessoalmente: **il fau-**

---

(233) Clédat, no seu livro *En marge des grammaires*, pag. 148, inclue estes exemplos entre as aplicações do condicional de *incerteza*: "c'est un souci de politesse qui nous fait douter *fictivement* que l'interlocuteur réponde *oui*". Tornar-se-ia mais polida a petição com esta dúvida? Vemos aí antes um modo de atenuar a rudeza de um pedido que poderia dar a impressão de uma ordem.

drait, il serait bon, il conviendrait. Do mesmo modo em português: **você poderia...? viria você...? gostarieis vós de ir...?**, etc., ou na primeira pessoa: **eu quereria, gostaria, desejaria, proporia, sugeriria, recomendaria, pediria, aconselharia.** Assim no italiano "vorrebbe accompagnarmi lei?" (Luzzi), e no espanhol.

As numerosas e interessantes aplicações que acabamos de estudar pertencem ao conjunto das línguas românicas ocidentais, servindo mais uma vez de ilustração da sua unidade linguística contínua.

Desenvolvendo o seu emprêgo modal, vai a nova forma entrando em concorrência com o subjuntivo. Clédat (**op. cit.**, pag. 145) chama o condicional "o modo da dúvida", insistindo em que assim não se confundirá com a definição do subjuntivo, que é "o modo da ação considerada". Entretanto, no uso vivo da língua é difícil manter esta distinção teórica. Com efeito, desde o início o condicional vai progredindo à custa do subjuntivo. Isto se verifica mais claramente no francês, língua em que o subjuntivo se vai extinguindo (com exceção do presente). Dos dois modos primitivos que o subjuntivo latino reunia em si — optativo e subjuntivo pròpriamente dito —, o condicional assumiu especialmente as funções do primeiro como verdadeiro potencial. Empregado na apódose do período hipotético, substituiu o subjuntivo latino, ainda vivo na România medieval, particularmente no francês. No seu emprêgo como impessoal acima apontado, se verifica o mesmo. Ainda assim acontece com o condicional de afirmação atenuada e o de delicadeza (cf. latim **dixerim, velim**, etc.).

O francês vai mais longe ainda do que as outras línguas nesta tendência, acompanhando-o frequentemente o italiano. Assim, em orações onde nós usamos o subjuntivo, encontra-se muitas vezes, sobretudo no francês, o condicional. Nas orações concessivas temos com algumas conjunções o condicional, e. g., "nous partirons, quand bien même le temps menacerait"; assim em orações relativas consecutivas: "il souhaite trouver une installation qui serait à l'abri du vent" (= qui soit); em orações relativas condicionais: "celui qui le flatterait obtiendrait tout de lui' (234). Aquí também o italiano usa o condicional, como em "Leone XIII concedeva un'indulgenza di trecento giorni ai fedeli che leggerebbero il Vangelo giornalmente" (Luzzi).

O subjuntivo românico e a tradição literária latina. A língua popular latina usava bem menos o modo subjuntivo do que a literária. Nisto era certamente muitas vezes mais conservadora do que a língua clássica, onde o subjuntivo desenvolve largamente o

---

(234) Os exemplos são de Clédat no trabalho já citado, no qual, sobretudo, baseamos o nosso estudo do condicional no francês.

seu emprêgo. Como observa Brunot "não é impossível que a língua popular tenha conservado frequentemente o indicativo, enquanto a língua escrita usava o outro modo" (**op. cit.**, I, pag. 99). As línguas românicas confirmam, em geral, esta restrição. Mas é especialmente o romeno que apresenta a maior limitação, conservando apenas um tempo do subjuntivo (o presente), e aí mesmo restringindo às vezes o seu emprêgo, por exemplo na oração concessiva, onde as conjunções e locuções conjuntivas **deşi**, ou **toate că**, **măcar că**, etç. pedem indicativo: "Deşì în mănăstiri se însemnau de abiceiu faptele ctitorilor" (verbo no indicativo) = "embora nos mosteiros se registrassem geralmente os atos dos fundadores" (Ion Bogdan). Possìvelmente está aquí também a razão por que o mais que perfeito do subjuntivo latino acabou por servir de mais que perfeito do indicativo na Dácia: sendo pouco empregado, talvez sobretudo em algumas formas mais ou menos petrificadas, perderam as populações daquela região a conciência do seu valor primitivo.

Não é, portanto, impossível que a melhor conservação do subjuntivo no Ocidente, sobretudo no italiano, onde tem o emprêgo mais variado e frequente, se deva em parte à tradição literária e à presença do latim na România medieval. É simples sugestão que não seria fácil de documentar, mas perfeitamente plausível. Pidal assinala a ocorrência de alguns indicativos por subjuntivos nas **Glosas Silenses**, etc., crendo tratar-se de traço dialetal próprio da parte oriental da Península (235). Sem contestarmos a sugestão do eminente romanista espanhol, inclinamo-nos a ver aí os traços de uma tradição mais popular.

O particípio presente e o gerúndio. O latim vulgar conservou o gerúndio no ablativo, com o valor modal e instrumental dêste caso, dando-lhe mesmo extensão mais lata à custa do particípio presente. Até onde êste sobreviveu na língua popular é difícil de dizer. Provável é que o povo o tivesse perdido totalmente. O romeno, a mais popular das línguas românicas na sua formação, desconhece êste particípio em tôdas as aplicações que o Ocidente lhe deu, e. g., na formação de adjetivos e substantivos de agente (port. **luzente** e **comandante**) ou de particípios absolutos reduzidos a preposições (port. **durante**, fr. **pendant**), ou ainda com o valor verbal primitivo. Os restos do particípio que sobrevivem em sua função verbal no Ocidente, se devem antes ao latim medieval do que ao patrimônio romance primitivo. Apesar do seu caráter latinizante, as **Glosas Silenses** e **Emilianenses** não conhecem o particípio presente. Pidal observa em sua obra, **Orígenes**, pag. 374:

(235) *Orígenes del Español*, pag. 384.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

"Como acabamos de ver, o particípio ativo não é usado como forma romance; exige uma tradução para outra forma".

Não obstante a influência latina medieval, a concorrência vigorosa do gerúndio, forma profundamente vivaz no romance, impediu que o particípio se mantivesse em todo o Ocidente. Na Ibéria emprega-se com certa frequência durante o período medieval, até o século 16, tanto no português como no espanhol, sendo usado nêste último sobretudo por Berceo (236). Exemplos portugueses são: "E demãdante o nosso senhor Deus na multidõe do seu poboo o seu obreiro... diz aynda outra vez" (**Regra de São Bento**, IX); "E despois desto seja-lhe dada toda humanidade e neçessidade para os corpos, o prior quebrante o jejũu polo ospede" (**ib.** LXXXIII); "e digua Deus e algũu tẽpo a el pecãte" (**ib.** XIX) (237).

No italiano conserva-se até hoje o particípio ao lado do gerúndio (e. g., **amante, temente, partente**), mas o seu valor verbal latino é de cunho erudito e literário. No francês e no provençal, em consequência da queda da vogal final e do ensudercimento da sonora daí resultante, o gerúndio e o particípio não se distinguem formalmente, a não ser na fase mais antiga das duas línguas, onde o particípio continuava declinável, embora com hesitações. Bourciez cita a frase "Charles qui est as porz **passanz**" (**Chanson de Roland**, 1071), mas a edição crítica de Aurelio Roncaglia, de 1947, dá **passant**. É nas línguas da Gália e no italiano que o particípio sobrevive melhor, mas, como veremos logo, mesmo aí é a influência latina erudita que deve ter concorrido para a sua manutenção, senão para a sua reintrodução.

Entre as funções do particípio e do gerúndio (238) que mais diretamente se ligam à tradição literária, devem estar:

a) **Particípio presente ou gerúndio com valor atributivo** (= oração adjetiva, etc.). Esta função pertence legìtimamente ao particípio presente, de acôrdo com o uso latino. Conservou-se viva no francês e no italiano, em virtude da influência latina. Brunot

---

(236) Quanto ao espanhol notem-se estas palavras de R. Lapesa: "Sea por latinismo, sea por conservación arcaizante, el participio activo tiene aun bastante uso en algunos textos: "un sábado esient, domingo amaneziend, vi una visión en mio leio (sic) dormient" (*Hist. de la Leng. Esp.*, pag. 117).

(237) Os exemplos que damos são de um texto traduzido do latim. Para mais exemplificação ver: Epifânio *Sintaxe* 252, E. C. Pereira, *Gram. Hist.*, pag. 526 e Silveira Bueno, *Gram. Normativa*, pag. 409.

(238) Para evitar complicações e repetições inúteis, reunimos o estudo das funções do particípio e do gerúndio, pois que o seu valor se torna muito semelhante nas línguas românicas.

chama a atenção para a sua ausência no período mais antigo do francês, notando que se reduz alí a simples adjetivo verbal, concordando, como verdadeiro adjetivo, com o nome ou o pronome, e. g., "bons fut le siecles: ja mais n'iert si vaillanz" (**Al.** 2, 3, apud Brunot). De fato, segundo vimos antes, mesmo como simples adjetivo o uso dêste particípio se deve provàvelmente ao latim medieval. Quanto ao seu emprêgo com valor de oração relativa, diz explìcitamente o autor citado: "O particípio apôsto, com valor de oração relativa, quer adjetiva, quer determinativa, **não ocorria no francês antigo, exceto nas traduções**" (o grifo é nosso). A partir de Joinville e, sobretudo nos séculos 14 e 15, torna-se êle comum, e. g., "devant les gens estans a table tu me hontas" (**Sept sages de Rome,** III) (239). Mais tarde tal uso se torna comum, concorrendo sem dúvida para um desenvolvimento semelhante do gerúndio em línguas irmãs.

O particípio italiano nesta função é uma sobrevivência latina que se mantém até hoje na língua literária. Do uso verbal do particípio nesta língua observam Trabalza e Allodoli: "Come forma verbale pura, il participio presente non ha che **scarsissima vita:** rappresenta singolarità preciose: 'non **dante** il minimo segno di benevolenza' (Pellico). Ma abbastanza frequente in antico" (**op. cit.,** pag. 224). Apesar disto, a forma tem certa vitalidade, por tradição literária, inspirada no latim naturalmente, mesmo em escritores modernos. Assim "effluvie... costituente una forma nuova di energia" (U. Iani); "per scongiurare la tempesta addensantesi sulla communità" (Salvatorelli), etc..

Por outra parte nota-se uma tendência generalizada para empregar o gerúndio com o valor adjetivo do particípio presente latino. Já no baixo latim e no medieval se nota semelhante emprêgo, em frases como: "Si nocte inspiciat hanc **praetereundo** viator, et terram stellas credit habere suas" (Venâncio Fortunato), "Et si isti populatores invenerint **aliquem hominem** in suo horto aut in sua vinea **faciendo** ei damnum" (**Foros de S. Vicente de Sosierra,** A. D. 1172) (240). Também M. Pidal assinala o emprêgo do gerúndio pelo particípio latino nas **Glosas Emilianenses e Silenses** (241). E é digno de nota que, mesmo quando o particípio latino tem valor de oração relativa, é interpretado aí pelo gerúndio, e. g., **carens** = **lebando** na frase "deducimus et ad locum tabernacula

---

(239) Ver Brunot, *op. cit.*, I, pag. 495. Cf. também pag. 246, a respeito do uso do particípio como simples adjetivo.

(240) Os exemplos vêm nas *Notas* de Cuervo à *Gramática Castellana* de A. Bello, § 72. Tôda a sua longa nota é interessante em referência ao assunto aquí estudado.

(241) *Orígenes del Español,* pag. 373.

carens [+lebando] jnjustorum habitationes" (**Glosas Emilianenses,** 120). Foi certamente esta impressão de que o gerúndio românico era o equivalente normal do particípio presente latino, que orientou, em boa parte, o desenvolvimento das diversas aplicações sintáticas que êle recebeu nas línguas modernas da família neo-latina. Mesmo quando usado com valor adjetivo, prevaleceu especialmente a intenção de reproduzir o valor latino do particípio, se bem que a influência francesa tenha acoroçoado, sobretudo nos tempos modernos, uma extensão sempre maior e irrestrita do seu emprêgo.

Êste ocorre por tôda parte, embora com certas restrições. Trabalza e Allodoli o registram para o italiano (242). E. g., em "E verso noi volar furon sentiti... **spiriti,** parlando | A la mensa d'amor cortesi inviti" (**Purg.,** 13); "Quando la madre | Trafugò **lui dormendo** in le sue braccia" (**ib.,** 9). Os mesmos autores assinalam o emprêgo do gerúndio, embora mais raro, como predicado nominal do sujeito, em uma frase como a de Guicciardini "(Era) d'ingegno vano... e disprezzatore delle sue promesse... e tanto presumendo del sapere di sé medesimo...".

No espanhol a gramática da Academia registra o uso adjetivo de **ardiendo** e **hirviendo** e o valor adjetivo do gerúndio com o objeto direto dos verbos de percepção, de compreensão (**sentir, ver, oir, observar, hallar,...**) e de representação (**pintar, grabar....**) (243). Outros empregos adjetivos aparecem, por influência francesa sobretudo, e são condenados pelos puristas, dizendo mesmo A. Bello a propósito de uma frase como **Envió 4 fardos, conteniendo 20 piezas de paño** "uno de los más repugnantes galicismos que se cometen hoy dia" (**Op. cit.,** § 1128). Cuervo, no § 72 das suas **Notas** à mesma gramática, trata de maneira mais objetiva do emprêgo atributivo do gerúndio, acrescentando, contudo: "mas por causa de sua origem adverbial e da relação que conserva com o verbo em virtude da tradição sintática, não é tão lato em seu uso como os particípios grego e latino". À doutrina mais extremada de Bello chama luminosa, "embora estreita". Com certas reservas, também o português usa abundantemente do gerúndio com valor atributivo em frases como "Aa entrada da Capela, siia uũ homem velho todo **caão** e **tremendo**" (**Demanda do Santo Graal,** § 510); "Acharam o cavaleiro armado **jazendo** ante a porta" (**ib.,** § 542); "Vimos nós o primeiro fundador da hordem dos fraires menores, por nome Francisquo, varom simprez e sem letras, **amando a Deos** e aos homẽes, aver siido arrebatado a tanto excesso de embebedamento do esprito... (**Crônica da O. Fr. Menores,** I, pag.

---

(242) "Frequentemente nei nostri classici il gerundio è usato come participio presente, e allora in funzioni qualitative o modali del soggetto e dell'oggetto" (*Op. cit.*, pag. 223).

(243) Ver as páginas 411 e 413 da obra citada.

37); "Os seus principes são no meio d'ella como uns leões rugindo (Figueiredo, **Sofonias**, 3-3).

Os puristas intransigentes — portugueses e espanhois — têm guerreado êste emprêgo do gerúndio, tachando-o de galicismo. Entretanto, os estudiosos do assunto no nosso meio, têm insistido em que tal concepção é muito estreita, evidenciando pelos escritores antigos e modernos a vernaculidade de semelhante construção (244). Basta um exame dos numerosos exemplos citados pelos autores referidos na nota ao pé da página, para disto nos convencermos. É verdade que tal emprêgo tem ainda certas restrições, evitando-se o gerúndio quando não denota atividade passageira ou qualidade transitória. Alguns escritores modernos, porém, vão usando com mais liberdade o gerúndio, naturalmente influenciados pela construção francesa. Notem-se os exemplos seguintes: "Ao mesmo tempo rompia em tôrno de nós uma balbúrdia medonha de roucos, bufos, grunhidos, sons de patas **fugindo**" (Eça de Queiroz, **Minas de Salomão**, 83); "dos granitos **rompendo** a terra em pontas... desprende-se um bafo de quentura armazenada" G. Barroso, **Terra de Sol**, 11); "se (é) de longas varas **descansando** em suportes ..." (**ib.**, pag. 63); "possam estender-se... a todos os brasileiros de vossa idade, **crescendo, estudando, sonhando** dentro do imenso e inquieto coração do Brasil" (O. Bilac, **Oração aos Moços**).

Também o romeno conhece esta função atributiva do gerúndio, pelo menos na língua moderna. Como atributo do complemento direto de um verbo de percepção, encontramo-lo mesmo no **Tetraevangelion**: "văzu omŭ sazîndŭ la vamŭ" (**Mateus**, 9-9), mas não é impossível que se trate de influência do texto original: "εἶδεν ἄνθρωπον καθήμενον ἐπὶ τὸ τελώνιον". Exemplos mais variados vêm na versão de 1874; "Eacce v'am dat voŭi toată earba **purtând** semînță" (**Gênesis**, 1-29); "este scăldătorea... care se chĭamă evreesce Betesda, **avêndŭ** cincĭ portice" (**João**, 5-2). O emprêgo do particípio com o valor de oração adjetiva é normal na língua moderna.

Observamos, pois, por tôda parte na Romênia, a mesma tendência para alargar a função atributiva do gerúndio, em grande parte por imitação da oração participial latina, em consequência da relação estabelecida entre o gerúndio herdado e o velho particípio. Se é verdade que em algumas línguas, como no português, no espanhol e no italiano, existe certa repugnância para o seu uso indiscriminado em lugar de qualquer oração relativa, cremos que certos puristas extremados têm ido muito longe, condenando todo emprêgo atributivo desta forma nominal do verbo como galicismo.

---

(244) Consultem-se O. Mota, *Questões Filológicas — a evolução do gerúndio* (resumido em *Horas Filológicas*, pags. 38 a 45); E. C. Pereira, *Gram. Hist.* pags. 534-7; Silveira Bueno, *Gram. Normativa*, 407s; Sousa Lima, *Gram. Expositiva*, pags. 501s.

Fazem-no, não só contra a tradição antiga da língua, mas também em seu prejuízo, pois que dentro de certos limites o gerúndio atributivo é uma riqueza inegável.

b) **Gerúndio e particípio presente como complemento circunstancial.** Esta função está mais diretamente ligada ao valor primitivo do gerúndio no ablativo, que é o que sobrevive no romance, assim **studendo discitur** (estudando aprende-se), mas o ablativo do gerúndio era, a princípio, apenas complemento **modal** ou **de meio.** Ao contrário, o particípio presente conjunto ou absoluto (isto é, concordando com um nome da oração regente, ou referindo-se a outro qualquer), tinha com frequência, além do seu valor atributivo, significação adverbial, indicando circunstâncias de **tempo, causa, condição, concessão, meio, modo consequência,** etc. (245), e. g., "Dionysius tyrannus cultros **metuens** tonsorios candenti carbone adurebat capillum" (**Cícero,** apud Madvig) = "o tirano Dionisio, **porque temia**... etc.".

Nas línguas românicas é particularmente comum o emprêgo modal do gerúndio. A gramática espanhola da Academia registra esta significação como a mais frequente do gerúndio castelhano, citando uma nota de Lanchetas, segundo a qual 80% dos gerúndios dessa língua têm valor modal (pag. 415). Parece-nos, contudo, que alguns dos exemplos aduzidos pela Gramática incluem já outras relações, e. g., de consequência: "y de allí manaba una fuente cuyas aguas se deslizaban **formando** manso arroyo y **alimentando** en torno un prado amenísimo" (Valera) = "de modo que formavam...". Por tôda parte, ao lado do seu emprêgo modal herdado, usa-se para a expressão de uma variedade de circunstâncias que em latim se enunciavam com o particípio. A facilidade com que o gerúndio ablativo passava a exprimir outras circunstâncias pode ver-se claramente em uma frase latina, como **cavendo salvi erimus,** citada por Grandgent (**Introducción,** pag. 89). O referido autor dá-lhe valor condicional, mas a idéia primitiva de meio é ainda muito sensível e o exemplo serve para ilustrar o modo por que, com muita espontaneidade, esta forma verbal começou a confundir-se com o particípio presente. Se esta extensão começou em época muito antiga, não se pode excluir, no seu desenvolvimento românico, o modêlo latino constituído pelo particípio daquela língua, em virtude de se sentir que o gerúndio românico, como já notamos, era o seu equivalente normal. Por estar aquí o velho particípio em relação funcional mais íntima com o gerúndio, absorveu êste com grande facilidade o emprêgo circunstancial daquele. Assim em português: "êle, **sabendo disto,** não quis vir" (isto é, **por saber**); "**querendo Deus,** iremos amanhã" (se

(245) Ver Madvig, *Gramática Latina,* pag. 337.

Deus quiser); "**mesmo chovendo**, irei" (ainda que chova); "**comendo** alegremente perguntavam" (enquanto comiam); "**chegando** aí, souberam de tudo" (ao chegarem aí), etc..

Meyer-Lübke registra êste sentido como função normal do gerúndio romeno, e. g., "rugându-vă să nu graiți râu" (literalmente "pedindo vós, nada digais de mal"), entretanto a comparação do texto romeno já citado do **Tetraevangelion** de 1574 com a versão bíblica de 1874, revela-nos imediatamente esta diferença notável: o **Tetraevangelion** tem uma evidente repugnância para as construções gerundiais, enquanto a versão moderna as emprega abundantemente. Notem-se, entre outros, os exemplos seguintes: "că fiindu logodită mumă lui, Maria, cu Iosefŭ (**Mateus** 1-18, versão moderna). O Tetraevangelion tem "logoditŭ amu muma lui...". "Iosefŭ fiindŭ dreptŭ, si nevrêndŭ să o vădésca" (**ib.** 1-19); no Tetraevangelion temos: "Iosifŭ... dreptŭ fu si nu vrê... (indicativo)"; "ângerulŭ... i s'a arĕtatŭ în visu, zicêndu" (versão moderna, 1-20) = eatâ îngerul domnului ivi-se în somnŭ grăí (Tetraevangelion). "Si sculându-se Iosefŭ din somnŭ" (versão moderna, 1-24) = "sculă-se Iosifŭ deîn somnŭ" (Tetraevangelion); "aceste auzindŭ regele Erodŭ, s'a turburat" (versão moderna, 2-3) = "auzi Irod înpăratŭ turburâ-se" (Tetraevangelion). Confiram-se ainda passos como: **Mateus** 2-4, 2-7, 2-8, 2-9, 2-10, 2-11 (3 gerúndios na versão moderna), 2-12, 2-14, 2-22 (2 gerúndios na versão moderna), 2-23. Entretanto, o gerúndio não é de todo desconhecido do texto antigo. Encontramo-lo, por exemplo, no mesmo Evangelho, cap. 2, v. 13: "Ducăndu-se vlăhvele ĭată îngerul... grai" = "partindo os magos, eis que o anjo... disse" (é um gerúndio absoluto). A conclusão que se pode tirar dos fatos que acabamos de apontar é que também no romeno influências estranhas, desta vez gregas, latinas, e certamente mesmo francesas e italianas, deram vitalidade maior a esta forma verbal. Esta escassez primitiva do gerúndio no romeno justifica a suspeita de que o seu grande desenvolvimento com valor circunstancial é produto de uma elaboração posterior, de influência latina certamente, pelo menos na România ocidental.

c) **Gerúndio regido pela preposição in.** É uma construção românica ocidental, própria sobretudo do francês, de onde se estendeu provàvelmente para as línguas irmãs, sem alcançar nelas grande vitalidade, mormente na época moderna.

A origem desta deve estar no latim medieval. O gerúndio preposicionado é do latim clássico, embora não seja de uso demasiado frequente. No ablativo ocorre com **ab, ex, de, in, pro,** e em autores post-clássicos também com **super** e **cum.** Algumas destas preposições aparecem em raros textos românicos medievais (e. g., **com** e **sem,** em português), mas é **in** que revela vitalidade maior

e mais duradoura. A princípio a sua aplicação é muito limitada (246). Na **Chanson de Roland**, por exemplo, ainda se acha o **in** com um sentido literal e mais ou menos latino, estendendo-se, porém, depois, até servir para a expressão de uma variedade de circunstâncias que acompanham a ação, tais como **causa, meio, modo, condição, oposição** (concessão) (247). Temos, pois, nesta construção, claramente, um desenvolvimento românico, antes que uma herança latina vulgar.

O emprêgo românico do gerúndio com a preposição **in** deve estar ligado especialmente ao latim eclesiástico, como o da Vulgata, onde ocorre frequentemente, traduzindo a construção grega de ἐν + infinito, e. g., "In deficiendo ex me spiritum meum et tu cognovisti semitas meas" (**Salmo** 141-4) = ἐν τῷ ἐκλείπειν..." (Septuaginta); "In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus sicut consolati" (**Salmo**, 125-1) = "ἐν τῷ ἐπιστρέψαι κύριον..." (248). Não cremos que esta construção da Vulgata denuncie qualquer influência vulgar, pois, implantando-se já no latim do povo o uso da preposição com o infinito, seria esta certamente que apareceria aquí. O literalismo da tradução latina da Bíblia não impediu o tradutor de recorrer à forma literária mais correta, usando o gerúndio em lugar do infinito. E foi, sem dúvida, por esta tradição culta medieval que se manteve o uso de **in** com o gerúndio, enquanto as demais preposições e o próprio **in** na língua popular passaram a construir-se com o infinito.

Sem nos delongarmos no exame histórico da mesma construção nas demais línguas ocidentais, notaremos apenas que ela é rara no italiano e nas línguas da Ibéria, onde tem valor temporal principalmente. No italiano vem, por exemplo, em uma poesia de 1320: "diróvello in chantando tuto lo meo penare" (**Antiche Rime Italiane**, 107). No espanhol o gerúndio preposicionado é abundante até o século 15, e. g., "dixeles **en respondiendo**" (Marquês de Santillana); "el cual, **en lo mandando** matar, se puede con verdad decir se mató a sí mismo" (Cron. de D. Álvaro de Luna). Desde então vai escasseando, empregando-se hoje apenas para indicar **anterioridade imediata** (249). Cf. no **D. Quixote** "en gustando alguna gota, luego al punto quedaban sanos de sus llagas" (I. c. 3). No português se nota a mesma tendência para restringir o em-

---

(246) Meyer-Lübke, *op. cit.*, III, § 501.

(247) Cf. *Grammaire Larousse*, pag. 347. Modernamente é obrigatório o uso de *en* quando indica modo (Van Daele, *Synt. des temps et modes*, pag. 96).

(248) Cf. Plater e White, *Grammar of the Vulgate*, pag. 40.

(249) Ver as *Notas* já citadas de Cuervo à *Gramática Castellana* de A. Bello.

prêgo de em com o gerúndio, mas na língua antiga e ainda na clássica ocorre frequentemente. Assim: "porque em sendo assi, entom de razom estaria, que o vento levaria o poo" (1. I, cap. 4) — note-se o valor condicional da expressão —; "pero todavia pode pecar em pregando" (1. I, cap. 5) .(249 bis); "o sol logo em nascendo vê primeiro" (Camões), etc. (250).

d) **Construção absoluta dos particípios (presente e passado) e do gerúndio.** O latim empregava muitas vezes os particípios, sobretudo o passado, como atributo de um substantivo ou pronome não pertencente à oração principal, colocando então no ablativo o particípio e o nome, e. g., "praetendebat sibi et fratri decreta eadem, petente Augusto" (Tácito, **Anais** 3, 29); "His nuntiis acceptis Galba..., consilio celeriter convocato sententias exquirere coepit" (César, **De B. Gallico,** III, 3). A mesma construção ocorre na România, faltando, naturalmente, a característica casual pertencente à forma latina: port. "Isto dito, veloces mais que gamos, | Se lanção a correr pelas ribeiras" (**Lusíadas** IX, 70); "mas sempre — o Ceo querendo — fará menos" (**ib.,** X, 17); esp. "Limpias, pues, sus armas, hecho del morrión celada, puesto nombre a su rocín, y confirmándose a sí mismo, se dió a entender que no faltaba otra cosa sino buscar una dama..." (**D. Quixote,** I, cap. 1); fr. "L'information faite, qui l'apportera au juge?" (Commines); it. "Finito questo, la buia campagna | Tremò si forte, che dello spavento | La mente di sudore ancor mi bagna" (Dante, **Inferno,** III, 130ss).

Também esta construção, hoje bastante generalizada, procede do latim medieval. As razões que temos para assim pensar são: 1) a duvidosa vitalidade do particípio absoluto no romeno, sempre a língua popular por excelência da România. Meyer-Lübke observa que "os romenos mal conhecem o particípio absoluto" (**op. cit.,** III, § 442). Já assinalamos antes a repugnância que na língua antiga parece existir para o gerúndio circunstancial, inclusive o absoluto, se bem que um exemplo da construção absoluta se nos deparasse no **Tetraevangelion,** como já notamos, em Mateus 1-13, mas aquí corresponde exatamente ao original grego "ἀναχωρησάντων δὲ αὐτῶν...". Estas construções absolutas também se encontram na versão bíblica moderna, e. g., em João 2-3, reproduzindo a construção absoluta do texto grego: "și lipsindŭ vinulŭ, zise muma lui Iisusŭ către d'însulŭ" (καὶ ὑστερήσαντος οἴνου...). 2) O particípio passado, justamente aquele que melhor se conser-

---

(249 bis) Êste exemplo e o anterior são do *Livro da Montaria* de D. João I.

(250) Sôbre o uso português desta construção ver Epifanio, *Sintaxe,* pag. 250 e E. C. Pereira, *Gram. Hist.,* pag. 531.

vou na România, é raro no italiano e no francês antigo, ao passo que na época moderna o seu emprêgo se torna quase ilimitado, o que leva Meyer-Lübke a dizer que são os escritores da Renascença ou mesmo anteriores a ela, conhecedores do latim, que lhe dão maior aplicação sob influência daquela língua (251). Também Brunot salienta o caráter recente do particípio absoluto em francês, notando que aí se desenvolve o seu emprêgo no século 13, e acrescenta "que não é impossível que a imitação do latim tenha desempenhado papel" na sua disseminação (**op. cit.**, I, pag. 343). Assim, desconhecido em Villehardouin, êle aparece já em Joinville: "**la verité seue,** il me delivra la garde", etc.. No italiano aparece já frequentemente em Bocácio, depois em Maquiavel, etc..

Mais frequente é o particípio absoluto nos textos antigos das duas línguas ibéricas, como no **Poema do Cid: "Este colpe fecho,** otro dio Nuño Gustioz" (n.º 152); **"Tierras de Valencia remanidas en paz,** adelinó pora Castiella Minaya Albar Fañez" (n.º 80).

É provável que se deva aplicar ao romance em geral a observação de Bourciez, falando do francês antigo e do provençal: "Ao contrário, a expressão chamada **ablativo absoluto** não parece ter sido transmitida diretamente enquanto serve para indicar circunstâncias de tempo; é pelos tradutores e por imitação que ela foi introduzida" (**op. cit.**, pag. 375), se bem que tenhamos de admitir uma data mais antiga para a sua introdução na Ibéria (ou teria a Península conservado a construção na língua do povo? provàvelmente não). 3) Ao lado das construções absolutas com o particípio presente ativo, cuja transmissão, como já se disse, deve ter-se dado por via literária, as línguas românicas recorrem de preferência ao gerúndio, substituto normal daquele no romance, para as construções absolutas do presente. Naturalmente êste tipo não pode ser herdado, pois que o emprêgo do gerúndio como complemento circunstancial de aplicação quase irrestrita é uma inovação recente, imitando construções latinas correspondentes com o particípio. Mas cedo, às vezes ao lado do particípio presente, aparece o gerúndio nas mesmas construções. Assim no italiano, ao lado das expressões antigas **me vivente, dio permettente, regnante Carlo,** vem **essendo egli cristiano (Orlando,** apud Diez). Assim "Fu introdotto in quella città in sul mezzodi, **concorrendo infinita moltitudine** a vedere un principe caduto in tanta miseria" (Guicciardini), citado por Trabalza e Allodoli, que notam ser esta construção especialmente da língua antiga e da poesia (**op. cit.**, pag. 223). Na Ibéria é êste naturalmente o tipo comum de construção absoluta moderna, embora existam também exemplos do particípio presente assim construído na época medieval. 4) Alguns aspectos especiais da sintaxe do particípio e do gerúndio absolutos expli-

(251) *Op. cit.*, III, § 422.

cam-se por tendências notadas no latim eclesiástico e no latim medieval. Uma diferença interessante, embora não absoluta, entre o uso românico e o latino, é que naquele se emprega a construção, mesmo quando o substantivo ou pronome desta ocorre como complemento e até como sujeito da oração regente, como na frase "dizendo **êle** isto, censuraram-**no** todos". É verdade que o latim não desconhece de todo esta liberdade, mas ela é aí excepcional, pelo menos nos clássicos. Torna-se mais frequente depois (252), mas é particularmente comum em textos cristãos, notadamente na Vulgata. Esta, como tantas vezes, reproduz muito frequentemente a construção grega, onde o **genitivo absoluto** em lugar do **particípio conjunto** é bem comum. Assim "**ascendente** eo in naviculam, secuti sunt **eum** discipuli" (**Mateus** 8-23); et, **viso eo,** rogabant (sci. **eum**) ut transiret a finibus eorum" (**ib.,** 8-34); "**exposito** autem **illo**, sustulit **eum** filia Pharaonis" (**Atos,** 7-21). Aquí o grego tem: "ἐκτεθέντος δὲ αὐτοῦ ἀνείλατο αὐτόν...". Assim: "**Paulo** autem **volente** intrare... non permiserunt discipuli" = "Παύλου δὲ βουλομένου εἰσελθεῖν... οὐκ εἴων αὐτὸν οἱ μαθηταί" (Atos 19-30). Apesar da concordância frequente entre a Vulgata e o texto grego, encontra-se, não raro, o particípio absoluto em latim, onde o original tem um particípio conjunto, o que parece indicar que não se trata aquí necessàriamente de um helenismo, como querem Plater e White (253). Trata-se, porém, de uma construção do baixo latim que na România se conservou com a mesma liberdade.

Por outro lado, as línguas românicas colocam geralmente o particípio ou o gerúndio antes do nome que lhe serve de sujeito, com numerosas exceções no período medieval, e no francês, que consagrou a ordem direta. A anteposição do particípio é outro fenômeno comum na decadência latina, e. g., na Vulgata, que segue geralmente com muita fidelidade o texto grego. Também na Idade Média prevalece a anteposição do particípio, embora a posposição não seja desconhecida, principalmente quando o sujeito da oração participial é um pronome. Casos de anteposição temos, e. g., em "praevalente gentilium superstitione" (Guilherme de Tiro); "capta civitate" (Raimundo de Agiles); "defluente itaque tempore" (id.), etc.. Entre os exemplos da Vulgata confiram-se "non contemplantibus nobis" (como no grego), **II Coríntios,** 4-18; "egressis autem illis" (**Mateus** 9-32); "apertis thesauris suis" (**Mateus** 2-11); "defuncto autem Herode" (**Mateus** 2-19), como no grego; "relicta civitate" (**Mateus** 4-13); "relictis retibus" (**Mateus** 4-20 e 22); "facta autem die" (**Actos** 12-18), como no original. A esta tradição latina deve filiar-se a ordem que prevaleceu nas línguas românicas, com a exceção notável do francês. Se a ordem

(252) Stolz-Schmalz, pag. 447.

(253) *Op. cit.*, pag. 39.

direta é frequente no português medieval, a anteposição é muito comum, por exemplo na **Crônica da Ordem dos Frades Menores**, traduzida do latim, e. g.: "o qual como, feito o sinal da cruz, o abrisse"; "dadas aos pobres tôdas suas cousas"; "acompanhando-o sam Francisco", etc.. Contrastando com esta tendência do latim medieval e de quase tôdas as línguas neo-latinas, o latim clássico mostrava predileção para a ordem direta, e. g., "Die constituta" (César, **De B. Gallico**, I, 4); "oppidis suis vicisque exustis" (**ib.**, I, 5); "re frumentaria comparata" (**ib.**, II, 2), etc.. 5) O fato já notado de as preposições formadas de velhos particípios absolutos pertencerem à língua culta corrobora ainda os indícios coligidos de outras fontes, de que o uso da oração participial absoluta é uma herança literária do romance.

O desenvolvimento do gerúndio principalmente, de que o romance primitivo herdara mirrados restos com algumas poucas funções, expandindo-se ricamente na România de um modo uniforme, apesar de insignificantes diferenças nos pormenores, sob a influência da sintaxe latina, constitue ainda outro magnífico exemplo da unidade românica ocidental. Embora seja extremamente difícil, às vezes, distinguir entre a contribuição popular e a erudita, cremos que a contribuição da cultura latina medieval vai bem além do que é possível documentar com segurança por falta de dados seguros sôbre a época que vai da queda do império romano ao aparecimento dos primeiros textos literários do romance.

O infinito românico. O infinito presente ativo, o único que se conservou no romance, manifesta em certos pontos grande vitalidade. Se, de um lado, a língua popular perdeu quase inteiramente o uso desta forma nominal do verbo nas orações infinitivas, tão abundantes na língua clássica, por outro, continuou a empregá-la com numerosos verbos auxiliares e, sobretudo, deu-lhe uma grande aplicação desconhecida do latim, a de formar, com o auxílio de preposição, numerosas locuções circunstanciais e outras. Embora o romeno tenha reduzido modernamente o seu infinito quase simplesmente a um substantivo verbal abstrato, os restos aí conservados do seu emprêgo verbal são suficientes para mostrar que a inovação aquí mencionada procede do latim vulgar.

Há, contudo, alguns empregos românicos do infinito que são certamente criações posteriores e, se nem sempre, em parte ao menos, significam uma volta à sintaxe latina. Mas — o que sobretudo nos interessa — naturalizam-se como construções vernáculas em tôdas as línguas do grupo. Entre estas lembramos:

a) **o infinito histórico ou de narração.** O latim possuía o infinito histórico. Ocorrendo ainda raramente em Plauto, com mais frequência em Terêncio, em Cícero (nas cartas e nos primeiros

discursos), torna-se comum nos historiadores, como Salústio, Tito Lívio, Tácito, etc., mas êste emprêgo do infinito entra depois em decadência. Pelo fim da época imperial já não se usa, exceto entre escritores preocupados em imitar modelos antigos, como Tito Lívio e outros (254). Assim ocorre ainda em Dictis, Sulpício Severo, etc., até Sidônio Apolinário (século 5), o último escritor que o emprega.

Por outra parte, seja qual for a origem do infinito histórico românico, é uma criação posterior. Tanto Meyer-Lübke como a já muito citada gramática de Stolz-Schmalz dão êste infinito como criação nova e independente do latim, observando a diferença de construção, pois que o infinito românico vem regido de **ad** ou **de**. Meyer-Lübke sugere a possibilidade de uma elipse de um verbo como **começar** (pag. 593). Entende o mesmo romanista que esta construção nasce da linguagem corrente (pag. 594) e não teria assim nada que ver com influência erudita ou latina. Outros, ao contrário, vêem, neste uso do infinito, um latinismo (255). Não nos parece que se deva excluir de todo a influência latina, senão na criação da forma românica, pelo menos no seu triunfo e sobrevivência. O uso da preposição não exclue necessàriamente esta inspiração. O número de infinitos preposicionados, que proliferavam na época em que o infinito histórico se constituíu, explica suficientemente a anteposição desta ao infinito, como reconhece o próprio Meyer-Lübke, pois na França o seu aparecimento coincide justamente com a época em que **de** se torna preposição comum com o infinito, nos séculos 14 e 15 (256).

O primeiro exemplo encontrado em francês é de 1215, mas o novo tipo realmente só se desenvolve no século 15 ou 16 (257), e. g., nas **Cent Nouvelles**: "Tantost qu'elle fust partie, et bon mary de monter à cheval". Depois vem em Rabelais, Des Périers, La Fontaine, etc.. Se bem que o francês medieval conheça exemplos isolados com a preposição **a**, é **de** que se consagra no uso francês, enquanto nas outras línguas ocidentais se emprega sempre **a**: fr. "Et grenouilles de se plaindre | Et Jupin de leur dire..." (**La Fontaine, Fables**, III, 4); port. "Os Santos a prègar pobreza, e segui-la em tudo: e eu que me meta em faustos?" (Sousa, **Vida**

(254) Cf. Meyer-Lübke, *op. cit.*, III, § 529 e Stolz-Schmalz, pag. 591.

(255) Assim a *Grammaire Larousse:* "Cet emploi est d'origine latine, sauf l'addition du mot *de*, fréquent devant les infinifs dans l'ancien français" (pag. 344). Mais provável é que se trate de formações vernáculas aproveitadas e desenvolvidas pelos escritores sob o estímulo da construção latina.

(256) Ver Meyer-Lübke, *op. cit.*, III, pag. 594 e Brunot, *op. cit.*, I, pag. 492.

(257) Brunot e Bruneau, *Gramm. historique*, pag. 541.

do Arcebispo, apud Epifânio); esp. "Yo a pecar, y vos a esperarme; yo a huir de vos, y vos a buscarme" (Granada), mas é interessante observar que o espanhol também conhece, na língua clássica, o infinito sem preposição com o mesmo valor: "y por fin y remate de todo, romperme mis cueros y derramarme mi vino" (**D. Quixote**), onde a imitação do latim é mais evidente (258). Não encontramos fora do francês qualquer exemplo mais antigo do que os acima citados. De fato, os exemplos comumente aduzidos do italiano, do espanhol e do português são posteriores, do século 16 para cá. Seja assim qual for a origem dêste tipo românico, a sua generalização na Romània moderna é um exemplo de criação e desenvolvimento sintático uniforme.

Encerrando estas ligeiras observações a respeito do infinito histórico, entendemos que se deve tratar de uma criação vernácula, possìvelmente uma elipse semelhante à sugerida por Meyer-Lübke, o que explicaria a diferença no uso da preposição entre o francês, que emprega **de** (e. g., commencer de...) e as outras línguas, que têm **a** (port. começar a), mas a sua fixação literária, que data da Renascença, não se fez certamente senão por influência latina.

b) **Infinito exclamativo.** É outro emprêgo do infinito já conhecido da língua latina, parecendo pertencer aí à língua usual antiga. Ocorre na Comédia, mais frequentemente em Terêncio do que em Plauto (êste fato é digno de nota, pois se se tratasse de forma genuinamente popular, deveríamos esperar o contrário), em Catão, e mais tarde em Cícero, sobretudo nas cartas naturalmente, em Sêneca e outros autores. Um exemplo temos no primeiro canto da Eneida: "Mene incepto desistere victam, | nec posse Italia Teucrorum avertere regem?" (vv. 37s).

Esta construção de um infinito independente em orações exclamativas, não raro interrogativas, reaparece na Romània ocidental desde a Idade Média, implantando-se igualmente por tôda parte. Os exemplos que conseguimos documentar e que vêm citados nas obras especializadas, não nos levam a uma época anterior ao século 13, talvez nem a êle. O exemplo de Dante citado por Diez "ma io perchè venirvi?" (**Inferno**, II, 31) é antes uma oração interrogativa do que exclamativa. Infinito exclamativo temos em frases como esp. "irme yo con el?" (**D. Quixote**), fr. "moi, l'emporter?"; port. "eu dizer isto?", etc..

Não é impossível que êste tipo tenha surgido de uma construção românica mais antiga, isto é, do uso do infinito em interrogações como "que dizer?", "onde ir?", etc.. Já vimos que Diez parece confundir as duas construções no exemplo de Dante acima

---

(258) Ver a Gramática da Real Academia Espanhola, pag. 410.

mencionado. A forma interrogativa que êste infinito de exclamação tem geralmente, favorece tal hipótese. Como não parece ter sobrevivido no latim a construção clássica (ela ainda ocorre em Prudêncio), duvidamos da origem latina do tipo românico, embora possìvelmente não deva desprezar-se a influência latina na sua expansão.

c) **Infinito imperativo.** Deve ter sua origem no latim, mas no latim da decadência e no medieval, não no clássico. O primeiro exemplo latino é de Valério Flaco, nas **Argonáuticas**, III, 412: "Tu socios adhibere, armentaque magnis | Bina deis" (259).

Creem alguns (ver, por exemplo, a gramática de Stolz-Schmalz, loc. cit.), que êste infinito já existia no uso popular desde a República, apesar da falta de documentação. O seu emprêgo torna-se frequente nas inscrições e nas obras da decadência latina, como na **Vulgata**, na **Mulomedicina** e na prosa eclesiástica, onde a referida gramática reconhece tratar-se de um helenismo. Também em livros como a **Mulomedicina**, devemos ter influência grega. De fato, no grego, muito provàvelmente, está a origem desta construção, entrando para o latim principalmente através da literatura cristã, mas também por traduções de obras técnicas como a que acabamos de citar. No grego o infinito se usa com valor de imperativo desde Homero, podendo ter sujeito expresso no nominativo, ou omití-lo, o que também se verifica no latim. A Vulgata reproduz a construção grega correspondente, por exemplo em Romanos 12-15: "gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus" (260), mas a construção não é comum no grego do Novo Testamento, embora seja corrente em editos, leis e máximas escritas na **koinê** do tempo (261).

Êste emprêgo do infinito imperativo na linguagem técnica e administrativa, deve ter passado do grego para o latim, donde veio com a mesma aplicação para as línguas românicas (262).

---

(259) Ver Stolz-Schmalz, pags. 590s. e Juret, *Synt. Lat.*, pag. 17. Um pouco diferente é o caso estudado por Perrochat, em *L'infinitif de narration en latin*, pags. 4s. em que o infinito tira o seu sentido do contexto.

(260) Cf. Plater e White, *op. cit.*, pag. 108.

(261) Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament*, pags. 1092s.

(262) Não se deve confundir êste infinito, de uso técnico e literário, com o infinito usado negativamente pela segunda pessoa do singular do subjuntivo ou do imperativo na proibição, emprêgo de uso corrente na lingua vulgar, conservando-se no romeno, como no italiano e no francês antigo.

Nestas aparece com o mesmo caráter técnico e regulamentar, usando-se em recomendações, advertências e ordens gerais, e constrói-se sem sujeito nas línguas românicas, o que é comum, embora não constante, no latim e no grego (263).

Com a mesma função se nos depara igualmente em tôdas as línguas do grupo, e. g., it. **tenere la destra, voltare a sinistra** "designando un comando nudo e crudo", dizem Trabalza e Allodoli (264). Assim tem o francês: **fermer la porte, agiter avant de s'en servir, lire le deuxième chapitre**, etc., e o espanhol: **¡callar! ¡obedecer!** cf. o exemplo "Rehilar, tortero, que el huso es de madera" (anexim da coleção do Marquês de Santillana) (265). Confiram-se em português expressões como: **ler o capítulo X, ver página quinze, consultar o índice, escrever com cuidado, misturar bem**, etc.. Assim num exemplo de Castilho citado por Epifânio: "companheiros, despedir esta noite da montanha e das tristezas, e aparelhar para amanhan me seguirdes" (266).

Êste emprêgo do infinito é mais um exemplo, e o último que citamos da longa lista que aquí vai, desta unidade sempre viva e produtora, que tem enriquecido contìnuamente as línguas da família românica, desde a sua formação até os nossos dias.

---

(263) O caso que aqui consideramos não corresponde ao que é estudado com êste título por Meyer-Lübke em referência ao francês antigo (ver *Gramm. des lang. rom.*, III, § 528).

(264) Em *La Grammatica degl'Italiani*, pag. 219.

(265) Êste e outros exemplos vêm nas *Notas* de Cuervo à *Gramática Castellana* de A. Bello, pag. 62.

(266) Ver *Sintaxe Histórica*, pag. 241, do mesmo autor. Os exemplos são modernos. No *Livro da Montaria*, l. I, cap. 4 vem um infinito coordenado a vários subjuntivos de sentido imperativo: "*tome* sua gente e *meiaa* em hũa batalha, quanto puder seer de longo, e com todo isto que nom seia muy delgada, e depois *tomar* uinte ou trinta homẽes dos mais auisados, e que seiam dos mais ardidos, que em sua gente tiuer, e entom compre de os fazer estar detraz dos outros" (êste exemplo lembra os estudados por Perrochat; ver a nota 259).

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

CONCLUSÃO

Chegando ao fim desta excursão linguística, já um pouco longa, através do vocabulário e da gramática românica, tentando discernir o que se deve à tradição culta latina e à criação românica recente no patrimônio linguístico da România ocidental, não queremos pingar o ponto final, sem salientar três resultados importantes do que acabamos de fazer:

1) A IMPORTÂNCIA DO LATIM LITERÁRIO, PARTICULARMENTE DO LATIM MEDIEVAL NA FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS OCIDENTAIS. Tem-se insistido muito em que as línguas românicas derivam do latim vulgar e não do latim literário. A distinção tem o seu valor como fato histórico inegável: as línguas românicas continuam em uma sequência perfeita a língua latina falada na parte ocidental do Império Romano. Insistindo nesta verdade, esqueceu-se, não raro, a importância do latim literário, constantemente presente durante a formação das línguas ocidentais do grupo, suprindo as lacunas da língua vulgar em tudo o que fosse necessário. Efetivamente, como se viu, o latim literário nunca deixou de existir ao lado do vulgar, em contacto com êle, exercendo sôbre êle contínua influência. Em todos os tempos, ainda nas épocas de maior obscurantismo, após as grandes invasões dos bárbaros, durante a alta Idade Média, se usava o latim nos assuntos culturais e técnicos, na Igreja e nas escolas, nos documentos notariais e administrativos e na literatura rudimentar do tempo, que continuava a vegetar um tanto vacilante. E apesar da decadência cultural reinante, êste latim apresentava uma gramática de recursos muito mais variados e um vocabulário muito mais rico do que o linguajar do povo, ficando muito mais próximo do velho latim clássico do que êste.

Quando surgem os primeiros documentos das línguas neo-latinas, estas já apresentam, em certo sentido, fisionomia dupla: por uma parte, são dialetos populares, herdeiros do latim falado na época imperial, mas por outra, têm já numerosos elementos tomados à língua literária da Idade Média, sentida sempre como a verdadeira língua de tôdas as nações pertencentes outrora ao Império Romano, sempre bastante semelhante ao romance usual: a forma culta da língua de que o romance era, para assim dizermos,

o reverso rústico e tosco. Assim, nesta camada mais antiga, pertencente à primeira fase histórica do romance, é muitas vezes difícil separar com segurança o elemento genuinamente popular do semierudito (que aí significa apenas: elemento erudito introduzido no romance em data muito antiga) e, às vezes, até do erudito. A todo momento surgem formas duplas, mais ou menos afastadas do latim, e. g., sufixos como **-esco** e **-isco, -eza** e **-iça, -eto** e **-ito, -ficar** e **-fier** (francês), etc.. É mesmo provável que muitas formas de cunho erudito mais acentuado, fossem, desde o começo, conhecidas do povo, pelo menos daqueles que tinham um pouco mais de contacto com a cultura da época. Como, porém, pertenciam especialmente à linguagem culta, apresentavam certa resistência às leis fonéticas "relatinizando-se" de geração em geração, pela influência da escola e da Igreja, chegando a incorporar-se mais tarde definitivamente nas línguas românicas com um aspecto latino de que não participam as palavras comuns.

É verdade que, tendo triunfado, mesmo nas classes mais cultas, a estrutura analítica da morfologia, êste novo aspecto da língua se fixa, tornando-se impermeável às influências do sistema sintético da gramática latina, e é isto que justifica sobretudo a tese tradicional da origem das línguas românicas no latim vulgar. É a morfologia românica que mais fielmente reproduz a morfologia latina vulgar da última época do Império Romano, antes do rompimento da unidade primitiva. Como cremos ter evidenciado suficientemente nas páginas anteriores, esta resistência à influência latina, ou mesmo à influência tardia duma região dialetal sôbre outra, foi menor no léxico, inclusive nos processos de derivação e composição, e mesmo na sintaxe, onde contribuições abundantes, sobretudo do latim medieval, vieram enriquecer o romance primitivo, muito pobre certamente, em virtude de sua fonte popular.

Assim, sem negarmos a realidade da origem latina vulgar das línguas românicas, entendemos que se deve ter sempre em mente a importância do latim medieval como fator complementar na formação destas línguas, no Ocidente, está claro. O latim eclesiástico e o medieval constituem, para assim dizermos, uma segunda fonte, uma segunda mãe das línguas românicas ocidentais. Mais ainda, além disto, sentindo-se herdeiras da mesma língua e da mesma cultura, conservaram sempre de um modo especial a conciência de sua unidade linguística, criando e desenvolvendo em comum grande parte dos elementos novos com que foram enriquecendo o patrimônio primitivo — quer os buscassem no latim, quer os criassem com os seus próprios recursos, quer os fossem buscar em outra parte.

2) A UNIDADE LINGUÍSTICA DA ROMÂNIA OCIDENTAL. A concordância de tôdas as línguas da România ocidental,

quer nos empréstimos léxicos e gramaticais tomados ao latim, etc., quer nas inovações próprias, supõe a sua unidade linguística ininterrupta, apesar de uma dialetação sensível que nos permite falar em línguas independentes dentro do grupo. A unidade não é apenas de origem; ela é o produto de uma longa história, de uma elaboração multissecular comum, de comunhão de idéias, de uma inapagável conciência de latinidade, que sobrevive em tôdas estas línguas — mesmo no romeno, quando reata as relações com o Ocidente.

Mas esta unidade não se explica apenas pelo contacto com o latim ou mesmo só por vagas relações sociais: ela supõe um grande centro ou centros de irradiação, onde se elaboram e de onde sobretudo se disseminam as inovações de forma e estrutura linguística. Já vimos que, na Idade Média, a França preenche, mais do que qualquer outra nação, estas condições. Na época em que se formavam as línguas românicas, ela teve a hegemonia pela rica literatura nela florescente e pela cultura latina (universitária, teológica, filosófica, etc.). Como já se observou antes, mesmo a seleção do que foi aproveitado do latim medieval nas línguas românicas não pode ser o resultado de uma apropriação independente por parte de cada língua. Os latinismos não passam diretamente do latim para cada uma das línguas românicas. Se assim fosse, não poderíamos ter a admirável concordância existente entre as línguas da România ocidental naquilo que tomaram ao latim. Os latinismos começaram a ser empregados, com frequência pelo menos, por um dos dialetos romances, passando a outros não só por imitação do latim, mas por influência dêstes grandes centros de cultura da România. Mas, se a França tem esta incontestável proeminência entre as suas irmãs durante a Idade Média, mesmo depois, exceto no século da grande Renascença literária, em que o cetro passa para a Itália, ela continua a ser o grande centro de onde irradiam para as outras línguas da família românica numerosas inovações léxicas e sintáticas. Verdade é que a influência francesa representa, muitas vezes, um perigo para a integridade e beleza destas línguas, justificando a guerra dos puristas contra o dilúvio de galicismos que as ameaça tôdas; mas, por outra parte, da França receberam tôdas numerosas contribuições que concorreram para o seu enriquecimento, contribuições que se incorporaram definitivamente como parte do patrimônio linguístico de tôdas elas.

3) A RECONSTRUÇÃO DO LATIM VULGAR DO IMPÉRIO ROMANO DEVE FAZER-SE COM MAIOR RIGOR DO QUE SE TEM FEITO MUITAS VEZES. É necessário limitar as nossas afirmações a respeito do latim vulgar àquilo que as fontes mais seguras de que dispomos nos fornecem. Muito do que

passa por latim vulgar só pode ser documentado pelo baixo latim e pelo consenso das línguas românicas ocidentais. O apêlo à concordância destas duas fontes únicas para a reconstrução de formas do latim vulgar é um êrro de método que pode levar a resultados inteiramente falsos. Neste êrro incorre frequentemente o trabalho — clássico e precioso — de Grandgent sôbre o latim vulgar. Com efeito, como já antes observamos várias vezes, o baixo latim apresenta desenvolvimento linguístico próprio, continuando, expandindo e, às vezes, substituindo processos clássicos. Êle possue uma tradição cultural própria, herdada do latim antigo, mas alterada profundamente pela influência grega através da literatura cristã e pela vitalidade do próprio baixo latim, que o impedia de ficar reduzido a uma rigidez petrificada e imutável. Assim, o baixo latim tinha vida própria, nutrida de profundas raízes culturais plantadas no solo fecundo das duas grandes línguas da civilização antiga: o grego e o latim. Se é verdade que êle tinha certos pontos de contacto inevitáveis com a língua falada do tempo, não foi esta língua popular que o modificou e lhe forneceu os instrumentos necessários para a expressão da nova cultura cristã que se elaborava. Ao contrário, foi êle que exerceu uma influência constante, transformadora, sôbre o romance popular.

As novas formações peculiares ao baixo latim, ou as herdadas da língua clássica, introduzem-se frequentemente nas línguas românicas ocidentais em época posterior. Portanto, a ocorrência de uma forma linguística no baixo latim e nas línguas românicas ocidentais pode não nos revelar cousa alguma a respeito do estado latino vulgar em relação a ela.

Também se deverá lembrar que formas isoladas, que incorrem na condenação de autores ou gramáticos latinos, não são suficientes para estabelecer o seu caráter vulgar. Às vezes trata-se apenas de idiossincrasias regionais, ou locais, ou ainda mais limitadas, e por isto nada revelam a respeito do uso vulgar comum. Assim, apesar dos numerosos testemunhos que possuímos de autores latinos sôbre a redução do ditongo **au** a **o**, não se trata certamente da pronúncia normal da língua vulgar, pois as línguas românicas em geral supõem a sobrevivência do ditongo na língua falada de que elas provêm: o francês **chose** (< causam) o revela pela palatalização da consoante anterior, e o italiano, por não ter confundido o **o** vindo de **au** com **o** aberto antigo, o qual se ditongou em **uo**.

Entendemos, portanto, que uma reconstrução segura de formas pertencentes ao latim vulgar (267) se há de fazer:

---

(267) Devemos dizer que nos referimos aqui apenas ao latim vulgar falado no período final da sua unidade, antes da cisão dialetal.

a) **pela concordância da Dácia e do Ocidente.** Tendo vivido inteiramente isoladas as duas regiões, desde o fim do Império Romano, a concordância entre elas nos dá dois testemunhos uniformes e valiosos, pois que, como muitas vezes frisa Meillet, só quando duas regiões linguísticas viveram isoladas desde o desaparecimento de um estágio linguístico antigo que se procura reconstituir, é que a sua concordância pode ser tomada como documento do estado linguístico que se estuda. O fato de as línguas ocidentais terem continuado sob a influência de um latim mais culto e literário por séculos, dá excepcional importância ao romeno, a única língua genuinamente popular na sua formação em tôda a România — como tantas vezes temos observado — para a reconstrução do latim vulgar.

b) **Pela existência de documentos antigos (textos, inscrições, etc.).** Tais documentos, desviando-se do latim literário da época, revelam muitas vezes formas da língua falada que mais tarde se encontram nas línguas românicas. Quando existe concordância entre estas fontes de informação e as línguas românicas, temos ainda um meio precioso de descobrir o uso popular de formas latinas, mesmo onde o romeno silencia. A dupla concordância assume significação maior, quando a forma estudada não pertence também ao baixo latim, que poderia ter sido a fonte da forma românica.

c) **Por formas documentadas só nas línguas românicas do Ocidente (ou nelas e no baixo latim),** mas isto só com muita cautela, quando houver evidência suficiente, por meios complementares, de seu caráter genuinamente popular e antigo. Tudo o que exprime cultura e pensamento abstrato, idéias teológicas, religiosas e eclesiásticas, noções posteriores (por exemplo da época carolíngia, etc.), deve ser posto de lado, a não ser que seja confirmado pelos meios mencionados sob as letras **a** e **b.**

Estes requisitos podem empobrecer um tanto a imagem que conseguimos traçar do latim vulgar, deixando-a incompleta. Isto é inevitável. Faltam-nos os documentos para conhecer satisfatòriamente o latim falado. Sem dúvida êste era mais pobre do que muitas vezes se tem suposto, mormente no que diz respeito aos processos de formação de palavras. Muito do que se lhe tem atribuído é posterior; cremos, pelo menos, tê-lo evidenciado. Os seus recursos se limitavam a criar termos concretos, expressivos, diminutivos e semelhantes. Embora o desconhecimento de uma forma no romeno não demonstre, por si só, que ela não foi do latim vulgar — pois esta poderia ter desaparecido na Dácia — a ausência de formas consideradas populares naquela região coincide muitas vezes com a impossibilidade de documentar o caráter vulgar das mesmas no Ocidente: são formas que aquí só se encontram no baixo latim, ou, tardiamente, no romance. Só isto basta para de-

monstrar o valor inestimável dêste meio de "controle". Tivemos muitas vezes a confirmação de sua utilidade, verificando que a Dácia não possuía geralmente as formas que por outros meios suspeitávamos não pertencerem ao latim vulgar. Convém lembrar que o romeno, apesar da poderosa influência eslava e mesmo de outras línguas vizinhas, conserva na sua estrutura, como na sua fonética, um caráter nìtidamente latino, não raro mais arcaizante do que as suas irmãs do Ocidente, uma razão a mais para se ter em conta a evidência que êle proporciona na reconstrução do latim vulgar.

O seu isolamento multissecular torna-o assim um dos meios mais preciosos para o estudo histórico das línguas românicas na sua fonte latina popular e na sua evolução durante a época pre-literária. Foi por isto mesmo fonte constante para a investigação da matéria que constituíu o objeto do presente estudo, onde tantas vezes os esclarecimentos oferecidos por outros meios eram vagos ou insuficientes.

BIBLIOGRAFIA *

ANGLADE (J.) — *Grammaire de l'ancien provençal*, Paris, 1921.

BARRETO (M.) — *Factos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1916.

BARRETO (M.) — *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1921.

BARTOLI (M.G.) — *La Spiccata Individualità della Lingua Romena* (Archivio Glottologico Italiano, vol. XXXIV, pags. 1-13).

BELLO (A.) e CUERVO (R.J.) — *Gramática de la Lengua Castellana*, Paris, 1918.

BLOCH (O.) et Wartburg (W. von) — *Dictionnaire étymologique de langue française*, Paris, 1950.

BOURCIEZ (E.) — *Eléments de linguistique romane*, 3.a ed., Paris, 1930.

BRITO (Fl.) — *Grammatica Franceza*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, 1926.

BRUGMANN (K.) und DELBRÜCK (B.) — *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, Strassburg, 1886 a 1893.

BRUNOT (F.) — *Histoire de la langue française*, Paris, 1905ss (1.° volume, da 4.a edição, Paris, 1933).

BRUNOT (F.) e BRUNEAU (Ch.) — *Précis de grammaire historique de la langue française*, 3.a ed., Paris, 1949.

CALMETTE (J.) — *Charlemagne, sa vie et son oeuvre*, Paris, 1945.

CALMETTE (J.) — *Le monde féodal*, Paris, 1937.

CARLO (A.M.) — *Paleografía Española*, Barcelona, 1929.

CLÉDAT (L.) — *En marge des grammaires*, Paris, 1932.

COHEN (M.) — *Histoire d'une langue: le français*, Paris, 1947.

DAUZAT (A.) — *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, 1938.

DAUZAT (A.) — *Histoire de la langue française*, Paris, 1930.

DAUZAT (A.) — *Le génie de la langue française*, Paris, 1947.

DAUZAT (A.) — *Les étapes de la langue française*, Paris, 1948.

DIEZ (Fr.) — *Grammaire des langues romanes* (tradução francesa), Paris, 1874 a 1876.

DRUHAN (D.R.) — *The Syntax of Bede's Historia Ecclesiastica*, Washington, 1938.

ENTWISTLE (W.J.) — *The Spanish Language*, New York, 1938.

EPIPHANIO DA SILVA DIAS (A.) — *Syntaxe Historica Portuguesa*, Lisboa, 1918.

EVANS (J.) — *La civilisation en France au moyen age* (tradução francesa), Paris, 1930.

GAIFFE (F.) et alii — *Grammaire Larousse du XX^e siècle*, Paris, 1936.

GARCÍA DE DIEGO (V.) — *Manual de Dialectología Española*, Madrid, 1946.

GILSON (E.) — *La philosophie au moyen âge*, 3.a ed., Paris, 1947.

GRANDGENT (Ch.H.) — *From Latin to Italian*, Cambridge (U.S.A.), 1940.

GRANDGENT (Ch.H.) — *Introducción al Latín Vulgar* (tradução espanhola), Madrid, 1928.

HARRINGTON (K.P.) — *Mediaeval Latin*, Boston, 1942.

* Citam-se apenas as principais obras consultadas na elaboração do presente trabalho. No texto vêm elas citadas abreviadamente, mas de modo que permita fácil identificação.

HAUBER (R.M.) — *The Latin Vocabulary of the Moralia of St. Gregory the Great*, Washington, 1938.
IRSAY (St. d') — *Histoire des universités françaises et étrangères*, Paris, 1933.
JESPERSEN (O.) — *Humanidad Nación Individuo*, Buenos Aires, 1947 (tradução espanhola).
KARSTEN (T.E.) — *Les anciens germains* (tradução francesa), Paris, 1931.
KINNAVEY (R.J.) — *The Vocabulary of St. Hilary of Tours*, Washington, 1935.
LAPESA (R.) — *Historia de la Lengua Española*, Madrid, 1942.
LESKIEN (A.) — *Handbuch der altbulgarischen Sprache*, Heidelberg, 1922.
MADVIG (J.N.) — *Grammatica Latina* (tradução portuguesa), Porto, 1872.
MAGNE (A.) — *A Demanda do Santo Graal* (3 volumes), Rio de Janeiro, 1944.
MAROUZEAU (J.) — *Lexique de la terminologie linguistique*, Paris, 1933.
MEILLET (A.) — *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, Paris, 1933.
MEILLET (A.) — *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris, 1948 (o tomo II é de 1938).
MEILLET (A.) et VENDRYES (J.) — *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, Paris, 1924.
MENÉNDEZ PIDAL (R.) — *El Idioma Español en sus Primeros Tiempos*, 3.a ed., Buenos Aires, 1945.
MENÉNDEZ PIDAL (R.) — *Manual de Gramática Histórica Española*, 7.a ed., Madrid, 1944.
MENÉNDEZ PIDAL (R.) — *Orígenes del Español*, 2.a ed., Madrid, 1929.
MENÉNDEZ PIDAL (R.) — *Poesía Juglaresca y Juglares*, 2.a ed., Buenos Aires, 1945.
MEYER-LÜBKE (W.) — *Grammaire des langues romanes*, (tradução francesa), New York, 1923 (reimpressão).
MEYER-LÜBKE (W.) — *Introducción a la Lingüística Románica* (tradução espanhola), Madrid, 1926.
MEYER-LÜBKE (W.) — *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (3.a ed.), Heidelberg, 1935.
MICHAËLIS DE VASCONCELLOS (C.) — *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, 1904.
MICHAËLIS DE VASCONCELLOS (C.) — *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, sem data.
MIGLIORINI (B.) — *Il Tipo* Radiodifusione *nell'Italiano Contemporaneo* (Archivio Glottologico Italiano, vol. XXVII, pags. 13-39).
MOREIRA (J.) — *Estudos da Lingua Portuguesa*, 2.a ed., Lisboa, 1922.
MORELLI (A.L.) — *Nostro Dire*, Torino, 1945.
MYERS (Ph. v. Ness) — *Mediaeval and Modern History*, Boston, 1905.
NASCENTES (A.) — *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932.
NUNES (J.J.) — *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 2.a ed., Lisboa, 1930.
OLIVEIRA (F. de) — *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (reimpresão da 1a. edição de 1536), Lisboa, 1933.
ORTIZ (R.) — *Manualetto Rumeno*, Modena, 1945.

OVIDIO (F. d') e MEYER-LÜBKE (W.) — *Grammatica Storica della Lingua e dei Dialetti Italiani*, Milano, 1906.
PAR (A.) — *Sintaxi Catalana*, Halle, 1923.
PEPE (G.) — *Introduzione allo Studio del Medio Evo Latino*, Milano, 1942.
PEREIRA (E.C.) — *Grammatica Historica*, 2.ª ed., São Paulo, 1919.
PIRENNE (H.) — *Historia Económica y Social de la Edad Media* (tradução espanhola), México, 1941.
PLATER (W.E.) and WHITE (H.J.) — *A Grammar of the Vulgate*, Oxford, 1926.
POPE (M.K.) — *From Latin to Modern French*, Manchester, 1934.
PORTAL (E.) — *Grammatica Provenzale*, Milano, 1914.
REAL ACADEMIA ESPAÑOLA — *Grámatica de la lengua Española*, Madrid, 1931.
REINACH (S.) — *Apollo, histoire générale des arts plastiques*, Paris, 1938.
ROBERTSON (A.T.) — *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, 4a. ed., New York, 1923.
SANDYS (J.E.) — *A Companion to Latin Studies*, 3a. ed., Cambridge, 1938.
SANDYS (J.E.) — *A Short History of Classical Scholarship from the Sixth Century B.C. to the Present Day*, Cambridge, 1915.
SAVI-LOPEZ (P.) — *Orígenes Neolatinos* (tradução espanhola), Barcelona, 1935.
SILVEIRA BUENO (Fr. da) — *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, São Paulo, 1944.
SOUZA LIMA (M.P. de) — *Grammatica Expositiva da Lingua Portuguesa*, São Paulo, 1937.
STOLZ-SCHMALZ — *Lateinische Grammatik*, 5a. ed., revista por Leumann (M.) e Hofmann (J.B.), München, 1928.
TAGLIAVINI (C.) — *Grammatica della Lingua Rumena*, Heidelberg, 1923.
THUMB (A.) — *Handbuch der neugriechischen Volkssprache*, Strassburg, 1910.
TOSI (G.) — *Coordinazione e Subordinazione nei Fioretti* (Archivio Glottologico Italiano, vol. XVII, pags. 40-63.
TRABALZA e ALLODOLI — *La Grammatica degl'Italiani*, Firenze, 1947.
VAN DAELE (H.) — *Syntaxe des temps et des modes en français*, Paris, 1933.
VEDEL (V.) — *Ideales Culturales de la Edad Media*, tomo IV (La Vida Monástica), Barcelona, 1931.
ZAUNER (A.) — *Romanische Sprachwissenschaft*, Berlin und Leipzig, 1921 a 1926.

ÍNDICE

PREFÁCIO . . . . . pag. 5

INTRODUÇÃO . . . . . " 9

OS FATORES DA UNIDADE ROMÂNICA OCIDENTAL . . . . . " 16

I Unidade de pensamento e cultura da Românía ocidental . " 18

A Igreja Medieval . . . . . " 18

Instituições sociais . . . . . " 20

a) os mercadores . . . . . " 20

b) os jograis . . . . . " 21

c) as universidades . . . . . " 22

d) os monges . . . . . " 24

II O latim — língua universal da Idade Média . . . . " 27

A Renascença Carolíngia . . . . . " 30

Os clássicos antigos na Idade Média . . . . . " 32

A literatura latina medieval . . . . . " 33

O latim medieval e as línguas românicas . . . . " 35

Latinismos léxicos nos primórdios da literatura romance " 41

III O prestígio cultural do Francês na Românía medieval . " 44

Influência francesa no exterior . . . . . " 50

Influência francesa em Portugal . . . . . " 52

Outras influências . . . . . " 53

O isolamento do romeno . . . . . " 54

O VOCABULÁRIO ROMÂNICO OCIDENTAL . . . . . " 57

I Unidade léxica da Românía ocidental — Os empréstimos de palavras . . . . . " 60

Termos semieruditos e eruditos — os divergentes . . " 61

Formas refeitas sôbre o latim . . . . . " 62

Contribuição do latim medieval para o vocabulário românico . . . . . " 63

Os latinismos e a unidade românica ocidental . . . " 65

Empréstimos germânicos . . . . . " 66

Contribuições léxicas mútuas das línguas românicas . " 69

Relatinização léxica do romeno moderno . . . . " 74

II Unidade semântica ocidental — Os empréstimos de sentido " 76

III A formação de palavras na România ocidental . . . " 84

Sufixação . . . . . " 88

Prefixação . . . . . " 121

Composição . . . . . " 135

A — Substantivos compostos de tema verbal + complemento . . . . . " 136

B — Substantivos compostos por juxtaposição de determinado + determinante . . . . . " 139

C — Substantivos compostos por juxtaposição de determinante + determinado . . . . . " 140

D — Adjetivos compostos pela juxtaposição de dois adjetivos . . . . . " 143

E — Adjetivos formados de um primeiro elemento nominal qualquer + adjetivo . . . . . " 144

F — Adjetivos compostos formados de adjetivo + subtantivo . . . . . " 145

A GRAMÁTICA ROMÂNICA OCIDENTAL . . . . . " 147

Fonética (observações) . . . . . " 149

Ortografia (observações) . . . . . " 150

I A morfologia . . . . . " 152

A substituição do genitivo . . . . . " 152

O superlativo sintético . . . . . " 153

Os numerais . . . . . " 154

O qual e *a qual* — um novo pronome relativo . . . " 157

As formas perifrásticas da conjugação românica . . " 158

Os advérbios de modo em *-mente* . . . . . " 162

Preposições formadas de particípios absoluto . . . " 164

II A sintaxe . . . . . " 165

A concordância . . . . . " 169

A ordem das palavras . . . . . " 170

A regência . . . . . " 175

O período românico . . . . . " 183

Algumas categorias nominais . . . . . " 187

Adjetivo apôsto com valor adverbial . . . " 188

O artigo definido . . . . . " 189

O pronome relativo . . . . . " 192

Observações sôbre algumas categorias verbais . . " 192

A sintaxe do futuro do indicativo . . . . . " 193
Um modo de criação românica: o condicional . . " 194
O subjuntivo românico e a tradição literária latina " 199
O particípio presente e o gerúndio . . . . . " 200
O infinito românico . . . . . " 211

Conclusão . . . . . " 216

Bibliografia . . . . . " 222

Pede-se permuta

Pidese canje

We ask for exchange

On demande l'échange

Man bittet um Austausch

Si richiede lo scambio

CADEIRA DE FILOLOGIA ROMÂNICA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo

Rua Maria Antônia, 294

Caixa Postal N.º 8.105

SÃO PAULO

Brasil

INDÚSTRIA GRÁFICA JOSÉ MAGALHÃES LTDA
Rua Spartaco, 215 — SÃO PAULO

INDÚSTRIA GRÁFICA JOSÉ MAGALHÃES LTDA.
Rua Spartaco, 215 — SÃO PAULO